

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**MEIO SÉCULO DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**  
**No Museu Nacional de Arte Antiga**  
**(1974 – 2023)**

Mariana de Melo Augusto

Dissertação  
Mestrado em Museologia e Museografia

Dissertação orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Garrett Pinho

2023

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

Eu, Mariana de Melo Augusto, declaro que a presente dissertação de mestrado intitulada “Meio Século de Exposições Temporárias no Museu Nacional de Arte Antiga (1974 – 2023)”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 31 de outubro de 2023

## **RESUMO**

A presente dissertação procura documentar e analisar criticamente a totalidade das exposições temporárias que integraram a programação do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), desde o fim da ditadura em Portugal, há 49 anos, até à atualidade (1974 – 2023). O objetivo é demonstrar como estes eventos foram refletindo a prestação do Museu e compreender como demarcaram a sua evolução no contexto democrático e contemporâneo, evidenciando as decisões programáticas tomadas pelas suas diferentes direções, durante o período definido para análise.

O levantamento das exposições e das várias informações que as configuram – sendo esta a principal premissa deste projeto – permitiu a obtenção de novos dados e a criação de gráficos que se mostram essenciais e relevantes para este tipo de pesquisa. Esta irá complementar o historial arquivístico do MNAA e, de modo consequente, do panorama da comunidade museológica portuguesa, dado a importância desta instituição cultural enquanto principal museu de arte antiga do país.

Em resumo, este estudo ocupa-se das exposições temporárias do MNAA, não só por estas serem fundamentais para o seu prestígio, mas por faltar sistematizar a maioria da atividade expositiva do Museu durante a época democrática – algo que até à data ainda não tinha sido feito. Pretende-se, acima de tudo, combater a proliferação da dissociação arquivística, que é um dos principais inimigos da salvaguarda do património museológico e da sua memória, e contribuir para a organização da informação num só documento, facilitando a consulta de investigadores e, inclusivamente, dos próprios funcionários do Museu.

Palavras-Chave: Exposições temporárias; Museu Nacional de Arte Antiga; levantamento histórico; registos arquivísticos; democracia.

## **ABSTRACT**

This dissertation seeks to document and critically analyze all the temporary exhibitions that were part of the programming of the Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), since the end of the dictatorship in Portugal, 49 years ago, until the present day (1974 – 2023). The goal is to demonstrate how these events reflected the Museum's performance and understand how they marked its evolution in the democratic and contemporary context, highlighting the programmatic decisions taken by its different directors, during the period defined for analysis.

The survey of the exhibitions and the various information that configure them – this being the main premise of this project – allowed the obtaining of new data and the creation of graphics that prove to be essential and relevant for this type of research, that will complement the MNAA's archival history and, consequently, the panorama of the Portuguese museological community, given the importance of this cultural institution as the country's main museum of ancient art.

In summary, this study deals with the MNAA's temporary exhibitions, not only because they are fundamental to its prestige, but also because the majority of the Museum's exhibition activity during the democratic era lacks systematization – something that had not been done until now. The aim, above all, is to combat the proliferation of archival dissociation, which is one of the main enemies of safeguarding museological heritage and its memory, and to contribute to the organization of information in a single document, facilitating the researcher's consultation and, even, from the Museum's own employees.

**Keywords:** Temporary exhibitions; National Museum of Ancient Art; historical survey; archival records; democracy.

Aos meus pais, à minha avó e tia,

Por serem o eterno amparo que me alenta

"Na missão deputada de preservar, estudar, comunicar, se tempera, todavia, um dever (de salvaguarda) que a todos nós incumbe; como especialmente incumbirá o de protegê-lo e projetá-lo no futuro, a cada geração cumprindo adubar a vinha para as que virão."

António Filipe Pimentel<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> (Pimentel como citado em Carvalho & Soromenho, 2019: 9)

## AGRADECIMENTOS

Devo agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elsa Garrett Pinho, pelo voto de confiança depositado na aluna tímida, com quem pouco convivera até então, pelos conselhos oportunos, materiais valiosos e paciência, e pela exemplar seriedade enquanto docente, refletida no empenho que carrega em convalescer esta área tão bonita, ao transmitir os seus saberes e impulsionando os alunos, considerando-os a próxima geração de profissionais.

Aos técnicos responsáveis pela Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, nomeadamente ao Dr. Luís Montalvão, pela apreciável simpatia e diligência, à Dr.<sup>a</sup> Isabel Silva, pela cordialidade e disponibilidade e à D. Narcisa Miranda, por ter carregado as muitas dezenas de catálogos que consultei e por, amavelmente, ter partilhado comigo a sua tablete de chocolate, no Dia Internacional das Mulheres.

Ao Dr. José Luís Porfírio, por gentilmente se ter disponibilizado para uma conversa de valor inestimável, e por toda a solicitude demonstrada à jovem que, embora revelasse modestas habilidades coloquiais devido à sua introversão, nutria grande admiração pelo seu trabalho. Neste sentido, agradeço também à D. Emília Marcos e à D. Madalena Thomaz, que proporcionaram o contacto mencionado.

Às minhas colegas de curso, nomeadamente a Ana, a Rita e a Marta, por todas as ideias trocadas e suprimento de dicas relevantes – que espero ter retribuído em conformidade, visto que a entreaajuda é fundamental para a sobrevivência académica.

Por fim, à minha família, pelo apoio constante, pela compreensão prestada nos momentos de *stress* e ausência, e por nunca duvidarem das minhas capacidades. Às minhas amigas Beatriz, Inês e Mariana, por incansavelmente me lembrarem do meu potencial e por me acompanharem neste percurso complexo que é a vida.

## ABREVIATURAS

- a.C. – antes de Cristo
- Adj. – adjunto/a
- Adm. – administrador/a
- Arq. – arquiteto
- At. – ativo/a
- Ca. – cerca de
- Comr. – comissário/a
- Coord. – coordenação / coordenador/a
- Dir. – Direção
- Dr. / Dra. – doutor / doutora
- Ed. – edição / editor/a
- Eng.<sup>o</sup> – engenheiro
- Ex. – exemplo
- Fig. – figura
- Gráf. – gráfico
- Herd.<sup>o</sup> – herdeiro
- Mme. – Madame
- N. – nascimento
- Proj. – projeto
- Prof. / Prof.<sup>a</sup> – professor/a
- S.d. – sem data
- S. Ex.<sup>a</sup> – sua Excelência
- St.<sup>o</sup> – santo
- Séc. – século
- Tab. – tabela
- Vs. – *versus*



## ACRÓNIMOS E SIGLAS

- AFMNAA – Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arte Antiga
- AML – Assembleia Municipal de Lisboa
- ANBA – Academia Nacional de Belas-Artes
- Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual
- BE – Bloco de Esquerda
- BNU – Banco Nacional Ultramarino
- BoCA – *Biennial of Contemporary Arts* (Bienal de Artes Contemporâneas)
- BMNAA – Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga
- BNP – Biblioteca Nacional de Portugal
- CCB – Centro Cultural de Belém
- CE – Conselho da Europa
- CEE – Comunidade Económica Europeia
- CHAM – Centro de Estudos de Além-Mar
- CIDOC – *Comité International pour la DOCumentation* (Comité Internacional para a Documentação)
- CIEBA – Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes
- DGAC – Direção-Geral dos Assuntos Culturais
- DGPC – Direção-Geral do Património Cultural
- EUA – Estados Unidos da América
- FBAUL – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
- FCG – Fundação Calouste Gulbenkian
- FGM – Fundação Gaudium Magnum – Maria e João Cortez de Lobão
- FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- FMUL - Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
- GAMNAA – Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga
- ICOM – *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus)
- IMC – Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.
- IPCR – Instituto Português da Conservação e Restauro
- IPM – Instituto Português de Museus

- IPPC – Instituto Português do Património Cultural
- JLP – José Luís Porfírio
- MA – Mariana Augusto
- MDAP – Movimento Democrático dos Artistas Plásticos
- MFA – Movimento das Forças Armadas
- MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga
- MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea
- MUDE – Museu do Design e da Moda
- PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado
- PDM – Plano Diretor Municipal
- PPD – Partido Popular Democrático
- PSD – Partido Social Democrata
- RPM – Rede Portuguesa de Museus
- SEC – Secretaria de Estado da Cultura
- SNBA – Sociedade Nacional de Belas-Artes
- UE – União Europeia
- VJFC – Vendedores de Jornais Futebol Clube

# ÍNDICE

<b>Índice de Figuras</b> .....	1
<b>Índice de Gráficos e Tabelas</b> .....	6
<b>Introdução</b> .....	7
Tema e Objetivos .....	7
Metodologias .....	8
Terminologia .....	11
Estrutura .....	11
Estado da Arte .....	14
<b>CAPÍTULO I – Contexto Histórico</b> .....	17
<b>1.1. Museologia em Portugal: Ditadura e Democracia</b> .....	17
<b>1.1.1. Época Ditatorial</b> .....	17
<b>1.1.2. Época Democrática</b> .....	20
<b>CAPÍTULO II – Museu Nacional de Arte Antiga – História Sucinta</b> .....	26
<b>2.1. História Pré-Democrática do MNAA</b> .....	26
<b>2.2. História Pós-Democrática do MNAA</b> .....	33
<b>2.2.1. Início da Democracia: 1974 – 1990</b> .....	34
<b>2.2.2. Final do Milénio: 1991 – 2000</b> .....	37
<b>2.2.3. Primeira Década do Século XXI: 2001 – 2010</b> .....	39
<b>2.2.4. Atualidade: 2011 – 2023</b> .....	42
<b>CAPÍTULO III – O MNAA Através Exposições Temporárias (1974 - 2023)</b> .....	51
<b>3.1. Maria José de Mendonça (dir. 1962 – 1975)</b> .....	52
<b>3.2. Maria Alice Beaumont (dir. 1975 – 1990)</b> .....	53
<b>3.2.1. Exposições Temporárias</b> .....	54
<b>3.3. Ana Maria Brandão (1990 – 1995)</b> .....	61
<b>3.3.1. Exposições Temporárias</b> .....	62
<b>3.4. José Luís Porfírio (1996 – 2004)</b> .....	65
<b>3.4.1. Exposições Temporárias</b> .....	65
<b>3.5. Dalila Rodrigues (2004 – 2007)</b> .....	70
<b>3.5.1. Exposições Temporárias</b> .....	70
<b>3.6. Paulo Henriques (dir. 2007 – 2010)</b> .....	73

3.6.1. Exposições Temporárias .....	73
3.7. António Filipe Pimentel (dir. 2010 – 2019) .....	77
3.7.1. Exposições Temporárias .....	77
3.8. Joaquim Oliveira Caetano (dir. 2019 – atualidade).....	88
3.8.1. Exposições Temporárias .....	88
<b>Considerações Finais</b> .....	94
<b>Referências</b> .....	105
<b>1. FONTES</b> .....	105
<b>1.1. Fontes Impressas</b> .....	105
1.1.1. Periódicos .....	107
<b>1.2. Fontes Audiovisuais</b> .....	108
1.2.1. Legislação .....	108
1.2.2. Documentários .....	109
1.2.3. Notícias .....	109
1.2.4. Programas.....	109
1.2.5. Publicações Periódicas .....	110
1.2.6. <i>Webgrafia</i> .....	115
<b>2. ESTUDOS</b> .....	119
2.1. Catálogos de Exposições .....	119
2.2. Monografias.....	128
2.3. Dissertações, Teses e Conferências .....	128
<b>Documentos</b> .....	130
<b>Apêndice A</b> – Entrevista com José Luís Porfírio .....	130
<b>Apêndice B</b> – Direção de Maria Alice Beaumont .....	150
<b>Apêndice C</b> – Direção de Ana Maria Brandão.....	170
<b>Apêndice D</b> – Direção de José Luís Porfírio .....	177
<b>Apêndice E</b> – Direção de Dalila Rodrigues .....	189
<b>Apêndice F</b> – Direção de Paulo Henriques .....	195
<b>Apêndice G</b> – Direção de António Filipe Pimentel.....	201
<b>Apêndice H</b> – Direção de Joaquim Oliveira Caetano .....	243
<b>Apêndice I</b> – Exposições Temporárias no MNAA (1974 – 2023).....	266

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – António Ferro, António de Oliveira Salazar e Francisco Franco.....	17
<b>Figura 2</b> – Exposição do Mundo Português .....	18
<b>Figura 3</b> – Entrada Principal do MNAA .....	26
<b>Figura 4</b> – Palácio de Alvor-Pombal em 1959 .....	27
<b>Figura 5</b> – Palácio de Alvor-Pombal em 2015 .....	27
<b>Figura 6</b> – Capela das Albertas.....	27
<b>Figura 7</b> – Palácio de Alvor-Pombal em 1939 .....	29
<b>Figura 8</b> – Jardim do Palácio Alvor-Pombal .....	29
<b>Figura 9</b> – “Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola” .....	30
<b>Figuras 10 e 11</b> – Exposição “Primitivos Portugueses. 1450 – 1550” .....	32
<b>Figura 12</b> – Diretores do MNAA (1962 – 2023).....	52
<b>Figuras 13, 14 e 15</b> – Obras da Exposição do Bosch, de 1975.....	56
<b>Figuras 16, 17 e 18</b> – Esculturas da Coleção Ernesto de Vilhena .....	60
<b>Figura 19</b> – Exposição da obra <i>Súplica de Inês de Castro</i> , de Vieira Portuense .....	74
<b>Figura 20</b> – Quadratura da Sala do Tecto Pintado.....	78
<b>Figura 21</b> – Exposição “No Olimpo com o Desenho” na Sala do Mezanino.....	80
<b>Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27</b> – Restauro dos “Painéis de São Vicente” (1).....	90
<b>Figura 28</b> – Catálogo da Exposição do Bosch, de 1975 .....	150
<b>Figura 29</b> – Catálogo “Sequeira. Desenhos” .....	151
<b>Figura 30</b> – Exposição Provisória de Pintura Portuguesa .....	151
<b>Figura 31</b> – Exposição “O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo”.....	152
<b>Figura 32</b> – Obra de “O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo”.....	152
<b>Figura 33</b> – Cartaz da Exposição “O Retrato em França de 1610 a 1789” .....	153
<b>Figura 34</b> – Exposição “O Natal” .....	153
<b>Figura 35</b> – <i>Livro de Horas, dito de D. Manuel</i> .....	154
<b>Figuras 36 e 37</b> – Exposição Provisória de Pintura Estrangeira.....	154
<b>Figura 38</b> – Catálogo “Alabastros Medievais Ingleses” .....	155
<b>Figura 39</b> – Catálogo “Colchas Bordadas” .....	157
<b>Figuras 40 e 41</b> – Catálogos “Maioliche Portoghesi” .....	157
<b>Figura 42</b> – Catálogo “Tapeçarias Antigas da Bégica” .....	158
<b>Figura 43</b> – Exposição “Esculturas em Madeira” .....	158

<b>Figura 44</b>	– Catálogo do núcleo da “XVII Exposição” no MNAA .....	162
<b>Figura 45</b>	– Catálogos da “XVII Exposição” .....	162
<b>Figura 46</b>	– Núcleo da “XVII Exposição” no MNAA .....	162
<b>Figura 47</b>	– Catálogo “Coleccionar. O Legado Barros e Sá” .....	163
<b>Figura 48</b>	– Recorte de imprensa não identificado .....	164
<b>Figura 49</b>	– Exposição “Esculturas dos Séculos XIII e XIV” .....	164
<b>Figura 50</b>	– Catálogo “António Paiva. José Anahory” .....	165
<b>Figura 51</b>	– Catálogo “Desenhos dos Galli Bibiena” .....	166
<b>Figura 52</b>	– Catálogo “As Imagens da Escrita” .....	167
<b>Figura 53</b>	– Catálogo “Portugueses em Amesterdão. 1600 – 1680” .....	168
<b>Figura 54</b>	– Catálogo “Imagens no Tempo” .....	169
<b>Figura 55</b>	– Catálogo “O Vidro em Portugal” .....	170
<b>Figura 56</b>	– Catálogo “No Tempo das Feitorias” .....	172
<b>Figura 57</b>	– Catálogo “Do Sublime” .....	173
<b>Figura 58</b>	– Catálogo “As Tentações de Bosch ou o Eterno Retorno” .....	174
<b>Figura 59</b>	– Catálogo “Traje Namban” .....	175
<b>Figura 60</b>	– Catálogo “Tapeçarias de D. João Castro” .....	176
<b>Figura 61</b>	– Catálogo “Santo António. O Santo do Menino Jesus” .....	176
<b>Figura 62</b>	– Catálogo “Imagens em Paramentos Bordados” .....	177
<b>Figura 63</b>	– Catálogo “Um Ourives & 7 Artistas Trabalham a Prata” .....	178
<b>Figura 64</b>	– Catálogo “Jóias para Alessandro Medici” .....	179
<b>Figura 65</b>	– Catálogo “Sequeira (1768 – 1837)” .....	179
<b>Figura 66</b>	– Catálogo “Museu Nacional de Arte Antiga, Lissabon” .....	181
<b>Figura 67</b>	– Catálogo “dimensões – da vida e da terra” .....	181
<b>Figura 68</b>	– Catálogo “O Sentido das Imagens” .....	182
<b>Figura 69</b>	– Catálogo “Vieira Lusitano. 1699 – 1783” .....	183
<b>Figura 70</b>	– Catálogo “Manuel Botelho” .....	183
<b>Figura 71</b>	– Catálogo “Estampa e Caricatura Estrangeira Sobre Portugal” .....	184
<b>Figura 72</b>	– Catálogo “un détail immense” .....	185
<b>Figura 73</b>	– Exposição “un détail immense” .....	185
<b>Figura 74</b>	– Catálogo “Outro Mundo Novo Vimos” .....	186
<b>Figura 75</b>	– Catálogo “Fragmentos de Tecidos Coptas” .....	187
<b>Figura 76</b>	– Catálogo “Carlos Relvas e a Casa da Fotografia” .....	188
<b>Figura 77</b>	– Exposição “Carlos Relvas e a Casa da Fotografia” .....	188

<b>Figura 78</b> – Catálogo “Pintura Portuguesa do Século XVII” .....	189
<b>Figura 79</b> – Catálogo “Passagens” .....	190
<b>Figura 80</b> – Catálogo “Ter” .....	190
<b>Figura 81</b> – Catálogo “Grandes Mestres da Pintura” .....	193
<b>Figura 82</b> – Exposição “Museum” .....	197
<b>Figuras 83 e 84</b> – Exposição “In Memoriam” .....	199
<b>Figura 85</b> – Catálogo “Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII” .....	200
<b>Figura 86 e 87</b> – Exposição “A Invenção da Glória” .....	201
<b>Figura 88</b> – Catálogo “Sobre o Trilho da Cor” .....	202
<b>Figura 89</b> – Catálogo “Primitivos Portugueses”, de 2011 .....	203
<b>Figura 90</b> – Catálogo “D’Aprés Nuno Gonçalves” .....	204
<b>Figura 91</b> – Catálogo “Esculturas de Género” .....	204
<b>Figura 92</b> – Catálogo “Facciate Dipinte” .....	205
<b>Figura 93</b> – Catálogo “Coleccionar em Portugal” .....	206
<b>Figura 94</b> – Catálogo “Esplendor Holandês” .....	206
<b>Figuras 95 e 96</b> – Catálogos “Viagens” .....	207
<b>Figura 97</b> – Catálogo “Cuerpos de Dolor” .....	208
<b>Figura 98</b> – Catálogo “Revelações” .....	209
<b>Figura 100</b> – Catálogo “De Amicitia” .....	210
<b>Figura 101</b> – Folheto “A Arte Chegou ao Colombo” .....	210
<b>Figura 102</b> – Catálogo “O Virtuoso Criador” .....	211
<b>Figura 103</b> – Catálogo “Jan Provoost” .....	212
<b>Figura 104</b> – Catálogo “Thesaurus” .....	213
<b>Figura 105</b> – Catálogo “Do Mar e da Terra” .....	214
<b>Figura 106</b> – Catálogo “Ilusionismos” .....	215
<b>Figura 107</b> – Catálogo “A Encomenda Prodigiosa” .....	216
<b>Figura 108</b> – Catálogo “O Frei Carlos da América” .....	217
<b>Figura 109</b> – Catálogo “Rubens, Brueghel, Lorrain” .....	218
<b>Figura 110</b> – Catálogo “Vita Christi” .....	218
<b>Figura 111</b> – Catálogo “Luca Giordano” .....	219
<b>Figura 112</b> – Catálogo “Esplendores do Oriente” .....	220
<b>Figura 113</b> – Catálogo “Os Saboias” .....	220
<b>Figura 114</b> – Catálogo “Splendor et Gloria” .....	222
<b>Figura 115</b> – Catálogo “FMR” .....	223

<b>Figura 116</b> – Catálogo “De Josefa de Óbidos” .....	224
<b>Figura 117</b> – Catálogo “Aqua” .....	225
<b>Figura 118</b> – Catálogo “Joyeuse Entrée” .....	226
<b>Figura 119</b> – Catálogo “Colección Masaveu” .....	227
<b>Figura 120</b> – Catálogo “O Tesouro da Rainha Santa” .....	228
<b>Figura 121</b> – Catálogo “Obras em Reserva” .....	228
<b>Figura 122</b> – Catálogo “Estêvão Gonçalves Neto” .....	229
<b>Figura 123</b> – Catálogo “Domingos Sequeira” .....	231
<b>Figura 124</b> – Catálogo “A Cidade Global” .....	231
<b>Figura 125</b> – Catálogo “Madonna” .....	232
<b>Figura 126</b> – Catálogo “As Ilhas do Ouro Branco” .....	236
<b>Figura 127</b> – Catálogo “Venham Todos Ver o Meu Palácio” .....	236
<b>Figura 128</b> – Catálogo “Anatomia de uma Pintura” .....	237
<b>Figura 129</b> – Catálogo “Explícita” .....	238
<b>Figura 130</b> – Catálogo “do tirar polo natural” .....	239
<b>Figura 131</b> – Catálogo “O Pai dos Cristos” .....	240
<b>Figura 132</b> – Catálogo “Terra Adentro” .....	240
<b>Figuras 133 e 134</b> – Catálogo e Folheto “Museu das Descobertas .....	243
<b>Figura 135</b> – Catálogo “Luxo Asiático” .....	244
<b>Figura 136</b> – Desdobrável “Alvaro Pirez d’Évora” .....	245
<b>Figura 137</b> – Catálogo “A linha que fecha também abre” .....	246
<b>Figura 138</b> – Catálogo “Almada Negreiros e os Painéis” .....	248
<b>Figura 139</b> – Catálogo “Guerreiros & Mártires” .....	249
<b>Figura 140</b> – Catálogo “Vi o Reino Renovar” .....	251
<b>Figura 141</b> – Catálogo “Boba Kana Muthu Wzela” .....	253
<b>Figura 142</b> – Catálogo “Tempo Suspenso” .....	254
<b>Figura 143</b> – Catálogo “Em Boa Memória” .....	255
<b>Figura 144</b> – Catálogo “L’Âge D’or de la Renaissance Portugaise” .....	257
<b>Figura 145</b> – Catálogo “Jogos Cruzados” .....	257
<b>Figura 146</b> – Exposição “Bosch. Tentações Contemporâneas” .....	259
<b>Figuras 147 e 148</b> – Exposição “Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra” .....	260
<b>Figura 149</b> – Exposição “Novas Aquisições” .....	260
<b>Figura 150</b> – Exposição “Cavaleiro Faria” .....	261
<b>Figuras 151 e 152</b> – Exposição “Barcelona Gótica” .....	262



<b>Figura 153</b> – Catálogo “Tão Uteis Como os Originaes” .....	262
<b>Figura 154 e 155</b> – Exposição “Tão Uteis Como os Originaes” .....	262
<b>Figura 156</b> – Exposição “Albrecht Dürer” .....	263
<b>Figura 157</b> – Exposição “Guerra Junqueiro”.....	264
<b>Figuras 158 e 159</b> – Exposição “Jodice-Canova” .....	264
<b>Figura 160</b> – Legenda Cromática .....	266

## ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>Gráfico 1</b> – Tipologias de Exposições na Direção de Maria Alice Beaumont .....	61
<b>Gráfico 2</b> – Tipologias de Exposições na Direção de Ana Maria Brandão .....	64
<b>Gráfico 3</b> – Tipologias de Exposições na Direção de José Luís Porfírio .....	69
<b>Gráfico 4</b> – Tipologias de Exposições na Direção de Dalila Rodrigues.....	72
<b>Gráfico 5</b> – Tipologias de Exposições na Direção de Paulo Henriques .....	76
<b>Gráfico 6</b> – Tipologias de Exposições na Direção de António F. Pimentel .....	87
<b>Gráfico 7</b> – Tipologias de Exposições na Direção de Joaquim O. Caetano .....	92
<b>Gráfico 8</b> – Exposições Temporárias por Direção (1975 – 2023).....	94
<b>Gráfico 9</b> – Percentagem de Exposições por Direção (1975 – 2023).....	95
<b>Gráfico 10</b> – Exposições Temporárias por Ano (1975 – 2023).....	96
<b>Gráfico 11</b> – Média da Duração das Exposições por Dias (1975 – 2023).....	97
<b>Gráfico 12</b> – Média da Duração das Exposições por Meses (1975 – 2023).....	97
<b>Gráfico 13</b> – Comissariado Científico das Exposições (1975 – 2023).....	98
<b>Gráfico 14</b> – Exposições Externas do MNAA / Internacionais (1975 – 2023) .....	100
<b>Gráfico 15</b> – Itinerância das Exposições Temporárias (1975 – 2023).....	100
<b>Gráfico 16</b> – Tipologias das Exposições Temporárias (1975 – 2023).....	101
<b>Tabela 1</b> – Exposições da Sala do Tecto Pintado (2010 – 2023).....	79
<b>Tabela 2</b> – Exposições da Sala do Mezanino (2010 – 2023).....	81
<b>Tabela 3</b> – Edições da “Obra Convidada” (2013 – 2023) .....	82
<b>Tabela 4</b> – Edições de “O Belo, a Sedução e a Partilha” (2021 – 2023).....	89

# INTRODUÇÃO

## TEMA E OBJETIVOS

Mediante o desafio académico em causa, procurou-se elaborar uma dissertação onde o assunto principal se baseia no levantamento, documentação e estudo crítico das exposições temporárias que foram realizadas e/ou promovidas no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) desde 1974 até ao atual ano de 2023, durante quase meio século de democracia. Assim sendo, este tema abrange uma apreciação subjacente, no sentido em que é analisada a forma como a arte antiga e toda a temática que a circunda (de que as exposições do Museu, naturalmente, se encarregam) são apresentadas no contexto contemporâneo e democrático – que, indubitavelmente, veio configurar fortemente a prestação da comunidade museológica portuguesa.

A relevância deste tema assenta em diversas perspectivas: primeiramente, pretendeu-se dedicar o fulcro deste trabalho às exposições temporárias devido à importância e ao considerável prestígio que elas têm no desempenho das instituições, e por serem um meio privilegiado de comunicação entre os museus e os seus públicos, onde os primeiros devolvem à sociedade, depois de interpretado e contextualizado, o património de que são guardiões, cumprindo a sua função social e educativa; depois, o facto de que, apesar de a história do MNAA estar feita e publicada (sobretudo até 1965), ainda faltar sistematizar, documentar e analisar criticamente as opções programáticas das sucessivas direções do museu em contexto democrático, sobretudo no que diz respeito às exposições temporárias – sendo esse o principal objetivo do presente trabalho; por fim, a vontade de contribuir para a organização e estruturação da informação assente sobre este tema, e de combater quaisquer referências faltosas ou desordenadas que podem resultar num complicado processo de dissociação arquivística ou, conseqüentemente, patrimonial, caso não se lhes prestem a devida atenção e dedicação.

É fácil existir uma certa escassez no que diz respeito à informação compilada sobre a atividade expositiva do museu (nomeadamente, a que diz respeito às décadas finais do século XX) e este estudo visa a reconstituição da história recente da instituição através das exposições que realizou e/ou acolheu entre 1974 e 2023, bem como uma análise

preciosa sobre as opções de programação tomadas pelas sucessivas Direções do Museu durante esse período. Pretende-se que este trabalho seja uma ferramenta útil para o Museu e que, por conseguinte, contribua para o conhecimento mais apurado sobre o próprio panorama da realidade museológica portuguesa na contemporaneidade, visto que o MNAA é o principal e mais importante museu de arte antiga em Portugal. Apesar de pequenos, este tipo de iniciativas e projetos contribuem para a valorização e para o bom funcionamento dos museus e de outras instituições dedicadas à preservação e divulgação do património português. Assim, considera-se este um trabalho que participa nessa missão; a de defesa daqueles que são os principais agentes que conservam e salvaguardam as heranças artísticas e culturais do país e que, na sua modesta forma de dissertação de mestrado, possa fazer parte da informação relevante que contribua para a valorização da história do Museu Nacional de Arte Antiga e da Museologia em Portugal.

## **METODOLOGIA**

Com o objetivo de ilustrar a sua vertente prática e conceptual, apresentamos a seguir alguns fragmentos do processo de elaboração desta dissertação. Começamos pelo básico: para a realização do presente estudo foi necessário recolher informação sobre todas as exposições temporárias que foram exibidas no e pelo MNAA, durante o período de 1974 até à atualidade. O levantamento de dados fundamentais como datas, locais de exposição, comissariado, objetos expostos, emprestadores externos, itinerâncias, imagens, recortes de imprensa, entre outros tipos de referências que permitiriam contextualizar e sistematizar estes eventos, constituiu o principal objeto deste trabalho.

De modo a atingirmos os objetivos a que nos propusemos, optámos por começar a nossa pesquisa com a recolha bibliográfica, para apreender o que já existia, quais os estudos e investigações mais importantes sobre os vários tópicos a abordar, e até onde se conseguia alcançar, em termos cronológicos. Rapidamente nos apercebemos que as informações disponíveis sobre as exposições temporárias anteriores a 2010, eram de acesso muito mais restrito. Porém, e ainda tendo alguns meses para a elaboração do trabalho em perspectiva, decidiu-se começar pelo mais simples; o que seria útil para nos ambientarmos ao tipo de informação que teríamos de contabilizar e para estabelecer

estratégias de organização. Assim, na fase inicial, este levantamento baseou-se, fundamentalmente, no *site* institucional do MNAA<sup>2</sup> – que, desde 2010 até à atualidade, disponibiliza informações sobre todas as exposições temporárias em que se envolveu –, em artigos científicos, em dissertações de mestrado e em teses de doutoramento. No entanto, a partir de determinada altura, para a compilação dos dados necessários, a investigação teve forçosamente que se centrar na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga (BMNAA), sendo, em simultâneo, complementada com a análise de outras fontes primárias como os Relatórios de Atividades do MNAA e da tutela (Instituto Português de Museus [IPM], Instituto dos Museus e da Conservação [IMC] e Direção-Geral do Património Cultural [DGPC]), notícias publicadas na comunicação social e em periódicos da especialidade, documentários e outros materiais audiovisuais de divulgação, bem como de catálogos das exposições temporárias, que delas são a memória.

Os dados recolhidos foram introduzidos e organizados numa tabela Excel – que deu origem à lista completa das exposições temporárias que se pretendiam analisar e que se apresenta, agora, em apêndice (*vide* Apêndice I). Para além disso, as informações coligidas permitiram a elaboração de vários gráficos e tabelas (produzidos na plataforma *Canva*<sup>3</sup>) que simplificam a leitura dos dados, possibilitando visualizar e perceber rapidamente, por exemplo, quantas exposições temporárias houve anualmente; quais as tipologias mais abordadas em cada uma das Direções; entre outras referências.

Consideramos pertinente abordar algumas dificuldades com que nos deparámos durante a realização deste projeto, de modo a refletir sobre elas. Nesse contexto, e já na fase de consulta do Arquivo da BMNAA, defrontámo-nos com um contratempo recorrente durante todo o processo de leitura: como consequência da falta de espaço, foi muito desafiante encontrar catálogos (e referências, em geral) de exposições antigas<sup>4</sup>. Nestas

---

<sup>2</sup> Acessível em: (<http://www.museudearteantiga.pt/>).

<sup>3</sup> Acessível em: (<https://www.canva.com/>).

<sup>4</sup> Referimo-nos, fundamentalmente, à sua organização física. *Exempli gratia*, alguns catálogos que se encontram arrumados conjuntamente na BMNAA, são os referentes às exposições da “Sala do Tecto Pintado” (naturalmente, tendo o processo facilitado pelo facto de pertencerem à mesma série de livros, de apresentarem as mesmas dimensões e de caberem, facilmente, na mesma prateleira). No entanto, se os outros catálogos se encontrassem organizados seguindo critérios semelhantes (numa secção, imaginemos, de “catálogos das exposições temporárias ocorridas no MNAA”), a sua utilidade prática acentuar-se-ia. Como nota positiva, esta dissertação disponibiliza um registo

condições, a organização destes materiais torna-se mais incerta (tendo apenas, como critério de arrumação, o seu número de cota), o que dificulta o acesso a documentação mais específica. Talvez por limitações dos motores de busca ou da indexação dos documentos, a informação disponível *online* também não foi a mais eficaz – especialmente porque este era um levantamento a ser feito pela primeira vez, onde não havia conhecimento prévio sobre títulos, datas, quantidades, ou qualquer outro tipo de detalhe que pudesse servir como “pista”. Nesta altura, despendemos, também, um considerável período de tempo a fotografar integralmente os catálogos expositivos, bem como a organizar o resultado digital desse levantamento. Mais tarde, apercebemo-nos de que muito desse trabalho não foi necessário para complementar a informação que efetivamente aproveitámos – sendo este um processo que exigia um sentido sintético, que se foi aprimorando ao longo do tempo.

Acrescentam-se alguns cuidados que tivemos: o de não revelar dados relativamente à propriedade de algumas coleções particulares, de modo a salvaguardar a privacidade e a própria segurança das obras e dos seus proprietários (os dados que foram recolhidos, neste caso, foram meramente quantitativos, não tendo sido preciso fazer o levantamento de nomes ou locais); e, numa entrevista por videoconferência realizada a José Luís Porfírio, um dos Diretores do MNAA – que possibilitou complementar lacunas existentes nos dados recolhidos, consolidando toda a informação retirada das diversas fontes consultadas – certificámo-nos de que esta seria gravada com autorização do entrevistado, transcrita da forma mais literal possível e, no final, posta à sua consideração, para a obtenção de anuência para a sua publicação.

Resumidamente, a metodologia traçada ao longo deste projeto, baseou-se em estratégias de recolha de informação – quer seja esta textual, gráfica ou fílmica – para, no final, elaborar conclusões abrangentes sobre a política expositiva adotada pelo Museu. O estudo visa, assim, analisar as diferentes opções tomadas em relação às exposições temporárias, destacando as diferentes abordagens de cada um dos Diretores e de como essas escolhas influenciaram o Museu durante a época democrática.

---

cronológico das exposições temporárias, que poderá vir a ser útil numa futura organização destes catálogos na Biblioteca.

## **TERMINOLOGIA**

Para facilitar a compreensão – quer do conteúdo escrito, quer dos conteúdos gráficos apresentados mais à frente – esclarecemos e definimos, neste segmento, alguma terminologia que foi aplicada ao longo desta dissertação.

No que diz respeito à classificação das exposições temporárias, e de forma a determinar a terminologia ideal, optámos pelo seguinte método: para as categorias que são utilizadas na catalogação do próprio Museu (nomeadamente, as exposições de Pintura, Escultura, Ourivesaria, etc.), mantivemos essa denominação; para as exposições temáticas, definimos alguns termos de modo a resumir a sua tipologia:

- i) “Apoio mecenático”, para as exposições que foram promovidas pelo Museu, com fins de angariação de fundos para a aquisição de obras ou para a valorização de um espaço (exs.: Capela das Albertas e Sala Patiño<sup>5</sup>).
- ii) “Artes da diáspora”, para as mostras que se reportam a um determinado período histórico dedicado à época da Expansão Marítima Portuguesa.
- iii) “Monográficas”, para as exposições que incidem sobre a obra de um determinado autor ou sobre um único tema específico.
- iv) “Multidisciplinares”, para as que envolveram objetos de tipologias diversas, inclusivamente as de artes plásticas e/ou outros.

## **ESTRUTURA**

A presente dissertação foi organizada de maneira a promover uma compreensão coerente do assunto em análise. Neste segmento, explicitamos a estrutura geral que o permite fazer, referindo os capítulos e componentes que constituem a plenitude deste projeto.

No Capítulo I, estabelece-se uma analogia da realidade museológica em Portugal, primeiramente, durante o período de ditadura e, depois, no contexto democrático

---

<sup>5</sup> Tanto a Capela das Albertas como a Sala Patiño, se inseriram nas campanhas de subscrição pública organizadas pelo MNAA intituladas “TODOS SOMOS MECENAS”.

subsequente. Na primeira parte, são brevemente referidas realidades como o Estado Novo, a *Exposição do Mundo Português* e as tendências artísticas do regime e, na segunda, abordam-se algumas questões ideológicas e políticas, bem como a evolução da Museologia em Portugal e das entidades que foram dela responsáveis. Saliente-se que este capítulo serve meramente como contextualização, sem a pretensão de ser um estudo pormenorizado sobre os assuntos referidos ou sobre qualquer acontecimento histórico decorrido antes e/ou depois do 25 de abril.

No Capítulo II, é oferecida uma visão concisa da história do MNAA, entre o período que antecedeu a transição para a democracia, e o período ulterior. No último, para além de ser feito um levantamento histórico sucinto, é feita uma análise geral relativa às Direções do Museu. Este encontra-se dividido em quatro momentos temporais distintos: o início da democracia (1974 – 1990), onde se enquadram as Direções de Maria José de Mendonça e Maria Alice Beaumont; o final do milénio (1991 – 2000), com Ana Maria Brandão e José Luís Porfírio; o início do século XXI (2001 – 2010), demarcado pelos contextos das administrações de Dalila Rodrigues e Paulo Henriques; e a atualidade (2011 – 2023), com António Filipe Pimentel e Joaquim Oliveira Caetano.

No Capítulo III, para além de se apresentarem as notas biográficas dos sucessivos Diretores, que contextualizam os seus percursos profissionais, explora-se um conjunto de exposições temporárias que refletem a essência das administrações onde se inseriram e que se destacam por variadas razões, nomeadamente o seu valor histórico e/ou artístico; o seu contributo na divulgação do património cultural português; e outras, cujos contextos administrativos tenham envolvido circunstâncias peculiares, dignas de menção de um ponto de vista museológico. Em cada subcapítulo (referente a uma Direção específica) são analisadas, ainda, as prestações individuais de cada um, considerando os dados obtidos durante o processo de levantamento que realizámos (que, fundamentalmente, subjazem e sustentam este trabalho) – como o número de exposições; as tipologias expositivas que mais se priorizaram durante os 49 anos em estudo; as decisões administrativas que beneficiaram e/ou afetaram a eficácia da programação em causa; as parcerias internacionais; entre outras.

As Considerações Finais abrangem uma análise mais profunda e significativa dos dados apresentados previa e individualmente, no Capítulo III. Este segmento corresponde à



essência da pesquisa, onde são explorados os dados recolhidos e apresentados (que surgem através de uma análise comparativa, de um panorama geral das tendências, e de conexões que surgem em relação às Direções e à programação temporária do MNAA, quando consideradas em conjunto). A maioria dos gráficos elaborados são interpretados e apresentados nesta secção textual, servindo como meios visuais para mais facilmente se ilustrarem os assuntos abordados, bem como algumas outras conclusões.

São apresentados os Documentos – neste caso, maioritariamente constituídos por apêndices – onde são evidenciados elementos cruciais para o entendimento deste projeto, nomeadamente a entrevista realizada a José Luís Porfírio; e as sinopses de todas as exposições temporárias ocorridas no MNAA entre os anos de 1974 e 2023, organizadas cronologicamente e divididas por Direções (*vide* Apêndices B – H), com hiperligações às páginas *web* a si alusivas (quando aplicável), bem como algumas imagens das capas de catálogos consultados e das próprias mostras expositivas. Importa acrescentar que o incentivo para a concretização da entrevista a José Luís Porfírio teve que ver com o facto de o ex-Diretor ter desempenhado um papel fundamental na história da instituição, ao experienciar a transição do contexto político abordado, em primeira mão – não só como conservador de pintura e comissário, mas também, posteriormente, como dirigente. Num cenário ideal, todos os Diretores teriam sido entrevistados – o que, certamente, resultaria num trabalho extraordinariamente rico – no entanto, é importante referir que a presente pesquisa se deparou com uma limitação inerente à natureza de um projeto de mestrado: o tempo reduzido. Tal limitação não dever ser interpretada como uma desconsideração das notáveis personalidades que passaram por este Museu; muito pelo contrário. Há espaço para deixar a sugestão de que, no futuro, este trabalho pode ser aproveitado como uma base para a investigação mais particularizada deste assunto.

Finalmente, no arremate desta dissertação, encontra-se disponibilizado o levantamento completo da programação temporária em análise (*vide* Apêndice I), onde se apresentam, sob a forma de Tabelas, informações essenciais como títulos, subtítulos, datas (de inauguração e de encerramento), duração das exposições, locais onde as mesmas se realizaram (dentro e fora do Museu), comissariado científico, itinerância(s), emprestadores externos e tipologias – sendo este documento absolutamente estrutural para o significado deste trabalho.

## ESTADO DA ARTE

A documentação museológica, a todos os níveis, é uma realidade vital para o funcionamento das instituições. A recolha de dados (quer assumida ela a forma de arquivo, inventário, registos de acervo, histórico das exposições, entre outras...) garante aos museus a possibilidade de ser feita uma avaliação sobre a sua prestação e valor expositivo, e um melhoramento procedente. Assim, ao ocupar-se de um levantamento de exposições temporárias, esta dissertação trata um dos processos naturais a que as instituições museológicas se devem dedicar, a fim de investir na informação disponível sobre os seus históricos e áreas de atuação.

Por envolver o MNAA, foi uma preocupação nossa desenvolver este tema com o máximo rigor. Isto porque, apesar de ser objeto de variadíssimos estudos e investigações, nunca antes houve um ensaio estritamente dedicado às suas exposições temporárias em época democrática. Talvez por se focar maioritariamente em Arte Antiga – área inquestionavelmente inexaurível – justifica-se que as atenções que sobre ele incidem fiquem subordinadas a essa vertente do passado. Mas arriscámos e ocupámo-nos da sua história recente, que também deve ser tratada e que esperamos vir a ser útil a todos que dela necessitarem.

Para o efeito, e sendo este um dos trinta comités internacionais do Conselho Internacional de Museus (ICOM)<sup>6</sup>, surgiram organizações como o Comité Internacional para a Documentação (CIDOC), que visa fornecer “conselhos sobre boas práticas e desenvolvimentos na documentação dos museus” (CIDOC, s.d.), sendo que uma das principais preocupações atuais da comunidade museológica incide sobre a integridade arquivística que a documentação determina, por ser um processo muitas vezes desvalorizado e por carecer de diretrizes, políticas e procedimentos adequados. O CIDOC (s.d.) chega mesmo a afirmar que “coleções sem documentação adequada não podem ser consideradas coleções ‘museológicas’ reais”, por não poderem ser salvaguardadas e assumidas pelas instituições e, assim, perderem relevância. Neste sentido, o Grupo de Trabalho da Documentação de Exposições e Performances do

---

<sup>6</sup> Como referido no *site* institucional (<https://icom.museum/en/>), trata-se de uma “associação de membros e organização não governamental que estabelece padrões profissionais e éticos para as atividades dos museus”.

Comité procura providenciar essas diretrizes, abordando também métodos relevantes para a preservação, acesso e pesquisa destes eventos.

Um outro caso a contemplar, que acabou por se tornar numa das principais referências para este projeto (tornando mais claro o tipo de informação a recolher sobre as exposições do MNAA), corresponde ao levantamento de Exposições de Arte efetuado pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). Esta foi uma iniciativa resultante da tese de doutoramento de Leonor Alves de Oliveira que, ao proporcionar a elaboração de uma visita virtual à “I Exposição de Artes Plásticas” (1957), ocasionou um processo maior de recolha de informação e documentação sobre as exposições artísticas ocorridas na instituição, entre os anos de 1957 e 2017. Estes dados estão disponíveis dentro do *site* oficial da FCG, e permitem que o visitante se informe não só sobre a vertente expositiva dos eventos, como também sobre os seus contextos históricos e arquivísticos – que, por norma, são imperceptíveis à perspectiva do público. A página inicial<sup>7</sup> apresenta, entre outras referências que ajudam a contextualizar a história da Fundação, as hiperligações das exposições temporárias, que se encontram organizadas cronologicamente e que são acompanhadas de imagem, título, data, local e sinopse; os tipos e temas em que os eventos se enquadram, sendo este um método de filtragem que permite especificar ainda mais uma eventual pesquisa; e alguns elementos que se entendem como processos da produção científica a que ensejou todo este levantamento museológico. Ao clicar na hiperligação de uma dada exposição, que surge entre outras logo no início da página, é apresentada uma variedade de dados arquivísticos. A primeira informação a captar o olhar é o título, que antecede um resumo de poucas linhas, também disponível na língua inglesa. Segue-se uma fotografia nítida do aspeto da exposição, devidamente legendada e referenciada. No lado direito evidenciam-se, de forma sucinta, os tipos, os temas, a data e o local da exposição. Sucedem-se alguns parágrafos que apresentam o contexto e a vertente conceptual da mostra museal, com a opção de tradução. Logo a seguir, em janelas que se estendem se nelas se premir, estão disponíveis a ficha técnica, a listagem dos artistas/participantes, as obras expostas e/ou incorporadas na exposição que pertencem à coleção da FCG, uma listagem de eventos paralelos, publicações relacionadas (catálogos, monografias, etc.), material gráfico, fotografias (que se subcategorizam em álbuns, imagens da exposição, eventos paralelos, dia da inauguração

---

<sup>7</sup> Acessível em: (<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/>).

e processo da montagem), ficheiros multimédia complementares, documentação geral (por exemplo, cartas) e técnica (como plantas), recortes de imprensa, páginas *web*, referências das fontes arquivísticas utilizadas (gerais e fotográficas), e hiperligações de outras exposições relacionadas.

Outra referência de consulta indispensável para este projeto é o livro “MNAA 2010 – 2019: Para a História do Museu Nacional de Arte Antiga”, da autoria do anterior diretor da instituição, António Filipe Pimentel. Nesta obra, o historiador recapitula a sua passagem pelo MNAA, compilando os eventos que, durante a sua liderança e orientação, marcaram a memória do museu. Este testemunho abrange na perfeição o tipo de conteúdo que aqui se pretende abordar, no que toca à análise da evolução institucional com base nas decisões tomadas durante as diferentes direções. Nesse sentido, António Filipe Pimentel facilitou bastante a pesquisa destinada ao período da sua administração (2010 – 2019) por ter, como o próprio refere, dado “à estampa um conjunto de textos, em boa parte inéditos ou de acesso pouco prático, que, entre si, permitirão desenhar o que foi o exercício desta quase década ao leme daquela que é, consabidamente, uma das grandes instituições culturais portuguesas” (Pimentel, 2019: 13).

# CAPÍTULO I – Contexto Histórico

## 1.1. MUSEOLOGIA EM PORTUGAL: DITADURA E DEMOCRACIA

### 1.1.1. ÉPOCA DITATORIAL

Para plenamente se compreender a atual realidade democrática em Portugal e como esta se reflete na museologia do país, é necessário começar por falar do contexto político que a precede. De outro modo não se compreenderia o contraste de princípios entre épocas nem a discrepância das ideologias, que – como hoje se percebe – necessitavam de uma impreterível intervenção.

Assim sendo, iniciaremos este ensaio falando sobre o Estado Novo; que foi o regime político que perdurou durante 41 anos em Portugal, de 1933 a 1974. Entende-se como um regime autoritário, conservador e nacionalista, surgido de um projeto de Constituição concebido e elaborado por António de Oliveira Salazar (1889 – 1970), que se tornaria a principal figura do referido governo. A prevalência de um estado autoritário sobre um estado democrático viria a ter implicações limitativas na vivência do povo português, nomeadamente no que diz respeito à liberdade de expressão. A censura praticada na época (que apesar de ter tido início no ano de 1926, atingiu o seu expoente máximo durante o Estado Novo) cingiu a expressão artística, tendo apenas como aceitáveis as obras que se queriam fiéis ao Regime e que alimentavam uma ideia nacionalista e patriótica.



**Figura 1** – Francisco Franco esculpindo o busto de Salazar sob o olhar de António Ferro (1934) |

Fonte: © [Diário de Notícias](#)

A fotografia apresentada [Fig. 1] foi publicada no jornal *Diário de Notícias*, em maio de 1936, e retrata Oliveira Salazar posando para o principal escultor do Regime, Francisco Franco (1892 – 1975). A cena é observada por António Ferro (1895 – 1956), diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN)<sup>8</sup>. Esta imagem permite contextualizar a temática em causa, por funcionar como um símbolo condensante da realidade artística portuguesa durante o Estado Novo. O facto de a imagem do ditador estar a ser eternizada numa escultura sob o olhar aprovador do propagandista, funciona como uma perfeita metáfora: na época, o artista produzia e divulgava o seu trabalho consoante a anuência e proveito do Regime.

Na área da Museologia deu-se uma repercussão direta desta doutrina, uma reflexão nítida daquela que era a relação que o Regime tinha com o património artístico e cultural e como este deveria ser divulgado ao público, segundo os seus critérios. Falamos, claramente, da *Exposição do Mundo Português*<sup>9</sup> [Fig. 2], que levou dois anos a ser montada e envolveu o contributo de centenas de artistas especializados em diversas áreas.



**Figura 2** – Vista parcial da “Exposição do Mundo Português”, Lisboa (Belém), 1940 | Fonte: © [Diário de Notícias](#)

Neste contexto, foram erguidos grandes monumentos escultóricos com propósitos comemorativos, como é o caso do *Padrão dos Descobrimentos* (originalmente sob a

---

<sup>8</sup> Criado a 26 de outubro de 1933, o SPN foi o organismo responsável pela divulgação das ideias nacionalistas, pela regulamentação da cultura e das artes, e pelos serviços de censura.

<sup>9</sup> Inaugurada a 23 de junho de 1940 na zona de Belém, teve a dupla intenção de comemorar os 800 anos da formação de Portugal (1140) e os 300 anos da Restauração da Independência (1640), realçando os feitos da nação e do antigo Império português e afirmando o poder do Estado Novo. Incluiu pavilhões temáticos que albergaram exposições sobre a história, as atividades económicas, a cultura, as regiões e os territórios ultramarinos de Portugal, incluindo também um Pavilhão do Brasil.

forma de arquitetura efémera e posteriormente reconstruído, em 1960), da autoria do ilustre escultor Leopoldo de Almeida (1898 – 1975). O friso assenta no projeto arquitetónico de Cottinelli Telmo (1897 – 1948) e ostenta o infante D. Henrique como figura liderante que, neste sentido, surge metaforicamente associado a Salazar. Esta obra evocava na perfeição a sumptuosidade com que o país percepcionava a “Época dos Descobrimentos” e patenteava a vertente nacionalista e a imponência que se pretendiam desta exposição.

Sendo o exemplo anterior o de uma mentalidade patriótica, é possível reconhecer outras questões que muitos consideram ser choques ideológicos resultantes da evolução dos tempos e do que hoje é considerado moralmente correto. Por exemplo, a utilização de um animal exótico num desfile (um elefante, neste caso) que se encontrava fora do seu habitat natural e que, na época, não teria a mesma proteção jurídica de hoje; ou, numa conjuntura ainda mais preocupante, a exibição de seres humanos (nativos africanos que sofreram de um processo de objetificação) onde alguns, por não estarem habituados às condições climáticas de Portugal, acabaram por falecer com pneumonia. Escusado será dizer que este tipo de opções expositivas seria impensável nos dias de hoje. E, apesar de a História não dever ser condenada, mas sim compreendida, devemos reconhecer uma das suas principais funções; registar e identificar os erros do passado, para que não caiamos na sua repetição e para que seja possível prosseguir com o melhoramento da sociedade.

De forma sucinta, e sendo a *Exposição do Mundo Português* decorrente dessa realidade, os procedimentos museológicos durante a época do Estado Novo consistiam fortemente no “culto a edifícios simbólicos, [...] [e na] valorização do enclausuramento de obras de arte que pudessem consagrar o passado” (Bruno, 2009: 79). A escultura foi a expressão artística mais propensa à estratégia propagandística do Regime, onde tiveram protagonismo os trabalhos dos já referidos e consagrados escultores Francisco Franco e Leopoldo de Almeida. Também nesse sentido, o Regime lançou-se num programa de reconstrução da monumentalidade patrimonial. Pretendendo a reconstrução da história nacional, numa interpretação ideológica adequada à narrativa cultural do Estado, que “vinculava o património ao ‘espírito’ nacional, primordial e perene” (Silva, 2014: 23), refizeram-se igrejas, castelos e palácios, numa ostensiva celebração do passado. Também seguindo esse mote, as intervenções museológicas eram consistentes, sendo as

principais temáticas baseadas em temas tradicionais, etnográficos e arqueológicos (sendo que nas artes plásticas se notabilizaram o Academismo, o Naturalismo e o Modernismo).

Já perto do final do Regime, durante a década de 1960, o isolamento que se sentia na museologia portuguesa, (consequência das normas ditatoriais impostas pelo Governo) dissipou-se ligeiramente, e as estratégias internacionais começaram a chegar aos museus. Em setembro de 1965, surge a Associação Portuguesa de Museologia (APOM)<sup>10</sup>, tendo a missão de estudar e divulgar conceitos museológicos e de reunir conservadores, restauradores, arquitetos e outros profissionais da área, conforme os critérios definidos pelo ICOM. Data também de 1965, a reorganização dos museus centrais do Estado, por via do Decreto-Lei n.º 46758, de 18 de dezembro (Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia). Este diploma determinava, por exemplo, que:

*O primeiro fim de tais museus é, sem contestação possível, assegurar a conservação das obras de arte que foram retiradas do quadro para que tenham sido concebidas e executadas [...]. [O segundo] consiste em expor, valorizar, fazer conhecer e apreciar as obras que nele são conservadas, o que significa que os museus de arqueologia e belas-artes devem desempenhar uma missão científica e artística ao mesmo tempo que uma missão educativa e social. (Ministério da Educação Nacional – Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, 1965: 1696)*

Aos poucos caminhava-se para um novo entendimento daquilo que era a “instituição museológica”, já não fundamentalmente centrada nas coleções, mas assumindo as suas funções sociais e educativas – realidade em que o MNAA foi pioneiro, como veremos.

### 1.1.2. ÉPOCA DEMOCRÁTICA

Quando se fala de democracia em Portugal é incontornável referir o dia 25 de abril de 1974, – data em que ocorreu a “Revolução dos Cravos” onde, com o apoio imediato e

---

<sup>10</sup> Primeira organização profissional portuguesa dedicada à museologia em Portugal: (<https://apom.pt/>).



avassalador do povo, o golpe militar conduzido pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) pôs fim ao regime do Estado Novo, abrindo caminho para a implantação de um estado democrático, com a ambição de transformar e melhorar a qualidade de vida e o desenvolvimento do país.

A nível cultural, o 25 de abril simbolizou o início da liberdade de expressão artística e uma nova perspetiva na valorização do património. As novas ideologias políticas contribuíram para o investimento na área da Museologia, que encontrou sustento não só em discussões internacionais como também nos movimentos e manifestações relacionados com a preservação da cultura que estavam a acontecer no país – conhecidos como ações de dinamização cultural (Almeida, 2007). Um dos primeiros exemplos dessas manifestações deu-se a 10 de junho de 1974, na antiga Galeria Nacional de Arte Moderna de Belém, onde 48 artistas pintaram o mural “Painel do Mercado do Povo”. Este evento foi promovido pelo Movimento Democrático dos Artistas Plásticos (MDAP), uma organização formada por membros da Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA), com o objetivo de discutir a importância do papel da cultura e da arte no novo contexto político. Algo interessante a sopesar, tem que ver com os bens culturais em que os museus portugueses investiram nas primeiras décadas democráticas – realidade que se relaciona diretamente com o assunto em análise. Talvez pelo forte desejo de se exprimir e pela tão aguardada oportunidade de o fazer, a sociedade revolucionária do pós-25 de abril valorizava fortemente as expressões artísticas modernas; “desde as pinturas murais de índole social e política, à assimilação e aproximação [...] dos artistas plásticos portugueses”, aos movimentos artísticos que emergiam na Europa. Rapidamente se denota uma “necessidade de salvaguardar o que de mais inovador se ia fazendo no seio das Artes Plásticas e da criação artística” (Pinho, 2013: 158) e os museus começam a adquirir, mesmo que à margem das respetivas vocações, obras de arte modernas, de modo a acompanhar os acontecimentos da contemporaneidade e os ideais da Revolução.

Após 1974, durante o ambiente de maior agitação política, não se investiu em ações concretas de valorização do património. Foi prioritário atender às necessidades básicas do país; questões como o abastecimento de água e eletricidade, o desenvolvimento das instituições escolares e o combate ao analfabetismo foram, naturalmente, o foco inicial das medidas políticas e sociais. Só no final da década de 70, quando se registou uma

melhoria deste cenário, é que a cultura passou a ser o alvo de transformação. Nesse sentido, começaram a ser formuladas as medidas fundamentais que permitiram a prosperidade da área e que levaram à origem dos princípios da gestão patrimonial contemporânea; referimo-nos, principalmente, à elaboração do conjunto de leis e à criação dos vários organismos a que devemos as principais resoluções museológicas nacionais. Assim, a década de 80, que já é marcada por uma “normalização democrática” (Duarte, 2012: 17), abrange várias novas medidas e sente, em força, os efeitos da “Revolução de Abril” na cultura, inclusivamente as mudanças implícitas no facto de Portugal ter entrado em 1986 para a Comunidade Económica Europeia (CEE) (hoje União Europeia [EU]), onde se destacam os proveitos financeiros conseguintes.

*[A rutura causada pela Revolução] teve efeitos imediatos, de carácter episódico, mas também – e fundamentalmente – repercussões que no médio prazo determinaram um novo ciclo estrutural na história de Portugal, com a progressiva democratização, modernização e internacionalização do País, designadamente através da sua integração na Comunidade Económica Europeia [...]. (Pinho, 2013: 16)*

Em 1974, o organismo responsável pelo património cultural nacional era a Direção-Geral dos Assuntos Culturais (DGAC). No início da década seguinte (que corresponde a uma época de forte associativismo e que imprimiu uma extraordinária dinâmica na cultura do país), surge o Instituto Português do Património Cultural (IPPC), em 1980. Apesar de ser uma entidade inovadora na gestão do património cultural, por ser uma instituição responsável por uma heterogeneidade de setores patrimoniais, muitos considerariam que seria ingovernável e não permitiria desenvolver a museologia nacional com o empenho que as necessidades da área requerem<sup>11</sup>. Nesse contexto, e num momento em que o país beneficiava já da sua primeira Lei de Bases do Património Cultural Português (Lei n.º 13/85, de 6 de julho), em 1991, surge o

---

<sup>11</sup> “Exatamente uma década depois de criado o IPPC, concluía-se que o modelo megalómano e centralizador inicial não só era contrário à distribuição territorial dos edifícios e demais serviços dependentes [...], como constituía um obstáculo real à indispensável articulação com outros departamentos da Administração Central já descentralizados [...] [e] autarquias” (Pinho, 2013: 47).

Instituto Português dos Museus<sup>12</sup> com o argumento de que os museus configuram “uma realidade autónoma em relação ao património cultural em geral” (Duarte, 2012: 18). Todavia, nem todos os contratempos foram solucionados, sendo que os museus dos mosteiros e os palácios nacionais não eram abrangidos pela mesma tutela. No ano de 1997, a lei orgânica do IPM é revista de modo a explicitar a responsabilidade do referido instituto, destacando a reflexão dos critérios para o progresso museológico e, nomeadamente, o estabelecimento de uma futura Rede Portuguesa de Museus, com o propósito de prestar apoio técnico, formativo e financeiro e de credenciar os museus portugueses, valorizando, desde modo, o panorama museológico nacional. Deste modo, em 2000, é criada a Estrutura de Projeto da Rede Portuguesa de Museus (RPM) que, em 2007, se funde com o novo organismo Instituto dos Museus e da Conservação, I.P. (IMC)<sup>13</sup>. Teve um sucesso inquestionável, sendo que em maio de 2011, estariam certificados 137 museus – número que à presente data ascende a 165.

São, também, de extrema importância os fundamentos expressos no *Código Deontológico do ICOM*, na sua versão revista em 2004, mas sobretudo a Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, “que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural” e a Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto (Lei-Quadro dos Museus Portugueses) que “institucionaliza a RPM” (Duarte, 2012: 23). Estas “premissas basilares” consignam a incumbência das tutelas “na sua dotação com os adequados recursos financeiros e a destes no controlo sobre o conteúdo e integridade dos seus programas, bem como o entendimento das instituições museológicas à luz das normas internacionais e das nacionais delas decorrentes” (Pimentel, 2019: 108).

Felizmente, a política museológica portuguesa está em constante evolução e aprimoramento – o que se pode reconhecer como coerente, considerando que as

---

<sup>12</sup> Com o IPM, “Pela primeira vez [...] os museus [portugueses] ganhavam autonomia administrativa, o que fazia antever um futuro próspero e a todos os níveis promissor”. A primeira lei orgânica deste Instituto (Decreto-Lei n.º 278/91, de 9 de agosto), admitia “a existência de uma ciência própria e coerente transversal a todo o setor museológico, fundada em princípios teóricos comuns, [...] que justificavam a autonomização dos museus das restantes manifestações patrimoniais, tanto de um ponto de vista técnico-administrativo, como em termos de enquadramento jurídico e de independência orçamental” (Pinho, 2013: 49).

<sup>13</sup> Resultante da fusão do IPM com o Instituto Português da Conservação e Restauro (IPCR), visava executar a política museológica nacional e reforçar a RPM.

conjunturas democráticas são relativamente recentes – e, como foi possível constatar anteriormente, a “institucionalização da tutela do património cultural não foi nunca um assunto pacífico, estando ainda por encontrar o melhor modelo a adotar” (Pinho, 2013: 34). O organismo do Ministério da Cultura que hoje define a política museológica atual é a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)<sup>14</sup>, sendo o principal “responsável pela gestão do património cultural em Portugal continental” que assume a missão de assegurar “a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que integrem o património cultural imóvel, móvel e imaterial do país” (DGPC, s.d.).

Naturalmente, a transição de um estado ditatorial para um estado democrático impacta um país de forma drástica, e os princípios e práticas museológicas não são exceção. A evolução observada dentro da área nos últimos 49 anos é inegável e acreditamos que o património tem métodos de valorização e salvaguarda mais eficazes na atualidade. As transformações ocorridas entre 1974, e a contemporaneidade denotam, acima de tudo, um desejo constante de melhorar as condições museológicas; mesmo que as instituições e as organizações tenham praticado diversos modelos de centralização e de autonomização das diferentes áreas do património cultural e sido, por vezes, alvo de alterações repentinas e pouco compreendidas. No entanto, mesmo havendo falta de recursos, a passagem do tempo demonstra uma progressão na área que indicia continuação.

Resumidamente, durante a ditadura, também os museus em Portugal eram usados como veículos de propaganda do Regime (que tinha forte influência sobre os conteúdos das exposições, expressando preferência pelas narrativas que vangloriavam o passado do país), mais centrados nas coleções do que nos públicos. Apesar de o MNAA decair deste facto, a maioria das instituições museológicas renegavam para segundo plano a vertente educativa, que hoje se entende como indispensável, e não estimulavam a

---

<sup>14</sup> Criada em 2012, com orgânica aprovada pelo Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio, a Direção-Geral do Património Cultural sucedeu, genericamente, nas atribuições do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I. P., do Instituto dos Museus e da Conservação, I. P. e da Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo. Com extinção anunciada, a DGPC dará lugar, a partir de janeiro de 2024 a duas entidades distintas: o Património Cultural, I.P. (Decreto-Lei n.º 78/2023, de 4 de setembro) e a Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. (Decreto-Lei n.º 79/2023, de 4 de setembro).

reflexão e o pensamento crítico dos visitantes, muito menos assumiam um papel interventivo na sociedade e apelavam à participação das comunidades. Para além disso, grande parte da população também via os museus como instituições elitistas e não os frequentava com regularidade (Elyseu, 1974). Após a implementação da democracia, as instituições portuguesas tornaram-se mais autónomas, livres de censura e puderam investir em narrativas e perspectivas diversificadas. A interação e a opinião do público tornaram-se determinantes para o prestígio dos museus, que passaram a ser espaços promotores de educação, partilha de informação e lazer. Eventuais colaborações com instituições internacionais tornaram-se mais acessíveis, e discussões globais sobre museologia aconteciam com maior frequência – factos que se traduziram numa postura inovadora e mais ousada, e na natural evolução das práticas museológicas do país. A viragem à democracia e a integração de Portugal na União Europeia são exemplos da quebra desse isolamento, e um incentivo inicial para a adesão a tendências externas e reformadoras.

## CAPÍTULO II – Museu Nacional de Arte Antiga – História Sucinta

### 2.1. HISTÓRIA PRÉ-DEMOCRÁTICA DO MNA

O Museu Nacional de Arte Antiga (MNA) [Fig.3], cuja data de inauguração não é consensual, é considerado o primeiro grande museu de arte público em Portugal. Ocupa um edifício do século XVII, o sofisticado Palácio dos Condes de Alvor, também conhecido por Palácio Alvor-Pombal [Figs. 4 e 5] (que, na época, era reconhecido pelas suas inconfundíveis “Janelas Verdes” – sendo esta uma denominação surgida de entre conversas do povo lisboeta<sup>15</sup>, que ainda hoje perdura em forma de prosónimo para aquela área da cidade, e que dá nome à Rua). Conservada no seu exterior, é possível identificar a traça original do edifício, com a fachada característica de um palácio seiscentista. Uma das extensões do Museu corresponde à Capela das Albertas<sup>16</sup> [Fig.6], originalmente pertencente ao Convento de São Alberto das Irmãs Descalças de Nossa Senhora do Carmo – o primeiro convento carmelita feminino fundado em Lisboa durante o terceiro quartel do século XVI e que em 1890 passou a ser propriedade do Estado. A entrada principal do Museu é feita pela fachada que dá para o Jardim 9 de Abril, um característico jardim público lisboeta. Ao corpo primitivo do palácio e da contígua Capela das Albertas, acrescentou-se uma edificação dos finais da década de 1930, a que se chama “Anexo”.



**Figura 3** – *Entrada Principal do Museu Nacional de Arte Antiga (2023) | © MA*

---

<sup>15</sup> Em 1943, Norberto de Araújo escreve: “E lá estão, ainda, as janelas verdes, de varões grossos, numa fileira simétrica corrida, dominando os portais armoriados” (Araújo, *apud* Aurélio, 2016).

<sup>16</sup> A Capela das Albertas constitui um exemplo de sucesso na integração de um interior religioso barroco português. Vista de fora, mantém uma fachada austera. No entanto, no interior, aprecia-se uma decoração sumptuosa com talha dourada e azulejo. Esta é a única secção sobrevivente do antigo Convento, sendo que os edifícios que restavam foram danificados durante o terramoto de 1755, e acabaram por ser demolidos durante a década de 1910 (Porfírio, 1994).



**Figura 4** – *Palácio de Alvor-Pombal (1959)* | Fonte: [Lisboa de Antigamente](#) | © Armando Serôdio

**Figura 5** – *Palácio de Alvor-Pombal (2015)* | Fonte: © (Martins, 2015)



**Figura 6** – *Capela das Albertas* | Fonte: © (Porfírio, 1994)

O Museu alberga a mais relevante coleção pública de arte antiga do país, com peças que vão do século XII ao XIX, oriundas de várias parte do mundo, nomeadamente da Europa, da África e do Oriente, e que se distinguem em diversas tipologias como Pintura, Escultura, Ourivesaria, Desenho e as comumente designadas Artes Decorativas, entre outras. Os atuais núcleos edificados integrantes do Museu são o Palácio, onde se encontram as coleções europeias, e o Anexo, onde se expõem as coleções de artes portuguesas e as coleções de artes não europeias.

Mas é necessário recuar à altura da Revolução Liberal, ocorrida a 1834, aquando da extinção das ordens religiosas e consequente nacionalização dos seus bens, para compreender a origem conventual de um número muito significativo de obras – grande parte pintura portuguesa e alguns exemplares de pintura europeia, sobretudo de origem flamenga e espanhola – nas coleções do MNAA.

A 18 de maio de 1834, após a vitória dos liberais na Guerra Civil, foi anunciado o decreto que determinou a extinção dos conventos masculinos e femininos, estes últimos depois de falecerem as últimas freiras. Como novo poder político, este regime assumiu a

“responsabilidade de um enorme volume de bens culturais móveis, eminentemente simbólicos, para inventariar, reunir e conservar”, tarefa que adjudicou à Real Academia de Belas-Artes – instituição fundada em 1836, como “outro produto do liberalismo nascente” (Porfírio et al., 1999: 36). Neste contexto, ao contrário dos espólios dos grandes museus nacionais europeus que se iniciaram, quase todos, através de coleções reais, este espólio era constituído pelos bens confiscados aos conventos portugueses nacionalizados.

Em 1836, foi fundada a Galeria Nacional de Pintura no Convento de São Francisco da Cidade (que alberga a atual Faculdade de Belas-Artes de Lisboa), “como subsidiária da Academia de Bellas-Artes” (Holstein, *apud* Manaças, 1991: 16). O acervo de obras de arte que ali foi reunido será o núcleo de obras original da Galeria Nacional de Pintura, que abriu ao público em março de 1868, “graças aos esforços do Marquês de Sousa Holstein, vice-presidente da Academia”. Esta é considerada a “primeira referência individual para uma leitura da história do Museu Nacional de Arte Antiga e da museologia em Portugal” (Manaças, 1991: 6–16). Nesse sentido, as obras eram, inicialmente, exibidas e mantidas no Convento; no entanto, por razões associadas ao estado de degradação e às poucas disposições que o edifício proporcionava, foi decidido trasladá-las para outro local. Para além da ambição de ser finalmente criado um Museu Nacional em Portugal (que ainda não existia, ao contrário do que acontecia com outros países europeus), a mudança de instalações deveu-se, também, a um problema que persiste desde a origem do Museu e que, apesar do esforço investido por parte dos seus vários Diretores ao longo dos séculos, aparenta não ter resolução: a falta de espaço – quer para abranger a totalidade das coleções, quer para proporcionar as condições básicas de funcionamento museológico que uma instituição desta notoriedade requer. Como José Luís Porfírio esclarece, a necessidade de transição do espaço era uma problemática clara:

*Vinham já de longe as queixas quanto às péssimas condições do antigo Convento de S. Francisco, onde se encontravam a Academia e as coleções do Estado. Afirmava-se, já em 1856, que essas instalações eram “mais próprias para cadeia pública ou para carneiro sepulcral que para quaisquer exposições públicas, quanto mais de Belas-Artes”. Em 1875, as opções eram ou a construção de raiz ou “encontrar na capital um edifício que pudesse ser*



*apropriado para os museus centrais, sem necessidade de levantar expressamente uma construção para tal efeito destino”. Foi o que aconteceu, alugando-se à família Pombal, em 1879, por um prazo de trinta anos, o Palácio Alvor, que ficaria até hoje ligado à história do Museu. (Porfírio et al., 1999: 37)*

O Palácio Alvor-Pombal [Fig. 7], edifício que se selecionou para acomodar o MNAA, foi mandado construir em 1690, pelo primeiro Conde de Alvor D. Francisco de Távora, antigo vice-Rei da Índia. Localizado junto do rio Tejo, constituído por “um grande corpo retangular”, com um pequeno jardim [Fig. 8], que beirava a igreja e restantes “construções de um convento de Carmelitas Descalças dedicado a Santo Alberto”. (Porfírio et al., 1999: 37).



**Figuras 7 e 8** – Palácio Alvor-Pombal (1939) e Jardim (1946) |

Fontes: [Lisboa de Antigamente](#) e [Arquivo Municipal de Lisboa](#) | © Eduardo Portugal e © Horácio Novais

Em 1759, após o Processo dos Távoras<sup>17</sup>, o Palácio foi apreendido e leilado. Assim, durante o remanescente do século XVIII, foram nele residentes o embaixador alemão Conde de Melch; o cônsul holandês Gabriel Gildemeester; e Paulo de Carvalho e Mendonça, irmão de Marquês de Pombal, figura principal na perseguição dos Távoras. Em 1875, o Palácio “acabou por ser arrendado pelo Estado na sequência dos trabalhos de uma comissão de académicos [...] para estudar uma reforma do ensino artístico e a consequente criação de um serviço de museus” (Porfírio et al., 1999: 37), sendo essa a origem do local que se conhece atualmente.

Assim, a 12 de dezembro de 1884, inaugurou-se o “Museu Nacional de Bellas-Artes e Archeologia” no Palácio dos Condes de Alvor, como uma instituição dependente da

---

<sup>17</sup> Julgamento decorrente das investigações secretas realizadas pelo Marquês de Pombal sobre os membros da família Távora, sob a acusação do assassinato do rei D. José I. A 13 de janeiro de 1759, foram “sujeitos a tortura, suplício e humilhação pública antes de serem decapitados e os seus corpos reduzidos a cinzas” (Pinto, 2017).

Academia. Sabe-se que o local passou por diferentes fases de organização desde os primórdios da sua história. De acordo com José Luís Porfírio (Bona, 1999), António Thomaz da Fonseca<sup>18</sup> (1822 – 1894), investiu numa organização cronológica do espaço, que veio a ser alterada pelo seu sucessor, António José Nunes (1840 – 1905), com uma organização por escolas – que, por sua vez, acabou por ser considerada pouco eficiente e retrógrada face à estratégia inicial.

Em 1882, por seis meses, decorreu no espaço do Museu a “Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola” [Fig. 9], onde foram apresentadas “obras de arte ornamental e decorativa produzidas nos dois países”, oriundas de coleções particulares portuguesas e da família real, das coleções reais espanholas e do Museu de South Kensington de Londres, “que em 1881 organizara uma exposição de igual tema” (Porfírio et al., 1999: 38). Com extraordinário mérito, este evento marca o arranque do Museu Nacional de Belas-Artes e Arqueologia, e é o mais visitado na história de todo o MNAA – tendo recebido cerca de 100.000 visitantes, numa cidade que teria pouco menos de 300.000 habitantes, na época. Para além de ter vindo contribuir para a beneficiação do local, por se terem feito obras em função da sua instalação e concretização, esta exposição mostrou que o “património português tinha uma espessura tão grande, que era tempo de pensar a sério” na criação de um museu (Pimentel *in* Pinheiro, 2010).



**Figura 9** – Inauguração da “Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola” |

Fonte: (Martins, 2017) | © António Ramalho

Em 1911, com a Lei de 26 de maio, as coleções do Museu Nacional de Belas-Artes e Arqueologia foram divididas: foi criado o Museu Nacional de Arte Antiga que se

---

<sup>18</sup> Em 1878, Thomaz da Fonseca foi nomeado Diretor da Academia de Belas-Artes de Lisboa e, em 1882, ocupou o mesmo cargo no Museu Nacional de Bellas-Artes, após a sua criação (C.A., 1895: 8).

manteve no mesmo local, no Palácio Alvor-Pombal, ficando encarregado das obras de arte que datavam até meados do século XIX (1850); as posteriores, que tinham antiguidade inferior a cem anos, foram transferidas para o Museu Nacional de Arte Contemporânea, no Chiado.

Neste sentido, o MNAA que hoje se conhece, despontou em 1911, sob a Direção de José de Figueiredo (1872 – 1937 / dir. 1911 – 1938). Foi ele quem teve a iniciativa de reorganizar as coleções segundo os critérios museológicos da época, que estavam a ser adotados na Europa; o que incentivou o Museu a nivelar-se pelos seus pares europeus. Em 1910, com a implantação da República Portuguesa, a coleção do Museu expande-se, como resultado da incorporação de um conjunto de objetos originários de palácios reais, de paços episcopais e catedrais, resultante da aplicação da lei de separação das Igrejas do Estado, por ordem jurídica. Com a primeira República, novas leis também impulsionaram a atividade do Museu, permitindo a aquisição de objetos em *open market*. No contexto desta nova dinâmica, José de Figueiredo fundou e promoveu o Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga (GAMNAA)<sup>19</sup>, uma organização constituída por patrocinadores de arte eminentes, que ofereceu grandes contribuições e apoio para o aumento das coleções do MNAA ao longo dos anos, que se perpetua até hoje (Porfírio, 1994).

Foi, também, decisão do primeiro Diretor fixar a localização atual da instituição, promovendo projetos de expansão do Palácio que equacionavam a adição de um anexo poente, concretizados na obra arquitetónica da autoria de Guilherme Rebello de Andrade (1891 – 1969), no final da década de 1930. Desde os anos 70 do século XIX, discutia-se a possibilidade de ser construído um edifício de raiz; no entanto, acabou por prevalecer a opção defendida por José de Figueiredo – que Porfírio (1999) considera ter sido a menos acertada, tendo em conta a questão da falta de espaço que, como já referido, ainda hoje subsiste.

---

<sup>19</sup> Fundado em 1912, o GAMNAA “contribuiria activamente para o enriquecimento do acervo do Museu, devendo-lhe obras hoje consideradas de referência, a par de espólio bibliográfico e documental” (Pimentel, 2019: 54). Em sua honra comum, a organização de duas exposições temporárias pode ser considerada: “Valores de Cultura” (2008 – 2009) e “De Amicitia” (2012). Lembrando que ocorreram outras mostras inteiramente dedicadas a peças doadas pelo Grupo ou a ex-membros, nomeadamente “Coleccionar. O Legado de Barros e Sá” (1984) e “Uma Doação do GAMNAA” (2020).

*As razões apresentadas por José de Figueiredo não se ligavam apenas à necessidade de encontrar espaço para expor as obras de arte «que, pelo seu grande valor, não podem continuar longe do público» como também ao facto de considerar que o museu é «factor de turismo» e «elemento de cultura» importante. (Manaças, 1991: 52)*

Apesar de ter sido um dos contestadores da ideia da adaptação do Palácio Alvor-Pombal para albergar o MNAA, foi durante a Direção de João Couto (1892 – 1968 / dir. 1938 – 1967), que o Anexo foi construído<sup>20</sup>. A sua edificação começou em agosto de 1938 e terminou em fevereiro de 1940. A alteração ao projeto inicial realizada pelo Diretor, passou por tornar o Museu “num Centro de Estudos de Arte em que a função pedagógica fosse um dos seus importantes campos de acção” (Manaças, 1991: 8). O Anexo – cuja planificação foi ineditamente concebida com fins exclusivamente museológicos (Monteiro, 2017), uma vez que, até à data, todas as áreas do Museu apenas tinham sido sujeitas a adaptações –, é um “gigantesco cubo dividido em três pisos dedicados a exposição e um outro, para reservas”. A sua inauguração foi demarcada pela apresentação das mostras “Primitivos Portugueses. 1450 – 1550” [Figs. 10 e 11] e “Exposição de Moldagens de Escultura Medieval”, no dia 11 de junho de 1940.



**Figuras 10 e 11** – *Exposição “Primitivos Portugueses. 1450 – 1550”* | © Alvão, Lda.

*Nota.* Imagens encontradas em (Nunzio, 2022)

---

<sup>20</sup> Após o término da perpetração das obras de ampliação do edifício, João Couto desoprimiu: “Já escrevi [...] a respeito das desvantagens da utilização de antigos palácios para galerias públicas de obras de arte, especialmente pinacotecas. Diante do facto consumado, irreparável pelo menos durante uma geração, não vale a pena voltar a insistir em tal tema” (Couto *in* MNAA, 1950: 13).

Comissariada por Reynaldo dos Santos (1880 – 1970), a exposição “Primitivos Portugueses” foi uma representação e “grande afirmação pública da qualidade e variedades da Escola Portuguesa de Pintura” (Porfírio et al., 1999: 41). É de destacar que, como todas as outras ocorridas durante o Estado Novo, esta mostra teria recebido “indicações precisas sobre a escolha da temática e do local no Museu onde a mesma iria decorrer” (Monteiro, 2017: 105). O facto de a data coincidir com a “Exposição do Mundo Português” não terá sido um acaso; inscrevendo-se nas Comemorações do Duplo Centenário da Fundação da Nacionalidade e da Restauração, as temáticas dos eventos entrecruzavam-se e (como seria sensato considerar) complementavam-se:

*Tal temário adequava-se plenamente aos propósitos identitários e de exaltação nacionalista que tinha a arte como uma função de endoutrinamento, sobretudo uma arte cuja identidade se definisse pelos “requisitos” da sua portugalidade, vindo assim comprovar – uma vez mais – a relação de interdependência entre as exposições e os regimes através do “uso” da história e da memória. Assim, a exposição [...] revelou-se como a ocasião para uma nova (re)descoberta da arte produzida em Portugal na época dos Descobrimentos, e para o País exaltar a sua condição de potência ultramarina num tempo adverso à política colonial. (Monteiro, 2017: 106–107)*

Ao longo da década de 40, decorreram outras obras que permitiram remodelar o Palácio e implementar “novas salas de exposição, [...] o Gabinete de Estampas, um Auditório e uma Biblioteca”, bem como uma Galeria de Exposições Temporárias, de forma a apaziguar as “preocupações de João Couto com o público e a comunicação” (Porfírio et al., 1999: 41).

## **2.2. HISTÓRIA PÓS-DEMOCRÁTICA DO MNA**

Neste capítulo, focar-nos-emos não só nas análises expositivas (e na historiografia a elas inerente), mas também noutras questões relacionadas com o contexto democrático, já dentro do tópico das Direções. Serão analisadas a prestação geral e as determinações com maior destaque e que mais impacto causaram em cada Direção, que aproveitadas e ampliadas, transformadas ou totalmente rejeitadas por cada administração que se seguia, traçam uma história que agora procuramos delinear. Esta abordagem inicial visa,

apenas, estabelecer as bases para uma compreensão mais fundamentada dos desenvolvimentos que ocorreram no Museu durante a transição do contexto ditatorial para o democrático. Assim, começamos esta reflexão com a seguinte citação:

*O “museu democrático” do fim do século XX [...] acabou por estar dependente dos grandes acontecimentos culturais que do seu espaço — e da reconhecida importância como instituição cultural — se serviram, circunstâncias exógenas que acabaram por obrigar à sua transformação contínua. (J. A. S. Carvalho & M. J. V. Carvalho in Carvalho & Soromenho, 2019: 191)*

Esta perspetiva descreve aquela que foi a necessidade de transformação do MNAA ao longo do final do século XX, de modo a adaptar-se à nova realidade política e às necessidades da sociedade portuguesa que, naturalmente, teria expectativas sobre uma instituição de tal ordem. A expressão “grandes acontecimentos culturais” refere-se a eventos importantes e extraordinários que tiveram lugar no Museu – como, por exemplo, um dos núcleos expositivos da *XVII Exposição de Arte, Cultura e Ciência do CE* – e que marcaram não só a história da instituição, como a atividade museológica do país (que se foi atualizando, como foi aludido anteriormente [*vide* subcapítulo 1.1.2]). Este tipo de iniciativas ditam a pertinência do MNAA como organismo cultural, cujo estatuto e prestígio se tem mantido de forma consistente ao longo dos séculos.

### **2.2.1. INÍCIO DA DEMOCRACIA: 1975 – 1990**

No que diz respeito às Direções, existem alguns aspetos que se podem salientar em relação a este novo contexto. Com Maria José de Mendonça (dir. 1962 – 1975), por exemplo, entre 1973 e 1975, foram “empreendidas obras de beneficiação nas salas do primeiro piso do Palácio. [...] Neste mesmo período esteve exposta [...] na primeira sala da galeria de exposições temporárias uma pequena mostra composta por 10 pinturas” do século XV e XVI<sup>21</sup>. (Monteiro, 2017: 117).

---

<sup>21</sup> Esta exposição temporária, apesar de se ter prolongado até 1975, não foi contabilizada no nosso levantamento, por ter tido início antes de 25 de abril de 1974.

Em 1976, apesar de o Museu Nacional de Arte Antiga ter ambicionado ajustar a sua programação ao novo contexto político português, tentava, simultaneamente, combater algumas condicionantes que impediam a concretização total desse plano. Nesse ano, o MNAA ainda não tinha nomeado um Diretor – realidade que persistia desde a aposentação de Maria José de Mendonça, em janeiro de 1975. Por essa altura, a equipa do Museu era constituída por Maria Alice Beaumont (1929 – 2004), que assumia as funções diretivas e que, futuramente, se tornaria a terceira Diretora com o maior tempo de administração da história do MNAA; Maria Helena Mendes Pinto (1923 – 2018), responsável pela coleção de Mobiliário; Sérgio Guimarães de Andrade (1946 – 1999), responsável pela coleção de Escultura e das exposições itinerantes; José Luís Porfírio (n. 1943), responsável pela divulgação e atividades culturais; Madalena Cabral (1922 – 2015), responsável pelo Serviço Educativo (cargo que mantinha há 21 anos); e Rafael Salinas Calado (1937 – 2006), responsável pela coleção do Museu do Azulejo (na altura, anexo ao MNAA) e projetista das exposições. Maria Alice Beaumont (dir. 1975 – 1990) assumia que a missão desta equipa era “colocar o Museu ao serviço do público”, mas que se sentiam dificuldades relativamente à falta de espaço<sup>22</sup>. Apesar de esta situação ser antiga e conturbada, não se previam mudanças de localização, e só restava aproveitar os espaços verticais (Fernandes & Pinheiro, 1976).

No seguimento dessa problemática e no contexto da organização da *XVII Exposição*, em 1982, o MNAA passou por uma enorme reforma que envolveu a primeira grande intervenção estrutural do Anexo, cuja construção data de 1939. Estas obras de requalificação, da autoria do arquiteto João de Almeida (1928 – 2020), decorreram até abril de 1983 e obrigaram à exibição de duas mostras temporárias, de modo a não desapossar o público de aceder às peças escolhidas (MNAA, 1982). Ambas as exposições aconteceram em 1982: “Pintura Luso-Flamenga”, que apresentou obras dos pintores flamengos Frei Carlos de Lisboa († 1540) e Francisco Henriques († 1518); e

---

<sup>22</sup> Na época, foi feita uma pequena interação com o público, onde foi apresentado um conjunto de maquetes que projetavam duas hipóteses para o preenchimento da Galeria de Pintura (que se encontrava vazia por necessitar de obras). Apesar de não ter tido muita adesão, essa iniciativa pretendia envolver os visitantes interessados e demonstrar que o arranjo daquele espaço seria para o benefício de todos. Esta é uma das primeiras iniciativas do MNAA que se distingue do que era feito no contexto político anterior. Eventualmente, insistiu-se num projeto maior para solucionar a questão da Pintura: parte dessas obras (cerca de 60) foram apresentadas numa exposição provisória, que se baseou numa organização cronológica, tal como foi feito com a exposição dita permanente; procurou-se, acima de tudo, dar um panorama completo da coleção de pintura estrangeira do Museu (Fernandes & Pinheiro, 1976).

“Pintura Portuguesa do Século XV ao XIX”, que abrangeu uma seleção de pinturas portuguesas dos séculos nomeados em título, pertencentes à coleção do MNAA, e que permitem uma análise das tendências e escolas pictóricas portuguesas ao longo dos anos.

Após essas intervenções, o Anexo passou a contar com três pisos que se distribuíam e alojavam diferentes narrativas e tipologias de objetos – nomeadamente as coleções de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Cerâmica, Vidros e Mobiliário<sup>23</sup> – nos espaços criados e dedicados para a sua exposição permanente. Esta foi uma intervenção “que em muito contribuiu para a consolidação da imagem que o Museu mantém” (Monteiro, 2017: 117). Nesse sentido, e de forma a aprimorar a distribuição das coleções, em dezembro de 1984, o MNAA iniciou um programa de alargamento expositivo – visto que, devido às obras mencionadas, este tinha sido temporariamente alterado e reduzido. Para além da abertura do Anexo, foram também disponibilizadas ao público as visitas à Capela das Albertas e ao presépio do Marquês de Belas – que foram, igualmente, alvos de ações de restauro (MNAA, 1984).

A intervenção realizada nos espaços do Museu, a propósito da *XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura*, impossibilitou a utilização das salas de exposição temporárias até ao ano de 1986. A partir dessa altura, as exposições de organização interna passaram a ser mais frequentes; no entanto, foi muito elevado o número de cedências temporárias de objetos para entidades exteriores. Por entre os registos da atividade da instituição nesses quatro anos, que se encontra sumariada no relatório da tutela do ano de 1989, é lembrado que “a simples cedência de peças representa um dispêndio de esforços e ocupação de tempo que oneram a rentabilidade de trabalho do próprio Museu” e que o “desgaste e riscos que estas frequentes deslocações podem trazer, embora compensadas pela divulgação não só do Museu como do País” não devem ser ignorados. (MNAA, 1989a: 14) Em 1989 deu-se, ainda, uma revisão do inventário das coleções do Museu (MNAA, 1989b).

---

<sup>23</sup> Até então, os móveis da coleção do MNAA serviam apenas para mobilar as salas de pintura e eram negligenciados como objeto expositivo, não tendo a sua autonomia. Quando foram feitas as obras para a expansão do Museu, após a criação do piso intermédio no Anexo, Maria Helena Mendes Pinto criou um espaço dedicado à exposição do mobiliário, renovando a perspetiva existente sobre esses objetos museológicos (RTP 2, 2022).



### 2.2.2. FINAL DO MILÉNIO: 1990 – 2000

O ano de 1990, é considerado um dos mais negativos na história do MNAA. “O contínuo agravamento da situação orçamental”, “que se traduziu em falta de manutenção” do edifício e na “instabilidade do pessoal”, bem como a saída de Maria Alice Beaumont – que não chegou a ver concluídas as obras pelas quais lutara cerca de dez anos –, contribuíram para essa circunstância (MNAA, 1990: para. 1-2).

Numa reviravolta da situação anterior, durante a administração de Ana Maria Brandão (dir. 1990 – 1996), deu-se a criação do IPM, em 1991, que “teve como consequência uma política de requalificação técnica dos espaços dos Museus” e que levou à “última grande campanha de obras” no MNAA. Ainda com projeto de João de Almeida, a área dedicada às exposições temporárias foi duplicada, o que permitiu planear projetos expositivos mais ambiciosos e reinstalar o Gabinete de Estampas (hoje, Gabinete de Desenhos e Gravuras), os serviços técnicos e administrativos e zonas para arrumação de materiais. Houve, também, “uma maior preocupação com as práticas de exposição ao nível da concepção dos catálogos e respectivos conteúdos” devido “ao investimento feito nas áreas da formação e especialização em história da arte e da museologia”. Ademais, estas obras vieram contribuir para o investimento da organização do Anexo, “destinando-se as salas do terceiro piso à Pintura e Escultura, passando estas a dispor, pela primeira vez na história do Museu, de espaço específico e de uma exposição de longa duração” (Monteiro, 2017: 119).

Ainda no ano de 1991, reabriram-se os espaços permanentes dedicados à exposição das coleções de Pintura e Escultura Portuguesas do Museu. A Pintura instalou-se na galeria predestinada a esse propósito (que possuía, agora, uma fonte de luz zenital) e a Escultura, no átrio / claustro principal do piso 3, que resultara das alterações feitas a propósito da *XVII Exposição*. Nesse ano, destaca-se ainda a participação do MNAA em exposições externas, nomeadamente a *Europalia 91’ – Portugal*<sup>24</sup> e a *Circa 1492*<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Criado em 1969, o festival bienal *Europalia* elabora um programa cultural e artístico multidisciplinar em torno de um país ou tema, a ser apresentado na Bélgica durante quatro meses. Em 1991, o país eleito foi Portugal.

<sup>25</sup> Iniciativa de intercâmbio de peças, onde foram expostas algumas obras de museus portugueses nos EUA, em Washington (incluindo uma das tábuas dos *Painéis de S. Vicente* de Nuno Gonçalves, do MNAA). Em troca, foram exibidas em Lisboa várias obras da coleção da *National Gallery*.

(MNAA, 1992: para 1–4), eventos que vieram promover imensamente o património cultural português.

Posteriormente, durante a Direção de José Luís Porfírio (dir. 1996 – 2004), foram feitas alterações à exposição de longa duração de Pintura Portuguesa, que se organizava por épocas, selecionando-se para exposição, na Pinacoteca Europeia, 29 pinturas portuguesas do século XV ao XIX e acentuando o percurso com núcleos cronológicos de Artes Decorativas e algumas esculturas dos séculos XV–XVI e XVI–XVII (Porfírio *apud* Monteiro, 2017). Sobre esse assunto, na entrevista<sup>26</sup> que realizámos, o ex-Diretor refere brevemente algumas das suas intenções:

*A minha Direção foi uma altura em que tinha havido uma série de grandes modificações no aspeto físico do Museu e na distribuição das coleções. Para mim, o mais importante foi reorganizar as coleções, a exposição permanente, o refazer das exposições de pintura europeia e pintura portuguesa [...] e dar a prioridade nos textos [...] a algo que acontecia muito nos museus quando se apresentava um fragmento da coleção: construir a sua história. E eu inverti a ideia, para tentar fazer, na medida do possível, a história da exposição – que é algo muito importante. A exposição dita “permanente” [...] é um rosto das intenções (oficiais, oficiosas ou da autonomia dos responsáveis diretos pelas mesmas). E isso foi conseguido. Houve uma série de roteiros feitos, e os de Pintura foram da minha autoria. (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, setembro 23, 2023)*

No ano de 2000, destaca-se a realização da exposição *Ai Confini della Terra* no *Palazzi dell'Arengo e del Podestà*, em Rimini, Itália. Este evento, baseado na escultura portuguesa, reuniu 127 obras de arte portuguesas do fim da Idade Média, com o objetivo de apresentar uma vertente desconhecida da arte nacional a um público estrangeiro. A mostra foi, posteriormente, apresentada no MNAA, sob o título “O Sentido das Imagens”. Neste ano, acrescenta-se, ainda, a “reabertura, ao fim de seis anos, da exposição [...] de mobiliário português, ficando assim praticamente concluída a exposição permanente” (MNAA, 2000).

---

<sup>26</sup> Para a leitura integral deste documento, *vide* apêndice A.

### 2.2.3. PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI: 2001 – 2010

No ano de 2001, ainda durante a Direção de José Luís Porfírio, o MNAA enfrentou desafios orçamentais significativos. As limitações financeiras não permitiram investir no programa expositivo, e a prestação geral não foi a mais otimista. No entanto, entre os meses de julho e novembro, o Museu abarcou a exposição “Outro Mundo Novo Vimos”, organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP)<sup>27</sup>, sendo descrita como um evento de “qualidade e centralidade” e que só foi possível realizar com o sustento do orçamento da referida Comissão, que não se comparava com as “possibilidades [do Museu] ou com a generosidade anual da EDP” – o principal mecenas, na altura (MNAA, 2001). A ausência deste apoio refletiu-se nos anos seguintes, quando as exposições organizadas foram de pequena dimensão e baseadas nos objetos da coleção do Museu, investindo-se na utilização da Sala do Mezanino ou da Galeria de Exposições Temporárias, de forma módica (MNAA, 2002).

Em 2005, com a entrada de Dalila Rodrigues (dir. 2005 – 2007) na Direção, a organização das atividades decorridas dependeu muito do envolvimento de toda a equipa do MNAA, como meio de combater a falta de recursos (materiais e humanos) sentida nos anos precedentes. Sobre isso, a ex-Diretora refere, no Relatório de Atividades desse ano, que “o significativo aumento de público e o reforço da programação sem correspondente reforço orçamental, são disso um reflexo” (Rodrigues *in* MNAA, 2005: para. 1-2). A sua saída do cargo de Diretora, que se deu por ordem do IMC e do Ministério da Cultura, gerou muita polémica e ainda hoje é um caso comentado, por ter sido, aparentemente, uma administração favorável:

*Durante a sua gestão, [...] o Museu Nacional de Arte Antiga duplicou o número de visitantes. Em 2003 passaram pelo museu das Janelas Verdes 71.973, em 2006 os visitantes foram 192.452. Pela mesma ordem de comparação, antes e*

---

<sup>27</sup> Organismo público criado em 1986 pelo Decreto-Lei n.º 391/86, de 22 de novembro, e integrado na Presidência do Conselho de Ministros, com o propósito de reforçar a “preparação, organização e coordenação” dos eventos relativos “às celebrações dos descobrimentos portugueses do século XV”. Foi extinto a 31 de maio de 2002 (Arquivo Nacional Torre do Tombo, 2008).

*depois da sua direcção, as receitas da instituição passaram de 250 mil euros, em 2003, para um milhão e 109 mil euros, em 2006. (Expresso, 2007)*

Na altura, “cerca de seis dezenas de pessoas participaram numa vigília contra o [seu] afastamento” (Lobo, 2007a). A historiadora alega que foi afastada do cargo devido a discordâncias ideológicas tendo, a maior, que ver com o modelo de gestão dos museus e, principalmente, do MNAA. Um dos seus argumentos baseou-se no facto de que o Museu, sendo “o mais importante do país”, devia ter uma maior “capacidade de programação e de potenciamento de verbas”. Defende, ainda, as exposições que organizou, nomeadamente aquelas que envolveram investigação – e destaca casos como “Grandes Mestres do Desenho na Coleção do MNAA” (2006), “Frei Carlos: O Belo Portátil” (2006 – 2007) e “O Tapete Oriental em Portugal” (2007 – 2008) (*vide* Apêndice E) – assumindo que fez apenas duas exposições “de pacote”. Afirma, quando questionada sobre o seu legado no MNAA, o seguinte:

*Preocupei-me com o edifício, o plano de actividades e a colecção. O mais difícil foi requalificar o museu. Mas a Sala Germain, a fachada da Capela das Albertas e a entrada foram restauradas, ou quase. [...] [Deixei] Todos os espaços expositivos a funcionar. Já não há alcatifas rotas, as paredes estão limpas, não há tectos a cair, os pavimentos estão afagados. Mas o mais relevante é esta discussão pública em torno do modelo de gestão. (Rodrigues apud Canelas, 2007)*

Com Paulo Henriques (dir. 2007 – 2010), a estratégia de programação do MNAA diferiu, comparativamente à anterior. Quando tomou posse do cargo, apesar de elogiar o aumento do número de visitantes e a requalificação dos espaços resultantes das estratégias de comunicação e de gestão de Dalila Rodrigues, o ex-Diretor mostrou-se discordante em relação à organização museográfica e conceptual da exposição permanente e a falta de prioridade conferida à investigação das coleções do Museu, explicando que essa lacuna não facilitaria o planeamento de novas exposições nos anos seguintes. Acrescentou que o maior problema do MNAA tinha que ver com o elevado número de “reformas dos quadros técnicos sem possibilidade de substituição” – em outubro de 2007, o Museu contava com 89 trabalhadores, sendo que 16 tinham

contratos precários, tarefeiros e com duração de três meses (condição que abrangia, sobretudo, vigilantes e rececionistas) (Lobo, 2007b).

Em relação à programação, importa referir a mostra *Museum*, de Rui Sanches (a única que estaria programada para o ano de 2008, segundo as palavras de Paulo Henriques). Sobre ela, refere que teria de “ser negociada em função do quadro financeiro” e seria considerada pela sua categoria de projeto “em carteira”; no entanto, não a julgava prioritária, por ser de tipologia contemporânea<sup>28</sup>. De modo a resguardar a programação expositiva para o ano de 2008, o ex-Diretor enveredou por uma estratégia que envolvia a comunicação com académicos que tivessem “boas teses de mestrado e doutoramento” sobre a coleção do MNAA, de modo a elaborar exposições com base nessas investigações. Tencionou, ainda, organizar uma exposição internacional em 2009, ambição que se concretizou, com a mostra *Encompassing the Globe* ou, com o seu título português, “Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII”, que em muito afetaria o orçamento do Museu. Tal como acontecera com Dalila Rodrigues, a saída de Paulo Henriques deu-se por ordem da tutela, que esclareceu que da decisão não resultava uma demissão, mas de “uma não recondução” (Summavielle *apud* TSF, 2010), sendo que os cargos de Diretor de museu são equiparados aos de Diretores-gerais e podem ser alterados “sempre que muda o Executivo” (TSF, 2010).

Por outro lado, a Direção do seu sucessor, António Filipe Pimentel (dir. 2010 – 2019), foi uma das mais significativas para a história expositiva do MNAA. No ano de 2010, foram organizadas duas exposições de destaque: “A Invenção da Glória. D. Afonso V e as Tapeçarias de Pestrana”<sup>29</sup> e “Primitivos Portugueses (1450 – 1550). O Século de Nuno Gonçalves”. Ao apostar-se na monumentalidade e no valor das mesmas, pretendia-se que estas mostras fossem uma atração para o público em geral, sendo que houve um investimento na sua vertente educacional e comunicativa, e na sua promoção (tanto a nível nacional como internacional, com o apoio de organismos como o Turismo de

---

<sup>28</sup> Sobre esse assunto, refere: “A coleção vai da Idade Média ao princípio do século XIX e é óbvio que o olhar contemporâneo sobre as obras chama outros públicos - e tem visibilidade mediática, porque a crítica não está tão preparada para falar de arte antiga” (Henriques *apud* Lobo, 2007b).

<sup>29</sup> Exposição dos quatro panejamentos monumentais encomendados por D. Afonso V, que retratam a ocupação das cidades de Arzila e Tânger.

Portugal<sup>30</sup>). Ambas tiveram sucesso, contando com cerca de 55.000 visitantes cada. Destacou-se, ainda, uma nova abordagem de colaboração com outras entidades museológicas, de modo a economizar recursos e a estabelecer uma maior visibilidade por meio de parcerias – questões que desenvolveremos no próximo capítulo. Notabiliza-se, ainda, o surgimento das microexposições da “Sala do Tecto Pintado”, cuja acepção também abordaremos mais à frente (*vide* página 78).

#### 2.2.4. ATUALIDADE: 2010 – 2023

Em 2011, o empreendimento por parte de António Filipe Pimentel de exposições *ready made*, como é o caso da *Cuerpos de Dolor*<sup>31</sup>, veio alterar as estratégias programáticas conhecidas pelo Museu até então, possibilitando uma flexibilização orçamental, com menor custo de produção e curadoria. Para além disso, as exposições “chave-na-mão”<sup>32</sup> permitem implementar uma variedade conceptual e técnica na programação do Museu, vertentes inovadoras que poderão agradar a mais públicos – sendo um projeto exterior, com diferentes critérios na sua conceção – e renovar o ambiente da instituição. Também nesse ano, com a exposição “Percursos. Escultura e Pintura Portuguesas (Séculos XIII – XIX)”<sup>33</sup>, reabriu-se ao público a Galeria de Exposições Temporárias – que estava encerrada desde 2009 –, mostrando coleções cuja exposição permanente no Anexo fora desmontada em função da mostra *Encompassing the Globe*. Já no primeiro trimestre de 2012, a grande estratégia de dinamização do ex-Diretor coincidiu com o prolongamento da duração da mostra “Primitivos Portugueses” que, como veremos, revelou-se muito próspera e valiosa para a história do Museu. Para além disso, continuou-se a apostar no programa da “Sala do Tecto Pintado” – que ainda vigora atualmente. Este ano demarca, também, o início das exposições de Desenho da Sala do Mezanino (*vide* página 80). Nesta altura, o investimento mais lucrativo do MNAA pode ser considerado a aposta

---

<sup>30</sup> Como descrito no *site* oficial, este organismo é responsável “pela promoção, valorização e sustentabilidade da atividade turística” agregando “todas as competências institucionais relativas à dinamização do turismo”: (<https://www.turismodeportugal.pt/pt/Paginas/homepage.aspx>).

<sup>31</sup> Exposição de um conjunto “de ascetas, mártires, virgens dolorosas [...] [e] Cristos crucificados – de grandes mestres como Berruguete, Juan de Juni, Pompeo Leoni, Gregorio Fernández, Alonso Cano, Pedro de Mena, Pedro de Sierra ou Salzillo” (MNAA, s.d.), provenientes do Museo Nacional de Escultura de Valhadolid.

<sup>32</sup> Um projeto *ready made* ou “chave-na-mão” trata-se de um tipo de empreendimento concebido de forma a ser comercializado como um produto finalizado, pronto para uso.

<sup>33</sup> Exposição-síntese de algumas obras de escultura e pintura da coleção do MNAA.

nas parcerias com outras entidades museológicas (principalmente, as internacionais). Estas seriam aplicáveis em todas as exposições realizadas, de modo a maximizar o seu impacto e a diminuir os custos. Sobre isto, António Filipe Pimentel afirma: “Parte essencial da nova dinâmica de projecção externa de uma imagem colectiva, e de exaltação do MNAA [...], é a cada vez mais assídua colaboração com museus estrangeiros de renome, materializada em importantes mostras” (Pimentel, 2019: 51).

Segundo o ex-Diretor, no ano de 2013 visava-se consolidar o modelo de programação implementado no MNAA em 2010 – e que se faria cumprir até os dias de hoje. Este modelo refere-se, concretamente, à estratégia de planeamento e de realização contínua de exposições ao longo do ano, em oposição às antigas flutuações de “picos e depressões de visibilidade” em consequência da ausência de mostras temporárias significativas. Tendo o número de visitantes aumentado progressivamente desde 2011, defendemos esta metodologia e o seu sucesso. Para a pôr em prática, o historiador valorizou a “aliança” (Pimentel, 2019: 68) entre a programação regular, as iniciativas dentro de outras áreas culturais (nomeadamente a ciência e a música) e a comunicação (que dependia de fatores como o Serviço Educativo, as estratégias de projeção editorial e de divulgação, e a relevância das exposições *per se*). Neste ano, destaca-se, ainda, a consolidação do projeto “MNAA – Olhares Contemporâneos. Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga”<sup>34</sup> (que se realizou até 2018, contando com cinco edições) e o estabelecimento do programa “Obra Convidada”, que será explorado no próximo capítulo (*vide* página 82).

Em 2014, 2015 e 2016, interessa realçar os investimentos tecnológicos que se fizeram: a implementação da agenda digital do MNAA; o envolvimento com a Fundação PT (que resultou, por exemplo, no estabelecimento do atual *site* da instituição); e a criação de contas próprias em redes sociais, nomeadamente no *Facebook* e *Instagram*. São também de extrema importância as parcerias estabelecidas com as empresas privadas *Everything*

---

<sup>34</sup> A incitação foi reunir artistas contemporâneos que utilizam a Fotografia como método de criação, propondo-lhes que apresentassem a sua visão sobre o MNAA através de imagens recolhidas no decurso da sua “residência” no local, para posteriormente serem expostas no jardim. Os artistas tiveram liberdade para explorar a instituição à sua vontade, dispondo do “acesso exclusivo a todos os espaços do Museu e acervo incluindo as suas dinâmicas logísticas – da manutenção à segurança, bem como um contacto privilegiado com os conservadores, técnicos e visitantes” (Chougnet, 2014).

*is New* e UAU, sendo este tipo de colaborações – entre instituições do domínio público e privado – consideradas de algum modo inovadoras no panorama museológico nacional.

Em 2014, iniciou-se a reabilitação da Capela das Albertas e da Biblioteca (que teve o apoio do “mecenas exclusivo” Fundação Millennium BCP). Em 2015, distinguem-se, pela sua criatividade, projetos como a exposição “ComingOut” e “Vamos Pôr o Sequeira no Lugar Certo”, que foi a primeira subscrição pública em Portugal, com recurso à recente lei do financiamento colaborativo, ou *crowdfunding* (Lei n.º 102/2015, de 24 de agosto) destinada à aquisição de uma obra para um museu. Em 2016, o MNAA dedicou-se à requalificação interna do seu edifício com o apoio financeiro da DGPC e dos seus parceiros. Estas renovações abrangeram: a abertura da Sala dos Presépios; as intervenções na Escadaria de Honra das Janelas Verdes e nas salas de Artes Decorativas Francesas; o arranque das obras no Piso 3, incluindo a Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas (espaço que se tinha mantido desmontado desde 2008 e que iria beneficiar, agora, de uma nova museografia); e a conclusão das renovações da Galeria de Exposições Temporárias, da Biblioteca, do Restaurante, da Sala do Tecto Pintado, da Sala do Mezanino, do átrio principal e das casas-de-banho. Desse ano, em termos de cedência de obras, importa referir a participação do tríptico *As Tentações de Santo Antão* (ca. 1500), da autoria do pintor brabantino, Hieronymus Bosch (ca. 1450 – 1516), na exposição comemorativa do 100.º aniversário do artista, organizada pelo Museu do Prado, em Madrid. Nesse contexto, e em jeito de permuta, o MNAA recebeu do Museu espanhol o *Autorretrato* (1498), do pintor alemão Albrecht Dürer (1471 – 1528) – enquadrando-o no âmbito do programa da “Obra Convidada”, entre outras contrapartidas. Contabilizamos este exemplo como um dos vários casos de divulgação internacional que ocorreram nesta altura.

Todas estas condições definem a administração de António Filipe Pimentel como um período de excelente prestação do MNAA, que passou a ser uma das instituições culturais protagonistas do país – algo que se refletiu, por exemplo, “no enriquecimento [...] das próprias coleções, por compra, depósito, legado ou doação”, contrariando “a antiga ideia de um acervo estático” (Pimentel, 2009: 97). Em 2017 e 2018, já o MNAA era considerado o “grande museu de Portugal”, consagrando a sua marca. Nessa altura, o Museu era elogiado pela sua programação intensa e de qualidade, pelos seus esforços



na internacionalização do seu acervo e na circulação de obras, e pelos seus projetos inovadores. Porém, não deixava de enfrentar desafios; de acordo com o ex-Diretor, quando a missão de um museu é negligenciada, pode resultar em fatais consequências, nomeadamente na escassez de recursos humanos, financeiros e/ou administrativos<sup>35</sup> (sendo esta uma acusação feita por si ao Estado português, e a principal razão que o levou a abandonar o cargo, em 2019). António Filipe Pimentel nunca deixou de apelar ao país para que continuasse a apoiar o MNAA, de modo a permitir o desenvolvimento do seu potencial enquanto instituição.

A Direção de Joaquim Oliveira Caetano (dir. 2019 – 2023), que se prolonga para além do tempo de desenvolvimento desta dissertação, retoma, de algum modo, a programação e as premissas deixadas pelo antigo gestor. Em 2019, as condições no MNAA eram as seguintes: o acervo contava com cerca de 50.000 peças (das quais se expunham, aproximadamente, 8%); “detinha [e detém] o maior número de obras classificadas como “tesouros nacionais”<sup>36</sup>; “compunha [e compõe] a maior coleção pública de arte portuguesa, europeia e da Expansão”; e era “contínua e crescentemente solicitado por instituições de todo o mundo no âmbito de projetos de prestígio” (Pimentel, 2019: 124).

Partindo de um pedido da DGPC a todos os museus dependentes (incluindo o MNAA), com fim de concorrer no âmbito do projeto “Lx Europa 2020”<sup>37</sup>, em 2013, António

---

<sup>35</sup> Numa entrevista realizada ao jornal espanhol “El País”, o ex-Diretor referiu algumas das dificuldades que sentiu durante a sua administração derivadas da ausência de orçamento por parte do Governo: em 2019, o MNAA contava com 67 funcionários, “do diretor ao jardineiro” (sendo que, há 30 anos atrás, seriam 137 “para um espaço mais pequeno e com menos visitas”); as receitas das entradas e da loja iam todas para o Ministério; a loja teria estado fechada durante “alguns dias porque se avariou o computador”; durante meses, não houve “luz na escada dos funcionários” e as lâmpadas que se fundiam eram substituídas com o apoio do GAMNAA, que entregava “receitas das suas iniciativas à instituição”; não era possível “contratar vigilantes”; e só era permitida a utilização de “cinco ou seis fotografias das obras” exibidas, para a comunicação social (Pimentel *apud* Reis, 2019).

<sup>36</sup> Em 2003, após o roubo das joias da coroa portuguesa em Haia, foi elaborada uma lista de “bens de interesse nacional [...] integrados nos museus” tutelados pelo IPM / Ministério da Cultura, que foi anunciada no Decreto n.º 19/2006, de 18 de julho (e posterior Declaração de Retificação n.º 62/2006, de 15 de setembro). Criou-se um vasto Grupo de Trabalho que identificou cerca de 1600 objetos, classificando-os como “tesouros nacionais”. Na época, quatro diretores de museus também participaram na seleção: José Luís Porfírio (MNAA), Joaquim Oliveira Caetano (Museu de Évora), Joaquim Pais de Brito (Museu Nacional de Etnologia) e Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia).

<sup>37</sup> Em 2013, foi criada a equipa “Lisboa/Europa 2020”, visando a implementação de uma estratégia de desenvolvimento urbano, que envolvia parcerias com diversas entidades que funcionariam como agentes económicos,

Filipe Pimentel elaborou o documento “MNAA2020”<sup>38</sup> que, como o nome indica, abordava questões sobre a sua programação – nomeadamente propostas de modelos de gestão, ambições e expectativas – para o ano de 2020. Este documento, elaborado entre 2014 e 2015, contou com a colaboração de diversas entidades e consultores externos, bem como do Conselho de Curadores. Visava tornar o MNAA um interpar dos grandes museus de referência internacional, reafirmar a vocação pública da instituição para a sua afirmação a nível nacional e internacional e tornar o seu valor simbólico em prosperidade económica. As premissas listadas que justificavam a sua implementação, baseavam-se na relevância história e cultural do Museu e nas obras icónicas pertencentes à sua coleção, que fazem parte do imaginário coletivo do povo português. Um dos investimentos equacionados correspondia ao aumento do edifício, perspectivando-se a construção de uma nova área útil com 10.000 m<sup>2</sup>, que levaria cerca de cinco anos a construir, com um custo de cerca de 84 milhões e meio de euros.

Considerando todos estes fatores, seria natural conjecturar um cenário incrivelmente favorável e benigno para o MNAA, principalmente com a chegada da energia renovada de Joaquim Oliveira Caetano à Direção que, para além de acumular experiências anteriores na gestão museológica, era profundo conhecedor das coleções – sobretudo da Pintura, de que era responsável, para além de reconhecido especialista – e da realidade interna do MNAA; claro está que ninguém considerou que uma pandemia viesse virar o mundo ao contrário e que, conseqüentemente, alterasse estes planos bem-intencionados. A propagação do coronavírus SARS-CoV-2 teve um impacto substancial na operação diária dos museus, tanto em Portugal como a nível global. Uma das conseqüências foi o encerramento temporário das instituições, que, a determinada altura, se viram obrigadas a suspender todas as atividades presenciais que envolviam contacto humano – incluindo exposições temporárias, visitas guiadas, atividades educativas, espetáculos, entre outros tipos de programas interativos. Esta nova realidade obrigou os museus a reavaliarem as suas programações e a desenvolverem novas abordagens de diálogo com os públicos, tendo sido uma época, por um lado, verdadeiramente incerta e assustadora para o futuro da área, e por outra, exigente de muito esforço, criatividade e inovação (não só por parte

---

sociais e culturais. O documento “Lx Europa 2020” apresentava as áreas de intervenção prioritárias que promoveriam o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo da cidade, alinhando-se com os objetivos da Estratégia Europa 2020 (estratégia de crescimento da UE, decorrida entre 2010 e 2020).

<sup>38</sup> Disponível para consulta em: (<http://museudearteantiga.pt/investigacao/coloquios-conferencias/2017>).

das instituições museológicas, mas também de todos os outros agentes promotores de arte, cultura e património, por serem ciências que, inevitavelmente, dependem da comunicação com as pessoas).

O ano de 2020 foi o mais crítico em Portugal, no que diz respeito à influência que a pandemia teve sobre a população. O primeiro teste positivo à doença, em território nacional, deu-se no dia 2 de março desse ano e, 16 dias depois, foi decretado o primeiro Estado de Emergência, que impunha o confinamento obrigatório. Esta vicissitude repentina não consentiu a vivalma qualquer momento de adaptação – e a comunidade museológica não foi exceção. Dentro de um enorme quadro de preocupações que o MNAA sentiu durante este período crítico, e que se traduziu no drástico decréscimo do número de visitantes, destacavam-se dois fatores: a quebra do turismo e a escassez de recursos humanos. O primeiro relaciona-se, naturalmente, com o grande número de visitantes estrangeiros (maioritariamente franceses [DGPC, 2015]) que o Museu acolhe – mostrando grande curiosidade (e a par dos grupos escolares e seniores) este é um dos públicos que com mais entusiasmo frequenta o MNAA<sup>39</sup>. A questão dos recursos humanos (dentre eles os vigilantes, a título de ilustração) derivava do simples facto de serem drasticamente poucos<sup>40</sup>, como desde há muito sucedia – e continua a acontecer, obrigando, com alguma frequência, o Museu a fechar salas em determinados períodos, com evidente prejuízo para os visitantes. Outra situação a salientar, teve que ver com o impacto sobre o muito empolgante projeto de restauro dos *Painéis de São Vicente* (ca. 1470) de Nuno Gonçalves (at. 1450 – 1491); o trabalho *in loco*, que se iniciou em 2020, teve de ser substituído por tarefas realizáveis à distância, nomeadamente, processos de investigação. Nesse sentido, e tendo estado originalmente anunciado para 2022, o fim das intervenções está previsto para o próximo ano de 2024. Após o término do primeiro Estado de Emergência decretado, o MNAA e os restantes museus e monumentos nacionais reabriram ao público a 18 de maio de 2020 – simbolicamente no Dia

---

<sup>39</sup> Em 2020, Bernardo Alabaça, o então Diretor da DGPC, declarou que a quebra de visitantes foi muito intensa porque “faltaram estrangeiros, o público escolar e os seniores, que contribuem em grande parte para as visitas”. Foram, ainda, “cancelados todos os eventos culturais [...] que muitos destes espaços” iriam receber. (Alabaça *apud* Agência Lusa & Alvorada, 2021).

<sup>40</sup> Com a responsabilidade de vigiar as 80 salas de exposições, em 2020, o MNAA contava com 26 vigilantes (número que desceu para 19, em 2021). Este cargo “obriga a fazer três fins de semana por mês, feriados, com situação remuneratória nada compensadora”, situação que resulta de um contrato “menos permanente do que parece, porque muitos acabam por pedir transferência” (Caetano *apud* Agência Lusa, 2021e).

Internacional dos Museus. A entrada foi gratuita, devido à data comemorativa, e foram implementadas as medidas de segurança sanitárias estabelecidas na altura (nomeadamente o uso de máscara, a disponibilização de desinfetante para as mãos e o distanciamento social). Nessa data, figuravam no MNAA as exposições “Peeter Balten. Calendário”<sup>41</sup> e a “A linha que fecha também abre”<sup>42</sup>, integradas nos programas expositivos “Obra Convidada” e “Sala do Tecto Pintado”, respetivamente. Era possível assistir, ainda, ao espaço de restauro dos *Painéis de São Vicente*.

Em 2021, quando estava a decorrer a exposição temporária “Alvaro Pirez d’Évora”<sup>43</sup>, deu-se uma nova ordem de encerramento dos museus nacionais. Desta vez, ficou em causa uma situação vivida por várias instituições museológicas em todo o mundo ou, pelo menos, naquelas que praticam a cedência temporária de objetos: ou seja, a problemática retenção de obras no estrangeiro após empréstimo, devido às proibições de viagem e transporte de peças entre países. No caso do MNAA, deveriam ter sido enviadas peças para Milão, Paris e alguns outros museus nacionais, mas ali permaneceram, até nova oportunidade de retornarem: o Museu lisboeta tornou-se fiel depositário das peças que vieram do estrangeiro para a mostra mencionada. Apesar de a pandemia ter tido um impacto negativo nas receitas da instituição<sup>44</sup> (DGPC, 2022), o MNAA não deixou de definir algumas estratégias para dialogar com o público durante as épocas de confinamento. Entre elas, e com recurso à *Internet*, destacaram-se a

---

<sup>41</sup> Exposição da série de pinturas *Calendário* (ca. 1580), da autoria do artista flamengo Peeter Baltens (1540 – 1584), proveniente da Sé de Miranda do Douro.

<sup>42</sup> Exibição de desenhos renascentistas da autoria de Antonio Allegri (ca. 1489 – 1534), Baccio Bandinelli (1488 – 1560), Francisco Venegas (ca. 1525 – 1594), Luca Cambiaso (1527 – 1528) e Pontormo (1494 – 1557), intercalados com desenhos do artista contemporâneo português Julião Sarmento (1948 – 2021).

<sup>43</sup> Exposição sobre o artista Alvaro Pirez d’Évora (at. 1410 – 1434), o mais antigo pintor português documentado na região da Toscana, Itália.

<sup>44</sup> De 2017 a 2021, a DGPC registou os seguintes dados: em 2020, os museus públicos sofreram uma quebra de 72,3% de visitantes em comparação a 2019, devido à pandemia. Após a reabertura em maio de 2020, a recuperação foi liderada por visitantes portugueses, mas até ao final do ano, as entradas de estrangeiros voltaram a liderar, com mais de metade. Em 2021, houve um registo nulo de visitantes entre os meses de janeiro e março, dado a um novo encerramento das instituições, “a que se seguiu uma recuperação gradual a culminar em Junho, com um valor que atinge, num mês, quase metade de todas as entradas do [primeiro] semestre” desse ano” (Agência Lusa & Alvorada, 2021). No MNAA, a evolução do número de visitantes foi a seguinte: 212.304 (2017), 153.615 (2018), 150.777 (2019), 58.052 (2020) e 48.472 (2021) – tendo havido uma quebra, entre os últimos dois valores, de - 16,5%. (DGPC, 2022).

iniciativa “A ARTE É UMA PONTE QUE NOS UNE”, que consistiu na publicação diária de vídeos *online*, onde eram abordadas variadas questões sobre pinturas e esculturas do acervo do Museu, em formato de “conversa”; o ciclo semanal de visitas e itinerários “Fauna e Flora: Outros Olhares”, realizado através da plataforma *Zoom* e que, como o título indica, se debruçava sobre a iconografia da flora e da fauna dentro da coleção do MNAA; a oferta de visitas virtuais na plataforma *Google Arts & Culture*; e a disponibilização *online* de catálogos de antigas exposições.

Ainda no ano de 2021, foram contabilizados outros problemas que vão para além dos impedimentos causados pela pandemia. Estes foram apresentados por Joaquim Oliveira Caetano na comissão parlamentar de Cultura e Comunicação, a pedido do Bloco de Esquerda (BE). Entre eles, enumera-se: a necessidade de voltar a encerrar salas da exposição permanente, pela escassez de vigilantes; a existência de apenas dois técnicos de manutenção; a falta de conservadores e restauradores, que vão envelhecendo e que não veem rejuvenescimento dos quadros; questões estruturais e elétricas (como falhas repentinas nos sistemas de iluminação, infiltrações em salas de acervos, aparelhos de climatização avariados, estragos num dos elevadores destinado à locomoção de pessoas com mobilidade reduzida, entre outras); e a utilização de equipamentos antigos – alguns instalados ainda no tempo da *XVII Exposição* e da *Lisboa’94* (como é o caso de uma *vitrine* da exposição de ourivesaria, que teria caráter provisório e durabilidade de meses, mas que estava a ser utilizada há 40 anos, e que acabou por desmoronar na semana anterior a esta comunicação). Resumidamente, a falta de investimento em equipamentos e recursos humanos constituíam as situações mais urgentes no MNAA, e com maior necessidade de intervenção.

Em 2022, os valores das entradas nas instituições museológicas nacionais tuteladas pela DGPC recuperaram em quase dois milhões, desde o tempo da pandemia, contando com 3.339.416 visitantes, no total. No entanto, os valores atuais ainda não alcançam os que se registaram na época anterior à crise sanitária (sendo que, o ano de 2019 contou com 4.685.371 entradas). No ano passado, o MNAA contabilizou 98.626 visitantes (DGPC, 2023). Em 2022, notabilizou-se ainda um desabafo escrito por Joaquim Oliveira Caetano para o jornal “Público”: “Quando olhamos para as enormes melhorias que a democracia portuguesa conseguiu no sector cultural, em áreas como as bibliotecas e arquivos, a música, os teatros, [...], é difícil não ver nos museus nacionais uma área de

enorme falhanço” (Caetano, 2022). Nesse artigo, o atual Diretor aborda a situação precária dos museus nacionais, em termos de fragilidades institucionais, recursos humanos e capacidade de gestão – que, como abordámos, no MNAA, já são discussões acesas desde o tempo da administração de Dalila Rodrigues. Sobre essa situação, o grande problema atual seria a falta de contratações regulares – que gera uma ausência de transferência de conhecimentos entre gerações e a consequente perda de especialização.

Numa panóplia de informações que se podem encontrar publicadas sobre a história do MNAA, procurámos extrair o essencial, apresentando de forma sucinta e organizada as suas vertentes espaciais (arquitetónica e de organização de espaços)<sup>45</sup>, bem como o crescimento das suas coleções e as transformações administrativas ocorridas desde a sua criação até aos dias de hoje, percorrendo dois períodos históricos que transmutaram o espaço expositivo do museu e a maneira como ele foi pensado e revelado ao mundo. Sumariamente se listaram e apresentaram as mudanças e acontecimentos mais significativos nas Direções, que transformaram o MNAA de forma indelével.

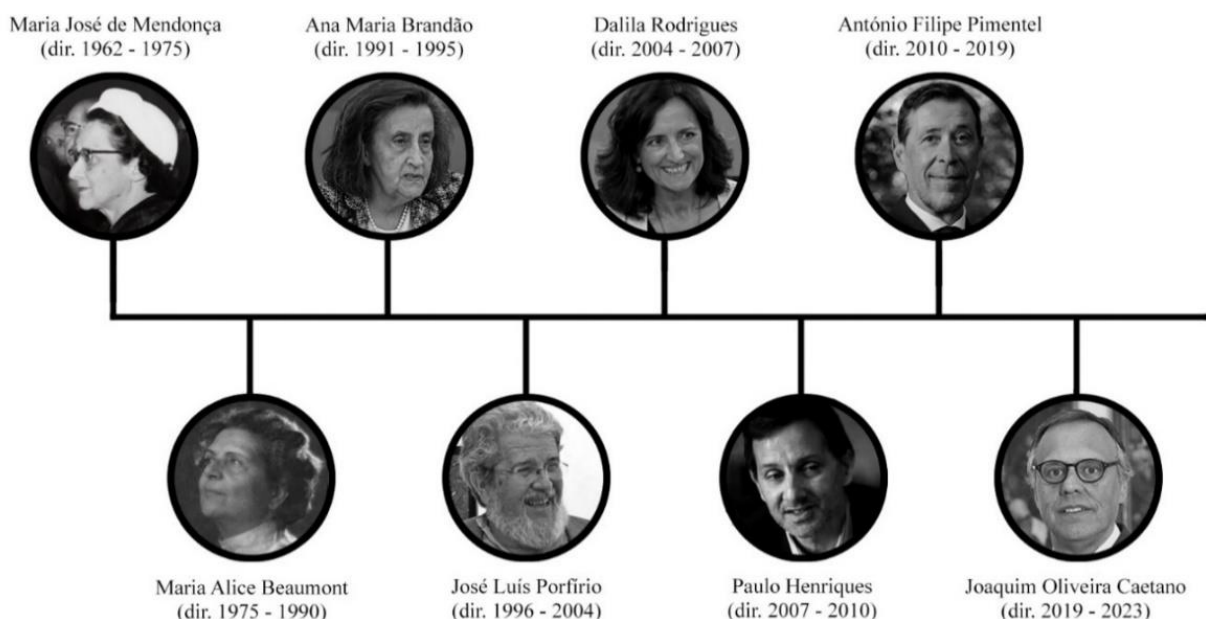
---

<sup>45</sup> Para mais informações sobre este tema, consultar o trabalho de projeto de mestrado de Henriques Martins (2014), “O Museu Nacional de Arte Antiga, o edifício e a sua história: contributos para um projeto de comunicação” e a tese de doutoramento de Joana d’Oliva Monteiro (2017), “Um modelo operativo de avaliação de exposições de arte. Estudo de caso: Museu Nacional de Arte Antiga”.

### **CAPÍTULO III – O MNAA Através das Exposições Temporárias (1974 – 2023)**

Cerca de cinco décadas de Direções e subsequentes intervenções na gestão do Museu Nacional de Arte Antiga são sucintamente apresentadas no presente capítulo. Primeiramente, são mencionadas as mais representativas exposições temporárias organizadas em cada uma das Direções, exposições essas que marcaram a história do Museu e que permitem recordar as políticas expositivas de cada Direção e respetiva equipa que nelas estiveram envolvidas (o seu legado). Para tal, fez-se um levantamento de todas as exposições temporárias desde 1974 até à atualidade, realizadas no Museu ou pelo Museu, quer tenham sido realizadas nos seus espaços, quer tenham decorrido no exterior.

A lista de todas as exposições aferidas consta na tabela apresentada no Volume II desta dissertação (*vide* Apêndice I), bem como as respetivas sinopses (*vide* Apêndices B – H). Por uma questão de organização e de modo a facilitar a percepção do que se pretende fazer notar, optámos por agrupar as exposições por ordem cronológica, distribuídas pelas diferentes Direções do Museu, com o objetivo de analisar e identificar as diferenças entre as opções programáticas e temáticas, que variam consoante as propostas apresentadas. Este levantamento analítico de exposições temporárias permite-nos apreciar a evolução desta instituição de reconhecido prestígio que constantemente se reinventa, reorganiza, e se vem adaptando, na tentativa de vir ao encontro das expectativas dos variados públicos que visitam este primeiro museu público nacional.



**Figura 12** – Diretores do Museu Nacional de Arte Antiga (1962 – 2023) | Fontes: © [Gulbenkian](#), (Ferreira et al., 2019/2022: 77), [Facebook](#), © [Jornal Tornado](#), © [Hora da Verdade](#), [Público](#), © [Gulbenkian](#) e [MNAA](#)

### 3.1. MARIA JOSÉ DE MENDONÇA (dir. 1962 – 1975)

Maria José de Mendonça<sup>46</sup> (1905 – 1984), licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), ocupou o cargo de Diretora do MNAA de 1962 até janeiro de 1975, reformando-se por atingir o limite de idade. Como Teresa Pacheco Pereira<sup>47</sup> refere, a ex-Diretora, nascida durante a Monarquia, exerceu a sua atividade como museóloga desde a primeira fase do Estado Novo e aposentou-se já em época democrática. Formou-se no MNAA de 1933 a 1937, frequentando o estágio de conservador tirocinante, sob a orientação de José de Figueiredo e João Couto. Em 1934, na conclusão da etapa formativa, ficou responsável pela organização da Biblioteca do Museu.

Em 1938, depois de realizar o inventário das peças de tapeçaria, escreveu *A Coleção de Tapeçarias do Museu das Janelas Verdes*, sendo esse o momento impulsionador da sua dedicação à área da conservação (apesar de possuir “uma visão global das funções

<sup>46</sup> Apesar de não referirmos exposições temporárias ocorridas durante a direção de Maria José de Mendonça, por não se enquadrarem no período em análise, incluímo-la necessariamente neste capítulo devido ao facto de ter sido a primeira Diretora cuja administração abarcou duas épocas históricas diametralmente opostas – realidade indispensável para esta pesquisa –, tendo-se mantido em gestão ainda algum tempo após a Revolução.

<sup>47</sup> Conservadora assessora no MNAA e responsável pelo Departamento de Têxteis do Museu desde 1981.



museológicas”), por perceber a urgência do tratamento que as peças requeriam. Nesse sentido, em 1956, fundará a Oficina de Beneficiamento de Tapeçarias do Instituto de Restauro de Lisboa. Maria José de Mendonça também se dedicou à renovação das reservas do museu e à implementação da ideia de as tornar visitáveis, tendo sido uma personalidade fundamental para “que tanto a oficina de conservação como as reservas [...] continuem a cumprir, embora com as deficiências inerentes à passagem do tempo, a maioria dos objectivos para que foram criadas”. (Pacheco *in* Ferreira et al., 2019/2022: 372-373)

José Alberto Seabra Carvalho<sup>48</sup> e Maria João Vilhena de Carvalho<sup>49</sup> escrevem, também, que Maria José de Mendonça consolidou a trilogia de “investigação, conservação e preservação” no MNAA, ao criar uma equipa técnica especializada composta por “conservadores, educadores, historiadores e técnicos intermédios”. Durante a década de 1970, estabeleceu uma organização interna mais estável e consolidada, com diferentes secções responsáveis por coleções específicas do Museu, cada uma supervisionada por um conservador – sendo esta uma reorganização influenciada pelas propostas da nova museologia europeia. (J. A. S. Carvalho & M. J. V. Carvalho *in* Carvalho & Soromenho, 2019: 188)

### 3.2. MARIA ALICE BEAUMONT (dir. 1975 – 1990)

Maria Alice Mourisca Beaumont (1929 – 2004), licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas na FLUL, ocupou o cargo de Diretora do MNAA de 1977 a 1990, apesar de ter exercido funções como conservadora encarregada da Direção a partir de 1975. Sobre a ex-Diretora, Sandra Leandro<sup>50</sup> escreve: foi “bolseira do Instituto de Alta Cultura pelo Centro de Estudos de História e Arqueologia, em 1957 e 1958, e do Centro de Estudos de Arte e Museologia, de 1960 a 1971, tendo como objetivo o estudo das coleções de desenhos portugueses, nomeadamente no Museu Nacional de Arte Antiga”. (Leandro como citado em Ferreira et al., 2019/2022: 77-78)

Trabalhou como conservadora no Museu de 1971 a 1977, e até 1973, foi responsável pelas coleções de Pintura, Escultura e Desenho. A partir desse ano, dedicou-se quase

---

<sup>48</sup> Ex-Diretor adjunto do MNAA, e antigo conservador da coleção de Pintura.

<sup>49</sup> Conservadora no MNAA e responsável pela coleção de Escultura (área a que se dedica desde 1994).

<sup>50</sup> Historiadora de arte e Diretora do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo.

exclusivamente à coleção de desenhos e gravuras – facto que a levou a publicar, em 1975, o catálogo *Domingos António de Sequeira. Desenhos*.

Durante a sua Direção, Maria Alice Beaumont insistiu na melhoria da qualificação e na valorização dos profissionais, bem como no preenchimento do quadro de pessoal do MNAA. Nesse contexto, promove o curso intensivo para conservadores de museus, que decorreu entre 1979 e 1980, no qual ministrou aulas de Metodologia do Trabalho.

### 3.2.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Entre as exposições temporárias realizadas sob a Direção interna de Maria Alice Beaumont, destacamos as cinco que a seguir se apresentam. A primeira, “Bosch. Artistas Contemporâneos e as Tentações de Santo Antão”, deve ser referenciada pela sua vertente inclusiva e devido ao marco histórico que representa. Realizada apenas um ano após a revolução democrática, num contexto em que Portugal vivia pela primeira vez livre de censura, esta exposição não só cativou artistas contemporâneos, como também permitiu que o público em geral se envolvesse ativamente na sua realização. Assim, esta iniciativa foi pioneira no que toca à união do povo com a comunidade artística, que se mostrou, ineditamente, acessível a todos. A segunda, “Colchas Bordadas. Índia, Portugal, China. Séculos XVI – XVIII”, analisa-se devido ao seu carácter itinerante e, conseqüentemente, promotor do património nacional no estrangeiro. Ao ser a primeira exposição, na íntegra, a viajar para várias cidades, por ordem do Estado, revela-se importante para esta tendência que, no futuro, irá fazer parte da programação do Museu. A terceira, “Azulejos. Cinco Séculos do Azulejo em Portugal” é abordada por marcar a autonomização do Museu Nacional do Azulejo. Além disso, por ter tido a sua inauguração em Itália, em vez de Portugal, demonstra um lado inovador e a vontade de divulgar, a nível internacional, uma arte imensamente característica do património cultural português. A escolha da quarta, “Coleccionar. A Colecção Ernesto de Vilhena”, baseia-se na importância desta coleção de escultura e do seu valor excepcional enquanto um dos espólios mais significativos do Museu e dos mais representativos do património escultórico português. A quinta, “As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura”, deve ser referida pela sua evidente importância cultural, que marcou a história da museologia portuguesa como um dos núcleos da *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, e por ter

desempenhado um papel significativo na renovação dos espaços do MNAA. A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de Maria Alice Beaumont, assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice B).

### ***BOSCH. ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS E AS TENTAÇÕES DE STO. ANTÃO***

1975 – 1976 | Galeria de Exposições Temporárias

Esta exposição, ocorrida entre 1975 e 1976, foi comissariada por José Luís Porfírio e teve lugar no Museu Nacional de Arte Antiga. Tendo como foco principal o tríptico pintado *As Tentações de Santo Antão* (ca. 1500), da autoria de Hyeronimus Bosch (ca. 1450 – 1516), e em interpretações realizadas por artistas contemporâneos que se basearam nessa obra magnífica, esta foi uma iniciativa que surgiu entre os próprios intervenientes e que se pretendeu tornar acessível à participação de quem quisesse. A ideia partiu de um dos expositores, contou com a adesão de várias pessoas e chegou aos ouvidos da Direção do MNAA, que resolveu apoiá-la, cedendo para o efeito a sua Galeria de Exposições Temporárias, bem como a companhia do Tríptico. O núcleo original de artistas esteve aberto à recepção de novos participantes durante um mês – período em que se foram recebendo obras de tipologias diversificadas, que não passaram por nenhum critério de seleção – que vão para além das que constaram na exibição e das que se apresentam no catálogo editado.

Muitos artistas, apercebendo-se desta oportunidade para verem expostas as suas criações, adaptaram as suas obras ao local e ao contexto. Por exemplo, o pintor Carlos Martins Pereira (1937 – 2013) aproveitou a ocasião para organizar uma instalação “de uma peça considerada escandalosa”, intitulada *Mater Revisitata*, “um manequim feminino deitado de saia levantada e com um espelho no lugar do sexo”, obra “que provocou alguma indignação, mormente de Maria José de Mendonça [anterior Diretora], que teve que ser mediada em grande estilo pelo Secretário de Estado da Cultura, João de Freitas Branco” (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, outubro 20, 2023). Nesse sentido, todas as obras envolvidas foram realizadas e/ou pensadas especificamente para serem integradas nesta mostra, à exceção de três: a tese sobre o tríptico de Bosch, de Maria Velez (1935 – 2017), a escultura *Mão*, de Cruzeiro Seixas (1920 – 2020) e três guaches da série *Tentações*, de José de Guimarães (n. 1939).

Bosch tem sido alvo de variadas leituras, e sobre o pintor há uma biografia extensa. A obra que faz parte do acervo do MNAA, suscita pontos de vista e teorias inesgotáveis e tem dado origem a uma miríade de interpretações, ao longo do tempo. As leituras tanto podem ser eruditas ou académicas, como plásticas ou imaginárias. Esta mostra enquadrou-se numa vertente mista que reuniu um pouco de todos estes conceitos, sendo uma pequena amostra de obras sem triagem, do que se pode fazer com base no universo *Boschiano* e surrealista. Para além disso, esta exposição, ocorrida logo no primeiro ano após a implantação do novo sistema político em Portugal, foi a primeira de muitas que procurou transformar o MNAA num lugar participativo e de colaboração ativa, desafiando a tradicional contemplação passiva, típica das instituições museológicas pré-democráticas (Ensaio, 1975).



**Figuras 13, 14 e 15** – Obras da exposição “Bosch. Artistas Contemporâneos e as Tentações de Santo Antão” |  
Fonte: © (Ensaio, 1975)

***COLCHAS BORDADAS. ÍNDIA, PORTUGAL, CHINA. SÉCULOS XVI – XVIII***  
1978 – 1986 | Palácio de Kensington, Londres

Esta exposição, comissariada por Maria José de Mendonça, apresentou um conjunto de colchas bordadas de manufatura oriental, produzidas nos séculos XVI – XVIII, e que chegaram a Portugal como encomendas. A exibição destes objetos pertencentes ao acervo do MNAA realizou-se no contexto da reunião anual do Comité de Têxteis do ICOM e itinerou no estrangeiro sob a designação *Embroidered Quilts from the Museu Nacional de Arte Antiga: Índia, Portugal, República Popular da China. 16th – 18th Centuries*. Nos Estados Unidos da América (EUA), assumiu o título “*Portugal and the East Through Embroidery*”.

Inicialmente, no ano de 1978, a exposição esteve patente durante apenas um mês no MNAA, mas, no contexto da visita do Presidente da República António Ramalho Eanes

(n. 1935) a Londres, decidiu-se a sua deslocação para essa mesma cidade inglesa, ficando alojada no Palácio de Kensington. Esta ordem de exportação – que, na altura, foi considerada súbita, surpreendente e inconveniente pelos museólogos responsáveis pela exposição – respondeu à pretensão do Governo em mostrar o património português no estrangeiro, de modo a divulgá-lo e a realçar o seu valor perante outros públicos.

Em contraste, a Direção do MNAA não pretendia exportar quaisquer exposições desta natureza, tendo em conta que esse não deveria ser o seu principal objetivo, mas sim o de responder às amiúdes necessidades do Museu. Os argumentos de Maria Alice Beaumont – de que o custo elevado inerente à montagem de uma “exposição forçada” no exterior (Beaumont *apud* Pinho, 2022), bem como a prenunciada falta de interesse por parte das entidades recetoras – foram ignorados. Apesar de se ter imposto contra esta ordem direta do Governo, o MNAA viu-se obrigado a ceder à pressão política. Nesse sentido, e segundo a vontade tutelar, para além de Londres, a exposição foi depois recebida em Itália, na cidade de Veneza, e nos EUA, em Washington, D.C. e Honolulu (em 1986).

### ***AZULEJOS. CINCO SÉCULOS DO AZULEJO EM PORTUGAL***

1978 – 1981 | Palazzo Vecchio, Florença

Esta exposição foi organizada por iniciativa do (futuro) Museu do Azulejo, com o patrocínio da FCG e da Secretaria de Estado da Cultura, com o objetivo de assinalar a sua oficialização como museu nacional, tornando-se independente do MNAA. Tendo a sua inauguração no *Palazzo Vecchio* em Florença, Itália<sup>51</sup> – no âmbito da “Semana da Cultura Portuguesa –, esta mostra decorreu de 2 de dezembro de 1978 a 6 de janeiro de 1979 e procurou partilhar e contextualizar a trajetória histórica e a evolução da azulejaria portuguesa ao longo de cinco séculos (XV – XX) com um público internacional.

Deparando-se com o sucesso da edição em Florença, a coleção de azulejos em exibição foi apresentada em várias outras cidades da Europa: Siena, Nápoles e Roma (ainda em Itália); Torun e Varsóvia (Polónia); Paris (França) – onde se integrou num projeto de acordo cultural luso-francês –; e Madrid (Espanha). Todas as montagens e adaptações

---

<sup>51</sup> Em italiano, Maioliche Portoghesi. Evoluzione delle Maioliche in Portogallo dal XV al XX Secolo.

feitas ao longo da itinerância foram da responsabilidade dos técnicos do MNAA. Por fim, em 1981, a mostra foi apresentada em algumas cidades portuguesas, nomeadamente em Lisboa, na FCG e nas Caldas da Rainha, no Museu José Malhoa.

### ***COLECCIONAR. A COLEÇÃO ERNESTO DE VILHENA***

28 Jun 1980 – *Indeterminado* | Palácio Nacional de Mafra

Exposição escultórica comissariada por Sérgio Andrade Guimarães<sup>52</sup> de peças da Coleção do Comandante Ernesto de Vilhena – por muitos, considerada a melhor coleção de escultura medieval do país – pertencente ao acervo do MNAA. A mostra realizou-se no Palácio Nacional de Mafra e teve como objetivo dar a conhecer a coleção *per si*, a sua importância (a nível nacional e internacional) e o próprio colecionador<sup>53</sup>; explorar a temática do colecionismo em Portugal; e refletir sobre a proteção dos bens culturais que se encontram sob esses *status* de propriedade, ou seja, na esfera privada. Esta mostra veio, ainda, divulgar esta coleção em grande escala, por ter tido implicações significativas para a definição da política de empréstimos e de depósitos do Museu<sup>54</sup>.

A coleção – que se encontrava na posse do Estado por via de uma doação em pagamento<sup>55</sup> (Pinho, 2013: 109) – contava com 1.509 peças. Estas foram depositadas no MNAA, em 1969, e incorporadas no seu espólio, em 1980<sup>56</sup>. As obras constituíam “um conjunto muito heterogéneo [...] [e] representativo da expressão de mentalidades e

---

<sup>52</sup> Na época, conservador no MNAA e encarregado pela Coleção de Escultura, cuja formalização no Museu dependeu dos seus feitos, bem como a organização da primeira exposição permanente de Escultura Portuguesa oriunda dos séculos XIV – XIX (inaugurada em 1994).

<sup>53</sup> Ernesto de Vilhena foi “um dos maiores colecionadores de antiguidades do País. Da sua herança não constou dinheiro [...]. Na verdade, milhares de belíssimas peças e obras de arte sacra, que hoje podemos ver no Museu Nacional de Arte Antiga, foram entregues ao Estado, aquando da sua morte em finais dos anos sessenta, como pagamento de imposto sucessório” (Marques, apud Pinho, 2013).

<sup>54</sup> A divulgação expositiva desta doação foi feita, maioritariamente, através do incremento das respostas a pedidos de empréstimo de outras instituições, que estivessem aptas a fornecer condições idóneas para a preservação das peças e da sua integração na primeira exposição permanente de Escultura Portuguesa do MNAA (Carvalho, 2014).

<sup>55</sup> Apesar de terem sido cumpridos os seus efeitos, a figura jurídica da doação em pagamento “não existia no ordenamento jurídico português à data de 1969” e, por essa razão, “foi utilizada a fórmula de doação de uma parte da coleção de escultura de Ernesto Vilhena ao Estado Português feita pelos herdeiros, como contrapartida do não pagamento do imposto sucessório” (M. J. V. Carvalho, comunicação pessoal, janeiro 19, 2024).

<sup>56</sup> Em 1988, já com a Coleção de Ernesto Vilhena integrada, estariam inventariadas 2354 peças na Coleção de Escultura do Museu (Andrade, 1988).

vivências religiosas e artísticas em Portugal” (Andrade, 1988). Segundo as palavras de Maria Alice Beaumont, uma coleção com esta “quantidade e qualidade” requer uma imensidão de cuidados e é suscetível à origem de problemas com a sua conservação, estudo, apresentação, classificação e utilização. (Beaumont *in* Fernandes e Pinheiro, 1976). No caso, muitas destas questões resultavam do facto de as peças terem chegado ao Museu sem qualquer tipo de identificação ou método de ordenação, o que dificultou a sua classificação por autores e/ou épocas, por não existirem informações que poderiam vir a facilitar o processo de inventariação.

Como as instalações do Museu não tinham capacidade para comportar toda a coleção e de providenciar todas os cuidados de que ela necessitava, procurou-se fazer uma seleção das peças mais “expressivas” (cerca de 500), tendo-se preparado, em 1976, uma galeria do edifício para as acolher. Com as restantes peças, o MNAA delineou três planos: pôr em prática os processos de cedência e troca das obras com outras instituições museológicas, de forma a completar os seus próprios núcleos e a enriquecer espólios exteriores; restituir as peças aos seus locais de origem, quando fossem passíveis de ser identificados; e a realização de pequenas mostras temporárias, com as peças que estariam habitualmente em reserva. Nesse contexto, foi organizada a exposição “Imagens de Malines”<sup>57</sup> (1975 – 1976) – cuja maioria das obras selecionadas pertencia à coleção em análise.



**Figuras 16, 17 e 18** – *Esculturas da Coleção do Comandante Ernesto de Vilhena* | © (Fernandes & Pinheiro, 1976)

---

<sup>57</sup> Esta exposição escultórica apresentou uma seleção deste tipo de objetos produzidos no século XV. As imagens de Malines são estatuetas sacras, criadas na cidade que lhes dá o nome, nos séculos XV e XVI. São feitas exclusivamente em madeira, esculpidas em vulto, em relevo, podendo destinar-se a retábulos.

***AS DESCOBERTAS E O RENASCIMENTO, FORMAS DE COINCIDÊNCIA E DE CULTURA. XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA E CULTURA***

07 Mai 1983 – Out 1983 | Salas de Exposições Temporárias

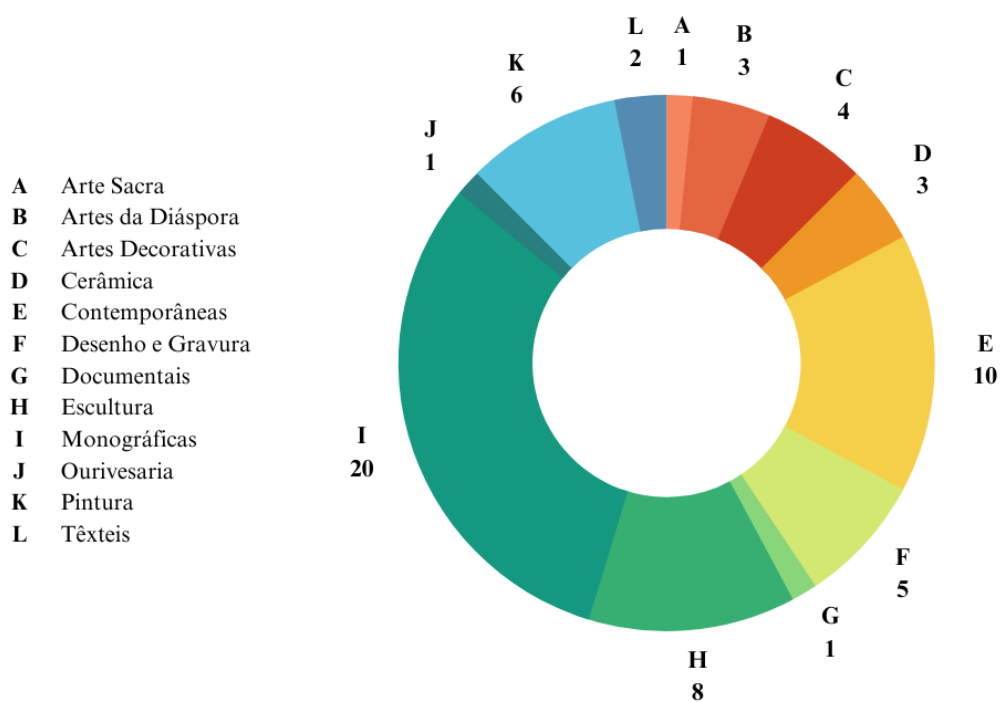
Esta exposição insere-se no âmbito das *Exposições Europeias de Arte, Ciência e Cultura* – estabelecidas em 1954, sob a iniciativa do Conselho da Europa (CE). Em 1983, para a hospedagem da 17.<sup>a</sup> edição do evento, foi eleita a cidade de Lisboa, sob o tema “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”. O objetivo foi, como anunciado pelo comissário-geral da exposição, explorar “um dos períodos áureos” da história de Portugal, recorrendo a estratégias de “diálogo nacional e internacional” (Canavarro *in* Neves, 1984: para. 3) e “incrementar a cooperação entre instituições e agentes culturais dos países membros do Conselho da Europa” (Canavarro *apud* Monteiro, 2017: 118).

Assumindo o título “As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura”, o MNAA albergou um dos cinco núcleos desta grande exposição, que veio marcar a história da museologia e do património em Portugal – sendo os seus parceiros, neste projeto, a Casa dos Bicos, o Convento da Madre Deus, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém. Inicialmente, não estaria previsto que o MNAA abrigasse um dos núcleos, mas sim, a Cordearia Nacional. No entanto, e apesar da ausência de previsão na sua programação, o Museu acabou por abraçar o pedido e ceder as suas Salas de Exposições Temporárias (que tiveram de ser submetidas às obras de requalificação que temos vindo a referir ao longo deste trabalho, e que se mostraram muitíssimo importantes para a reorganização da museografia do MNAA).

A proposta para esta exposição surge no contexto da formalização do pedido de Portugal para aderir ao CE, em 1977. Como resultado dessa solicitação, e com agrado por parte dos responsáveis – visto que Portugal é um país com um papel importante na história do desenvolvimento da Europa –, foi sugerida a organização de um projeto expositivo em território português, sob a autoria da Comissão. Por outro lado, o envolvimento do Governo de Portugal nestes eventos ambiciosos, teria que ver com a sua vontade de promover o património cultural, como já aludimos no contexto da exposição “Colchas Bordadas”. Nesse sentido, houve um investimento nestas expressões artísticas de comemoração cultural e que evocavam momentos relevantes da



história coletiva do País – de modo a desenvolver uma “imagem” da cultura portuguesa através de cooperações internacionais que convenientemente se assomavam (sendo a *XVII Exposição* um dos exemplos em que se enquadram, também, a *Europalia '91*, as exposições *Circa 1492* e *The Age of the Baroque in Portugal* (EUA) ou a *Lisboa '94 – Capital Europeia da Cultura*, entre outras).



**Gráfico 1** – *Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de Maria Alice Beaumont (1975 – 1990)* | © MA

A Direção de Maria Alice Beaumont, que durou 15 anos, envolveu a organização de 64 exposições temporárias. O ano em que decorreram mais exposições foi 1987, com 8; e os anos em que decorreram menos foram 1979, 1981 e 1984, que contaram com uma única exposição. Como se verifica na imagem supra [Gráf. 1], durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições monográficas, a que se seguiram as contemporâneas e, em terceiro, as de Pintura.

### 3.3. ANA MARIA BRANDÃO (dir. 1991 – 1995)

Ana Maria Rebocho Machado Brandão (n. 1944) frequentou o Curso de Conservador do MNAA e o Curso de Técnicas Têxteis do *Centre International d'Étude de Textiles Anciens*, em Lyon. Ocupou o cargo de Diretora do MNAA de 1991 a 1995.

Em 1977, tornou-se conservadora do Museu Nacional do Traje, assumindo a sua Direção de 1980 a 1983; foi “responsável pelo núcleo do Mosteiro dos Jerónimos da XVII Exposição do Conselho da Europa”; de 1983 a 1985, assumiu o cargo de “conservadora do Museu Alberto Sampaio”; e, de 1987 a 1988, foi assessora do Presidente do IPPC (Cabelo *apud* Martins, 2014: 197).

Alguns momentos cruciais da sua Direção, e que José Alberto Seabra Carvalho e Maria João Vilhena de Carvalho referem são a criação do Instituto Português de Museus que, como referido anteriormente, conduziu a uma requalificação dos museus nacionais, levando a uma enorme transformação estrutural do sistema museológico nacional, que pela primeira vez se autonomiza das restantes áreas patrimoniais. Entre as exposições, destacam-se “No Tempo das Feitorias” (1992), que prosseguiu o formato do certame da mostra inserida na *Europalia 91*, para a qual foi realizada uma grande intervenção ao nível das “instalações especiais de climatização e de segurança, da renovação espacial da área das exposições temporárias, do Gabinete de Estampas e dos serviços técnicos e administrativos, e [...] [uma] alteração arquitetónica do piso 3”, que foi o espaço de acolhimento do evento (*in* Carvalho & Soromenho, 2019: 192 – 193). Já no contexto da *Lisboa’94 – Capital Europeia da Cultura*<sup>58</sup>, são concluídas as obras de beneficiação do MNAA.

### 3.3.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Sob a Direção de Ana Maria Brandão, enfatizamos as duas seguintes exposições temporárias por estas razões: a primeira, “Le Chemin de Fer. Manet em Lisboa”, deve-se à sua importância enquanto projeto de permuta de obras entre Portugal e os EUA. É de destacar, que esta foi uma experiência muito vantajosa para a comunidade museológica portuguesa da época, que teve oportunidade de aprender noções importantes acerca do transporte de obras (Pinho, 2023), por exemplo, seguindo regras rigorosas de embalagem e segurança – em que os americanos, naturalmente, tinham mais experiência. Para além disso, esta colaboração internacional veio fortalecer as relações entre os dois países. A segunda exposição, “No Tempo das Feitorias. A Arte

---

<sup>58</sup> A “Capital Europeia da Cultura” é uma iniciativa criada em 1985, pela UE, com o propósito de promover uma determinada cidade da Europa, com ênfase nas suas atividades e progressos culturais, durante o período de um ano. Em 1994, Lisboa foi a cidade que deu tema a esse evento.

Portuguesa no Tempo dos Descobrimentos” destaca-se por ter sido um dos eventos integrados na *Europalia 91*, um festival com enorme relevância cultural no contexto europeu. Ao participar num evento desta dimensão, Portugal teve a oportunidade de aumentar a sua visibilidade e de demonstrar, mais uma vez, o seu valor histórico e patrimonial. A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de Ana Maria Brandão, assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice C).

### ***LE CHEMIN DE FER. MANET EM LISBOA***

18 Jul 1991 – 17 Ago 1991

Exposição da obra *Le Chemin de Fer* (“O Caminho de Ferro”), 1873, da autoria do pintor francês Édouard Manet (1832 – 1883), proveniente da *National Gallery of Art* de Washington D.C., EUA. Esta mostra, ocorrida no MNAA, resulta de um projeto de intercâmbio que teve como curador José de Monterroso Teixeira, comissário português para a iniciativa *Circa 1492*.

O objetivo deste programa de troca era realizar uma exposição na Galeria americana, intitulada *Circa 1492 – Art in the Age of Exploration*, que falasse sobre a arte no tempo dos Descobrimentos Portugueses, de forma a assinalar os 500 anos sobre a data do “encontro de mundos” que ocorreu no final do século XV, em 1492, com a chegada de Cristóvão Colombo às Américas. Para o efeito, foram emprestadas algumas obras de museus portugueses – incluindo, no caso do MNAA – uma das tábuas dos *Painéis de São Vicente* (desse evento, resultou um catálogo que inclui mais de 600 obras de diversas tipologias e origens). Em processo de permuta, foram exibidas uma seleção de obras da coleção da *The National Gallery of Art* em vários museus de Lisboa, sendo Manet o eleito para constar nas salas do Museu Nacional de Arte Antiga.

### ***NO TEMPO DAS FEITORIAS.***

#### ***A ARTE PORTUGUESA NO TEMPO DOS DESCOBRIMENTOS***

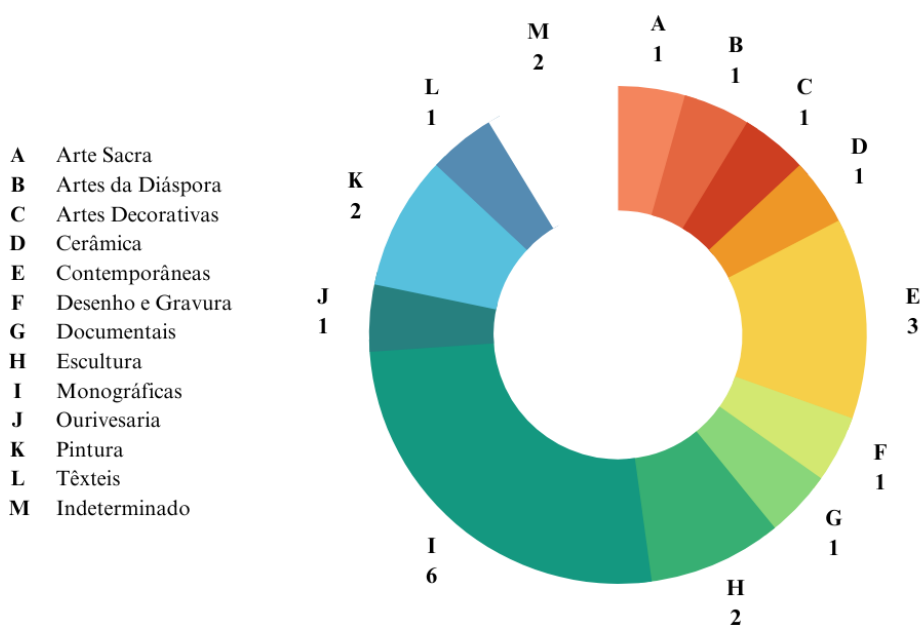
Jun 1992 – Dez 1992

Esta exposição, decorrida no Museu Nacional de Arte Antiga durante a Presidência Portuguesa da Comunidade Europeia, foi a adaptação portuguesa da mostra

originalmente apresentada no contexto da *Europalia 91*, no Museu de Belas-Artes de Antuérpia, de 29 de setembro a 29 de dezembro. Criado em 1969, o festival *Europalia* visa elaborar, a cada dois anos, um programa cultural e artístico multidisciplinar que se baseie em torno de um país ou tema, a ser apresentado na Bélgica durante quatro meses. Em 1991, o país eleito para concorrer foi Portugal.

Baseando-se numa vasta seleção de obras nacionais sobre a Época dos Descobrimentos, provenientes de diferentes instituições públicas e particulares, esta exposição foi um dos 500 eventos culturais incluídos no festival, e que se distribuíram por 17 cidades na Bélgica. Acrescente-se, ainda, que os bens temporariamente cedidos pelo MNAA “participaram em dez diferentes exposições, dispersas por cidades belgas que faziam parte integrante do referido festival” (Porfírio, 1999: 15).

Ao estipular a presença de uma seleção de objetos, este evento permitiu que Portugal contemplasse o seu património artístico de forma analítica e museal. Com o fim de se apresentar na Bélgica o que “de melhor se tinha”, foram realizadas “triagens” por todo o país, com o objetivo de se selecionarem as obras a exibir no festival; levantamentos fotográficos, que possibilitaram a documentação de peças nunca antes registadas; ações de restauro que vieram revalorizar os objetos intervencionados; entre outras ações de enriquecimento cultural generalizado.



**Gráfico 2** – Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de Ana Maria Brandão (1990 – 1995) | © MA

A Direção de Ana Maria Brandão, que durou 5 anos, promoveu a organização de 22 exposições temporárias. O ano em que decorreram mais exposições foi 1994, com 7 (altura coincidente com o evento *Lisboa'94 – Capital Europeia da Cultura*); e o ano em que decorreram menos foi 1992, com 2. Como se verifica na imagem supra [Gráf. 2], durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições monográficas, a que se seguiram as contemporâneas e, em terceiro, as de Pintura e Escultura, com valor igual.

### **3.4. JOSÉ LUÍS PORFÍRIO (dir. 1996 – 2004)**

José Luís Gordo Porfírio (n. 1943), licenciado em História na FLUL, trabalhou como Conservador no MNAA a partir de 1973, tendo assumido o cargo de Diretor da instituição de 1996 a 2004 – ano em que pediu a reforma, após 36 anos de serviço no Museu. Continua, ainda hoje, a exercer funções de crítico de arte, atividade paralela que iniciou em 1972.

Apesar de o próprio ter declarado, na entrevista que realizámos, que considera “a relação do MNAA com artistas vivos uma tradição sem data”, durante a sua Direção, a programação do Museu diversificou ainda mais a sua oferta, abrindo espaço à realização de exposições de arte contemporânea. Salienta, ainda, que uma das suas maiores preocupações foi garantir “que houvesse sempre uma relação com o que se mostrava” e que “a programação das exposições não [...] [fosse] uma simples ocupação de espaço” (*vide* Apêndice A).

#### **3.4.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**

Na Direção de José Luís Porfírio, destacam-se, por estas razões, as três seguintes exposições temporárias: a primeira, “Museu Nacional de Arte Antiga, Lissabon. As Grandes Coleções”, por ter sido realizada na Alemanha, por se integrar num ciclo expositivo que abrangiu várias entidades museológicas internacionais de muita relevância, e porque o tema central da exposição, de forma inédita e única, relaciona-se diretamente com a própria coleção do Museu convidado, através da sua coleção; a segunda, “Outro Mundo Novo Vimos”, tem que ver com o facto de ter sido organizada pela CNCDP, uma Comissão celebrativa que promoveu eventos de grande importância para o património português – a sua disponibilidade financeira permitiu (ao MNAA e

não só) a organização de exposições de grande qualidade e relevância cultural, como é o caso da que aqui apresentamos; e a terceira, “Pintura Portuguesa do Século XVII. Histórias, Lendas, Narrativas”, por contribuir para a pesquisa iconográfica de um género pictórico pouco estudado em Portugal, encorajando uma nova perspectiva sobre a arte barroca nacional. A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de José Luís Porfírio, assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice D).

### ***MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, LISSABON. AS GRANDES COLECÇÕES***

26 Mar 1999 – 11 Jul 1999 |

Kunst-und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, Bona

Esta exposição de comissariado científico misto, da autoria de José Luís Porfírio e Agnieska Lulinska, teve lugar na *Kunst-und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland* em Bona, na Alemanha, inserindo-se no ciclo das “Grandes Colecções”. Sendo uma “personagem e identidade reconhecida entre os seus pares mundiais” (J. A. S. Carvalho & M. J. V. Carvalho in Carvalho & Soromenho, 2019: 193), o tema principal foi o próprio MNAA, através da sua coleção – sendo este um conceito completamente inédito. A mostra foi constituída por um conjunto de 209 peças do acervo português, que se organizou em 11 núcleos temáticos, e que procurou refletir a essência da exposição permanente do Museu ao público alemão, contemplando as melhores peças que dariam “um entendimento global da [...] coleção na variedade dos tempos e dos lugares que testemunha” (Porfírio, 1999: 15).

Na época, a organização da disposição das obras de arte na exposição permanente tinha passado por diferentes abordagens, nomeadamente, a organização por escolas, técnicas, suportes e data de criação. Quando esta exposição aconteceu, o critério seria “técnica e material”, havendo uma galeria dedicada a cada tipologia de objeto. As únicas exceções seriam as salas de pintura europeia que, ocasionalmente, teriam peças de escultura, cerâmica, têxteis e mobiliário que complementariam a narrativa; e as salas “internacionais”, que ditavam um percurso por zona geográfica (África Ocidental, Índia, China e Japão). Assim, para a exposição de Bona, escolheu-se apresentar um percurso europeu (sécs. XI – XIX), um núcleo de desenhos (sécs. XVI – XIX) e 19 objetos oriundos de outros continentes que não a Europa.

No decorrer da entrevista que realizámos ao ex-Diretor, tivemos a oportunidade de conversar um pouco sobre esta exposição. Seguem algumas ideias, que podem ser acompanhadas sem omissões no Volume II desta dissertação (*vide* Apêndice A):

*A grande exposição que fiz, enquanto Diretor, não foi em Lisboa, mas em Bona. [...] Foi uma oportunidade de levar ao coração da Europa uma imagem forte do MNAA e das suas coleções; sem exageros. Não levava, obviamente, o Bosch ou os “Painéis de S. Vicente” [...] [mas] permitiu-me pensar o Museu no seu todo. [A mostra contou com] muitos colaboradores, não gastámos muito dinheiro e conseguimos fazer um catálogo muito diversificado. Tive o grande apoio de muitas pessoas, como do incansável José Alberto Seabra, e de muitos outros que trabalhavam mais diretamente comigo. Acho que foi uma boa peça. Enfim, [...] foi uma altura de pensar. Pensar a coleção, pensar a função do Museu... e acho que isso ficou feito. (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, setembro 23, 2023)*

## **OUTRO MUNDO NOVO VIMOS**

20 Jul 2001 – 04 Nov 2001 |

Galeria de Exposições Temporárias, Sala dos Passos Perdidos e Átrio das Janelas Verdes

Esta exposição, constituída por 112 peças de tipologia variada provenientes de instituições nacionais e estrangeiras, teve um comissariado científico misto, sendo realizada em colaboração com a CNCDP, com o propósito de encerrar a atividade de mais de 15 anos desta Comissão. Funcionando como uma exposição de síntese, o objetivo principal era dar a conhecer o percurso da Expansão Portuguesa durante os séculos XV e XVI, que envolvia fatores como o desenvolvimento do comércio, o transporte de mercadorias e a convivência com outros povos.

Num catálogo<sup>59</sup> profusamente ilustrado, com 260 páginas, Joaquim Romero de Magalhães (1942 – 2018) (comissário das CNCDP que, nesta mostra, trabalhou em conjunto com José Luís Porfírio) introduz o projeto: “«Era o resto do Mundo que

---

<sup>59</sup> Numa tentativa de o tornar mais inclusivo, a CNCDP produziu, também, uma versão deste catálogo expositivo destinada ao público mais jovem. Intitula-se “Outro Mundo Novo Vimos: Guia Infantil da Exposição”.

faltava [...]» [,] pensariam não poucos portugueses de Quatrocentos e de Quinhentos a cada novidade que lhes era comunicada de novas descobertas feitas pelos homens do mar” – e, como diria ao jornal “Público”, esta foi “uma exposição sobre as formas de ver, de sentir e de dizer [...]. Os homens são motivados por razões de convivência, mas também por razões de violência” (Público *apud* Magalhães, 2001).

Na conversa que entabulámos, o ex-Diretor do MNAA refere brevemente alguns aspetos sobre este evento e a sua organização, e explicita os benefícios que a colaboração com a CNCDP trouxe ao Museu, a nível financeiro e de programação: “Francamente, há zonas com e sem dinheiro. E isso é muito importante. Deu-se uma muito boa relação entre o Museu e a Comissão dos Descobrimentos porque ambos os organismos precisavam um do outro<sup>60</sup>”.

*Por um lado, foi bom porque era uma Comissão privilegiada, em termos de dinheiro, e podíamos fazer coisas que não se faziam em mais lado nenhum. Eu lembro-me que quando a Comissão acabou, falei com o José Alberto Seabra [...] e não tínhamos dinheiro: “ó diabo, isto é à moda antiga! Vamos fazer uma exposição sem dinheiro!”.*

*Na exposição final da Comissão dos Descobrimentos, [...] foi possível incluir algumas obras contemporâneas (como João Cutileiro, António Costa Pinheiro, etc.). A Comissão não tinha muito que ver com arte moderna; mas como era pretendido fazer uma grande exposição histórica do ponto de vista iconográfico, porque não envolver boas peças do século XX? (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, setembro 23, 2023)*

## **PINTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XVII. HISTÓRIAS, LENDAS, NARRATIVAS**

04 Fev 2004 – 02 Mai 2004 | Galeria de Exposições Temporárias

Exposição sobre pintura barroca, comissariada por Luís de Moura Sobral (1943 – 2021) – estudioso da “função iconográfica da pintura em Portugal, entre o final do primeiro quartel do século XVII e os inícios do século seguinte” (MNAA, 2004: para. 1-2). A

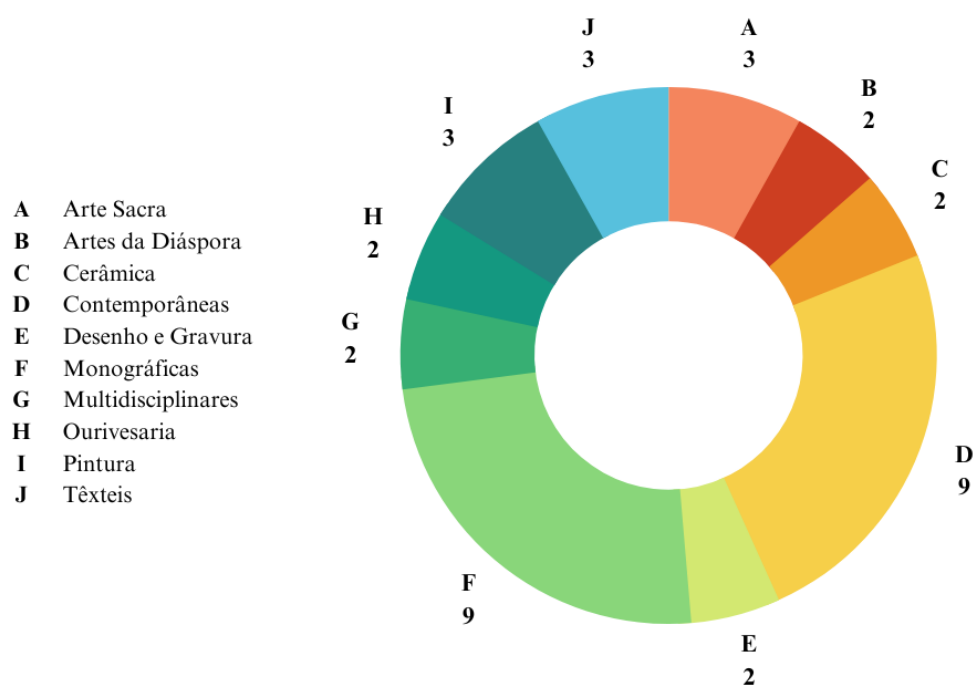
---

<sup>60</sup> José Luís Porfírio refere-se às vantagens simbióticas de que tanto a CNCDP como o MNAA beneficiavam: a primeira, com o auxílio técnico do segundo; e o segundo, com o apoio financeiro da primeira.



curadoria envolveu obras nacionais, provenientes de museus, igrejas e coleções particulares. Esta exposição envolveu a apresentação de 81 pinturas seiscentistas (incluindo 40 que foram completamente inéditas ao olhar do público). O conceito da exposição baseou-se em tentar mostrar o “efeito ficcional” da pintura do século XVII na sua vertente austera, fundamentalmente eclesiástica, que se torna desafiante de interpretar. Para além disso, a proposta desta exposição visou, ainda, apresentar um primeiro panorama geral de um século pictórico que, no seu essencial, é desconhecido.

Numa perspetiva final, esta mostra serviu de pretexto para o restauro profundo de cerca de metade das peças que foram apresentadas (61, no total) e que se mantinham, até então, nas reservas do Museu. Devido à narrativa conceptual que se optou explorar na exposição, as obras não se encontravam organizadas por autor ou cronologicamente; ao invés, seguiam uma temática orientada pelos assuntos que os pintores exploraram nas suas criações, como se de reflexos dos seus próprios imaginários se tratassem.



**Gráfico 3** – *Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de José Luís Porfírio (1996 – 2004)* | © MA

A Direção de José Luís Porfírio, que durou 8 anos, envolveu a organização de 36 exposições temporárias. O ano em que decorreram mais exposições foi 2001, com 6; e o ano em que decorreram menos foi 2004, com 2 (ano em que o ex-Diretor abandonava o

MNAA). Como se verifica na imagem supra [Gráf. 3], durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições monográficas e contemporâneas, com o mesmo valor. No período em análise (1974 – 2023), foi o primeiro Diretor a incluir exposições multidisciplinares na programação temporária.

### **3.5. DALILA RODRIGUES (dir. 2004 – 2007)**

Maria Dalila Aguiar Rodrigues (n. 1960), doutorada em História da Arte pela Universidade de Coimbra, e professora e investigadora especializada em História da Pintura Portuguesa, ocupou o cargo de Diretora do MNAA de 2004 a 2007. Não foi reconduzida nessa função por ter sido “afastada”, tendo sido “a primeira e única a discordar abertamente do actual modelo de gestão dos museus nacionais, para os quais defendia uma autonomia financeira” (Expresso, 2007).

Assumiu, ainda, funções como Diretora do Museu Grão Vasco (2001 – 2004) e da Casa das Histórias Paula Rego (2009 – 2010). Foi Diretora de Comunicação, Marketing e Desenvolvimento da Casa da Música, em 2008, e foi vogal do Conselho de Administração do Centro Cultural de Belém (CCB). Desde 2019, ocupa o cargo de Diretora do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém.

Focando-se, essencialmente, na obtenção de apoios financeiros (nomeadamente mecenáticos) e apostando na grande visibilidade e abertura dos espaços a iniciativas fora do âmbito museológico e a novos públicos, reorganizou coleções, percursos e visitas, e requalificou e modernizou os espaços do Museu.

#### **3.5.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**

Durante a Direção de Dalila Rodrigues, entendemos que a exposição temporária “Grandes Mestres da Pintura: de Fra Angelico a Bonnard. Colecção Rau” merece destaque, sendo que conferiu um investimento cultural amplificado no MNAA, tanto a nível nacional como internacional, a partir da exibição de uma seleção de obras de grande qualidade e importância pertencentes à coleção do Dr. Gustav Rau (1922 – 2002). Tal esforço e investimento traduziu-se em mérito, sendo que esta exposição trouxe o valor considerável de cerca de 80 mil pessoas ao Museu (Agência Lusa, 2006).

A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de Dalila Rodrigues, assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice E).

***GRANDES MESTRES DA PINTURA: DE FRA ANGELICO A BONNARD.***

***COLECÇÃO RAU***

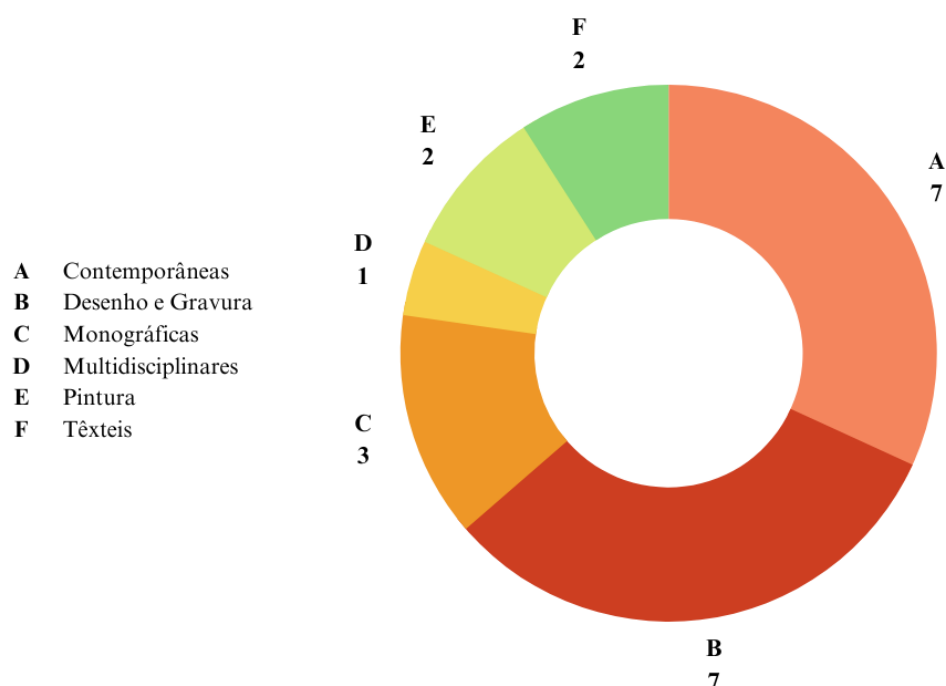
18 Mai 2006 – 15 Out 2006 | Galeria de Exposições Temporárias

Esta exposição consistiu na apresentação de um conjunto de pinturas de grandes mestres europeus, abrangendo cronologicamente o classicismo dos séculos XV – XVIII e as diversas linguagens da pintura no século XIX e início do século XX. Com temática relacionada à investigação e à formação académica de Dalila Rodrigues, esta mostra envolveu a apresentação inédita em território nacional de 95 pinturas pertencentes à coleção do médico e filantropo Dr. Gustav Rau, compreendendo nomes “que vão de Fra Angelico a Bonnard, passando por Canaletto, Cranach, Fragonard, Greco, Toulouse-Lautrec, Vuillard, Cézanne, Manet, Monet e Pissarro” (Gautrat in Penalva et al., 2006). O conjunto das obras expostas teve como principal critério de seleção a sua capacidade refletiva daquela que era a personalidade de Dr. Rau enquanto colecionador e proprietário, quer no que diz respeito à sua apreciação por momentos cruciais da história da pintura europeia, quer nos seus padrões de aquisição rigorosos (ambos fatores que propiciaram a riqueza da coleção).

Ao apresentar um notável conjunto de obras pictóricas, esta exposição procurou reforçar o desempenho e a distinção do MNAA, reposicionando-o num “espaço de referência” e dando abertura para investir na sua “percepção crítica da cultura museológica” – aspetos que, na época, se podem ter sensibilizado dado à dificuldade financeira (comum a todos os museus) que se vivia nessa altura.

*Trata-se, simplesmente, de recuperar e reforçar, sobretudo no plano da programação das exposições temporárias, mas também nos da actividade curatorial, editorial e formativa [...], o protagonismo e a visibilidade equivalentes às vastas e importantes colecções que o MNAA conserva, investiga e apresenta aos seus Públicos. (Rodrigues in Penalva et al., 2006)*

Importa salientar que Dalila Rodrigues, com esta exposição, inaugurou uma nova política cultural no MNAA, que só veio a ser retomada com António Filipe Pimentel, já na década seguinte: o acolhimento de grandes exposições internacionais itinerários no espaço da instituição. Assim como sucedeu nos países em que esta exposição tinha constado anteriormente (França, Holanda, Alemanha, Itália, Colômbia e EUA), esta experiência mostrou-se profícua, trazendo cerca de 80 mil visitantes ao Museu; por essa razão, a sua duração foi estendida por mais um mês, alterando-se a data de encerramento original de 17 de setembro de 2006 para 15 de outubro do mesmo ano.



**Gráfico 4** – *Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de Dalila Rodrigues (2005 – 2007)* | © MA

A Direção de Dalila Rodrigues, que durou 3 anos, envolveu a organização de 22 exposições temporárias. O ano em que decorreram mais exposições foi 2005, com 9; e o ano em que decorreram menos foi 2007, com 6 (ano em que a ex-Diretora abandonava o MNAA). Como se verifica na imagem supra [Gráf. 4], durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições de desenho e gravura e de têxteis, a que se seguiram as monográficas.

### 3.6. PAULO HENRIQUES (dir. 2007 – 2010)

Paulo Henriques (n. 1957), mestre em História da Arte Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa, ocupou o cargo de Diretor do MNAA de 2007 a 2010. Foi professor de ensino secundário a partir da década de 80 e exerceu, também, funções de administração no Museu de José Malhoa (1992 – 1998), do Museu Nacional do Azulejo (1998 – 2007) e do Museu Nacional de Arte Contemporânea (2012 – 2013).

Sem concluir o mandato de três anos, esclareceu o Ministério da Cultura, que o seu afastamento surge "no âmbito de uma nova orientação estratégica dos organismos [...] em que se inclui o Plano Estratégico para os Museus do Século XXI<sup>61</sup>" (*apud* Coelho & Rato, 2010). A sua visão de recato mediático, mais focada na reabilitação da credibilidade científica e não tanto na aquisição de autonomia financeira, levou-o a trilhar um percurso diferente do da sua antecessora – mas que poderá ter ditado o seu afastamento do cargo.

#### 3.6.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

No contexto das exposições temporárias realizadas sob a Direção de Paulo Henriques, elencamos estas duas, com base nas seguintes razões: a primeira, “Vieira Portuense. Súplica de Inês de Castro”, destaca-se por ter envolvido a aquisição de uma obra de extrema importância para o património pictórico português, que se julgava perdida, e cuja equivalente foi arrasada num incêndio, pouco tempo antes; a segunda, “Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII”, importa, principalmente, devido à sua magnitude e complexidade, que envolveram grandes esforços e que vieram demarcar fortemente a história do MNAA. Tendo sido realizada primeiramente no estrangeiro, significou, também, mais uma ocasião para a divulgação do património português e de uma temática que, como já pudemos constatar, é bastante explorada e apreciada no estrangeiro (tendo esta mostra, aliás, surgido de uma sugestão de um americano). A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de Paulo Henriques,

---

<sup>61</sup> Plano estratégico que permitiria financiar plurianualmente os museus, possibilitando regalias como programação a longo prazo, com a condição de os seus programas de atividades serem definidos em colaboração com o Ministério.

assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice F).

### **VIEIRA PORTUENSE. SÚPLICA DE INÊS DE CASTRO**

26 Fev 2009 – 29 Mar 2009 | Galeria de Exposições Temporárias

Exposição em torno da pintura *A Súplica de Inês de Castro* (ca. 1802), da autoria do pintor português Francisco Vieira, dito Vieira Portuense (1765 – 1805), pertencente à coleção da Fundação Caixa Geral de Depósitos.

No ano seguinte à destruição por incêndio da mais notável obra de Vieira Portuense, *Filipa de Vilhena Armando os Filhos Cavaleiros* (1801), reapareceu à venda, num leilão em Paris, a obra acima mencionada, que se julgava perdida. Na altura, no ano de 2008, a pintura foi imediatamente adquirida pela Culturgest – Fundação Caixa Geral de Depósitos. Numa circunstância ideal, o Estado teria comprado a obra assim que fosse possível; no entanto, quando ela chegou a Portugal, limitou-se a ser depositada nas instalações do MNAA.

Considerada uma das peças neoclássicas mais importantes da arte portuguesa, *A Súplica de Inês de Castro*, que originalmente tinha sido concebida para integrar a coleção do Palácio da Ajuda, foi levada para fora de Portugal, no século XIX. Por essa razão, a aquisição feita pela Culturgest é encarada como uma tentativa de a recuperar. A compra da pintura não fora assegurada pelo Ministério da Cultura – o que se traduziu na falta de apoio financeiro para a sua aquisição, e que ressalta, de certo modo, a impotência que o Estado português pode ter na proteção de “verdadeiros tesouros nacionais” (Pinho, 2013: 151).



**Figura 19** – Sala de exposição da obra “*Súplica de Inês de Castro*” (2009) | Fonte: (Arquivo.pt, 2009)

## **PORTUGAL E O MUNDO NOS SÉCULOS XVI E XVII**

15 Jul 2009 – 11 Out 2009

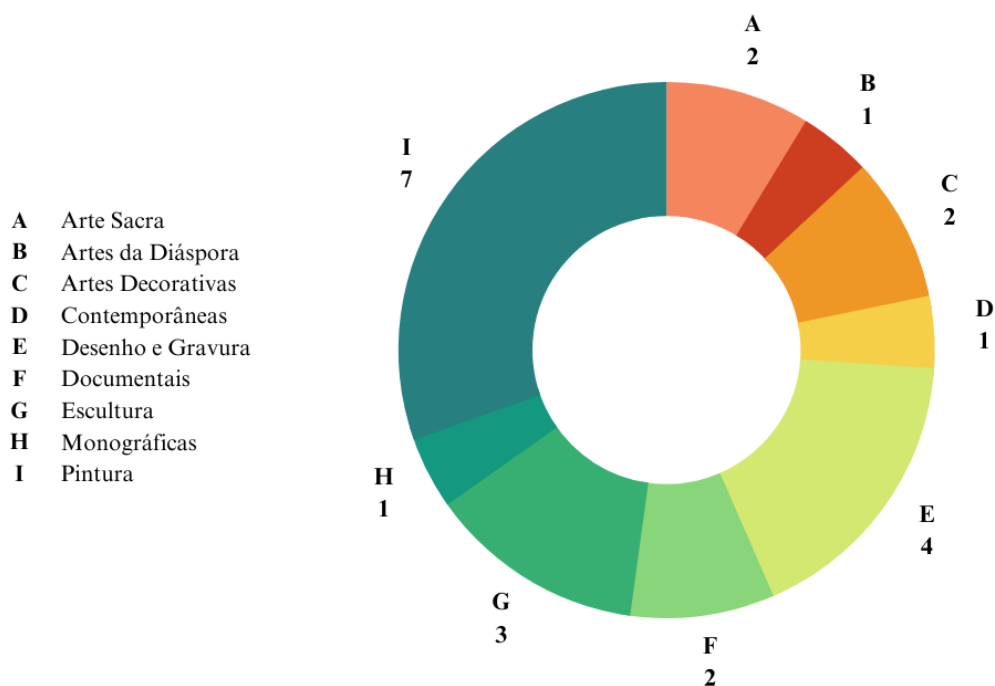
Esta mostra é a versão portuguesa da exposição homóloga intitulada *Encompassing the Globe. Portugal and the World in the 16<sup>th</sup> & 17<sup>th</sup> Centuries*, que foi organizada pela *Smithsonian Institution* e exibida em Washington D.C., entre junho e setembro de 2007 (e, posteriormente, no BOZAR – Palácio de Belas-Artes de Bruxelas, com o nome *Autour du Globe. Le Portugal dans le Monde aux XVIe et XVIIe Siècle*, entre outubro de 2007 e fevereiro de 2008). O conceito original deste evento partiu de Jay Levenson, que o apresentou a Julian Raby – responsável, na altura, pela Galeria *Arthur M. Sackler* (constituente do Museu Nacional de Arte Asiática de Washington, em conjunto com a *Freer Gallery of Art*) – e que levou cerca de quatro anos a planear.

Partindo de uma perspectiva norte-americana, esta exposição, constituída por cerca de 250 objetos provenientes de museus portugueses e internacionais, foi um “testemunho da presença cultural portuguesa em África, na Ásia e nas Américas” nos séculos XVI e XVII, onde se ilustrou Portugal como o principal país disseminador do conhecimento global da época, pela sua atividade de “intercâmbio cultural, artístico, científico e linguístico” (Arquivo.pt, 2009). Assim, a exposição tinha como temática principal a Expansão Marítima Portuguesa e os seus efeitos culturais. Foi um grande sucesso público, tendo acolhido mais de 340.000 visitantes.

Contando com 173 peças no total (de tipologias várias, como Pintura, Escultura, Ourivesaria, Cartografia, entre outras), a versão do MNAA, denominada “Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII”, diferenciou-se por ter abrangido “tesouros nacionais” – nomeadamente os *Painéis de São Vicente*, a *Custódia de Belém* e os *Biombos Namban* – que não puderam sair do país devido à legislação que os protege e, conseqüentemente, ser cedidos às outras edições. Sendo um outro caso de sucesso, esta exposição em Lisboa contou com cerca de 72.000 visitantes (Pinho, 2022). Do projeto museográfico da autoria de Célia Anica, após o término do evento, ficariam equipamentos expositivos para o MNAA, disponíveis para realizar noutras exposições.

A edição em território nacional foi o evento que culminou no afastamento de Paulo Henriques, por ter constrangido o MNAA a acarretar por orçamento próprio as despesas

assumidas pelo Ministério da Cultura que, inicialmente, se estimariam por volta dos 2,8 milhões de euros (sendo que um terço desse valor estava previsto ser angariado com o apoio de mecenas e patrocinadores). Estes compromissos orçamentais geraram polémica e, naturalmente, não puderam ser completamente liquidados – tendo de envolver a participação do IMC, que se viu obrigado a reduzir cerca de um milhão de euros do seu orçamento (Pinho, 2022).



**Gráfico 5** – *Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de Paulo Henriques (2007 – 2010)* | © MA

A Direção de Paulo Henriques, que durou 3 anos, envolveu a organização de 23 exposições temporárias. O ano em que decorreram mais exposições foi 2008, com 12; e o ano em que decorreram menos foi 2007, com 1 (altura em que o ex-Diretor entra no MNAA, apanhando a reta final de programação daquele ano que foi, maioritariamente, abrangido pela administração antecessora). Como se verifica na imagem supra [Gráf. 5], durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições de Pintura, a que se seguiram as de Desenho e Gravura e, em terceiro, as de Escultura.

Paulo Henriques foi a primeiro Diretor a atingir 12 exposições anuais, sendo este um valor que só começou a ser comum com António Filipe Pimentel. Este facto torna-se especialmente curioso por ter ocorrido em 2008, altura em que se vivia uma crise financeira a nível global, encetada pela falência do banco norte-americano *Lehman*



*Brothers*. Como abordaremos mais à frente, o MNAA parece ter uma tendência de investimento nas exposições temporárias em momentos críticos da história do país.

### 3.7. ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL (dir. 2010 – 2019)

António Manuel Filipe Rocha Pimentel (n. 1959) é Doutor em História da Arte (2003) e Mestre em História Cultural e Política da Época Moderna (1991), sempre pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Nessa instituição, António Filipe Pimentel lecionou, ocupou o cargo de pró-reitor e liderou a coordenação científica da candidatura da instituição a património mundial da UNESCO. Foi, também, Diretor do Instituto de História da Arte (2005 – 2009) dessa Faculdade. Ocupou o cargo de Diretor do MNAA de 2010 a 2019.

De 2009 a 2010, dirigiu o Museu Grão Vasco; de 2020 a 2022, integrou o conselho de administração do *World Monuments Fund Portugal*; e é, desde 2021, Diretor do Museu Calouste Gulbenkian.

António Filipe Pimentel apostou numa vigorosa campanha de divulgação nacional e internacional do MNAA, com várias iniciativas que granjearam o reconhecimento do “primeiro museu nacional”, dentro e fora de portas. Promovendo angariações de fundos e parcerias, dinamizando o Museu com uma intensa programação e enriquecimento das coleções, atraiu novos públicos e promoveu a mudança na imagem da instituição. No entanto, o afastamento ideológico com o modelo de gestão proposto pelo Governo, o constante desinvestimento nos recursos humanos, a incapacidade de ampliação de espaços e a pouca agilidade administrativa e financeira, fizeram com que escolhesse não ser reconduzido no cargo de Diretor por “falta de condições”, numa instituição que “está no limite das forças” (Diário de Notícias, 2019).

#### 3.7.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Conforme mencionado no Capítulo II, na história do MNAA, António Filipe Pimentel foi um dos Diretores que mais procurou inovar e reabilitar a instituição. Parte das suas estratégias, que pretendiam sempre a melhoria da programação do Museu e a sua estabilização num patamar de qualidade, envolveram a criação de pequenas e médias

mostras temporárias, paralelas à comum programação, e – nos casos da Sala do Tecto Pintado e da Sala do Mezanino – adstritas a um determinado espaço emblemático do Museu.

## SALA DO TECTO PINTADO

Com propósito serial, este programa iniciado em 2010 – constituído por pequenas mostras monográficas e dedicado a projetos de investigação que envolvem diretamente o acervo do MNAA –, procura que as exposições que inclui sejam realizadas “em ritmo pendular [e trimestral], somente entrecortado pelas necessidades técnicas de desmontagem e montagem”. Utilizando as palavras do ex-Diretor, a Sala do Tecto Pintado (correspondente à Sala 50, no Piso 1) é um espaço de pequenas dimensões, à qual o Museu conferiu a vocação autónoma de abranger “mostras de pequena escala, cujo ponto comum constitui o seu transversal alicerce em projectos de investigação”, quer sejam estes desenvolvidos pela equipa técnica do MNAA ou por um comissariado externo (Pimentel *in* Henriques, 2011b: 5-6).

Pretende-se, acima de tudo, que este seja um espaço dedicado às ações de inventário, estudo e preservação: “o lado oculto do trabalho museográfico”. Esta iniciativa possibilitou “o enriquecimento, a baixo custo (com mobilização de pequenos mecenatos) e com taxa de esforço limitada (fundamental, numa equipa que se vê dramaticamente reduzida), do desenho programático do Museu” (Pimentel, 2019: 33). Mostram-se, após a figura, todas as edições realizadas, até à data, dentro deste programa [Tab. 1]:



**Figura 20** – *Quadratura da Sala do Tecto Pintado* | Fonte: (Monteiro, 2017: 218)

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	DATA
<i>Sobre o Trilho da Cor</i>	23/09/2010 - 28/11/2010
<i>Esculturas de Género</i>	10/12/2010 - 27/02/2011
<i>Facciate Dipinte</i>	25/03/2011 - 19/06/2011
<i>Esplendor Holandês</i>	30/06/2011 - 11/09/2011
<i>Viagens</i>	21/09/2011 - 27/11/2011
<i>Revelações</i>	10/12/2011 - 26/02/2012
<i>De Amicitia</i>	08/03/2012 - 17/06/2012
<i>Jan Provoost</i>	22/06/2012 - 16/09/2012
<i>Thesaurus</i>	28/09/2012 - 02/12/2012
<i>Do Mar e da Terra</i>	08/12/2012 - 30/03/2013
<i>Ilusionismos</i>	08/03/2013 - 26/05/2013
<i>O Frei Carlos da América</i>	28/06/2013 - 24/11/2013
<i>Vita Christi</i>	07/12/2013 - 02/03/2014
<i>Luca Giordano</i>	20/03/2014 - 22/06/2014
<i>Splendor et Gloria</i>	24/09/2014 - 11/01/2015
<i>Aqua</i>	18/06/2015 - 04/10/2015
<i>Joyeuse Entrée</i>	15/10/2015 - 14/02/2016
<i>O Tesouro da Rainha Santa</i>	03/03/2016 - 19/06/2016
<i>Estêvão Gonçalves Neto</i>	07/07/2016 - 23/10/2016
<i>Domingos Sequeira</i>	03/12/2016 - 12/03/2017
<i>Anatomia de uma Pintura</i>	18/01/2018 - 13/05/2018
<i>"O Pai dos Cristos"</i>	08/11/2018 - 03/03/2019
<i>Luxo Asiático</i>	27/11/2019 - 02/02/2020
<i>A linha que fecha também abre</i>	18/05/2020 - 26/07/2020
<i>Almada Negreiros e os Painéis de São Vicente</i>	15/10/2020 - 05/09/2021
<i>Tão uteis como os originaes</i>	25/05/2023 - 29/10/2023

**Tabela 1** – Exposições integradas no programa da “Sala do Tecto Pintado” (2010 – 2023) | © MA

## SALA DO MEZANINO

Esta iniciativa, inaugurada em 2011, envolve a exibição temporárias de objetos da Coleção de Desenhos e Gravuras pertencentes ao acervo do MNAA, na Sala do Mezanino [Fig. 21], no piso 1. Como se trata de uma sala de pequenas dimensões, o controlo das suas condições ambientais é mais fácil. Consideramos que essa seja uma das principais razões para este local se dedicar às obras gráficas que, tendo suporte em papel, são sensíveis à luz e são expostas em *vitrines* protetoras. Permitindo a monitorização do tempo de exposição das obras à luz e a escolha adequada da tipologia luminosa, a exibição destes objetos pode ser feita de forma segura e sem comprometer a sua integridade, no que diz respeito às condições de conservação e preservação. Para além disso, tendo em conta que a propriedade dos bens é do próprio Museu, não existem questões adicionais em relação a empréstimos vindos de fora. Assim, as exposições tornam-se mais recorrentes e o público tem acesso a obras do MNAA que, em circunstâncias normais, estariam em reserva. É de destacar que a maioria destas exposições foram comissariadas por Alexandra Gomes Markl, a atual responsável pela Coleção de Desenho.



**Figura 21** – Exposição “No Olimpo com o Desenho” na Sala do Mezanino | Fonte: [Instagram](#)

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	DATA
<i>Falerística nas Coleções do MNAA</i>	23/10/2010 - 31/12/2010
<i>Cyrillo e o Programa de S. Sebastião da Pedreira</i>	29/10/2011 - 19/01/2012
<i>Tempo e Heróis</i>	10/02/2012 - 29/04/2012
<i>Desenhar o Novo Mundo</i>	18/05/2012 - 30/09/2012
<i>Da Ideia à Forma</i>	16/10/2012 - 13/01/2013
<i>Deambulações</i>	28/02/2013 - 05/05/2013

<i>Árvores</i>	28/06/2013 - 08/12/2013
<i>Domingos Sequeira</i>	17/12/2013 - 30/03/2014
<i>Desenhos Maneiristas Lombardos</i>	24/06/2012 - 12/10/2014
<i>Il Celebre Pitore</i>	04/11/2014 - 08/03/2015
<i>O Belo Vermelho</i>	17/03/2015 - 28/06/2015
<i>Luca Cambiaso</i>	07/07/2015 - 18/10/2015
<i>Do Japão</i>	03/11/2015 - 14/02/2016
<i>O Retrato Europeu na Coleção de Desenho do MNA</i>	23/02/2016 - 12/06/2016
<i>Giuseppe Cades (1750 - 1799)</i>	30/06/2016 - 09/10/2016
<i>Desenhos de Jacopo Palma, o Jovem</i>	18/10/2016 - 05/03/2017
<i>Um Gosto pela Alegoria</i>	14/03/2017 - 18/06/2017
<i>Desenhar Para Gravar. Séculos XVI - XIX</i>	27/06/2017 - 15/10/2017
<i>Anjos. Entre o Céu e a Terra</i>	24/10/2017 - 11/02/2018
<i>No Reino dos Animais</i>	20/02/2018 - 17/06/2018
<i>Cenas do Quotidiano</i>	13/07/2018 - 14/10/2018
<i>Mitologia e História</i>	23/10/2018 - 17/02/2019
<i>Sobre as Águas</i>	26/02/2019 - 26/05/2019
<i>Cyrillo e as "Metamorfoses", de Ovídio</i>	31/05/2019 - 29/09/2019
<i>Arcádia</i>	08/10/2019 - 26/01/2020
<i>Guerreiros e Batalhas</i>	04/02/2020 - 19/07/2020
<i>Desenhar para Ornar</i>	28/07/2020 - 06/12/2020
<i>A Caça</i>	15/12/2020 - 27/06/2021
<i>Joaquim Carneiro da Silva (1727 - 1818)</i>	06/07/2021 - 31/10/2021
<i>Quando os Discipulos Eram Mestres</i>	16/11/2021 - 27/02/2022
<i>Pedro Alexandrino de Carvalho (1729 - 1810)</i>	15/03/2022 - 03/07/2022
<i>A Música no Desenho</i>	12/07/2022 - 30/10/2022
<i>Por Terras de Portugal</i>	29/11/2022 - 26/03/2023
<i>No Olimpo com o Desenho</i>	04/04/2023 - 25/06/2023
<i>Guerra Junqueiro</i>	07/07/2023 - 22/10/2023

**Tabela 2** – Exposições integradas no programa da “Sala do Mezanino” (2010 – 2023) / © MA

## OBRA CONVIDADA

"OBRA CONVIDADA" é um programa da autoria do MNAA, lançado em 2013, que permite a exposição de obras relevantes da pintura, oriundas de importantes instituições estrangeiras, no quadro de um processo de internacionalização do museu. A maioria das suas edições é feita através da formação de parcerias e da exibição de empréstimos e permutas. Esta iniciativa permite o enriquecimento programático das exposições temporárias do Museu, ao mesmo tempo que pretende colmatar as lacunas existentes no seu acervo. Para além disso, trata-se de uma oportunidade muito interessante e educativa, que dá a conhecer aos visitantes obras de prestigiados autores da pintura antiga ocidental, proveniente dos grandes museus e coleções públicas de todo o mundo. Seguem, em formato de tabela, todas as edições realizadas, até à atualidade, dentro deste projeto:

OBRA	AUTOR	DATA
<i>Judite com a Cabeça de Holofernes</i>	Lucas Cranach	24/01/2013 - 28/04/2013
<i>Virgem e o Menino com Santa Bárbara, Santa Isabel da Hungria e um Doador</i>	Jan van Eyck e Oficina	24/05/2013 - 01/09/2013
<i>Carlos IV, Rei de Espanha e Maria Luísa de Parma, Rainha de Espanha</i>	Francisco de Goya y Lucientes	10/10/2013 - 19/01/2014
<i>Virgem com o Menino</i>	Andrea del Verrocchio	30/01/2014 - 18/05/2014
<i>A Virgem da Sopa de Leite</i>	Gérard David	29/05/2014 - 07/09/2014
<i>São Tiago Maior</i>	José de Ribera	16/09/2014 - 11/01/2015
<i>Baco, Vênus e Cupido</i>	Rosso Fiorentino	22/01/2015 - 18/05/2015
<i>Adão e Eva</i>	Jan Gossaert	02/06/2015 - 06/09/2015
<i>A Sagrada Família com Santa Ana</i>	El Greco	14/09/2015 - 10/01/2016
<i>A Via di Ripetta em Roma</i>	Bernardo Bellotto	16/02/2016 - 05/06/2016
<i>Autorretrato</i>	Albrecht Dürer	18/05/2016 - 18/09/2016
<i>Vertunno e Pomona</i>	Jacob Jordaens	22/06/2016 - 27/11/2016
<i>Retrato de D. Francisco de Moura Corte Real, 3.º Marquês de Castelo Rodrigo</i>	François Duchatel	02/12/2016 - 19/03/2017
<i>O Canal Grande a Partir do Campo San Vio</i>	Antonio Canal il Canaletto	22/03/2017 - 02/07/2017
<i>Retrato de Monsieur e Madame Thomas Germain</i>	Nicolas de Largillierre	06/07/2017 - 24/09/2017
<i>Sibila</i>	Diego Velázquez	28/09/2017 - 14/01/2018

<i>Aparição de um Anjo às Santas Clara e Inês de Assis e Coleta de Corbie</i>	Quentin Metsys	25/01/2018 - 13/05/2018
<i>Retrato de Anne Catherine Le Preudhomme, Condessa de Verdun</i>	Élisabeth Louise Le Brun	18/05/2018 - 16/09/2018
<i>A Rendição do Eleitor da Saxónia Perante Carlos V</i>	Luca Giordano	20/09/2018 - 20/01/2019
<i>Maria Madalena Penitente</i>	Ticiano Vecellio	05/02/2019 - 30/04/2019
<i>São Jerónimo</i>	Albrecht Dürer	09/05/2019 - 11/08/2019
<i>Quatro Painéis do Retábulo de Santa Luzia</i>	Mestre de Ríglas	15/05/2019 - 08/09/2019
<i>Frei Pedro Machado</i>	Francisco de Zurbarán	19/09/2019 - 12/01/2020
<i>Calendário</i>	Peeter Baltens	30/01/2020 - 28/06/2020
<i>Retrato do Procurador e General do Mar, Daniele IV Dolfin</i>	Giambattista Tiepolo	17/12/2020 - 29/04/2021
<i>Ecce Homo e Mater Dolorosa</i>	Aelbrecht Bouts	27/07/2021 - 26/09/2021
<i>Infanta Isabel Clara Eugénia com Magdalena Ruiz</i>	Alonso Sánchez Coello	08/10/2021 - 02/01/2022
<i>Mensageiro</i>	Frei Juan Ricci	01/04/2022 - 26/06/2022
<i>Autorretrato</i>	Nicolas Poussin	25/10/2022 - 15/01/2023
<i>Virgem em Glória com Santos</i>	Andrea Mantegna	10/11/2022 - 12/03/2023
<i>Retrato de Jakob Muffel e Retrato de Homem (João Brandão)</i>	Albrecht Dürer	22/06/2023 - 24/09/2023

**Tabela 3** – Exposições integradas no programa da “OBRA CONVIDADA” (2013 – 2023) | © MA

Posto isto, as três exposições temporárias realizadas durante a Direção de António Filipe Pimentel que mais se destacam, são: “Primitivos Portugueses. O Século de Nuno Gonçalves”, por ter sido uma reflexão sobre a exposição com o mesmo nome, ocorrida na década de 40. Para além disso, a sua *ready made* foi extremamente importante, por ter introduzido o conceito de “arte pronta” que, no caso, permitiu levar a públicos externos uma seleção de obras muito prestigiadas do património pictórico português; a segunda, “ComingOut. E se o museu saísse à rua?”, salienta-se pelo seu lado criativo e abrangente, por terem sido exibidas réplicas de obras do MNAA, com alta qualidade, pela cidade de Lisboa, tornando-a acessível a um público maior, numa atitude – que pode ser considerada democratizante – e de divulgação do Museu; a terceira, “A Cidade Global”, importa referir, especialmente, devido às complicações administrativas que enfrentou, por suscitar uma reflexão importante sobre um tema que vários Diretores do MNAA têm vindo a abordar: a autonomização da gestão museológica. A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de António Filipe Pimentel,

assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice G).

### ***PRIMITIVOS PORTUGUESES. O SÉCULO DE NUNO GONÇALVES***

11 Nov 2010 – 23 Abr 2011 | Piso 3

Exposição de grande dimensão, que reuniu cerca de 160 pinturas dos séculos XV e XVI, a partir da mostra homónima ocorrida no MNAA no ano de 1940. A data da sua inauguração assinalou os 100 anos da primeira apresentação ao público do políptico dos *Painéis de S. Vicente* de Nuno Gonçalves – um ícone absolutamente incontornável da Pintura nacional, sendo “a obra fundadora da noção de Escola Portuguesa” (Seabra *apud* Cordeiro, 2010).

Esta exposição pretendeu, acima de tudo, fazer uma coletânea de obras pictóricas que permitiam apreciar o melhor que existiu na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI. Reunindo peças recentemente submetidas a intervenções de restauro e reagrupando painéis anteriormente dispersos (como, por exemplo, o do Convento do Paraíso, em Évora, da autoria de Gregório Lopes [1509 – 1550]), esta mostra procurou dignificar a espantosa qualidade técnica deste legado histórico associado aos *Primitivos Portugueses* que – sendo admirável, mas modesto como o seu povo – não é tão prestigiado quanto deveria. Procurou, igualmente, documentar e fazer discorrer sobre as conceções convencionais de “originalidade artística” e “identidade nacional”, que teve início com Nuno Gonçalves e que foram posteriormente continuadas e firmadas pelos pintores da primeira metade do século XVI em Portugal.

Em Portugal, a exposição dividiu-se em seis núcleos no espaço do MNAA, no terceiro piso do Anexo, e foi complementada com um sétimo, no Museu de Évora. No entanto, é importante frisar a vertente de permuta que esta exposição teve enquanto itinerante; abrangendo peças que são muito apreciadas no estrangeiro – mas que, por questões de conservação, não podem circular tão frequentemente – esta foi a solução ideal para as exibir perante outros públicos, de forma mais segura e eficaz (ao reunir, numa única exposição, todas estas obras icónicas e muito procuradas).



## **COMING OUT. E SE O MUSEU SAÍSSE À RUA?**

29 Set 2015 – 01 Jan 2016 | Chiado, Lisboa

Durante cerca de meio ano, o MNAA preparou uma iniciativa surpresa (destinada ao público em geral, mas em particular aos moradores e visitantes de Lisboa) que se traduziu na exposição de réplicas – com alta definição e à escala real – de 31 pinturas emblemáticas, que se fazem parte da sua coleção.

Estas réplicas foram penduradas em locais de passagem e edifícios no Chiado, Bairro Alto e Príncipe Real, durante a madrugada, contando para isso com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa e com a prévia autorização dos proprietários dos imóveis. Emolduradas como as obras originais, eram acompanhadas de tabela e texto explicativo, exatamente como no Museu, com a diferença de que agora as “obras” estavam expostas na rua. “Desde o [...] Príncipe Real, até à Rua do Alecrim, passando pela Rua do Loreto e a Rua Garrett” expuseram-se réplicas da *Virgem e o Menino* (1485) de Hans Memling (1430 – 1494), do *Tríptico de Nossa Senhora da Misericórdia* (1512 – 1515) de Jan Provoost (1465 – 1529), *Santo Agostinho* (1465) de Piero della Francesca († 1492) e *Salomé com a cabeça de São João Baptista* (1510 – 1515) de Lucas Cranach, o Velho (1472 – 1553) (Amaral & Coelho, 2015).

O projeto foi posto em prática por António Filipe Pimentel, que se inspirou num projeto semelhante que é levado a cabo pela *The National Gallery*, desde 2007, e que expõe réplicas de obras famosas em bairros habitacionais de Londres. Foi necessário perceber se em Lisboa se poderia replicar este conceito e arranjar uma empresa que produzisse as réplicas com a qualidade de imagem necessária para o efeito pretendido; contactou-se a HP Portugal, que é a representante nacional da empresa que, igualmente, colaborou no projeto londrino. O *feedback* positivo foi imediato; houve quem quisesse comprar as “obras” expostas, e até quem as roubasse para as exibir no seu próprio bairro – o que aconteceu com quatro das réplicas criadas, que foram “deslocadas” pelo, então, denominado “Robin das Artes”<sup>62</sup>, para a margem Sul (Coelho, 2015).

---

<sup>62</sup> Esta foi a alcunha conferida pelos repórteres do jornal “Observador” a um jovem que, com a ajuda de um amigo, decidiu “deslocar” algumas das réplicas – sendo este um termo que o próprio insiste em usar, ao invés de “roubar” –, levando-as para o seu bairro, de forma a que a comunidade local os pudesse apreciar, também. Pelo seu cariz

As réplicas que “sobreviveram” a esta exposição a céu aberto (27, das 34 que foram criadas – sendo que se juntaram mais três às 31 originais) foram leiloadas, em janeiro de 2016. As receitas geradas tiveram um valor superior a 33 mil euros e reverteram, na sua totalidade, para a iniciativa de angariação de fundos pública “VAMOS PÔR O SEQUEIRA NO LUGAR CERTO”<sup>63</sup> que visava a aquisição da obra *A Adoração dos Magos* (1828), da autoria do pintor português Domingos António de Sequeira (1768 – 1837).

### ***A CIDADE GLOBAL. LISBOA DO RENASCIMENTO***

24 Fev 2017 – 29 Abr 2017

Esta exposição procurou evocar a cidade de Lisboa do século XVI como a cidade mais global e comercial da Europa do Renascimento, baseando-se numa pintura que retrata a antiga Rua Nova dos Mercadores, destruída pelo Terramoto de 1755. Com o plano de abranger 250 peças na totalidade, provenientes de coleções públicas e privadas, tanto em Portugal como no exterior, este projeto visou explorar a história de Lisboa, como capital cosmopolita de um vasto império marítimo, com bens oriundos de África, Ásia e Américas.

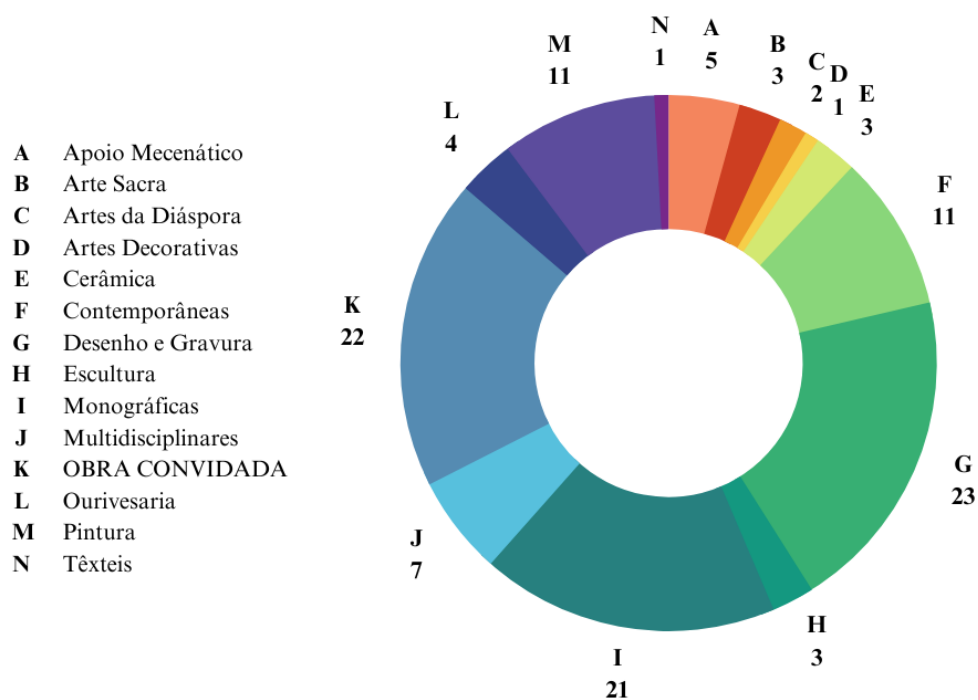
O assunto de destaque desta mostra, considerando as expectativas que o MNAA depositou sobre ela (que se refletem em situações como o facto de estar “orçada em 280 mil euros, segundo o plano de atividades para 2016 da DGPC” e de ter custado “mais do dobro de todas as restantes exposições que o museu fez este ano” [Canelas & Salema, 2016: 2]), tem que ver com o seu adiamento de seis meses que, na altura, levantou questões sobre a eficiência e os processos administrativos dos museus em Portugal, bem como da DGPC, enquanto principal responsável tutelar. Este adiamento resultante de atrasos de “procedimentos administrativos” (como foi considerado), obrigou à exclusão de um mês e meio do tempo que tinha sido estabelecido para a duração expositiva – que se refletiu, conseqüentemente, numa redução significativa das receitas geradas pelo

---

divertido, recomendamos a leitura desta notícia: (<https://observador.pt/2015/12/06/robin-das-artes-tirou-quatro-quadros-do-chiado-e-deu-os-ao-miratejo/>).

<sup>63</sup> Campanha mecenática inédita (tendo sido a primeira de sempre em Portugal, destinada à angariação de fundos para a aquisição de uma obra de arte). O valor conseguido foi de 745.623,40 € e, atualmente, a obra já se encontra integrada no acervo do MNAA.

evento. Esta problemática gerou, na altura, uma discussão sobre a autonomia de gestão dos museus portugueses – tema controverso e aceso, como já sabemos, na história do MNAA –, apresentando-se a autonomia como uma possibilidade que previa evitar atrasos e facilitar a programação de exposições e atividades plurianuais.



**Gráfico 6** – *Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de António Filipe Pimentel (2010 – 2019)* | © MA

A Direção de António Filipe Pimentel, que durou 9 anos, envolveu a organização de 117 exposições temporárias, sendo este um valor recorde no MNAA. O ano em que decorreram mais exposições foi 2017, com 16; e os anos em que decorreram menos foram 2010, com 6 e 2019, com 7 (anos em que o ex-Diretor assume e abandona o seu cargo no MNAA, respetivamente). Como se verifica na imagem supra [Gráf. 6], durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições de Desenho e Gravura, as que se seguiram pertenciam à iniciativa da “OBRA CONVIDADA” e, em terceiro, as monográficas. Para além de ter implementado a referida iniciativa, António Filipe Pimentel foi o único Diretor a organizar exposições de apoio mecenático.

### 3.8 JOAQUIM OLIVEIRA CAETANO (dir. 2019 – atualidade)

Joaquim Oliveira Caetano (n. 1962) é Doutor em História da Arte pela Universidade de Évora, com tese sobre o pintor Jorge Afonso, e Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com dissertação sobre o pintor Diogo de Contreiras. Começou a trabalhar no MNAA em 1991, dentro do programa de Inventário Nacional dos bens culturais móveis, assumindo posteriormente a posição de conservador (responsável) da coleção de Pintura e tendo como principal interesse o estudo dessa área.

Trabalhou na Biblioteca Nacional de Portugal de 1997 a 1999 e foi Diretor do Museu de Évora (hoje Museu Nacional de Frei Manuel do Cenáculo) entre 2000 e 2010, ano em que regressou ao MNAA. Assumiu a Direção da instituição em junho de 2019, onde se mantém até à atualidade.

#### 3.8.1. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Na Direção de Joaquim Oliveira Caetano abordamos uma parceria estabelecida pelo próprio, que tem vindo a originar diversas exposições durante a sua administração (“O Belo, a Sedução e a Partilha”) e destacamos as duas seguintes exposições, pelas razões que se apresentam: a primeira, “Estudo, Conservação e Restauro dos Painéis de São Vicente 2020/2024”, por envolver o processo de restauro de uma das obras mais icónicas da Pintura Portuguesa, ao mesmo tempo que proporciona uma oportunidade única ao público, para observar de perto os processos envolvidos; e a segunda, *L'âge d'or de la Renaissance Portugaise*, é salientada aqui por ter sido um dos eventos incluídos na “Temporada Portugal-França”, notabilizando-se pela sua relevância no contexto das relações culturais e diplomáticas estabelecidas entre os dois países envolvidos. A lista completa das exposições temporárias ocorridas durante a Direção de Joaquim Oliveira Caetano, assim como as sinopses correspondentes, está disponível na secção “Documentos” desta dissertação (*vide* Apêndice H).

## O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA

Este é um projeto conjunto entre o Museu Nacional de Arte Antiga e a Fundação Gaudium Magnum - Maria e João Cortez de Lobão (FGM) – uma instituição particular com meios próprios que, na sua coleção de arte, reúne um valioso espólio de pinturas de Mestres Antigos. Esta foi uma iniciativa iniciada em 2021, na Direção de Joaquim Oliveira Caetano, cujo objetivo é mostrar ao público parte desse espólio; o MNAA recebe uma determinada pintura da coleção, e expõe-na, durante alguns meses, na sala 49 da Galeria de Pintura Europeia. A tabela infra revela todas as edições desta campanha realizadas:

OBRA	AUTOR	DATA
<i>Mulher Numa Despensa</i>	Antiveduto Gramatica e Giacomo Legi	21/10/2021 - 23/01/2022
<i>Martirio de S. João Damasceno</i>	Luigi Miradori	27/01/2022 - 18/04/2022
<i>S. João Baptista no Deserto</i>	Giovanni Baglione	21/04/2022 - 10/07/2022
<i>Artemisia Aparece a Adneto e Alceste e Ifigénia em Aúlde</i>	Sebastiano Ricci	14/07/2022 - 05/10/2022
<i>Ceia em Emaús e Estudo para Ceia em Emaús</i>	Charles de la Fosse	27/10/2022 - 22/01/2023
<i>Apolo e Mársias</i>	Luca Giordano	26/01/2023 - 23/04/2023
<i>A Assunção da Virgem</i>	Agostino Masucci	07/06/2023 - 16/07/2023
<i>A Virgem com o Menino e Santos</i>	Ventura di Moro	19/09/2023 - 07/01/2024

**Tabela 4** – Edições de “O Belo, a Sedução e a Partilha” (2021 – 2023) | © MA

### ***ESTUDO, CONSERVAÇÃO E RESTAURO DOS “PAINÉIS DE SÃO VICENTE”***

01 Jun 2020 – 18 Mai 2024 | Piso 3

Esta exposição do projeto de estudo, conservação e restauro dos *Painéis de São Vicente* (ca. 1470), da autoria do pintor português Nuno Gonçalves (at. 1450 – 1491), resultou de um protocolo mecenático, assinado entre o MNAA, o GAMNAA, a DGPC e a Fundação Millennium BCP. Inicialmente, todas as intervenções realizadas sobre a obra estavam previstas para durar cerca de dois anos, tendo início em 2020 e cessando em 2022. Durante esse período, o público poderia assistir aos trabalhos, exames e técnicas realizadas pelos conservadores-restauradores – *in loco* e em tempo real – de modo a

observar de perto como se processa o restauro (processo que, comumente, não está acessível aos visitantes) de uma obra tão icónica e de valor tão inestimável para o património português, como é o políptico de Nuno Gonçalves. No entanto, e como versámos no capítulo anterior, a pandemia veio alterar o calendário proposto, pois obrigou à interrupção das intervenções dos especialistas internacionais que viriam coadjuvar as equipas técnicas nacionais.

Esta interrupção, porém, acabou por ser benéfica, pois permitiu fazer exames mais aprofundados e que se reformulassem colaborações. Para além dos conservadores-restauradores internos do Museu, este projeto de cariz internacional, conta com a participação e o apoio do Laboratório José de Figueiredo, do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, da DGPC e de um conjunto de consultores externos onde se incluem historiadores de arte e conservadores-restauradores da Universidade de Ghent e do Instituto Central de Restauro da Bélgica, da *The National Gallery* (em Londres), do *Museo del Prado* (em Madrid) e do *The Metropolitan Museum of Art* (The MET) de Nova Iorque. Com novo protocolo mecenático, que se estenderá até 2024 e que trará um reforço de 225 mil euros para a execução de projetos especiais – destinados à conservação e restauro de mais três obras do MNAA, para além dos Painéis –, prevê-se que o projeto esteja concluído em 2024.



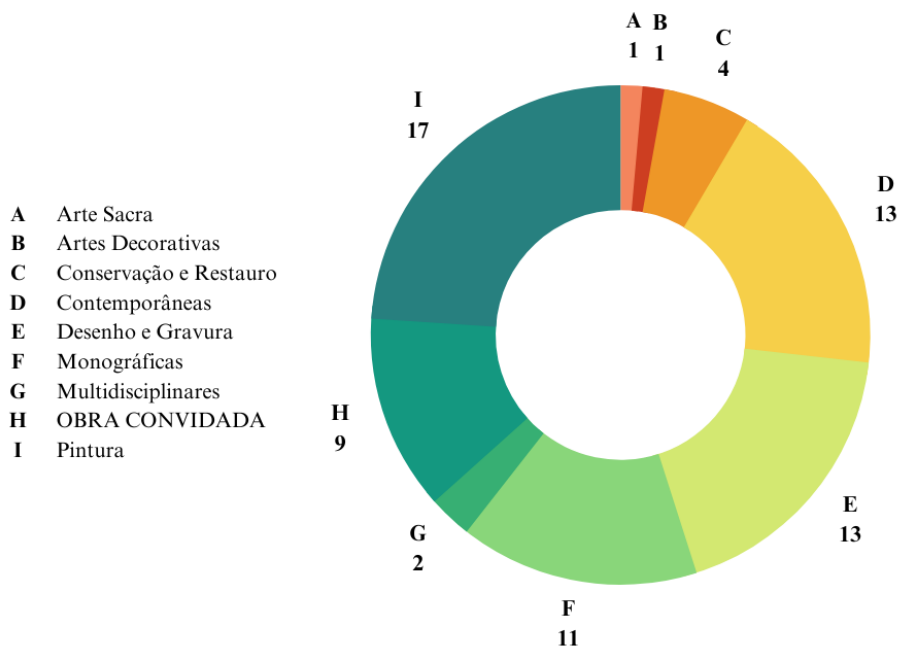
**Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27** – Local e processos de restauro dos “Painéis de São Vicente” |Fontes: [Público](#) (1), [Público](#) (2), [Público](#) (3) | © Joana Bourgard (Figs. 23 e 23) e © Daniel Rocha (Figs. 24, 25, 26 e 27)

## ***L'ÂGE D'OR DE LA RENAISSANCE PORTUGAISE***

10 Jun 2022 – 10 Out 2022 | Museu do Louvre, Paris

A “Temporada Portugal-França”, foi um projeto de colaboração e intercâmbio acordado entre o Primeiro-Ministro de Portugal, António Costa, e o Presidente da República francesa, Emmanuel Macron, com o objetivo de fortalecer as relações entre os dois países. A iniciativa ocorreu concomitantemente em Portugal e França, entre os dias 12 de fevereiro e 31 de outubro de 2022, com a participação de 4000 profissionais, artistas, investigadores, intelectuais, estudantes e empresários de ambos os países, onde aconteceram 410 projetos, mais de 200 eventos, em 150 cidades de Portugal e França, em áreas tão diversas como o desporto, artes plásticas e cénicas, música, gastronomia, entre outras. Foram abordadas questões como a mudança para uma abordagem ecológica e solidária, a promoção de uma economia responsável e sustentável, o investimento em energias renováveis, a promoção da igualdade de género, a valorização da diversidade, a promoção dos princípios de inclusão e, com especial enfoque, a cultura na Europa.

A exposição que agora referimos enquadra-se no âmbito desta Temporada, e teve lugar no Museu do Louvre, onde foram exibidos 15 painéis renascentistas portugueses do acervo do MNAA, dando a conhecer nomes como Nuno Gonçalves, Jorge Afonso (at. 1504 – 1540), Cristóvão Figueiredo (at. 1515 – 1554) e Gregório Lopes (at. 1513 – 1550), que constituem a “idade de ouro do renascimento português”.



**Gráfico 7** – *Tipologias das Exposições Temporárias na Direção de Joaquim Oliveira Caetano (2019 – 2023)* | © MA

A Direção de Joaquim Oliveira Caetano, que se iniciou há 4 anos, envolveu a organização de 71 exposições temporárias, sendo este o maior valor em relação ao tempo de duração de todas as Direções. O ano em que decorreram mais exposições foi 2022, com 21; e o ano em que decorreram menos foi 2019, com 7 (ano em que o Diretor assume o seu cargo atual no MNAA). Como se verifica na imagem supra [Gráf. 7], até à data, durante a sua Direção houve uma preponderância das exposições de Pintura (valores coesos, tendo em conta a sua área de especialização), as que se seguiram foram as de Desenho e Gravura e as contemporâneas, com o mesmo valor e, em terceiro, as monográficas. Joaquim Oliveira Caetano foi o primeiro Diretor a inaugurar a tipologia expositiva de Conservação e Restauro, e o projeto “Estudo, Conservação e Restauro dos ‘Painéis de São Vicente’ 2020 / 2024” é a exposição temporária com a maior duração da história do MNAA (com 3 anos, 11 meses e 17 dias).

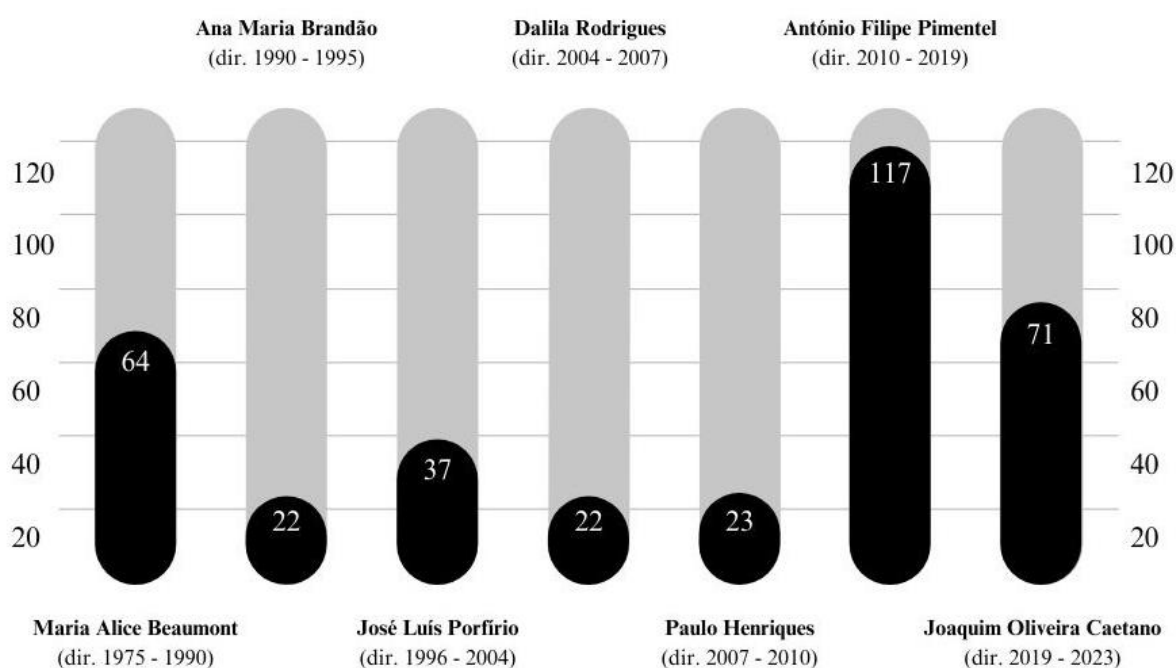
Como foi referido anteriormente, quando comentávamos a respeito de Paulo Henriques ter atingido um valor recorde de exposições temporárias no MNAA, no ano de 2008, durante uma crise internacional, é legítimo mencionar a mesma situação ocorrida durante a Direção de Joaquim Oliveira Caetano, mas numa escala ainda maior. Por ironia do destino (ou não), a época de pandemia foi a altura em que se registou o maior número de exposições temporárias de sempre, na história do Museu Nacional de Arte



Antiga. Abrindo espaço para diversas perspectivas, este é um acontecimento que parece relacionar-se diretamente com a importância das exposições temporárias para a dinâmica entre o MNAA e os visitantes, sendo que estas mostras são "por excelência os elementos dinamizadores da captação de públicos" (Pimentel, 2019: 32). Numa altura em que as instituições museológicas em todo o mundo fechavam portas e perdiam receitas (*vide* subcapítulo 2.2.4.), o MNAA decidiu investir na sua programação temporária, quiçá, numa tentativa de estabilizar os valores de entradas e de manter o seu empreendedorismo como a instituição cultural mais prestigiada do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas últimas páginas ocupam-se de uma análise mais aprofundada, em jeito conclusivo, dos dados que foram previamente apresentados ao longo da dissertação, a partir de uma abordagem comparativa. Importa referir que, no tratamento estatístico destes dados, optámos por excluir o ano de 1974, pela simples razão de não se terem realizado quaisquer exposições temporárias – facto que pode estar relacionado com o processo de adaptação da instituição ao novo regime político. Nesse sentido, apresenta-se o seguinte gráfico:



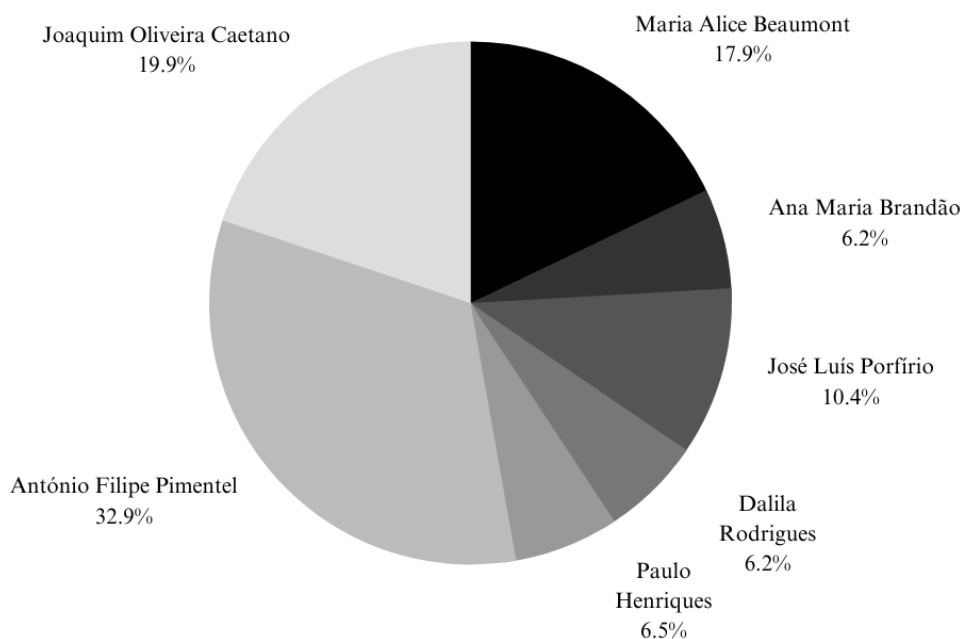
**Gráfico 8** – Número de Exposições Temporárias no MNAA por Direção (1975 – 2023) | © MA

Os valores apresentados [Gráf. 8] revelam o número de exposições temporárias ocorridas em cada Direção do Museu Nacional de Arte Antiga, durante o período analisado (1975 – 2023). Ao longo do Capítulo III, estes dados foram-se relatando à medida que analisámos, de forma individual, cada uma das Direções. Apresentamo-los, lado a lado, de forma a compará-los visualmente. Explicitemo-los, em lista:

1. Maria Alice Beaumont (dir. 1990 – 1995) = 64 exposições em 15 anos.
2. Ana Maria Brandão (dir. 1990 – 1995) = 22 exposições em 5 anos.
3. José Luís Porfírio (dir. 1996 – 2004) = 37 exposições em 8 anos.

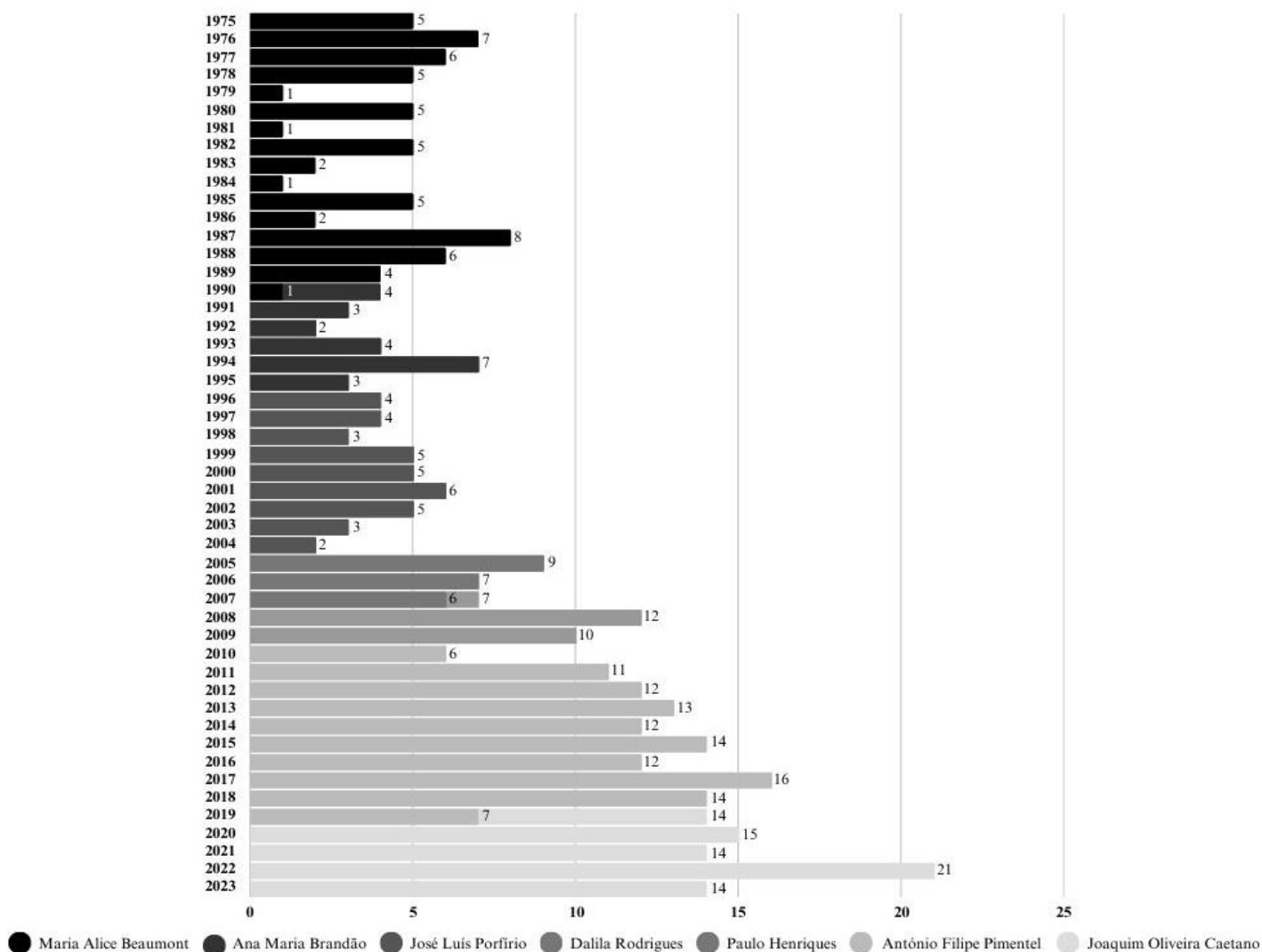
4. Dalila Rodrigues (dir. 2004 – 2007) = 22 exposições em 3 anos.
5. Paulo Henriques (dir. 2017 – 2010) = 23 exposições em 3 anos.
6. António Filipe Pimentel (dir. 2010 – 2019) = 117 exposições em 9 anos.
7. Joaquim Oliveira Caetano (dir. 2019 – atualidade) = 71 exposições em 4 anos.

Considerando os dados organizados, e sabendo que a totalidade dos valores equivale a 356 exposições realizadas desde 1975 a 2023, é possível verificar que a Direção com maior número de exposições é a de António Filipe Pimentel; as com menor número, são as de Ana Maria Brandão e Dalila Rodrigues; a com mais anos de serviço, é a de Maria Alice Beaumont; e as com menos anos de serviço são as de Dalila Rodrigues e Paulo Henriques. Por ordem decrescente e de acordo com o número de exposições que realizaram, os Diretores apresentam-se na seguinte ordem: António Filipe Pimentel, Joaquim Oliveira Caetano, Maria Alice Beaumont, José Luís Porfírio, Paulo Henriques, Dalila Rodrigues e Ana Maria Brandão. O gráfico infra apresenta a percentagem destes valores:



**Gráfico 9** – Percentagem da Programação Temporária no MNAA por Direções (1975 – 2023) | © MA

No entanto, esta organização não traduz quem trabalhou com mais ou menos “eficácia”, sendo que as durações dos cargos variam. Não seria matematicamente válido tentar determinar quem contribuiu mais para a programação temporária do Museu, apenas com estes dados. Para visualizarmos esses valores, elaborámos o seguinte gráfico:

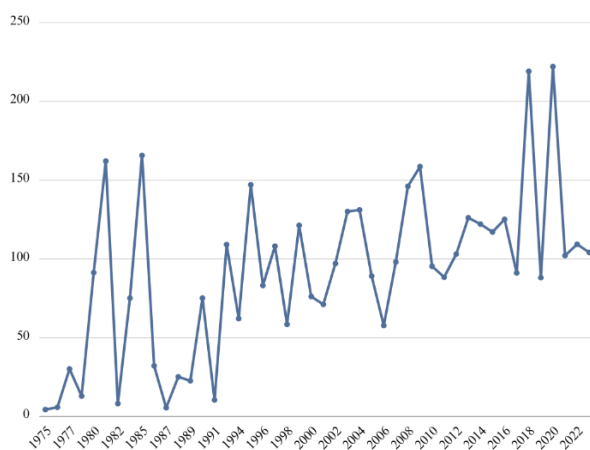


**Gráfico 10** – Número de Exposições Temporárias no MNAA por Ano (1975 – 2023) | © MA

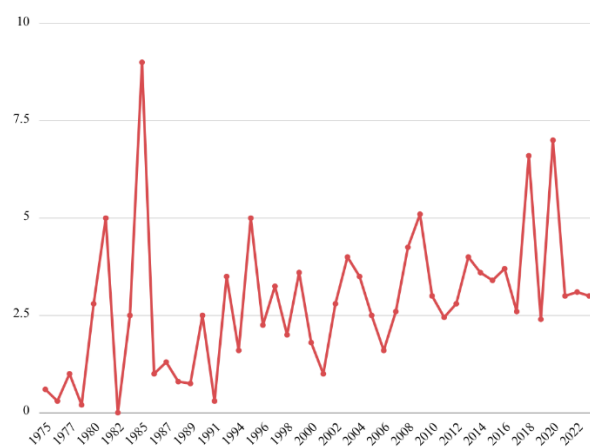
De forma a perceber eficácia de trabalho, basta considerar o número de exposições por ano e compará-lo entre as Direções. Por exemplo, é possível verificar que a partir do ano de 2010, correspondente à entrada de António Filipe Pimentel no MNAA, há uma tendência para os valores anuais subirem. As exposições, que anteriormente não chegavam a compor a dezena, começam a ultrapassar esse valor; tendência que se mantém, e até aumenta, com Joaquim Oliveira Caetano – sendo que, no ano de 2022, o atual Diretor programou o valor recorde de 21 exposições temporárias. Desta forma, é possível determinar que Joaquim Oliveira Caetano foi quem mais contribuiu para a programação temporária do MNAA. Outra forma de chegar a esses valores, seria fazendo o cálculo das médias de exposições anuais por Direção:

1. Maria Alice Beaumont =  $64 \div 15 \approx 4,3$
2. Ana Maria Brandão =  $22 \div 5 = 4,4$
3. José Luís Porfírio =  $37 \div 8 \approx 4,6$
4. Dalila Rodrigues =  $22 \div 3 \approx 7,3$
5. Paulo Henriques =  $22 \div 3 \approx 7,7$
6. António Filipe Pimentel =  $117 \div 9 = 13$
7. Joaquim Oliveira Caetano =  $71 \div 4 \approx 17,7$

Na imagem anterior [Gráf. 10], é possível verifica-se, ainda, que 1979, 1981 e 1984 foram os anos em que se realizaram apenas uma exposição temporária, o menor número da tabela. Não houve nenhum ano em que não se tivesse realizado nenhuma exposição temporária (a não ser 1974, presumivelmente, pelas razões que já mencionámos).



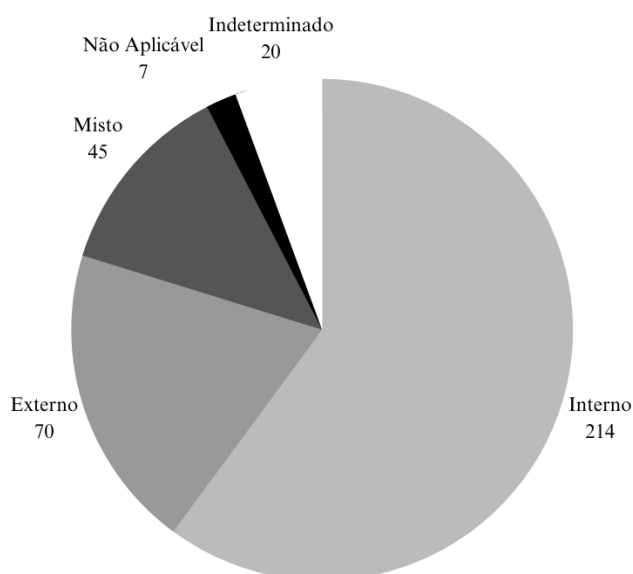
**Gráfico 11** – Média da Duração das Exposições Temporárias no MNAA por Dias (1975 – 2023) | © MA



**Gráfico 12** – Média da Duração das Exposições Temporárias no MNAA por Meses (1975 – 2023) | © MA

Os gráficos apresentados anteriormente [Gráfs. 11 e 12], que representam visualmente os valores correspondentes às médias da duração das exposições temporárias ocorridas entre 1975 e 2023, em dias e em meses (respetivamente), acusam, na sua generalidade, um crescimento gradual à medida que os anos passam; exceptuando aqueles dois primeiros picos, nos finais da década de 70 e inícios da 80. É sabido que, nestes primeiros anos, a tendência geral era para que as exposições temporárias durassem cerca de um mês (a duração era mais curta do que nos anos subsequentes) e o gráfico, neste sentido, pode ser enganador. O facto de parecer que a duração é superior durante este período (sendo esta uma análise incongruente tendo em conta a realidade), prende-se com as exposições que, sendo inicialmente temporárias, se foram dilatando no tempo, dando origem às chamadas “exposições de base”. A média é afetada por essa duração prolongada. Um exemplo desses casos, é a “Exposição de Base de Artes Decorativas” que viria a dar origem ao núcleo permanente para a exibição das obras dessa tipologia da coleção do MNAA.

Ainda nos mesmos gráficos, ficou igualmente clara a presença dos dois enormes picos, que se verificaram nos finais dos anos 10 e inícios dos anos 20 deste século. Desta vez, estes são um retrato fiel da realidade, por representarem os valores resultantes da programação instaurada pelo Diretor António Filipe Pimentel e continuada por Joaquim Oliveira Caetano, que já abordámos variadas vezes ao longo desta dissertação.



**Gráfico 13** – *Comissariado Científico das Exposições Temporárias do MNAA (1975 – 2023)* | © MA

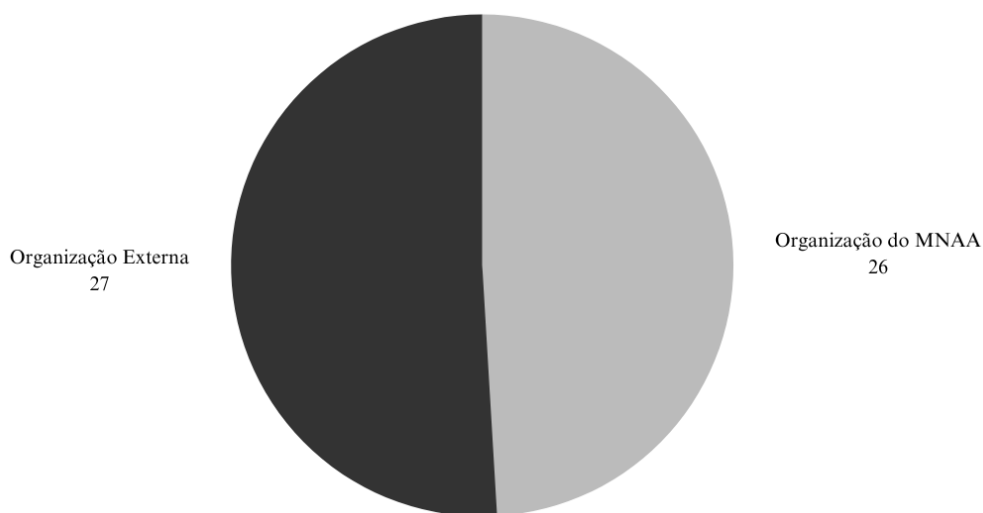
Partindo da análise do gráfico supra, correspondente ao tipo de comissariado científico que as 365 exposições temporárias totais envolveram, percebe-se que: 214 tiveram comissariado científico interno, ou seja, do MNAA; 70, comissariado externo; e 45 tiveram um regime misto, ou seja, resultante de colaboração entre comissários de diferentes instituições ou entidades, incluindo do próprio Museu. Sete dessas exposições não tinham um comissário atribuído e, por isso, apresentam-se como “não aplicáveis”. As restantes 20, não apresentaram elementos informativos que pudéssemos considerar para validação, sendo que optámos pelo termo “indeterminado”.

Ao analisarmos a lista completa das exposições temporárias ocorridas no MNAA, dentro do período em análise, apresentada em apêndice (*vide* Apêndice I), é possível chegar a outros dados relevantes acerca do comissariado científico das mesmas, nomeadamente:

- i) Quais os comissários-científicos mais frequentes.
- ii) Quais e quantas são as exposições comissariadas por Diretores.

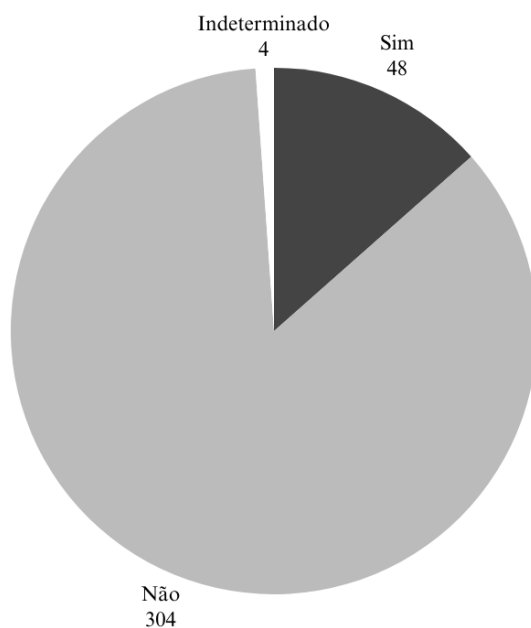
No primeiro caso, por ordem decrescente, os comissários que mais desenvolveram exposições temporárias são: Alexandra Gomes Markl (44) – cuja atividade se foca, como referimos, nas exposições da Sala do Mezanino; Anísio Franco (26); José Alberto Seabra Carvalho (24); e Sérgio Guimarães de Andrade (17). Naturalmente, são todos funcionários internos (Técnicos Superiores) do Museu Nacional de Arte Antiga.

No segundo caso, a quantidade de exposições comissariadas por Diretores, por ordem decrescente é a seguinte: Joaquim Oliveira Caetano (18 na totalidade, 11 durante a sua Direção); José Luís Porfírio (18 na totalidade, 9 durante a sua Direção); António Filipe Pimentel (11 na totalidade e durante a sua Direção); Maria Alice Beaumont (7 na totalidade; 6 durante a sua Direção); Dalila Rodrigues (2 na totalidade e durante a sua Direção); Ana Maria Brandão (1 na totalidade e durante a sua Direção); e Paulo Henriques (0).



**Gráfico 14** – *Exposições Temporárias Externas do MNAA / Internacionais (1975 – 2023)* | © MA

O Gráfico 14 ilustra o número de exposições que, sendo organizadas pelo MNAA, foram apresentadas fora das suas instalações (26) e as exposições que, decorrendo nos espaços expositivos do MNAA, foram organizadas por entidades externas (27).

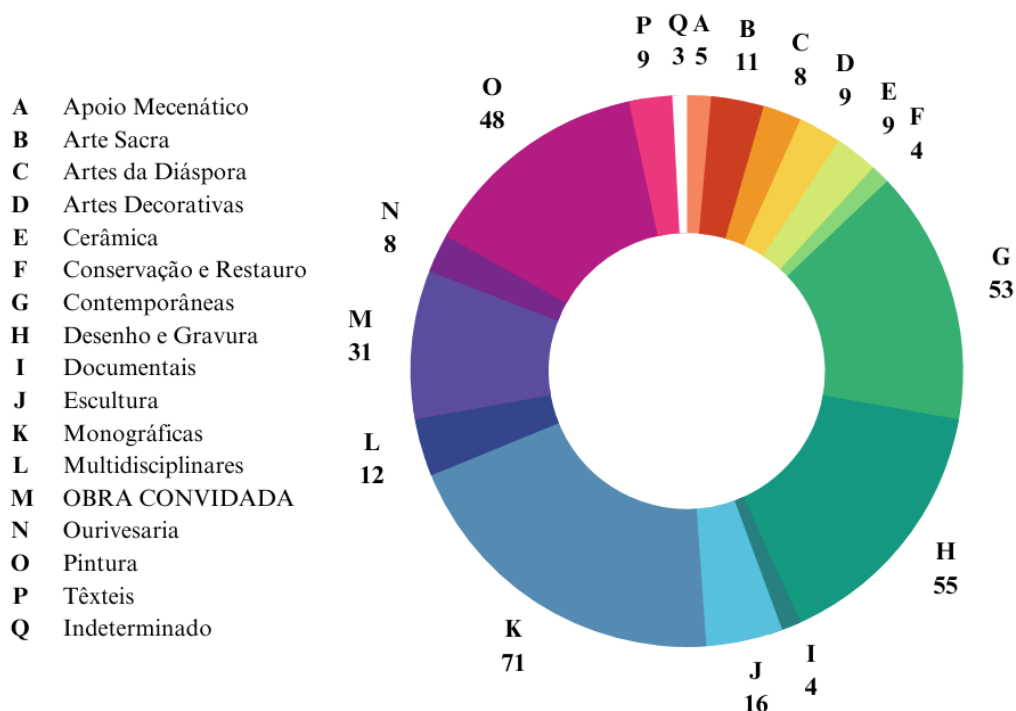


**Gráfico 15** – *Itinerância das Exposições Temporárias do MNAA (1975 – 2023)* | © MA

O Gráfico 15 apresenta o número de exposições quanto à sua itinerância. Os valores não-itinerantes têm uma clara predominância, com 304 exposições, sendo que os



itinerantes correspondem a 48 exposições, na totalidade. Quatro delas foram indetermináveis, dado à ausência de informações.



**Gráfico 16** – Tipologias das Exposições Temporárias do MNAA (1975 – 2023) | © MA

Por fim, e terminando com um prisma cromático muito mais preenchido [Gráf. 16] – que se deve à apresentação de todas as tipologias expositivas numa só infografia – apresentamos os valores totais destes dados, correspondentes à integridade de exposições ocorridas, desde 1975 a 2023. Por ordem decrescente, as tipologias mais abordadas na programação expositiva do MNAA foram as mostras: monográficas (71); de desenho e gravura (55); contemporâneas (53); de pintura (48); da iniciativa OBRA CONVIDADA (31); escultóricas (16); multidisciplinares (12); de arte sacra (11); de artes decorativas (9); de cerâmica (9); têxteis (9); artes da diáspora (8); ourivesaria (8); apoio mecenático (5); conservação e restauro (4); documentais (4); e indeterminadas (3). Uma das conclusões gerais que conseguimos retirar, neste caso, é que todos os diretores abordaram, nas suas programações, as tipologias Monográfica, Desenho e Gravura, Contemporânea e Pintura.

Outra informação que se pôde retirar do levantamento realizado foi sobre quais foram os artistas mais abordados ao longo deste período, em exposições temporárias. A ordem, do mais apresentado ao menos, é a seguinte:

### **DOMINGOS ANTÓNIO DE SEQUEIRA**

1. “Domingos António de Sequeira” (1975)
2. “Desenhos de Domingos António de Sequeira” (1977)
3. “Encontro com Domingos António de Sequeira” (1988)
4. “Sequeira (1768 – 1837)” (1997)
5. “Andreas” (2003)
6. “Desenhos de Domingos Sequeira (1768 – 1837)” (2005)
7. “LVMEN” (2006)
8. “A Renovação do Retrato” (2007)
9. “Pintura Portuguesa” (2009)
10. “Tempo de Heróis” (2012)
11. “Domingos Sequeira” (2013)
12. “Vamos Pôr o Sequeira no Lugar Certo” (2015)
13. “Domingos Sequeira” (2016)
14. “Mitologia e História” (2018)
15. “Domingos António de Sequeira” (2020)
16. “Domingos António de Sequeira (1768 – 1837)” (2021)

### **HIERONYMUS BOSCH<sup>64</sup>**

1. “Bosch. Artistas Contemporâneos e as Tentações de Sto. Antão” (1975)
2. “Manuel Casimiro” (1982)
3. “As Tentações de Bosch ou o Eterno Retorno” (1994)
4. “dimensões – da vida e da terra” (1999)
5. “Confrontos” (2011)
6. “Pinball Bosch” (2017)

---

<sup>64</sup> As exposições sobre Bosch são, maioritariamente, de tipologia contemporânea. Este facto pode estar relacionado com a vertente surrealista da sua pintura, com que os artistas modernos têm mais facilidade em relacionar-se.

7. “O Jardim das Tentações” (2017)
8. “Bosch. Tentações Contemporâneas” (2022)

### **NUNO GONÇALVES**

1. “As Imagens da Escrita” (1988)
2. “Manuel Casimiro” (1982)
3. “Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII” (2009)
4. “D’Aprés Nuno Gonçalves” (2011)
5. “Estudo, Conservação e Restauro dos ‘Painéis de São Vicente’ 2020 – 2024”
6. “Almada Negreiros e os Painéis de São Vicente” (2020)

### **VIEIRA PORTUENSE**

1. “Vieira Portuense” (2005)
2. “*Súplica de Inês de Castro* de Vieira Portuense” (2009)
3. “Il Celebre Pittore” (2014)
4. “Novas Aquisições” (2023)

Com este projeto académico procurámos, acima de tudo, desenvolver um levantamento que pudesse promover a documentação de dados que consideramos fundamentais estarem tratados e disponíveis. Ao longo da dissertação, fomos abordando diversas maneiras de como a programação temporária influenciou o Museu Nacional de Arte Antiga e a sua prestação, e é seguro afirmar que grande parte do envolvimento do público com o MNAA depende muito desta sua vertente (realidade que se comprova com o aumento de visitantes, que se mostra concordante com as ações de investimento, sempre que estas crescem e são aplicadas sobre as exposições temporárias, como vimos).

Nos últimos 49 anos, o Museu Nacional de Arte Antiga viu o país evoluir e procurou evoluir com ele. A transição do regime político por via da revolução, que veio instaurar os valores democráticos na sociedade, são fundamentais para o mundo da arte e de como ela hoje se apresenta. A democracia gerou oportunidades nunca imaginadas, e o impacto positivo que teve na sociedade e na sua liberdade de expressão é inegável. Hoje, o MNAA, como instituição, também demonstra esses valores – de inclusão, diversidade e acessibilidade –, que se refletiram não só na sua missão, mas também na sua relação com os públicos e nas abordagens programáticas desenvolvidas.

Para além disso, a Museologia democrática também encorajou a inovação e o uso criativo de estratégias; alguns exemplos disso surgiram na Direção de António Filipe Pimentel, como a permuta de obras e de exposições na sua integralidade, para o estrangeiro. Trata-se de uma resposta à dinâmica do mundo artístico contemporâneo, que também marca a sua presença a nível internacional, visto que este tipo de iniciativas não só vêm divulgar o Museu, como também o tornam uma parte importante do cenário museológico global. O MNAA democrático e contemporâneo não é apenas um repositório de excecionais obras de arte e de testemunhos materiais do passado ou uma mera galeria de exposições: trata-se de um agente de mudança influenciador da sociedade, desempenhando um papel vital na preservação do património, mas também na sua promoção, e na sua vertente educativa – que, aliás, sempre o caracterizou. Foram os vários Diretores que por ele passaram, que o transformaram, com esforço e dedicação, naquilo que ele é hoje: um grande Museu!

## REFERÊNCIAS <sup>65</sup>

### 1. FONTES

#### 1.1. FONTES IMPRESSAS

Instituto Português de Museus. (2001). *Relatório de Actividades 2001*. Instituto Português de Museus.

Instituto Português de Museus. (2004). *RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2003*. Instituto Português de Museus.

Instituto Português de Museus. (2006). *RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2005*. Instituto Português de Museus.

<https://arquivo.pt/wayback/20080314164154/http://www.imc-ip.pt/pt/iniciativas/I28077/TA.aspx>

Instituto Português de Museus. (2007). *RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2006*. Instituto Português de Museus.

<https://arquivo.pt/wayback/20080314164143/http://www.imc-ip.pt/pt/iniciativas/I28873/TA.aspx>

Direção-Geral do Património Cultural. (2018). *Públicos do Museu Nacional de Arte Antiga: Principais Resultados*. Direção-Geral do Património Cultural e Museu Nacional de Arte Antiga.

[https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication\\_pdfs/EPMN\\_MN\\_AA\\_122018.pdf](https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication_pdfs/EPMN_MN_AA_122018.pdf)

Museu Nacional de Arte Antiga. (1950). *BOLETIM DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA*, n.º 1 (Volume II) Museu Nacional de Arte Antiga.

Museu Nacional de Arte Antiga. (1976a). *Relatório de Actividades 1976*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.

Museu Nacional de Arte Antiga. (1977a). *Relatório de Actividades 1977*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.

---

<sup>65</sup> O método de organização e apresentação que seleccionámos para as referências consultadas foi o alfabético, inclusivamente para os catálogos de exposição.

- Museu Nacional de Arte Antiga. (1981a). *Relatório de Actividades 1981*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1982). *Relatório de Actividades 1982*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1984). *Relatório de Actividades 1984*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1985). *Relatório de Actividades 1985*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1987a). *Relatório de Actividades 1987*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1989a). *Relatório de Actividades 1985 - 1987*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1989b). *Relatório de Actividades 1989*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1990). *Relatório de Actividades 1990*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1992). *Relatório de Actividades 1992*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1993). *Relatório de Actividades 1993*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2000). *Relatório de Actividades 2000*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.

- Museu Nacional de Arte Antiga. (2001). *Relatório de Actividades 2001*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2002). *Relatório de Actividades 2002*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2004). *Relatório de Actividades 2004*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2005). *Relatório de Actividades 2005*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2006). *Relatório de Actividades 2006*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2007). *Relatório de Actividades 2007*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2008a). *Relatório de Actividades 2008*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2009). *Relatório de Actividades 2009*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2010). *Relatório de Actividades 2010*. [Relatório arquivístico]. Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.
- Rede Portuguesa de Museus. (2008). *BOLETIM RPM*. Instituto dos Museus e da Conservação.

### **1.1.1. Periódicos**

- Pinto, M. H. M. (1983). Exposição de Artes Decorativas no Museu Nacional de Arte Antiga. *Património Cultural*, 1(1).

Canelas, L. e Salema, I. (2016, novembro 18). Um atraso normal nos museus portugueses mas anormal no MNAA. *Público*, 3305(2).

C. A. (1895, janeiro 05). NECROLOGIA. *Occidente*, 577.

[https://hemerotecadigital.cm-](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ocidente/1895/N577/N577_master/N577.pdf)

[lisboa.pt/obras/ocidente/1895/N577/N577\\_master/N577.pdf](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ocidente/1895/N577/N577_master/N577.pdf)

## 1.2. FONTES AUDIOVISUAIS

### 1.2.1. Legislação

Declaração de Retificação n.º 62/2006 da Presidência do Conselho de Ministros. (2006).

Diário da República: I Série, n.º 179/06.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/declaracao-rectificacao/62-2006-539856>

Decreto n.º 19/2006 do Ministério da Cultura. (2006). Diário da República: I Série, n.º 137/06.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto/19-2006-537265>

Decreto-Lei n.º 115/2012 da Presidência do Conselho de Ministros. (2012). Diário da República: I Série, n.º 102/12.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/115-2012-177827>

Decreto-Lei n.º 46758 do Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes. (1965). Diário do Governo: I Série, n.º 286/1965.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/46758-508223>

[Despacho] da Presidência do Conselho de Ministros. (1991). Diário da República: II Série, n.º 49/91.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/115-2012-177827>

Lei n.º 47/2004 da Assembleia da República. (2004). Diário da República: I Série A, n.º 195/04.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/47-2004-480516>

Lei n.º 107/2001 da Assembleia da República. (2001). Diário da República: I Série A, n.º 209/01.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/107-2001-629790>



### 1.2.2. Documentários

RTP2. (2022, março 09). *Maria Helena Mendes Pinto - Uma Vida nas Artes Decorativas em Portugal*. [Vídeo]. RTP Play.

<https://www.rtp.pt/play/p8818/maria-helena-mendes-pinto-uma-vida-nas-artes-decorativas-em-portugal>

### 1.2.3. Notícias

RTP1. (1977, junho 12). *Exposição fotográfica “A Rua”* [Vídeo]. RTP Arquivos.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/exposicao-fotografica-a-rua/>

RTP1. (1978, fevereiro 19). *Exposição de Artes Decorativas Estrangeiras*. [Vídeo]. RTP Arquivos.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/exposicao-de-artes-decorativas-estrangeiras/>

RTP1. (1991, julho 24). *Tela de Édouard Manet no Museu Nacional de Arte Antiga*. [Vídeo]. RTP Arquivos.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tela-de-edouard-manet-no-museu-nacional-de-arte-antiga/>

RTP1. (2009, julho 15). *Exposição Encompassing the Globe*. [Vídeo]. RTP Arquivos.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/exposicao-encompassing-the-globe/>

### 1.2.4. Programas

Elyseu, J. (1974, maio 22). *Novas Perspectivas*. [Episódio de série televisiva]. Em *Perspectiva*. RTP1.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/novas-perspectivas/>

Ensaio. (1975, janeiro 23). *Hieronimus Bosch, Nosso Contemporâneo*. [Episódio de série televisiva]. Em *IMPACTO*. RTP1.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/hieronimus-bosch-nosso-contemporaneo/>

Fernandes, A., & Pinheiro, S. (1976, abril 17). *Encontro com Museu de Arte Antiga*. [Episódio de série televisiva]. Em *Câmara Livre*. RTP1.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/encontro-com-museu-de-arte-antiga/>

Pinheiro, P. M. (2010, julho 25). *Museu Nacional de Arte Antiga*. [Episódio de série televisiva]. Em *Câmara Clara V*. RTP2.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/museu-nacional-de-arte-antiga/>

### 1.2.5. Publicações Periódicas

Agência LUSA. (2006, outubro 30). *Exposição da coleção Rau levou 80 mil pessoas ao Museu de Arte Antiga*. RTP Notícias.

[https://www.rtp.pt/noticias/cultura/exposicao-da-colecao-rau-levou-80-mil-pessoas-ao-museu-de-arte-antiga\\_n158788](https://www.rtp.pt/noticias/cultura/exposicao-da-colecao-rau-levou-80-mil-pessoas-ao-museu-de-arte-antiga_n158788)

Agência LUSA. (2019, maio 13). *Dalila Rodrigues nomeada diretora do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém*. Sábado.

<https://www.sabado.pt/vida/detalhe/dalila-rodrigues-nomeada-diretora-do-mosteiro-dos-jeronimos-e-torre-de-belem>

Agência LUSA. (2019, maio 13). *Joaquim Caetano é o novo diretor do Museu Nacional de Arte Antiga*. SAPO24.

<https://24.sapo.pt/vida/artigos/joaquim-caetano-e-o-novo-diretor-do-museu-nacional-de-arte-antiga>

Agência LUSA. (2021a, janeiro 30). *Covid-19. Museu de Arte Antiga pára restauros dos painéis e prepara nova exposição*. Observador.

<https://observador.pt/2021/01/30/covid-19-museu-de-arte-antiga-para-restauro-dos-paineis-e-prepara-nova-exposicao/>

Agência LUSA. (2021b, maio 31). *Falta de vigilantes: Museu Nacional de Arte Antiga encerra salas a partir desta terça-feira*. Expresso.

<https://expresso.pt/cultura/2021-05-31-Falta-de-vigilantes-Museu-Nacional-de-Arte-Antiga-encerra-salas-a-partir-desta-terca-feira-6da2207a>

Agência LUSA. (2021c, junho 23). *Expansão do Museu de Arte Antiga é “crucial” para resolver problemas*. Notícias ao Minuto.

<https://www.noticiasao minuto.com/cultura/1781603/expansao-do-museu-de-arte-antiga-e-crucial-para-resolver-problemas>

Agência LUSA (2021d, junho 23). *Museu Nacional de Arte em situação de rutura, diretor preocupado*. Visão.

<https://visao.pt/atualidade/cultura/2021-06-23-museu-nacional-de-arte-antiga-em-situacao-de-rutura-diretor-preocupado/>

Agência LUSA (2021e, julho 07). *Museu Nacional de Arte Antiga sem conservadores de pintura nem equipa de manutenção*. Expresso.

- <https://expresso.pt/cultura/2021-07-07-Museu-Nacional-de-Arte-Antiga-sem-conservadores-de-pintura-nem-equipa-de-manutencao-546025bd>
- Agência LUSA & Alvorada. (2021, julho 28). *Covid-19: Museus e monumentos nacionais perderam 68,7% de visitantes no primeiro semestre*.  
<https://www.alvorada.pt/index.php/sociedade/4140-covid-19-museus-e-monumentos-nacionais-perderam-68-7-de-visitantes-no-primeiro-semester>
- Agência LUSA & Diário de Notícias. (2020, junho 01). *Cronologia de uma pandemia em português. Os três meses que mudaram o país*. Diário de Notícias.  
<https://www.dn.pt/vida-e-futuro/cronologia-de-uma-pandemia-em-portugues-os-tres-meses-que-mudaram-o-pais-12259916.html>
- Agência LUSA & Diário de Notícias. (2023, abril 18). *Restauro dos Painéis de São Vicente concluído até 2024 com apoio mecenático ao Museu de Arte Antiga*. Diário de Notícias.  
<https://www.dn.pt/cultura/restauro-dos-paineis-de-sao-vicente-concluido-ate-2024-com-apoio-mecenatico-ao-museu-de-arte-antiga-16197400.html>
- Agência LUSA & Gil, F. (2021, fevereiro 01). *Pandemia adia restauro dos Painéis de São Vicente*. Diário de Notícias.  
<https://www.dn.pt/cultura/pandemia-adia-restauro-dos-paineis-de-sao-vicente-13299676.html>
- Alarcão, A. (2014). O Património como um todo. Contributos da democracia de Abril. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, 13, 233-237.  
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12998.pdf>
- Almeida, S. V. d. (2007). Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA: uma etnografia retrospectiva. *Arquivos da Memória*, 2.  
[https://run.unl.pt/bitstream/10362/4180/1/Sonia\\_V\\_Almeida\\_AM\\_2007.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/4180/1/Sonia_V_Almeida_AM_2007.pdf)
- Amaral, H., & Coelho, S. O. (2015, setembro 30). *A arte antiga saiu à rua. E até já houve quem a quisesse comprar*. Observador.  
<https://observador.pt/2015/12/23/gostou-ver-os-quadros-na-rua-vaio-leilao/>
- Bruno, C. (2009, junho 13). IMPRESSÕES DE VIAGEM: UM OLHAR SOBRE A MUSEOLOGIA PORTUGUESA. *Cadernos de Sociomuseologia*, 9(9), 75-95.  
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/26>
- Caetano, J. O. (2022, agosto 09). *Duas ou três notas sobre um declínio: os museus nacionais*. Público.

- <https://www.publico.pt/2022/08/09/culturaipilon/opiniao/duas-tres-notas-declinio-museus-nacionais-2015921>
- Caetano, M. J. (2017, março 18). *Jogar com Bosch numa máquina de flippers*. Público.  
<https://www.dn.pt/artes/jogar-com-bosch-numa-maquina-de-flippers-5732110.html>
- Canelas, I. S. e L. (2004, setembro 30). *Nova directora do Museu de Arte Antiga gera entusiasmo*. Diário de Notícias.  
<https://www.publico.pt/2004/09/30/jornal/nova-directora-do-museu-de-arte-antiga-gera-entusiasmo-193515>
- Canelas, L. (2007, agosto 3). *Dalila Rodrigues: “Se tivesse ficado calada teria continuado a ser directora”*. Público.  
<https://www.publico.pt/2007/08/03/culturaipilon/noticia/dalila-rodrigues-se-tivesse-ficado-calada-teria-continuado-a-ser-directora-1301281>
- Carvalho, M. J. V. d. (2011). Sérgio Guimarães de Andrade, o conservador e a sua coleção: A imaginária como conceito. *Revista de História da Arte*, 8, 111-125.  
<http://hdl.handle.net/10362/16674>
- Coelho, A. P., & Rato, V. (2010, janeiro 20). *Director do Museu Nacional de Arte Antiga afastado por não ter perfil de gestor*. Público.  
<http://hdl.handle.net/10362/16674>
- Coelho, S. O. (2015, dezembro 06). *‘Robin das Artes’ tirou quatro quadros do Chiado e deu-os ao Miratejo*. Observador.  
<https://observador.pt/2015/12/06/robin-das-artes-tirou-quatro-quadros-do-chiado-e-deu-os-ao-miratejo/>
- Coelho, S. O. (2015, dezembro 23). *Gostou de ver os quadros na rua? Eles vão a leilão*. Observador.  
<https://observador.pt/2015/12/23/gostou-ver-os-quadros-na-rua-vaio-leilao/>
- Cordeiro, A. D. (2010, novembro 11). *Um século brilhante na pintura portuguesa*. Público.  
<https://www.publico.pt/2010/11/11/culturaipilon/noticia/um-seculo-brilhante-na-pintura-portuguesa-269353>
- Costa, M. J. (2020, abril 13). *Covid-19. Museu Nacional de Arte Antiga com obras retidas em Itália*. Renascença.  
<https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2020/04/13/covid-19-museu-nacional-de-arte-antiga-com-obras-retidas-em-italia/189104/>

- Diário de Notícias. (2019, maio 13). *Dalila Rodrigues à frente dos Jerónimos, Joaquim Caetano do MNAA*. Diário de Notícias.  
<https://www.dn.pt/cultura/dalila-rodrigues-nomeada-diretora-do-mosteiro-dos-jeronimos-e-torre-de-belem-10891681.html>
- Duarte, A. (2012, julho 30). Museus portugueses de 1974 à atualidade: da resolução de problemas funcionais à comunidade. *Em Questão*, 18(1), 15-30.  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/27118/19688>
- Expresso. (2007, agosto 01). *Dalila Rodrigues afastada do Museu de Arte Antiga*.  
<https://expresso.pt/actualidade/dalila-rodrigues-afastada-do-museu-de-arte-antiga=f110664>
- Ferreira, L. P. (2018, setembro 30). Salazar posa para escultor numa cadeira em cima da mesa. *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/30-set-2018/salazar-posa-para-escultor-numa-cadeira-posta-em-cima-de-uma-mesa-9927950.html>
- Jornal de Notícias. (2005, maio 06). *Bienal Lisboa Photo com 15 exposições*.  
<https://www.jn.pt/arquivo/2005/bienal-lisboa-photo-com-15-exposicoes-479230.html/>
- Leme, C. C. (2001, julho 22). “*Outro Mundo Novo Vimos*” no Museu Nacional de Arte Antiga. Público.  
<https://www.publico.pt/2001/07/22/jornal/outro-mundo-novo-vimos-no-museu-nacional-de-arte-antiga-160084>
- Lobo, P. (2007a, agosto 03). *Saída de Dalila do MNAA vista como caso político*. Diário de Notícias.  
<https://www.dn.pt/arquivo/2007/saida-de-dalila-do-mnaa-vista-como-caso-politico-662438.html>
- Lobo, P. (2007b, outubro 01). *Entrevista a Paulo Henriques (director do Museu Nacional de Arte Antiga): “Museu de Arte Antiga não tinha plano de exposições para 2008”*. Diário de Notícias.  
<https://www.dn.pt/arquivo/2007/entrevista-a-paulo-henriques-director-do-museu-nacional-de-arte-antiga-museu-de-arte-antiga-nao-tinha-plano-de-exposicoes-para-2008-986020.html>
- Mariz, V. (2020). Maria João Vilhena de Carvalho – “A Constituição de uma Coleção Nacional. As Esculturas de Ernesto Vilhena. *MIDAS*, 11.  
<https://journals.openedition.org/midas/1614>

- Milheiro, A. V. (2014, junho 28). *Um museu à procura de soluções com a ajuda de alunos*. Público.  
<https://www.publico.pt/2014/06/28/culturaipilon/noticia/um-museu-a-procura-de-solucoes-1660766>
- Ministério da Cultura. (1998). Últimos Dias da Exposição “Culturas do Índico”: O Índico de Vasco da Gama. *Notícias*, (14).
- Pinheiro, F. (2013, junho 26). *O Tejo e a Rússia, hoje às 18h: Museu das Janelas Verdes, ou “vermelhas”?*. Expresso.  
<https://expresso.pt/blogues/Blogue:Luzelata/o-tejo-e-a-russia-hoje-as-18h-museu-das-janelas-verdes-ou-vermelhas=f816363>
- Pridmore, J. (1987, julho 31). ‘GOTHIC FRENZY’ OF PORTUGUESE CHURCHES OPENS AT GRAHAM. *Chicago Tribune*.  
<https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-1987-07-31-8702250925-story.html>
- Público. (2008, junho 24). *Obra-prima de Vieira desapareceu em incêndio*. Público.  
<https://www.publico.pt/2008/06/24/jornal/obraprima-de-vieira-desapareceu-em-incendio-266267>
- Rato, V. (2002, novembro 26). *O chão do Museu Nacional de Arte Antiga, por Leonor Antunes*. Público.  
<https://www.publico.pt/2002/11/26/jornal/o-chao-do-museu-nacional-de-arte-antiga-por-leonor-antunes-176920>
- Reis, M. F. (2019, maio 13). *Joaquim Caetano à frente do Museu Nacional de Arte Antiga. “Este museu é uma ficção”, diz diretor de saída*. Sol.  
<https://sol.sapo.pt/2019/05/13/joaquim-caetano-a-frente-do-museu-nacional-de-arte-antiga-este-museu-e-uma-ficcao-diz-diretor-de-saida/>
- Robert, S. (2020, maio 15). *Museu de Arte Antiga reabre com exposição de Julião Sarmiento*. NiT.  
<https://www.nit.pt/cultura/teatro-e-exposicoes/museu-de-arte-antiga-reabre-com-exposicao-de-juliao-sarmiento>
- Salema, I. (2003, novembro 29). *Ministério da Cultura faz lista de tesouros nacionais*. Público.  
<https://www.publico.pt/2003/11/29/jornal/ministerio-da-cultura-faz-lista-de-tesouros-nacionais-208393>
- Salema, I. (2004, fevereiro 1). *Barroco*. Público.

- <https://www.publico.pt/2004/02/01/jornal/barroco-183674>
- Sic. (2016, janeiro 11). *Leilão das 27 réplicas de obras-primas do Museu Nacional de Arte Antiga rende mais de 33 mil euros*. Sic Notícias.  
<https://sicnoticias.pt/cultura/2016-01-11-Leilao-das-27-replicas-de-obras-primas-do-Museu-Nacional-de-Arte-Antiga-rende-mais-de-33-mil-euros>
- Silva, A. S. (2014). A democracia portuguesa face ao património cultural. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, 13, 11-32.  
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12977.pdf>
- Silva, J. C. e. (2020, junho 23). A exposição do Império que juntou três milhões de portugueses. *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/cultura/a-exposicao-do-imperio-que-juntou-tres-milhoes-de-portugueses--12344593.html>
- TSF Rádio Notícias. (2010, janeiro 10). *Governo justifica saída de Paulo Rodrigues com nova orientação estratégica*.  
<https://www.tsf.pt/vida/artes/governo-justifica-saida-de-paulo-rodrigues-com-nova-orientacao-estrategica-1473875.html>
- TSF Rádio Notícias. (2010, janeiro 19). *Paulo Henriques afastado da direcção do Museu de Arte Antiga*.  
<https://www.tsf.pt/vida/artes/paulo-henriques-afastado-da-direccao-do-museu-de-arte-antiga-1473737.html>
- Visão. (2017, outubro 28). *O fim do estranho “caso Crivelli”*.  
<https://visao.pt/atualidade/cultura/2017-10-28-o-fim-do-estranho-caso-crivelli/>

#### 1.2.6. Webgrafia

- ALCINO. (2023). *Sobre nós*.  
<https://alcino.com/sobre-nos/>
- Arquivo Nacional Torre do Tombo. *Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*.  
<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4161625>
- Arquivo.pt. (2002, dezembro 20). *Exposições passadas (1994/2002)*.  
[https://arquivo.pt/wayback/20021220141747/http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt:80/acessibilidades/14\\_expos/143\\_passadas/143.htm](https://arquivo.pt/wayback/20021220141747/http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt:80/acessibilidades/14_expos/143_passadas/143.htm)
- Arquivo.pt. (2009, maio 22). *Imprensa*.

- <https://arquivo.pt/wayback/20090522202757/http://mnaa.imc-ip.pt/pt-PT/imprensa/ContentDetail.aspx>
- Arquivo.pt. (2009, junho 24). *Museu Nacional de Arte Antiga*.
- <https://arquivo.pt/wayback/20090624032958/http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/pt-PT/Default.aspx>
- Assembleia da República. (s.d.). *O Estado Novo (1933 – 1974)*.
- <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/EstadoNovo.aspx>
- Assembleia Municipal de Lisboa. (2013, maio 07). *Lx Europa 2020 – maio de 2013*.
- <https://www.am-lisboa.pt/451600/1/008987,000507/index.htm>
- Aurélio, J. E. F. (2016, agosto 17). *Palácio de Alvor-Pombal*. Lisboa de Antigamente.
- <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/08/palacio-de-alvor-pombal.html>
- Biennial of Contemporary Arts. (2019). *ALIGNIGUNG 2*.
- <https://bocabienal.org/evento/alignigung-mdds/>
- Biennial of Contemporary Arts. (2021). *UNTITLED (WAVE)*.
- <https://www.bocabienal.org/evento/untitled-wave/>
- Caetano, J. O. (s.d.). Joaquim Oliveira Caetano. Goodreads.
- [https://www.goodreads.com/author/show/6388874.Joaquim\\_Oliveira\\_Caetano](https://www.goodreads.com/author/show/6388874.Joaquim_Oliveira_Caetano)
- CEMES. (2012). *Cronologia*. Ernesto de Sousa.
- <https://www.ernestodesousa.com/cronologia>
- Centro Colombo. (2012). *Museu Nacional de Arte Antiga*.
- <https://www.colombo.pt/edition-article/museu-nacional-de-arte-antiga/>
- Centro Nacional de Cultura. (2022). *Exposição “Boba Kana Muthu Wzela: Aqui É Proibido Falar!” em Luanda*. e-Cultura.
- <https://www.e-cultura.pt/evento/25714>
- Chougnat, J. F. (2014). *DESCOBRIR - MNAA OLHARES CONTEMPORÂNEOS, RESIDÊNCIA FUNDAÇÃO EDP*. NELSON D’AIRES.
- <https://nelsondaires.pt/residencias-artisticas/descobrir-mnaa-olhares-contemporaneos-residencia-fundacao-edp/#image-2>
- Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril. (s.d.). *A Cultura ao serviço da Revolução*.
- <https://www.50anos25abril.pt/iniciativas/a-cultura-ao-servico-da-revolucao>
- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. (2022, abril 28). *Capital da Cultura da CPLP – Luanda 2022*.



- <https://www.cplp.org/id-4447.aspx?Action=1&NewsId=9487&M=NewsV2&PID=10872>
- Direção-Geral do Património Cultural. (2023). *OBRA CONVIDADA LA LECHUGA Custódia da Igreja de Santo Inácio de Bogotá*.  
<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/agenda/exhibitions/obra-convidada-la-lechuga-custodia-da-igreja-de-santo-inacio-de-bogota/>
- Direção-Geral do Património Cultural. (2023, março 13). *Museus, Monumentos e Palácios nacionais recuperaram quase dois milhões de visitantes em 2022*.  
<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/news/museus-monumentos-e-palacios/estatisticas2022/>
- Direção-Geral do Património Cultural. (2021, maio 18). *DGPC promove digitalização da Exposição “Guerreiros e Mártires” do Museu Nacional de Arte Antiga*.  
<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/news/presentations/dgpc-promove-digitalizacao-da-exposicao-guerreiros-e-martires-do-museu-nacional-de-arte-antiga/>
- Direção-Geral do Património Cultural. (2022). *ESTATÍSTICAS DE VISITANTES DOS MUSEUS, MONUMENTOS E PALÁCIOS DA DGPC. 2020 – 2021*.  
[https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus\\_e\\_monumentos/estatisticas1/mmp2020-2021.pdf](https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas1/mmp2020-2021.pdf)
- Direção-Geral do Património Cultural. (s.d.). *Missão*.  
<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/missao/>
- Embaixada de Espanha. (2020). *APOSTOLADOS. PEDES IN TERRA AD SIDERA VISUS*. Spain Arts & Culture.  
<https://www.spainculture.pt/evento/apostolados-pedes-in-terra-ad-sidera-visus/>
- EU – Japan Fest Japan Committe. (2010). *Outline*.  
<https://www.eu-japanfest.org/n-english/n-committee/aboutus.html>
- Europalia. (s.d.). *europalia – the festival*.  
<https://europalia.eu/en/about-europalia/the-festival>
- Fundação Calouste Gulbenkian. (2023a). *História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian*.  
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/>
- Fundação Calouste Gulbenkian. (2023b). *Azulejos. Cinco Séculos do Azulejo em Portugal*.  
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/141/>

- Fundação EDP. (2012, maio 18). *OLHARES CONTEMPORÂNEOS - RESIDÊNCIA FUNDAÇÃO EDP NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA*.  
<https://www.fundacaoedp.pt/pt/noticias/olhares-contemporaneos>
- Fundação EDP. (2015, maio 01). *OLHARES CONTEMPORÂNEOS*.  
<https://www.fundacaoedp.pt/pt/noticias/olhares-contemporaneos>
- Fundação Gaudium Magnum. (2021). *Gaudium Magnum*.  
<https://www.gaudiummagnumcollection.org/>
- Fundação Santander Portugal. (2023). *Cultura*.  
<https://fundacaosantanderportugal.pt/edificio-dos-leoes/>
- Heurtebise. (2021). *Cisnografia: a reescrita do cisne*.  
<https://www.heurtebise.pt/detalhe-projetos/cisnografia-a-reescrita-do-cisne/>
- Imprensa Nacional. (2018, setembro 24). *Do Tirar Polo Natural - Inquérito ao Retrato Português*.  
<https://impresanacional.pt/do-tirar-polo-natural-inquerito-ao-retrato-portugues/>
- ICOM International Committee for Documentation. (s.d.). *Welcome to CIDOC – ICOM International Committee for Documentation*. International Council of Museums.  
<https://cidoc.mini.icom.museum/cidoc-icom-international-committee-for-documentation-provides-the-museum-community-with-advice-on-good-practice-and-developments-in-museum-documentation/>
- Marquilhas, M. B. (2018, abril). *Pedro Morais: a forma é o vazio, o vazio é a forma*.  
\_Contemporânea.  
<https://contemporanea.pt/edicoes/04-2018/pedro-morais-forma-e-o-vazio-o-vazio-e-forma>
- Ministerio de Cultura y Deporte. (2021). *Mostra Espanha*. Mostra Espanha 2021.  
<https://www.mostraespanha.org/?lang=pt-pt>
- MUDE. (2014). *M&M. MNAA no MUDE. Artes e Design*.  
[https://www.mude.pt/exposicoes/mm-mnaa-no-mude-artes-e-design\\_24.html](https://www.mude.pt/exposicoes/mm-mnaa-no-mude-artes-e-design_24.html)
- Museo del Prado. (2015). *La obra invitada: Custodia de la Iglesia de San Ignacio de Bogotá*.  
<https://www.museodelprado.es/actualidad/exposicion/la-obra-invitada-custodia-de-la-iglesia-de-san/cc07252a-b405-4f53-978b-994a71705904>
- Museu Nacional de Arte Antiga. (s.d.). *Exposições*.  
<http://www.museudearteantiga.pt/exposicoes>
- National Gallery of Art. (s.d.). *Circa 1492: Art in the Age of Exploration*.

- <https://www.nga.gov/research/publications/pdf-library/circa-1492.html>
- News Museum. (s.d.). *VIDA MUNDIAL*.  
<https://www.newsmuseum.pt/pt/o-bairro-alto/vida-mundial>
- Pavão, I. (2022). *Exhibitions*.  
<https://isabelpavao.com/exhibitions-all/>
- Pinto, P. S. (2017). *A execução dos Távoras*. RTP Ensina.  
<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-execucao-dos-tavoras/>
- Roque, M. I. (2016, julho 11). *Ponto de viragem: um novo modelo de gestão para o Museu Nacional de Arte Antiga*. A.MUSE.ARTE.  
<https://amusearte.hypotheses.org/6492>
- Roque, M. I. (2020, abril 25). *25 de abril e a arte saiu à rua*. A.MUSE.ARTE.  
<https://amusearte.hypotheses.org/6492>
- Saison France Portugal 2022. (2022). *Temporada Portugal-França 2022*.  
<https://temporadaportugalfranca.pt/>
- SPAIN arts & culture. (2013). *GOYA NO MNAA: OBRAS CONVIDADAS*.  
<https://www.spainculture.pt/evento/goya-no-mnaa-obras-convidadas/>
- Teixeira, M. R. (2018). *Eduardo Nery. A verdade da ilusão*. Fundação Calouste Gulbenkian.  
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/596/>

## **2. ESTUDOS**

### **2.1. CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES**

- Afonso, A. d. N. (Coord.). (2021). *Tão uteis como os originaes. A coleção de galvanoplastias do MNAA* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Alarcão, T., & Carvalho, J. A. S. (1993). *Imagens em paramentos bordados. Séculos XIV a XVI* [Catálogo de exposição]. Instituto Português de Museus.
- Alarcão, T., & Pereira, T. P. (1985). *Vestuário litúrgico* [Brochura]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Alarcão, T., & Pereira, T. P. (1988). *Fábulas bordadas. Uma colcha indo-portuguesa do séc. XVII* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Alves, M. d. T. M. & Beaumont, M. A. (1988). *Encontro com Domingos António de Sequeira. Alguns desenhos e pinturas da colecção do Museu Nacional de Arte Antiga* [Catálogo de exposição]. Lisboa: Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga.
- Alves, M. d. T. M., Carvalho, J. A. S., & Porfírio, J. L. (1996). *Francesco Bartolozzi. Desenhos de um gravador* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Alves, M. V. & Jorge, J. M. F. (2003). *Andreas* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Alves, M. V. (Ed.). (2005). *Passagens. 100 peças para o Museu da Medicina* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Museu de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Andrade, S. G. d. (1977). *Alabastros medievais ingleses. Colecção do Museu Nacional de Arte Antiga* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Andrade, S. G. d. (1986). *Esculturas dos sécs. XIII e XIV. Imaginária do tempo da Rainha Santa Isabel* [Brochura]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Andrade, S. G. d. (1988). *Imagens no tempo. Ler a exposição temporária: imagens no tempo: escultura portuguesa no Museu Nacional de Arte Antiga: séc. XIII / Séc. XVIII* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Andrade, S. G. d. (2000). *O sentido das imagens. Esculturas e arte em Portugal: 1300 - 1500* [Catálogo de exposição]. Instituto Português de Museus.
- Aparício, P. P., Bastos, C., Pereira, T. P., & Sousa, C. B. d.. (2008). *Museografias* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Barata, M. F. d. S., & Ramos, P. d. O. (Coords.). (1989). *O vidro em Portugal* [Catálogo de exposição]. Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.
- Bastos, C., & Markl, A. G. (Coords.). (2018). *Anatomia de uma pintura. João Glama e o terramoto de 1755* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Bastos, C., & Soromenho, M. (Coords.). (2016). *Estêvão Gonçalves Neto. O último iluminador* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Beaumont, M. A. (1977). *Facsimiles. Colecção de Desenhos da Gal. Albertina de Viena* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Beaumont, M. A., Brito, M. N. d., & Infante, S. (1987). *Desenhos dos Galli Bibiena. Arquitectura e cenografia* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Beaumont, M. A., & Delmarcel, G. (1978). *Tapeçarias antigas da Bélgica* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Biberstein, M. & Porfírio, J. L. (1991). *Acerva de Vernet, da paisagem, do sublime e do belo, e qual a relevância que podem ainda ter na arte contemporânea* [Catálogo de exposição]. B & P Publicações.
- Caetano, J. O. (Coord.). (2014). *Luca Giordano. Êxtase de S. Francisco* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Caetano, J. O., & Carvalho, J. A. S. (Coord.). (2010). *Primitivos portugueses. 1450 – 1550: o século de Nuno Gonçalves* [Catálogo de exposição]. Athena; Museu Nacional de Arte Antiga.
- Caetano, J. O., & Macias, S. (Coords.). (2020). *Guerreiros & mártires. A cristandade e o islão na formação de Portugal* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Caetano, J. O., & Sbaraglio, L. (Coords.). (2020). *Alvaro Pirez d'Évora. Um pintor português nas vésperas do renascimento* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Calado, R. S., Monteiro, E., & Oliveira, M. J. (1999). *dimensões – da vida da terra* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Capelo, F. (2004). *A Arte da laca na Birmânia e na Tailândia. Coleção Francisco Capelo* [Catálogo de exposição]. Instituto Português de Museus.
- Carvalho, J. A. S. (2009). *Súplicas de Inês de Castro* [Folha de sala]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Carvalho, J. A. S. (Coord.). (2013). *O frei Carlos da América* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Carvalho, J. A. S., & Medori, P. B. (2018). *Explicita. Arte proibida?* [Jornal de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Carvalho, J. A. S., Rodríguez, C. S., Serrão, V., & Vizuete, F. T. (2000). *Luis de Morales. A um lado e outro da Raia* [Catálogo de exposição]. Junta de Extremadura, Consejería de Cultura.
- Carvalho, J. A. S., & Soromenho, M. (Coords.). (2019). *Museu das descobertas* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Carvalho, J. A. S., Carvalho, M. J. V., & Porfírio, J. L. (2002). *A espada e o deserto* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Carvalho, J. A. S., Franco, A., & Pimentel, A. F. (Coords.). (2016). *Obras em reserva: o museu que não se vê* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Carvalho, J. A. S., & Rodolfo, A. (Coords.). (2017). *Madonna. Tesouros do Vaticano* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Coutinho, B., & Pimentel, A. F. (2011). *Exposição MNAA :: MUDE* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Museu do Design e da Moda.
- Coutinho, B., & Pimentel, A. F. (2011). *Exposição MUDE :: MNAA* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Museu do Design e da Moda.
- D'Intino, R. (Coord.). (1994). *As tentações de Bosch ou o eterno retorno* [Catálogo de exposição]. Electa; Sociedade Lisboa 94.
- D'Intino, R., & Martins, A. (Coords.). (1994). *Do sublime* [Catálogo de exposição]. Electa; Sociedade Lisboa 94.
- d'Orey, L. (1999). *Doação Carolina e Alfredo Simões Travassos* [Brochura]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- d'Orey, L., & Silva, N. V. e. (1996). *Relíquias e Relicários* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Dias, P. (1992). *No tempo das referências. A arte portuguesa na época dos descobrimentos* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- EU Japan Fest Japan Committee. (1994). *Les automates* [Catálogo de exposição]. EU Japan Fest Japan Committee; Sociedade Lisboa 94.
- EU Japan Fest Japan Committee. (1994). *Ukiyoe. Nagoya TV collection* [Catálogo de exposição]. EU Japan Fest Japan Committee; Sociedade Lisboa 94.
- Fernandes, M. A. (Coord.). (1999). *O destino etíope do Preste João* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Fernandes, M. A., & Vilar, C. T. (Coord.). (1996). *Santo António. O Santo do Menino Jesus* [Catálogo de exposição]. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.
- Franco, A. (2003). *Miniaturas portuguesas* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Franco, A. (2008). *Miniaturas estrangeiras* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Franco, A. (Coord.). (2011). *Coleccionar em Portugal. Doação Castro Pina* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Franco, A. (Coord.). (2012). *Do mar e da terra. Presépios naturalistas: estudo e a reabilitação* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Franco, A., & Rodrigues, A. D. (Coords.). (2012). *O virtuoso criador. Joaquim Machado de Castro: 1782 – 1822* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Franco, A., Caetano, J. O., Carvalho, J. A. S., & Pimentel, A. F. (2015). *Josefa de Óbidos e a invenção do barroco português* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Franco, A., Oliveira, F., & Vale, P. P do. (Coords.). (2018). *Do tirar polo natural. Inquérito ao retrato português* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Franco, A., Penalva, L., & Pimentel, A. F. (Coords.). (2014). *Splendor et gloria. Cinco jóias setecentistas de exceção* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (1976). *O retrato em França de 1610 a 1789* [Catálogo de exposição]. Fundação Calouste Gulbenkian; Museu Nacional de Arte Antiga.
- Gaëtan. (1985). *Gaëtan. Do sermão a Jan Sanders: 18 desenhos e uma pintura de Gaëtan no Museu Nacional de Arte Antiga* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Galeria Municipal Caldas da Rainha. (1993). *Expressões medievais. Escultura em pedra da colecção do Museu Nacional de Arte Antiga* [Catálogo de exposição]. Galeria Municipal Caldas da Rainha.
- Garcia, M. F. A., & Tanno, K. (1984). *Traje Namban* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Gentil-Homem, C., & Rocha, J. C. (Coords.). (1987). *Ernesto de Sousa. Itinerários* [Catálogo de exposição]. Secretaria de Estado da Cultura.
- Gschwend, A. J., & Lowe, K. J. (Eds.). (2017). *A cidade global. Lisboa no Renascimento* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Hallet, J., & Pereira, T. P. (Coords.). (2007). *O tapete oriental em Portugal. Tapete e pintura séculos XV – XVIII* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Henriques, A. de C. (Coord.). (2009a). *Encompassing the globe. Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Henriques, A. de C. (Coord.). (2009b). *In Memoriam. Sérgio Guimarães Andrade. 1944-1999*. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Henriques, A. de C. (Coord.). (2010a). *A invenção da glória. D. Afonso V e as tapeçarias de Pastrana* [Catálogo de exposição]. Fundación Carlos de Amberes; Museu Nacional de Arte Antiga.
- Henriques, A. de C. (Coord.). (2010b). *Sobre o trilho da cor. Para uma rota dos pigmentos* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Henriques, A. de C. (Coord.). (2011). *Esplendor holandês. O retrato de família de Pieter de Grebber* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Henriques, A. de C. (Coord.). (2011b). *Revelações. O presépio de Santa Teresa de Carnide* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Henriques, A. de C. (Coord.). (2012). *De amicitia. 100 anos do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Kistemaker, R., & Levie, T. (Eds.). (1988). *Portugueses em Amesterdão. 1600 - 1680* [Catálogo de exposição]. Amsterdams Historisch Museum.
- Kochanowska-Reiche, M., et al. (2007). *O brilho das imagens. Pintura e escultura medieval do Museu Nacional de Varsóvia (séculos XII – XVI)* [Catálogo de exposição]. Hirmer.
- Kruse, P., Porfírio, J. L., et al. (1999). *Museu Nacional de Arte Antiga Lisboa. As grandes colecções* [Catálogo de exposição]. Hirmer Verlag.
- Markl, A. G. (Coord.). (2016). *Domingos Sequeira. Pintor de história* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Markl, D. L., & Porfírio, J. L. (1997). *Sequeira. Um português na mudança dos tempos: 1768 – 1837* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Melo, A. V. e, & Ferreira, E. (2006). *LVMEN* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Museu Nacional de Soares dos Reis.
- Morais, P., & Porfírio, J. L. (1987). *Deserto III / Pedro Moraes* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1975). *Bosch. Artistas contemporâneos e as tentações de S. Antão* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.



- Museu Nacional de Arte Antiga. (1975). *Catálogo da exposição provisória de pintura estrangeira* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1976b). *Imagens de Malines do Museu Nacional de Arte Antiga* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1978a). *Cerâmica das Caldas* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1977b). *Desenhos de Domingos António de Sequeira* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1980). *De Goa a Lisboa. Coleções do Museu Nacional de Arte Antiga: II congresso internacional de história indo-portuguesa* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1981b). *Dossier de documentação n.º1 – Alabastros medievais ingleses* [Catálogo de exposição]. Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.  
<https://arquivoatom.up.pt/index.php/dossier-de-documentacao-n-o-1-alabastros-medievais-ingleses-museu-do-mosteiro-de-santa-maria-da-vitoria-batalha>
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1984b). *Coleccionar. O legado de Barros e Sá* [Brochura]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1987b). *António Paiva. José Anahory*. [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1987c). *Pintura do Museu Nacional de Arte Antiga na Casa-Museu Guerra Junqueiro* [Brochura]. Casa-Museu Guerra Junqueiro
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1988a). *10 anos de legados e doações* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1988b). *O ciclo do Natal contado em desenhos e gravuras* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1991). *Manet em Lisboa. Le chemin de fer* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1998). *Teotihuacan. Uma cidade cosmopolita do México antigo* [Catálogo de exposição]. Instituto Nacional de Antropologia e História.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (1999). *A faiança da Fábrica do Juncal* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Museu Nacional de Arte Antiga. (2007b). *A renovação do retrato. Desenhos portugueses, 1800 – 1850* [Brochura]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional de Arte Antiga. (2013). *Nas rotas do mundo. A faiança portuguesa: séculos XVI – XVIII* [Brochura]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Neves, E. (Coord. Gráf.). (1984). *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento* [Catálogo de exposição]. Montepio Geral.
- Pagella, E., & Gabrielli, E. (2014). *Os Sabóias. Reis e Mecenas: Turim 1730 – 1750* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Paulino, F. F. (Coord.). (1995). *Tapeçarias de D. João de Castro* [Catálogo de exposição]. Instituto Português de Museus.
- Penalva L. (Coord.). (2012). *Thesaurus. A ourivesaria sacra da Real Abadia de Alcobaca* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Penalva, L. (2011). *Viagens. O tesouro da Vidigueira* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Penalva, L. (Coord.). (2016). *O tesouro da Rainha Santa. Imagem e poder* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Penalva, L., & Franco, A. (Coords.). (2006). *De Fra Angelico a Bonnard* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Pereira, F. A. B., & Sousa, F. C. de. (2017). *As ilhas do ouro branco. Encomenda artística na Madeira: séculos XV – XVI* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Perez, R. M. (1998). *Culturas do Índico* [Catálogo de exposição]. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Pimentel, A. F. (Coord.). (2012). *A arquitetura imaginária. Pintura, escultura, artes decorativas* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pimentel, A. F. (Coord.). (2013). *A encomenda prodigiosa. Da patriarcal à capela real de São João Batista* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pinto, M. H. M. (1977). *Artes decorativas francesas. Séc. XVIII. Mobiliário. Relógios* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

- Pinto, M. H. M. (1990). *Arte Namban. Os portugueses no Japão* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Botelho, M., & Porfírio, J. L. (2000). *Manuel Botelho. Pintura e desenho 1997/2000*. [Catálogo de exposição]. Instituto Português de Museus.
- Porfírio, J. L., & Tabucchi, A. (2001). *Cruz-Filipe 1996/2001. Naturezas mortas – espaços – figuras* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Quaresma, J. (2010). *D'Aprés: Nuno Gonçalves* [Catálogo de exposição]. CIEBA - Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes.
- Raggi, G. (Coord.). (2013). *Ilusionismos. Os tetos pintados do Palácio do Alvor* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Rodrigues, A. M., Pissarra, J. V., & Oliveira, S. M. (Coords.). (2001). *Outro mundo novo vimos* [Catálogo de exposição]. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Sanches, R., & Carvalho, J. A. S. (Coords.). (2018). *Museum. Rui Sanches* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Sardo, D., Pimentel, A. F., & Santos, J. M. dos. (2013). *A arca invisível* [Catálogo de exposição]. [s.n.].
- Sobral, L. de M. (2004). *Pintura portuguesa do século XVII. Histórias lendas narrativas* [Catálogo de exposição]. Instituto Português dos Museus.
- Soromenho, M. (Coord.). (2015). *Joyeuse Entrée. A vista de Lisboa do Castelo de Weilburg* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Soromenho, M. (Coord.). (2020). *Almada Negreiros e os painéis. Um retábulo imaginado para o Mosteiro da Batalha* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Soromenho, M., Sousa, M. da C. B. de, & Trindade, R. A. A. (Coords.). (2019). *Luxo asiático. Porcelana, laca e seda: do consumo à apropriação* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Sousa, M. d. C. B. d.. (2011). *Viagens. Lacas Namban e de outras paragens* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Sousa, M. da C. B. d.. (Coord.). (2013). *Vita Christi. Marfins luso-orientais* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Thomas, H. T., & Ulrich, S. (Coords.). (2022). *Jogos cruzados. Viagens entre Oriente e Ocidente* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Trindade, R. A. A. (Coord.). (2015). *Aqua. Faianças da coleção do MNAA* [Catálogo de exposição]. Museu Nacional de Arte Antiga.

## 2.2. MONOGRAFIAS

Cabello, J. (1992). *Museus de Portugal*. Público Comunicação Social, SA.

Caetano, I. (Coord.). (1991). *Relatório de Actividades 1990*. Instituto Português do Património Cultural.

Caetano, I. (Coord.). (1991). *Relatório de Actividades 1991*. Instituto Português do Património Cultural.

Ferreira, E., Monteiro, J. d., Pereira, E., & Silva, R. H. d. (Coords.) (2019/2022). *Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / NOVA.

Pimentel, A. F. (2019). *MNAA 2010 – 2019: Para a História do Museu Nacional de Arte Antiga*. Palavras Límpidas.

Porfírio, J. L. (Coord.). (1977). *Grandes Museus do Mundo. Museu de Arte Antiga: Lisboa*. Verbo.

Porfírio, J. L. (Coord.). (1994). *Museu Nacional de Arte Antiga. Museum of Ancient Art Lisbon*. Instituto Português de Museus. Electa.

Quina, J. (Coord.). (2005). *Museu Nacional de Arte Antiga*. Coleção “Museus do Mundo”, 1. Planeta de Agostini.

## 2.3. DISSERTAÇÕES, TESES E CONFERÊNCIAS

Carvalho, M. J. C. P. V. d. (2014). *As esculturas de Ernesto Jardim de Vilhena. A constituição de uma coleção nacional*. (Vol. I) [Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova.  
<http://hdl.handle.net/10362/13889>

Manaças, V. T. (1991). *Museu Nacional de Arte Antiga: uma leitura da sua história (1911 – 1962)*. (Vol. I) [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova.  
<http://hdl.handle.net/10362/20036>

Martins, H. M. L. E. P. (2014). *O Museu Nacional de Arte Antiga, o edifício e a sua história: contributos para um projeto de comunicação*. (Vols. I e II).

- [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova.  
<http://hdl.handle.net/10362/14697>
- Martins, J. P. C. (2017). *Museu Nacional de Belas-Artes (1884 – 1911): A “arqueologia” de um museu e a gestão de coleções.* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Estudo Geral.  
<http://hdl.handle.net/10316/36964>
- Monteiro, J. d. (2017). *Um modelo operativo de avaliação de exposição de arte. Estudo de caso: Museu Nacional de Arte Antiga.* [Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova.  
<http://hdl.handle.net/10362/22406>
- Nunzio, C. C. D. (2022). *A Exposição “Os Primitivos Portugueses” de 1940.* [Dissertação de Mestrado]. Repositório ULisboa.  
<http://hdl.handle.net/10451/53538>
- Pinho, E. G. (2013). *A evolução das coleções públicas em contexto democrático. Políticas de incorporação e vetores de crescimento nos Museus de Arte da administração central do estado: 1974 – 2010.* (Vol. I). [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa.  
<http://hdl.handle.net/10451/11028>
- Pinho, E. G. (2022). *A internacionalização dos museus portugueses e a mobilidade das coleções em período democrático (1974 – 2020).* [Projeto de Pós-Doutoramento não publicado]. Grupo de Investigação e Estudo em Ciências da Arte e do Património “Francisco de Holanda” do CIEBA, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Pinho, E. G. (2023). *A Internalização dos Museus Portugueses em Contexto Democrático (1974 – 2020): algumas conclusões.* [Videoconferência] *Museus no Século XXI: a sua relevância para a sociedade contemporânea.* Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria.

## DOCUMENTOS

### Apêndice A

*Entrevista realizada a José Luís Porfírio, a 23 de setembro de 2023*

**Entrevistadora:** Mariana Augusto

**Entrevistado:** Dr. José Luís Porfírio, ex-Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga

**Data:** 23 de setembro de 2023

**MA:** Consideraria que o Museu Nacional de Arte Antiga, sendo uma das instituições culturais mais emblemáticas do país, sentiu fortemente as alterações no contexto político e social após a implementação da democracia em Portugal?

**JLP:** Sim... foi muito importante, sem grandes convulsões. Durante os primeiros tempos, a Diretora [na altura, Maria José de Mendonça] permaneceu porque era uma pessoa muito respeitada – não era muito ligada à política e o facto é que, em 1973, tinha 68 anos. Ficou até ao final do mandato atingindo o limite de idade a 5 de janeiro de 1975.

As maiores complicações surgiram a seguir, apesar de não terem a ver com a Direção do Museu. Foram conflitos pessoais internos transformados oportunisticamente em casos político ideológicos. Aliás, o projeto da exposição “Bosch. Artistas Contemporâneos e as Tentações de Santo Antão” surgiu de uma proposta elaborada antes do 25 de abril, por um grande amigo meu – [o pintor] Henrique Manuel – e estava para ser inaugurada ainda no tempo da Maria José de Mendonça. Mas começaram a chegar obras, nomeadamente uma colagem com papéis de jornal [de Júlio Pereira (1922 – 1993), também conhecido como Júlio Caldeireiro] e, embora fosse uma pessoa muito ligada à arte moderna, a Maria José disse-me, de forma muito simpática: “oh, Porfírio... isto é uma coisa mais para si do que para mim”. E pronto, não houve qualquer problema quanto a isso, por exemplo.

Mas no contexto do Museu houve, principalmente, o manifesto a favor da criação da carreira de monitor, das carreiras de educação... Nessa altura, o serviço educativo era

constituído apenas por senhoras trabalhando em *part-time*; ganhava-se mal nas profissões museológicas e, mesmo na função pública, os cargos ligados às artes eram menos recompensados. Mesmo os licenciados eram “Doutores de segunda”, chamemos-lhes assim. Eu, aliás, fui bolseiro da Gulbenkian, e só depois me apercebi que existiam três tipos de bolsas: os Doutores, os Artistas e os Músicos. Por ordem decrescente. Era uma hierarquia completamente idiota, mas existia. Isso foi uma realidade que, de facto, o ensino corrigiu rapidamente. Não aconteceu logo a seguir, mas nos anos 80 já estava tudo resolvido. Mas estas eram coisas normais para o tempo.

Depois houve, também, uma disfunção forte no Museu, que não teve tanto a ver com a posição política das pessoas internas, mas sim com as relações que existiam entre elas. Foi necessário fazer duas assembleias dos trabalhadores, com a presença do Secretário de Estado da Cultura [João de Freitas Branco], para acalmar os ânimos. É engraçado porque começaram a surgir dois lados, mas a clivagem não tinha nada a ver com as crenças políticas. O lado mais aparentemente reacionário ou mesmo amigo dos trabalhadores, digamos, tinha várias pessoas ligadas ao Partido Comunista. Aliás, alguns desses intervenientes eram pessoas discretas; estavam habituados à discrição anterior e não queriam dar nas vistas – e, de facto, não davam. Eu próprio tinha lá muitos amigos, e quando alguma gente dos museus ou da cultura me viam a falar com este ou aquele, mostravam-se muito curiosos. De certo modo, nessa altura, as posições das pessoas serviam para ganhar um território de influência do que outra coisa.

Por outro lado, houve uma nova vontade no que diz respeito ao tipo e às intenções da programação. Quando a exposição do Bosch estava a decorrer, fizemos uma falsa conferência. Foi uma ideia minha, trabalhada por várias pessoas, e quem a montou foi o José Ernesto de Sousa. A ideia de base era fazer uma conferência muito chata, baseada na bibliografia do artista, com um conferencista falso [André Gomes, que acabou ele próprio por elaborar uma *pseudo* conferência muito pouco divertida]. Depois, pretendia-se que os monstros do Bosch interferissem e o expulsassem. Várias pessoas se disfarçaram: o chefe dos guardas vestiu-se do monstro picanço; um dos guardas quis ser o diabo, e agarrou-se às pernas do conferencista; aquela figura, que anda numa espécie de andarilho, foi interpretada pela Prof.<sup>a</sup> Cristina Azevedo Tavares, da Faculdade de Belas-Artes. Na altura fazia o serviço cívico no Museu... não sei se chegou a ser sua professora.

**MA:** Sim, ainda tive duas unidades curriculares com ela.

**JLP:** Pois... tinha ela 15 anos e fez-se passar, também, por aquele monstro. Isto, garanto-lhe, que não podia ter sido feito antes do 25 de abril. Criámos um convite falso, com um falso professor, falso Doutor [André Gomes] e falsa universidade... alguns artistas foram lá por engano. Mas acabaram por se divertir. O filme feito pela equipa de televisão que lá esteve, ficou aos “saltos”, por estarem todos a rir. Isto nunca teria sido pensado anteriormente; entre outras coisas.

No entanto, a exposição do Bosch surgiu na sequência de uma primeira exposição que eu organizei no Museu. Tinha havido um grande restauro aos painéis entre o fim dos anos 60 e o princípio dos anos 70, e o Museu fez uma exposição sobre esse restauro que estava patente quando tomei posse. Entretanto, alguns alunos de uma escola de Benfica foram visitar o Museu, por engano, a uma segunda-feira, que é o dia em que está encerrado. Estava lá a Madalena Cabral, que geria o Serviço Educativo, e ela sugeriu que eles fossem, pelo menos, ver o Bosch – porque estava acessível junto à entrada do Museu. Um mês depois, apareceu a professora deles com um molho de desenhos. Os miúdos tinham estado a fazer monstros em casa e na escola. A Maria José, que tinha um forte sentido de humor, disse: “temos de fazer uma exposição”. E fizemo-la, no átrio. Os monstros dos jovens eram muito engraçados. Havia dois desenhos, feitos por miúdos diferentes, em que ambos os monstros eram televisões. Televisões com orelhas, com cornos... achei aquilo muito significativo. A verdade é que, por vezes, as televisões são mesmo monstros. E, digo-lhe, esta atividade esteve um bocadinho na matriz do convite à exposição dos artistas contemporâneos.

Quero acrescentar, também, que considero a relação do MNAA com artistas vivos uma tradição sem data. Quer dizer, as coisas podem-se ter ampliado atualmente. Mas a Maria José de Mendonça era uma pessoa muito ligada à arte contemporânea. E era uma católica fervorosa, mas aberta à mudança, portanto também esteve ligada ao movimento da renovação da arte religiosa, tal como a Madalena Cabral. Aconteceram várias coisas no tempo dela, antes de eu lá estar. O anterior Diretor, João Couto, não era propriamente um homem voltado para a arte moderna, mas destaca-se o papel que ele teve na preservação dos murais da Rocha do Conde de Óbidos. Como amigo pessoal de Almada Negreiros, a sua ação foi crucial para que o mural não fosse destruído depois da



sua inauguração. Sobretudo, os murais do Cais da Rocha do Conde de Óbidos, referentes aos emigrantes, que são peças insólitas na arte mais ou menos oficiosa. E mesmo o José de Figueiredo; é referido no largo junto ao Museu, tem o seu nome como crítico de arte e foi amigo de muitos artistas do seu tempo. Isto para dizer que, no MNAA, já se exibiam trabalhos de artistas contemporâneos, ou de jovens alunos da Escola de Belas-Artes. Comigo pode ter havido uma certa ampliação, porque comecei a fazer crítica de arte em termos profissionais no final de 1972. Uma atividade que, felizmente, ainda não terminei.

Algo que foi difícil de resolver, ainda no tempo da Maria José, foi a atribuição de tarefas. Eu era conservador das atividades – não tinha coleção. Quando fui para lá, havia duas conservadoras: a Natália Correia Guedes, que estava encarregue pelas Artes Decorativas; e a Maria Alice Beaumont, com as Artes Plásticas. Eram essas as duas grandes divisões. Depois entrei eu, o Rafael Calado e o Sérgio Andrade pouco depois, numa situação diferente das duas conservadoras, que integravam o quadro. Nós entrámos quando o José Veiga Simão era ainda ministro do Marcello Caetano, através dos chamados “contratos além-quadro”; esse foi um dos feitos da Maria José para conseguir ampliar o pessoal técnico. Eram lugares simples, mas melhores que nada. A situação era totalmente diferente. Os licenciados contavam-se pelos dedos das mãos. Eu estive algum tempo à espera de entrar para o MNAA, e vários reitores de liceu me telefonavam a pedir “venha para cá, não tenho nenhum licenciado para ensinar História...”. Era uma realidade completamente inversa à atual.

**MA:** Concordaria, então, que houve alguma adaptação da narrativa e da própria missão do Museu, tendo em conta o novo regime e as necessidades da sociedade da altura?

**JLP:** Sem dúvida. Inclusivamente, há alguns textos que referem isso. Por exemplo, a editorial Verbo fez uma coleção sobre museus [“Grandes Museus do Mundo”], mesmo no final do regime. Quem assinasse essa série de livros, recebia o primeiro volume como brinde, que correspondia ao do MNAA. Nele, exprimi algumas opiniões que marcavam a mudança do regime. Não era bem uma mudança de programa, mas mais uma mudança de intenção:

*Tem o Museu de Arte Antiga uma longa tradição de trabalhos com a juventude, iniciada ainda nos anos 20, pelo Dr. João Couto, ao tempo, conservador. Do público infantil e juvenil das escolas, se passou a buscar sempre novos e mais vastos públicos através do trabalho, não oficializado ainda, de um serviço de educação, como funciona há mais de 20 anos. Esta é uma proposta que hoje, pela segunda República, se pode pôr claramente, a de uma nova pedagogia do olhar e da expressão ao serviço de toda a gente. Tal pedagogia é um desafio que o museu a si próprio se faz, transformando-se sob pena de se tornar num fóssil social sem qualquer sentido e ter outra função senão a de sobreviver a si próprio. (Porfírio, 1977)*

Claro que isto não teria sido publicado sem a aprovação dos colegas e da encarregada da Direção [Maria Alice Beaumont].

**MA:** Mas sente que houve alguma mudança na abordagem temática do Museu tendo em conta o fim da censura e do controlo que o Estado Novo tinha sobre o conteúdo museológico da altura? Por exemplo, calculo que o Museu tenha sentido a oportunidade para falar mais abertamente sobre questões como a colonização ou mesmo a própria Ditadura... acha que o Museu investiu nessas oportunidades para abordar novas perspetivas sobre narrativas que podiam ser consideradas conflituosas?

**JLP:** Bem, temas como a colonização – ou a descolonização – são temas muito mais “quentes” hoje em dia. Na altura, falava-se mais do problema que seria abrigar a enorme quantidade de pessoas que vinham das colónias; foram 700 mil, as que se integraram sem aparentes problemas.

Mas havia uma coisa muito importante na relação com o público – sobretudo, no Serviço Educativo: a grande liberdade que se dava, quer na oficina dos trabalhos plásticos, quer nas visitas. As visitas eram baseadas em diálogo. Nunca foram feitas com um discurso impositivo ou oficial. Portanto, dava-se a palavra ao público, fosse ele qual fosse. Claro que as visitas eram muito dirigidas às escolas. Eu também comecei a fazer visitas muito cedo e, devo confessar, houve uma que nunca esqueci. Diante dos *Painéis de S. Vicente*, uma miúda que não teria mais de 14 anos, disse: “mas eles estão todos sozinhos”. E isto tem muito a ver com a caracterização individual de cada rosto,

mas, de facto, há um hieratismo que muitos anos mais tarde, quando se conheceu o desenho subjacente, se veio a acentuar. Como sabe, está representada uma única criança. No desenho, este menino tem ao lado aquele que seria o seu tio, que o chama agarrando-lhe o braço. Essa ação desaparece completamente na imagem de superfície. E algo muito significativo, é que se aprende bastante com o público. Aprende-se muito com as dúvidas das pessoas, com a educação, com o diálogo...

Olhe, lembro-me, por exemplo, que a Maria José de Mendonça era uma devota dos chamados “museus de vizinhança”, uma experiência em curso em Nova Iorque nos anos de 60 e 70. Eram museus que trabalhavam as comunidades e que estariam ao serviço da vizinhança. Fizemos algumas tentativas semelhantes e tivemos uma reunião com sociedades recreativas da zona, ainda antes de 1974. Foi desolador, porque os dirigentes das ações disseram, simplesmente, “fazemos tudo o que o governo nos manda”. Eram pessoas dóceis; pedimos para lá irem, mas consideraram aquela uma iniciativa de determinada ordem e não correu muito bem.

Mais tarde, depois do 25 de abril, o Vendedores de Jornais Futebol Clube (VJFC), organizou um arraial dos Santos Populares à porta do museu. Aproveitando a situação, fizemos uma exposição sobre os três Santos populares, com imagens dos séculos XV e XVI, e abrimos o Museu nas noites correspondentes, para que as pessoas do arraial entrassem gratuitamente. Foi uma atividade muito interessante. E, de facto, não foi preciso pedir autorização para tudo e para nada. Esse era um enorme desafogo. Lembro-me que quando cheguei ao Museu fiquei a tratar desse assunto; que também perdurou porque as burocracias demoravam muito. Se alguma entidade nos fosse pedir uma fotografia, tínhamos de pedir autorização à Direção-Geral... isto continuou até depois do 25 de abril. Eu pedia autorização ao mesmo tempo que a dava. Muitas vezes quando ela chegava, já o livro tinha saído. Então, enviava a folha com a permissão dos meus superiores, e se houvesse algum problema, depois resolveria. Nunca houve.

**MA:** Aquilo que disse sobre o arraial é muito interessante porque, no fundo, o prestígio dos museus acaba sempre por depender da satisfação e da interação do público.

**JLP:** Há uma coisa em que hoje sinto um grande contraste, que é o Dia Internacional dos Museus – uma iniciativa da UNESCO. O primeiro que fizemos foi uma enorme

festa. Eu, mais uma colega, a Teresa Pacheco, conservadora dos têxteis, organizámos uma atividade brincalhona. Um pouco antes, tinha participado numa reunião na Gulbenkian, também ligada à UNESCO, em volta daquilo que era a definição de “objeto cultural móvel”. Saíram as definições, e eu e essa colega fizemos um painel onde as colocámos a todas. Depois, fizemos uma exposição, onde associámos um objeto a cada uma delas. Podia ser um objeto qualquer: um bilhete de elétrico, – essa minha colega tinha estado presa pela PIDE [Polícia Internacional e de Defesa do Estado] – podia ser um documento da PIDE... e era muito engraçado, porque eram os objetos mais insólitos, mas cabiam perfeitamente nas definições. Por outro lado, um grupo de alentejanos, moradores em Oeiras e ensaiados por Domingos de Moraes, vieram cantar, também. Fizeram-se, ainda, réplicas dos *Painéis de S. Vicente* e da *Salomé, com a Cabeça de São João Batista*, com buracos, onde as pessoas podiam colocar a cabeça. Essa exposição recebeu cerca de 1500 pessoas; e surgiu espontaneamente.

Atualmente, ao ver uma Direção-Geral que atribui um tema anual em que todos fazem o mesmo... acaba por ser uma maçada. Mas existem, também, diferenças entre as dinâmicas daquela época e a de hoje. As pessoas tomavam iniciativa e mostravam-se entusiasmadas com aquilo que faziam. Eu reformei-me há uns bons anos, mas se não me tivesse reformado, teria de ir tirar um curso para aprender a ser chefe. Eu era muito amigo do Diretor-Geral da altura, e lembro-me de lhe perguntar: “então, como correu?”; e ele respondeu-me: “uma chatice. Passo cerca de quatro a cinco horas naquele curso e, depois, estou na Direção-Geral até às 2h da manhã, a resolver problemas”. O Estado gastava muito dinheiro com professores; as pessoas iam aprender a falar, a dirigir reuniões... era um caso sem nexos. Uma pessoa fazia exatamente isso há imenso tempo e, de repente, aos 60 e tal anos, tinha de ir fazer um curso. Não batia a bota com a perdigota. Mas isto também já foi no princípio do século. A verdade é que essa espontaneidade de antigamente também dependia de quem estava no poder. Às vezes, podia variar mesmo entre pessoas que pertenciam ao mesmo partido. Uma das mudanças mais radicais deu-se dentro do PPD [Partido Popular Democrático] (hoje, PSD [Partido Social Democrata]), com a transição de Teresa Patrícia Gouveia para Pedro Santana Lopes; extraordinária, do ponto de vista negativo e da desconfiança. Ao longo dos anos, tudo isso vem à tona.

**MA:** Sucintamente, será que poderia descrever a sua experiência enquanto Diretor e quais foram os seus principais objetivos?

**JLP:** Quando cheguei à Direção do Museu, houve quem comentasse “o seu lugar devia ser por concurso...”. Não era. Eu próprio, depois de ser Diretor, passei por ser presidente de muitos júris de concursos para Direções de museus. O MNAA era um lugar equivalente a Vice-diretor-geral; não o era – hoje em dia, é –, mas era uma equivalência em termos do que se ganhava. O valor não era nada de extraordinário. Para ter uma ideia, a minha reforma é igual à de amigas e amigos meus, que eram professores da primária.

Eu costumo dizer, a brincar, que entrei para a Direção do MNAA por mão de Santo António; vou-lhe explicar porquê: em 1995, celebrou-se o seu centenário, e a Diretora-Geral [Simonetta Luz Afonso], que era uma senhora muito ativa, quis comemorar a data com uma série de exposições. Santo António era uma figura muito ligada ao Museu, sendo que, no centenário anterior, já tinha sido realizada uma exposição no Museu Nacional de Belas-Artes e Arqueologia [antigo nome da instituição] – que até concedeu a categoria de Visconde ao comissário responsável (momento que se encontra retratado numa caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro). Como Visconde não fiquei, mas, na altura, disse-lhe: “de Santo António, conheço pouco. Sei que pega o Menino ao colo. Mas, vamos lá, eu faço a exposição”... e fiz. Durante a exposição, telefona-me ela a perguntar: “quer ser Diretor?”; como não estava com paciência para aturar certas pessoas que poderiam aceitar tal lugar, respondi que “sim” e entrei. Acho que é fácil encontrar o catálogo dessa exposição.

**MA:** Eu, por acaso, tenho ali um catálogo, mas penso que é de uma versão itinerante da exposição original.

**JLP:** Não... houve essa exposição, e o Museu de Arte Popular fez uma outra em separado, mais ligada à arte popular e tradições. Entretanto, surgiu a oportunidade de se levar ao Brasil e, em 15 dias, tive de fundir as duas exposições<sup>66</sup>. O percurso da

---

<sup>66</sup> A combinação de ambas as exposições deram origem à mostra “Santo António. O Santo do Menino Jesus”, ocorrida no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, de 18 de abril a 16 de junho de 1996.

exposição do MNAA acabava com um estudo pintado para azulejaria, sobre o “Sermão ao Peixes”, de Maria Helena Vieira da Silva – que fazia anos no mesmo dia de Santo António; tal como Aurélia de Souza, que também teve o seu autorretrato *Santo António* exposto na última sala.

A minha Direção foi uma altura em que tinha havido uma série de grandes modificações no aspeto físico do Museu e na distribuição das coleções. Para mim, o mais importante foi reorganizar as coleções, a exposição permanente, o refazer das exposições de pintura europeia e pintura portuguesa (que não durou muito, mas que me deu muito gosto de fazer) e dar a prioridade nos textos (quer dos meus, quer dos meus colegas) a algo que acontecia muito nos museus quando se apresentava um fragmento da coleção: construir a sua história. E eu inverti a ideia, para tentar fazer, na medida do possível, a história da exposição – que é algo muito importante. A exposição dita “permanente” que, como sabe, está sempre a mudar, é um rosto das intenções (oficiais, oficiosas ou da autonomia dos responsáveis diretos pelas mesmas). E isso foi conseguido. Houve uma série de roteiros feitos, e os de Pintura foram da minha autoria.

Em 1980 deu-se uma modificação orgânica do Museu, e eu passei a conservador da Pintura. Que também tinha louros pouco invejáveis; quer do ponto de vista financeiro, quer do pessoal. E tinha como colega e Diretora – alguém de quem era muito amigo – uma senhora que estava a cegar lentamente [Maria Alice Beaumont]. Foi um drama brutal. Ela era fundamentalmente uma conservadora de desenhos (apesar de também tratar de pinturas), que a partir de uma certa altura não o podia mais fazer. Foi uma situação dura, e com uma série de jogadas oportunistas, vindas de gente que sabia que ela estava muito doente e desertas de que ela saísse, para ocuparem o lugar. Enfim... desculpe contar-lhe estas coisas, mas estas são situações que fazem parte da vida.

**MA:** Não, não... sem problema algum.

**JLP:** Neste momento estou a escrever umas memórias, não só profissionais, mas hei de escrever sobre isso tudo. Porventura não mencionarei certas pessoas, mas as realidades estarão lá. Mas, de facto, dediquei-me muito, também, a ajudá-la.

Depois começo a renovação global do Museu e das salas, porque certas coisas ficaram mal, dado às obras ocorridas em função da XVII exposição do CE – que deixaram o Museu “coxo” durante alguns anos (levou sete anos para as coisas se começarem a reorganizar). A nossa exposição permanente mudou tantas vezes, que ganhei uma enorme experiência em mexer na coleção. Aliás, na Direção da Maria Alice, tratou-se muito de mostrar a coleção de Pintura de diversas formas... participei nisso tudo e foi muitíssimo útil. Mas, na minha Direção, foi uma prioridade organizar os espaços. Lembro-me que quando fui ao Brasil, em contexto da exposição do Santo António, falei com a minha assistente, a Marília, sobre termos de resolver o “problema da coleção do mobiliário”. Felizmente, viajávamos em Classe Executiva e, portanto, tínhamos direito a menu; no verso de um desses menus, desenhei a planta da zona dedicada aos móveis e “cortei” ao meio a nave, obrigando o visitante a dar uma volta muito maior, o que permitia mostrar o mobiliário, do século XV ao XIX, sem ser tudo “de enfiada”, digamos. Esse menu da TAP deve estar lá arquivado, no Museu. De facto, a exposição não era da minha responsabilidade, mas esse conceito foi importante.

Na museologia, é necessário pensar integradamente. Nunca admiti que uma pessoa que fosse conservadora – e cheguei a ter problemas com alguns colegas – não o fizesse. Temos de pensar na totalidade do Museu. Ou seja, “eu não sei nada de têxteis, mas tenho de pensar nos têxteis”; “não sei nada de Pintura, mas tenho de pensar na Pintura”... e há algo que requer muita noção: nós temos de ter, sobretudo, a grande consciência daquilo que não sabemos. Com coleções desta vastidão, a verdade é que não sabemos quase nada sobre o que temos. Por isso, é necessário ter a consciência exata da nossa ignorância, saber a que portas iremos bater, de forma a resolver os problemas exatos desta nossa incapacidade, e saber comunicar os objetos aos públicos mais variados – eu sempre apliquei a palavra “públicos”, porque “público”, no singular, não faz qualquer sentido.

**MA:** Realmente, é um conjunto de pessoas muito diversificado.

**JLP:** Portanto, houve esta reorganização das coleções, este tema da história da exposição – que é muito importante para a consciência que o Museu pode ter de si próprio – e, por outro lado, havia outras coisas em agenda. Por exemplo, uma grande exposição sobre Domingos António de Sequeira – que era uma grande ambição da

Maria Alice Beaumont – e em que tive a grande felicidade de poder convidá-la para escrever um texto (já depois de ela estar completamente cega). Na verdade, ela saiu do Museu após uma notícia de jornal tendenciosa; pediu a reforma (nunca vi uma reforma a ser dada tão rapidamente) e foi-se embora. O que é curioso, e dramático, é que, na altura, ela ainda conseguia ver minimamente. No entanto, 15 dias depois de deixar o Museu, estava completamente cega. Com o apoio de algumas pessoas, ainda consegui que ela escrevesse um texto muito bom sobre Sequeira.

Por outro lado, é uma altura de grande colaboração e de grandes exposições com a Comissão dos Descobrimentos. Por um lado, foi bom porque era uma Comissão privilegiada, em termos de dinheiro, e podíamos fazer coisas que não se faziam em mais lado nenhum. Eu lembro-me que quando a Comissão acabou, falei com o José Alberto Seabra, um grande colaborador meu e um excelente historiador da pintura antiga portuguesa que também já está reformado, e não tínhamos dinheiro: “ó diabo, isto é à moda antiga! Vamos fazer uma exposição sem dinheiro!”. E fizemos algumas.

Na exposição final da Comissão dos Descobrimentos, “Outro Mundo Novo Vimos”, foi possível incluir algumas obras contemporâneas (como João Cutileiro, António Costa Pinheiro, etc.). A Comissão não tinha muito que ver com arte moderna; mas como era pretendido fazer uma grande exposição histórica do ponto de vista iconográfico, porque não envolver boas peças do século XX?

**MA:** Consideraria que a envolvência do MNAA com arte contemporânea, especialmente aquela que partiu da sua parte, foi uma estratégia de o atualizar tendo em conta o contexto democrático, ou tem que ver apenas com um gosto pessoal?

**JLP:** Bem, com o gosto pessoal tem, de certeza! Mas, como já lhe disse, considero que isso era ampliado de uma tradição. Por outro lado, houve algo muito importante: tentar que o Museu não fosse uma galeria, e tentar que houvesse sempre uma relação com o que se mostrava. Tirando um caso muito especial, de uma exposição realizada pela Embaixada dos EUA, em 1976 [“Hans Hoffmann. Os Anos Americanos”]. Na altura, não conseguiram determinar um sítio para a expor, porque os americanos não eram bem vistos em Portugal. “Mas porque não realizá-la no Museu?”, pensei. Mas, tirando essa, que não tinha nada a ver com o MNAA, a programação das exposições não era uma



simples ocupação de espaço. Um museu não é uma galeria. Aliás, a seguir à exposição do “Bosch”, houve quem dissesse: “para o próximo ano fazemos uma em volta dos *Painéis de São Vicente*”, ao qual respondi “não pode ser”. A do Bosch foi muito motivadora por não ter encerrado. Durante um mês, foram-se recebendo obras, pelo que havia mais para além daquelas que estão no catálogo. Quem quisesse trazia uma obra e ela era exposta. Foi algo muito motivador, quer para alguns artistas, quer para o trabalho com o público.

Na altura, o Eduardo Nery fez uma série de colagens na Sociedade de Belas-Artes, e eu disse-lhe: “tanta coisa sobre Pintura antiga, que você podia ter feito isto aqui, no Museu”. Nessa sequência, ele fez a exposição “O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo”, onde todas as colagens produzidas eram fusões de uma imagem publicitária com uma reprodução de uma pintura ou desenho. Inclusivamente, para o MNAA, fizemos uma colagem contínua, em banda, fechada sobre si própria e pusemo-la numa sala interior (que já não existe) em que a pessoa tinha de se dobrar, para conseguir admirar a *História da Pintura em 22,40* no interior daquele ovoide. Neste caso, não havia intervenções publicitárias, e eram só recortes de pinturas que vinham nuns álbuns sobre as obras-primas de diversos pintores, que se vendiam muito baratos, na altura. O Eduardo projetou esta obra especificamente para ser exibida lá. Mostrou ainda, uma *Vitória de Samotrácia* em formato de pombinha, daquelas que batem as asas. Exibimos a pombinha ao público, e brincámos com ele. Havia essa exigência de relação.

Uma vez, um francês chamado Bernard Guelton, fez uma exposição em que intervinha, sobretudo com coisas mínimas, em todas as 70 salas da exposição permanente do Museu. Eram referências discretas que não alteravam o sentido das coisas. Esta ideia também tem a ver com um conceito que eu gostei muito de desenvolver, que foi a “exposição da exposição”, ou seja, uma intervenção na exposição dita “permanente”, onde um objeto lhe altera o sentido ou complementa. O Bernard Guelton fez isso, o Pedro Morais fez isso, o Manuel Casimiro fez isso... Essas iniciativas tinham alguma coisa que ver com a minha cumplicidade com alguns artistas, mas foi sempre uma situação aberta e era sempre obrigatória uma ligação com o Museu, fosse ela com o espaço, ou com outra coisa qualquer. E correram bem. Não foram muitas, mas correram bem.

**MA:** Como sabe, fiz um levantamento completo das exposições temporárias ocorridas desde 1974 até aos dias de hoje, e algumas informações foram mais desafiadoras de encontrar, por existirem poucos registos, dado à ausência de catálogos, entre outras coisas...

**JLP:** Pois, pois.

**MA:** Por ter falado desses artistas contemporâneos, aproveito para perguntar... por exemplo, no caso da exposição “Deserto III”, de Pedro Morais: as obras que ele executou foram feitas especificamente para serem exibidas no MNAA. No entanto, essa exposição foi apresentada posteriormente noutras instituições. Imagino, então, que algumas dessas peças eram ajustáveis a outros espaços, certo?

**JLP:** Não, não. Houve coisas que ficaram lá, e as intervenções do Pedro Morais, especificamente, eram feitas no espaço. Inclusivamente, houve muitas que ele realizou e que não se dedicou a conservar. Muito pelo contrário.

**MA:** Pois, entendo. Eram obras únicas e efémeras.

Como a maioria dos Diretores, imagino que tenha enfrentado diversos desafios relacionados com a administração do Museu, principalmente no que diz respeito a questões como a gestão do espaço, o financiamento..., mas gostaria de ouvir a sua perspectiva sobre alguns desafios concretos que tenham surgido durante a sua Direção, e perceber se improvisou alguma estratégia “alternativa” para os tentar superar.

**JLP:** Francamente, há zonas com e sem dinheiro. E isso é muito importante. Deu-se uma muito boa relação entre o Museu e a Comissão dos Descobrimentos porque ambos os organismos precisavam um do outro. Por um lado, algumas das exposições da Comissão, que aconteceram fora do MNAA – como é o caso da “Orientalismo”, no Porto – dependeram tanto da colaboração do Museu, como da minha intervenção pessoal (apesar de mostrarem coisas que nada tinham a ver com a temática do MNAA). E, por outro lado, tivemos duas grandes exposições sobre a Índia a ocorrer dentro do Museu: a “Culturas do Índico” e a “Outro Mundo Novo Vimos”, que foi a última realizada pela Comissão.

Honestamente, a chegada dos mecenas, para mim, não foi muito gratificante. Por exemplo, a EDP. Tivemos uma exposição de uma artista, que veio ao colo dessa colaboração. A exposição fez-se, mas... não é uma questão de antipatia ou simpatia com a artista, mas não foi uma boa intervenção. A partir da XVII, e sobretudo com a instalação do ar condicionado, passámos a ter uma absolutamente fabulosa conta de eletricidade. Depois, a EDP aparece como mecenas, fazem-se umas grandes parangonas... se tivéssemos beneficiado, por exemplo, de eletricidade 20% mais barata, teria sido muito melhor. O problema dos mecenas, sobretudo, é o *show off* e o apoio pouco sensível.

**MA:** Mas sentiu menos liberdade criativa quando passou a estar envolvido com mecenas?

**JLP:** Houve algumas situações que me fizeram pensar que seria melhor ir embora... e fui. Porque os tempos estavam a mudar.

**MA:** Compreendido, Dr. Porfírio.

Na minha dissertação, pretendo eleger algumas exposições que se tenham destacado em cada uma das Direções, e que tenham sido o seu “ponto alto”. Que exposição temporária, ocorrida durante a sua direção, consideraria ser especialmente memorável para a história do Museu?

**JLP:** A grande exposição que fiz, enquanto Diretor, não foi em Lisboa, mas em Bona.

**MA:** “Museu Nacional de Arte Antiga. Lissabon”, das “Grandes Coleções”, certo?

**JLP:** Sim... “As Grandes Coleções” foi uma série feita pela *Kunst-und Ausstellungshalle* de Bona, que ainda era a capital da Alemanha. Aliás, quando fizemos a exposição, foi justamente durante a transição. Mas isto foi conseguido pela Margarida Gouveia, que era a nossa conselheira cultural em Bona – uma mulher extraordinária, por ser daquelas pessoas que não se põem em bicos de pés e que gostam que as coisas aconteçam. Ela deu um apoio excecional à exposição. Foi uma oportunidade de levar ao coração da Europa uma imagem forte do MNAA e das suas coleções; sem exageros.

Não levava, obviamente, o Bosch ou os *Painéis de S. Vicente*; que, como sabe, chegaram a ir aos EUA, no tempo do Santana Lopes – sem seguro e com muita aldrabice nos jornais, claro. Eu não era Diretor nessa altura, mas posso dizer que tive um processo disciplinar (o objetivo não foi tanto para me prejudicar pessoalmente, mas mais para intimidar a classe dos conservadores e dos Diretores dos museus, que era uma classe tímida e que tinha medo do poder, fosse ele qual fosse; claro que isto é a minha opinião, e podem existir colegas que ficariam muito ofendidos, mas estou a falar de coisas que aconteceram há uns 30 anos atrás e não quer dizer que hoje não seja tudo diferente). Mas a exposição de Bona permitiu-me pensar o Museu no seu todo. Teve muitos colaboradores, não gastámos muito dinheiro e conseguimos fazer um catálogo muito diversificado. Tive o grande apoio de muitas pessoas, como do incansável José Alberto Seabra, e de muitos outros que trabalhavam mais diretamente comigo. Acho que foi uma boa peça. Enfim, não digo que fosse uma “despedida”, porque ainda estive mais uns anos no Museu, mas foi uma altura de pensar. Pensar a coleção, pensar a função do Museu... e acho que isso ficou feito.

Numa conferência de imprensa, fui imediatamente questionado por jornalistas: “então, mas veio para Bona e não trouxe o Bosch?”

**MA:** Hoje em dia nem se colocaria essa questão, por ser um tesouro nacional.

**JLP:** Eu disse-lhes “sabe, isto é uma exposição que não é feita por políticos; é feita entre amigos e colegas. E os amigos e colegas respeitam-se. Quando as coisas são feitas por políticos, acontecem de outra forma. Manda quem pode, obedece quem deve e fazem-se disparates”. Inclusivamente, apesar de não ter sido muito, o Bosch sofreu alguma coisa quando foi aos EUA.

Posso-lhe contar uma anedota curiosa: houve uma grande exposição sobre o Bosch em Roterdão, no fim do século, e foi numa altura em que Roterdão era capital da cultura, assim como o Porto. Portanto, houve interferências entre os Presidentes da Câmara das duas cidades, e houve grandes expressões para o Bosch ir. Eu reservei-me uns tempos de meditação; veio um grande homem da conservação e do restauro, Van Scoute, um belga, ver a obra; conversei com ele longamente, contando-lhe quais tinham sido os problemas da ida para os EUA (foram mais a nível de conservação porque, como sabe,

os volantes do Bosch estão pintados dos dois lados, são muito finos e impõem problemas muito graves de se deslocarem); e, em última análise, numa carta que escrevi ao Diretor do *Boijmans*<sup>67</sup>, disse-lhe: “não, não vai”, por isto e por aquilo... E eles, mesmo assim, tiveram a gentileza de me convidar para a inauguração. E eu fui. E tive o gosto, numa roda seleta, de ser apresentado à Rainha da Holanda. “Este foi quem não emprestou a obra!”, disseram-lhe. E eu respondi: “minha senhora, por alguma razão é que a Holanda é um país civilizado, e outros não”. Ela riu-se e correu tudo muito bem. Para mim é uma das coisas que me sabem bem contar porque tem graça, e define limites para certas coisas.

A Diretora-Geral, e minha amiga, Raquel Henriques da Silva disse-me: “Porfírio, não sei porque não empresta a obra!”. “Ó, Raquel, vamos lá ver. Não sou eu quem empresta; eu não tenho poder nenhum” porque, como sabe, é o Secretário de Estado ou o Ministro quem o faz, conforme os casos. E acrescentei: “se me derem uma ordem para pôr uma obra de pernas para o ar, eu ponho, mas tenho de afixar a ordem mesmo ao lado! «Isto está de pernas para o ar porque S. Ex.<sup>a</sup> determina assim»”. Mas, basicamente, a conversa terminou da seguinte forma: “quer emprestar, empresta, mas algo acontece: eu vou-me embora”, disse-lhe eu. E ela: “ah, você é um chato!” e pronto, assim ficámos. Neste caso, resultou. Porque é sol de pouca dura e tem que ver com as boas relações entre as pessoas. Eu sempre disse, e cheguei a dar aulas a futuros colegas, que o conservador de museu tem o papel – não de dono de casa, mas – de *dona* de casa. No sentido mais machista. “Dona”, portanto, faz tudo: a roupa, a comida... tudo. Depois, há um dono, e é ele quem manda. Não é uma questão sexista, mas é uma questão de poder. O conservador não tem poder nenhum, faz o que lhe mandam. Agora... se os conseguirmos enganar, melhor! Esta é sempre a minha opinião. Tem de se enganar um bocadinho, porque o poder é uma coisa, como se diz no Alentejo, “malina”.

**MA:** Também tenho família alentejana e as expressões adequam-se facilmente. Fez muito bem... a defesa do património deve ser sempre a prioridade, e muitas vezes não o é.

---

<sup>67</sup> *Museum Boijmans Van Beuningen*, em Roterdão.

**JLP:** Não é. O problema dos empréstimos é sempre muito complicado. Proporcionam viagens e as pessoas gostam muito de viajar. O que deve estar à frente é a função e se a peça pode viajar ou não. Por exemplo, o Dürer do Museu tem muito melhores condições para se deslocar, em comparação ao Bosch. Aliás, já viajou e eu já o acompanhei. Mas mesmo assim, há problemas gravíssimos. Nas viagens acontecem sempre coisas extraordinárias... mas essa é outra conversa.

**MA:** O Dr. Porfírio já falou sobre a Comissão dos Descobrimentos, mas lembra-se de mais alguma colaboração institucional que se tenha destacado, durante a sua Direção?

**JLP:** Não, nem por isso... a minha formação no Museu é que nos habituamos a contar com pouco. Quando entrei, havia uma famosa série de exposições que a Gulbenkian já tinha feito, e nós reaproveitávamo-las continuamente porque não havia dinheiro. Aliás, há uma conversa que eu tive, quando o António Mega Ferreira ainda era jornalista, em que lhe disse: “o que é que a gente deve fazer nos museus? Gerir a miséria”. São precisas muita cabeça e muita paciência.

**MA:** E continua a ser assim, de certo modo.

**JLP:** Pelas notícias que eu tenho, não estamos muito melhores, não.

Agora, por outro lado, há um aspeto de conservação que é muito importante. Sem querer ser conservador demais: o problema da saúde das peças é fundamental. Não podemos correr riscos inúteis. Fizemos debates em muitas alturas, mas, enfim...

Houve um momento interessante no Museu, que foi quando recebemos os *The Living Theater*<sup>68</sup>. Dois espetáculos deles foram no MNAA. Foi só necessário arranjar um espaço – que hoje já não existe porque foi completamente transformado pela XVII. Também lhe digo, que se pagou caro. Mesmo em Democracia, ter-se, pela primeira vez, simulado a tortura do pau de arara<sup>69</sup> com um ator nu, foi problemático. Custou-nos muito caro, a nós e às nossas atividades.

---

<sup>68</sup> Companhia de teatro alternativa fundada em Nova Iorque, em 1947, por Julian Beck e Judith Malina. Procuram exercer uma “bela revolução anarquista não-violenta” (<https://www.livingtheatre.org/>).

<sup>69</sup> Método de tortura, onde a vítima é amarrada a uma vara que fica imóvel entre a concha dos braços e das pernas.

**MA:** E esse evento deu-se em que ano?

**JLP:** Em 1977.

**MA:** Pois, ainda havia sequelas do contexto anterior.

Sei que, por vezes, pode ser desafiante transmitir ao público a relevância contemporânea do património cultural antigo. Pode dizer-me como é que, na sua opinião, o Museu equilibra o seu papel de guardião de arte antiga com a necessidade de abordar questões contemporâneas e de envolver o público moderno?

**JLP:** Isso tem que ver com a maneira de comunicar com ele. Há um aspeto muito importante, que são os desafios que podem ser feitos com o público através de visitas, por exemplo. Houve uma visita que, para mim, foi muito grata; e, aliás, tenho colegas mais novos que assistiram a isso ainda jovens. Eu tive muito boa relação com um homem americano, amigo e discípulo do Piet Mondrian, chamado Harry Holtzman. Esse sujeito foi quem foi buscar o Mondrian quando ele estava fugido em Londres, na altura do Blitz. Tornou-se seu herdeiro (das obras em Nova Iorque, não das que se encontram na Europa). Também é um neoplasticista, e é muito bem conhecido nos EUA, e pouco conhecido cá. Aliás, eu fiz-lhe uma entrevista para a “Vida Mundial<sup>70</sup>” por essa altura. Ele deu um curso na Ar.Co e, numa das várias visitas que fez ao Museu, ficou fascinado pelo Frei Carlos e pela sua geometria eterna – ele também realizou um filme muito bom, sobre a geometria do Mondrian. E, durante a visita, ele diz: “um dia ainda trabalho sobre isto... um exemplo do que se pode fazer é uma exposição intitulada «Frei Carlos, Pieter de Hooch, Mondrian»”. E essa foi uma visita inteiramente excitante para o público.

Podem-se arranjar as mais vastas pretensões. Uma vez, eu e a Madalena Cabral fizemos o “Pensar Sobre Museu”. Fazíamos visitas temáticas – e havia uma dia por semana a elas dedicado – e uma delas calhou no dia 1 de abril. Fizemos “A Mentira no Museu” e comparámos a Capela das Albertas com a Sala Patiño, que é um interior do século

---

<sup>70</sup> Revista cuja origem remonta ao antigo jornal semanário com o mesmo nome, com propriedade da Sociedade Nacional de Tipografia.

XVIII, inicialmente desenhado para um palácio em Viena, e que foi adaptado a um espaço no Museu que não estava destinado a isso. O objetivo foi pôr o público a refletir sobre o que é “verdade” ou “mentira”. Ao fim e ao cabo, a Sala Patiño seria a “mentira” e a Capela das Albertas, que se mantém intacta desde o início, seria a “verdade”. E foi extraordinariamente divertido. Essas são pequenas coisas que geram cumplicidades.

Nos anos 70, fiz um apanhado sobre História da Arte, desde as suas origens até aos dias de hoje, uma série de 12 conversas semanais atravessando toda a História da Arte que terminava com o 4'33'' do John Cage. Chamava-se “A Consciência da Arte e a Arte da Consciência”, este é um conceito que eu tenho desenvolvido. A última sessão era uma conversa que acabava com os quatro minutos de silêncio do Cage. No final, quem tivesse assistido a essa última conversa, recebia um envelope fechado com a frase “o diploma da consciência” escrita. Lá dentro, estava um diploma falso assinado por mim, “fulano tal, o Mestre”, mas que estava tão colado ao envelope, que quem o tentasse abrir, acabaria por destruí-lo. Estes são exemplos de algumas coisas que se fizeram. As pessoas que assistiram a esse evento ainda me encontram hoje na rua e me falam. Não é nada de muito sistemático, mas criam-se cumplicidades. E, para mim, uma das coisas boas que consegui tecer do Museu, foi uma rede de cumplicidades com colegas, com pessoas de fora... Aquelas que ainda não morreram, ainda se mantêm, com muita força. E isso é muito agradável, sabe?

**MA:** É a vertente bonita de se trabalhar num museu.

**JLP:** É, é. E há uma coisa que aquela casa teve, durante muito tempo, que era uma enorme liberdade interior. Por um lado, um grande respeito que as pessoas tinham umas pelas outras, o que nem sempre acontece em instituições muito grandes. Quer dizer, o número de pessoas do Museu tem oscilado, mas houve uma altura em que chegou a integrar quase centena e meia de pessoas. O que começa a ser complicado.

O Estado não tem uma figura que as empresas têm, e que eu considero ser muito importante, que é a Assistência Social. Quando lidamos com funcionários que ganham miseravelmente – agora está melhor, mas houve alturas difíceis... por exemplo, eu fui ganhar mal para o Museu; mas um guarda, que até podia ser um chefe de família com o dobro da minha idade, ganhava um terço do que eu ganhava – é fácil surgirem muitos



problemas, que não se resolvem em ambientes fechados. Os problemas mal ordenados da função pública, em certas classes, é que são muitos. A ausência de serviço social no Estado é nefasta. No meu caso, chegaram-me problemas de doenças mentais, abortos... a quantidade de situações é devastadora, e a absoluta impotência para ajudar a resolver esses problemas, ainda mais. Lamento partilhar isto assim, mas é uma realidade.

**MA:** Não se preocupe, Dr. Porfírio. Aprecio muito a sua perspectiva.

Penso que terminámos. Agradeço muito a sua disponibilidade e simpatia. Até uma próxima oportunidade.

**JLP:** Tive muito gosto. Até um dia destes.

## Apêndice B

### *Exposições Temporárias na Direção de Maria Alice Beaumont (dir. 1975 – 1990)*

#### 1. “Bosch. Artistas Contemporâneos e as Tentações de Santo Antão” | Jan 1975

Centrou-se no tríptico *As Tentações de Sto. Antão* (ca. 1500), da autoria do pintor brabantino Hieronimus Bosch (ca. 1450 – 1516), e em interpretações realizadas por artistas contemporâneos, que partiram da referida. Esta foi uma iniciativa aberta à participação de quem pretendesse, e foram só três as peças integradas que não foram criadas especificamente para a ocasião: a tese sobre o tríptico, de Maria Velez (1935 – 2017); a *Mão*, de Cruzeiro Seixas (1920 – 2020); e três guaches da série *Tentações*, de José de Guimarães (n. 1939).



Figura 28 – Catálogo “BOSCH. Artistas contemporâneos e as tentações de S. Antão”

#### 2. “Imagens de Malines” | Out 1975 – Jan 1976

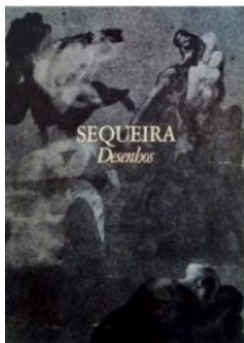
Exposição de esculturas de Malines do século XV, pertencentes à coleção do MNAA, e provenientes, na sua maioria, da coleção Ernesto Vilhena.

#### 3. “Presépios” | 21 Dez 1975 – 11 Jan 1976

Exposição de presépios de origem portuguesa, oriundos dos séculos XVIII e XIX, pertencentes à coleção do MNAA.

#### 4. “Domingos António de Sequeira” | 1975

Desenhos da autoria do artista português Domingos António de Sequeira (1768 – 1837), pertencentes ao espólio do MNAA. Esta exposição foi realizada em ocasião da concepção do catálogo desta coleção, elaborado por Maria Alice Beaumont.



**Figura 29** – Catálogo “Sequeira. Desenhos”

#### 5. “Exposição Provisória de Pintura Estrangeira” | 1975

Devido às obras que decorreram no Museu nesta época, que levaram ao encerramento temporário da Galeria de Pintura Estrangeira durante alguns meses, organizou-se esta exposição com o maior número possível de obras dessa coleção, de modo a não privar o público de as observar.



**Figura 30** – Fotograma da “Exposição Provisória de Pintura Estrangeira” | Fonte: © [RTP](#)

#### 6. “O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo” | Fev 1976 – 24 Abr 1976

Exposição homónima da série de colagens fotográficas *O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo* e de outros objetos relacionados, da autoria do artista português Eduardo Nery (1938 – 2013). As obras (colagens) [Fig. 32] confrontavam elementos da

cultura de consumo da sociedade contemporânea com reproduções de obras clássicas. Em conversa, José Luís Porfírio contou-nos:

*A exposição foi feita por desafio e convite expresso meu ao Eduardo Nery, depois de uma primeira mostra de colagens deste tipo na SNBA. Ele correspondeu com novas colagens e executou “in loco” a “História da Pintura em 22,40 m”.* (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, outubro 20, 2023)



**Figuras 31 e 32** – Fotogramas da exposição “O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo” | Fonte: © RTP

#### 7. “Os Anos Americanos” | 23 Mai 1976 – 06 Jun 1976

Exposição de 37 pinturas sobre papel da autoria do artista Hans Hoffman (1880 – 1966), provenientes da Galeria André Emeric, Nova Iorque. As obras tiveram a sua produção entre os anos de 1943 e 1952, enquanto o pintor residia nos Estados Unidos da América.

#### 8. “Desenhos de Rembrandt” | Mai 1976

Fac-símiles<sup>71</sup> de desenhos da autoria do pintor holandês Rembrandt van Rijn (1606 – 1669), provenientes da Embaixada de Holanda em Portugal.

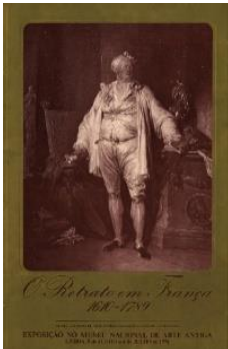
#### 9. “O Retrato em França de 1610 a 1789” | 08 Jun 1976 – 04 Jul 1976

Esta exposição, coordenada pela *Direction des Musées de France* em colaboração com a *Association Française d’Action Artistique*, integrou um programa de apresentação de obras de arte provenientes de museus franceses regionais não-parisienses, por toda a

---

<sup>71</sup> In Priberam: “Reprodução exacta de uma escrita ou de um estampa; cópia; imitação”.

Europa. Nesse contexto, com a organização da Fundação Calouste Gulbenkian, foram exibidos 53 retratos pintados no MNAA, uma vez que as galerias da primeira instituição estavam indisponíveis devido a obras preparativas para outra mostra.



**Figura 33** – Cartaz da exposição “O Retrato em França de 1610 a 1789” | Fonte: [Gulbenkian](#) | © BNP

#### 10. “O Natal” | 05 Dez 1976 – 1977

Exposição de obras pertencentes à coleção do MNAA, alusivas ao Natal e a episódios bíblicos com este relacionados. Os núcleos expositivos foram os seguintes: Anunciação; Visitação; Prelúdios da Natividade; Natividade; Ciclo dos Pastores; Ciclo dos Magos; Matança dos Inocentes; e Fuga para o Egito.



**Figura 34** – Fotografia da exposição “O Natal” | Fonte: (Henriques, 2009b)

#### 11. “Arte Oriental” | 1976

Exposição de objetos de arte *Namban*, pertencentes à coleção do MNAA.

#### 12. “Livro de Horas de D. Manuel” | 1976

Exposição sobre o manuscrito iluminado *Livro de Horas do Rei D. Manuel* (1517 – ca. 1551) [Fig. 35], pertencente à coleção do MNAA. Por razões de preservação, a versão

itinerante desta mostra – ocorrida em Tomar e Évora no ano de 1978 – não contou com a versão original do *Livro*, abrangendo, em alternativa, fotografias a preto e branco de todas as iluminuras de página inteira (complementadas por *slides* que mostravam as cores originais) e duas réplicas de todo o conteúdo em formato de *dossier*.



**Figura 35** – *Livro de Horas, dito de D. Manuel* | Fonte: © [MatrizNet](#)



**Figuras 36 e 37** – *Fotograma da “Exposição Provisória de Pintura Estrangeira”* | Fonte: © [RTP](#)

### 13. “Desenhos de Domingos António de Sequeira” | Jan 1977

Desenhos de Domingos António de Sequeira, pertencentes à coleção do MNAA. A exposição ocupou três salas do Museu, onde teve a seguinte organização museográfica: a primeira ocupou-se de retratos; a segunda, de estudos para composições conhecidas; e a terceira, de estudos relacionados com as obras *A Alegoria à Constituição* (1822) e *Adoração dos Magos* (1828), e de retratos de deputados à Assembleia Constituinte.

### 14. “Alabastros Medievais Ingleses” | Mar 1977

Exposição de alabastros ingleses oriundos dos séculos XV –XVI, pertencentes à coleção do MNAA.



**Figura 38** – Catálogo “Alabastros Medievais Ingleses”

**15.** “A Rua” | 05 Jun 1977 – Jul 1977

Exposição dedicada à cidade de Lisboa, integrada nas comemorações do Dia Mundial do Ambiente (5 de junho). Incluiu pinturas, gravuras e fotografias.

**16.** “Fac-símiles” | Nov 1977

Esta exposição, cedida pelos Serviços Culturais da Embaixada de Áustria em Portugal, apresentou um conjunto de fac-símiles de desenhos da coleção da Galeria Albertina de Viena.

*Josef Meder, [...] Director da Albertina [em 1980], tomou a decisão de reproduzir em “impressos fac-símiles” as obras principais da coleção, ordenadas por escolas e mestres principais e assim torná-las realmente acessíveis ao mundo. [...] O maior mérito deste processo [...] reside no facto de a preparação não mostrar nenhum reticulado como acontece com qualquer outra técnica de impressão, o que faz com que se aproxime precisamente do efeito de um desenho original. (Beaumont, 1977: 3)*

**17.** “2.ª Exposição Temporária da Doação Kamenesky” | 04 Dez 1977

Repetição da exposição temporária realizada em 1959, onde figuraram as obras doadas por Arnilda Kamenesky ao MNAA. Esta mostra foi concretizada “de acordo com a vontade da doadora, afim de as trazer de novo ao conhecimento do público” (Beaumont como citado em MNAA, 1977a: para. 2).

**18. “Artes Decorativas Francesas. Século XVIII” | 1977**

Exposição de uma seleção de peças de Artes Decorativas francesas oriundas do século XVIII – com ênfase em relógios e mobiliário –, pertencentes à coleção do MNAA.

**19. “Exposição de Artes Decorativas Estrangeiras” | Fev 1978**

Exposição de peças de artes decorativas estrangeiras, oriundas dos séculos XVI e XVII, pertencentes à coleção do MNAA.

**20. “Cerâmica das Caldas” | 04 Abr 1978**

Exposição retrospectiva da produção cerâmica caldense dos séculos XIX e XX, realizada no seguimento da mostra “Expo Caldas 77”, organizada pelo Museu José Malhoa. Contou com peças das produções de D. Maria dos Cacos, Manuel Mafra, Irmãos Ellas, Gomes de Avelar, Rafael Bordalo Pinheiro e Manuel Gustavo.

**21. “Colchas Bordadas” | 01 Set 1978 – 30 Set 1978**

Mostra de colchas bordadas oriundas dos séculos XVI – XVIII, pertencentes à coleção do MNAA, de manufatura oriental e encomendadas para Portugal. Realizou-se no contexto da reunião anual do Comité de Têxteis do ICOM.

Por ocasião da ida a Londres do ex-Presidente da República, António Ramalho Eanes, a exposição foi interrompida em Portugal, e exibida no Palácio Kensington, após apenas um mês da sua inauguração. O sucesso conseguinte fez com que a mostra fosse requisitada em Veneza, Washington, D.C. e Honolulu, onde assumiu o título *Portugal and the East Through Embroidery*. O MNAA voltou a inaugurar a exposição, a 21 de janeiro de 1979.





Figura 39 – Catálogo da exposição “Colchas Bordadas”

## 22. “Azulejos” | 02 Dez 1978 – 06 Jan 1979

Esta exposição foi organizada por iniciativa do Museu do Azulejo, com o objetivo de marcar a sua oficialização como Museu Nacional, tornando-se independente do MNAA. Tendo a sua inauguração no *Palazzo Vecchio*, em Florença, esta mostra procurou compartilhar e contextualizar a trajetória histórica e a evolução da azulejaria portuguesa ao longo de cinco séculos (XV – XX) com um público internacional. A sua itinerância terminou no ano de 1981 em Portugal, no Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha.

*Antes de ser inaugurada em Lisboa, esta exposição foi apresentada em Itália (Florença, Siena, Nápoles e Roma), Polónia (Torun e Varsóvia), Paris e Madrid. Esta importante itinerância internacional foi instigada pela primeira montagem da exposição, em Florença, no âmbito das comemorações da “Semana da Cultura Portuguesa” [...]. Finalmente em Portugal, a exposição foi apresentada não só em Lisboa (na Fundação Calouste Gulbenkian), mas também noutras cidades do país. (Fundação Calouste Gulbenkian, 2023b).*



Figuras 40 e 41 – Catálogos da exposição “Maioliche Portoghesi” (Florença e Nápoles) | Fontes: [AbeBooks](#), [eBay](#)

### 23. “Tapeçarias Antigas da Bélgica” | 1978

Esta exposição, proposta pelo Ministério Belga da Cultura Neerlandesa, apresentou um conjunto de tapeçarias antigas de origem belga, pertencentes à coleção do MNAA.



**Figura 42** – *Catálogo “Tapeçarias Antigas da Bélgica”*

### 24. “Esculturas em Madeira” | 18 Fev 1979 – 1980

Exposição de cerca de 90 esculturas dos séculos XIII – XVIII, na sua maioria provenientes da coleção Ernesto de Vilhena, que teve como objetivo a exibição de peças que se encontravam amiudadamente em reserva.



**Figura 43** – *Fotografia da exposição “Esculturas em Madeira”* | Fonte: (Henriques, 2009b)

### 25. “Artes Decorativas Portuguesas. Séculos XVI – XVIII” | 1979 – 1983

Exposição de peças de mobiliário e têxteis com vertente decorativa, oriundas dos séculos XV – XIX, que pertencem à coleção do MNAA. Apesar de ter sido projetada para terminar a 15 de janeiro de 1981, esta mostra acabou por perdurar até 1983 – como refere Maria Helena Mendes Pinto (2022): “A exposição [...] continua patente ao público não só pelo interesse que tem vindo a despertar como por circunstâncias várias

entre as quais a das obras a decorrer actualmente no Museu” (Pinto, 1983) –, impulsionando a criação de uma sala destinada a este tipo de arte no Museu.

**26. “Virgem com Menino e Santos, de Carlo Crivelli” | 21 Fev 1980**

Exposição temporária da obra *Virgem, Menino, Santos e Doador*<sup>72</sup> (c. 1490), da autoria do pintor italiano renascentista Carlo Crivelli (1435 – 1495).

**27. “Coleccionar. A Coleção Ernesto de Vilhena” | 28 Jun 1980**

Exposição escultórica de peças da Coleção de Ernesto de Vilhena, pertencente ao acervo do MNAA. A mostra realizou-se no Palácio Nacional de Mafra e iniciou “uma nova fase da coleção Vilhena, a da sua divulgação em grande escala, primeiro através do incremento de pedidos de empréstimo temporários/permanentes e, depois, com a sua integração na primeira exposição permanente de escultura portuguesa” do MNAA (Mariz, 2020, para. 20).

**28. “De Goa a Lisboa” | 22 Out 1980 – 15 Jan 1981**

Exposição de objetos de arte indo-portuguesa dos séculos XVI e XVIII pertencentes à coleção do MNAA, ocorrida por ocasião do II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa.

**29. “Pintura Portuguesa – Século XV e XVI” | 18 Dez 1980**

---

<sup>72</sup> Mais recentemente, esta pintura de Carlo Crivelli – considerada um importante elemento do património cultural português – esteve envolvida num complicado processo jurídico: a obra, que até 2012 se manteve em Portugal, foi vendida nesse ano para o estrangeiro, por autorização do então Secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas. Este negócio envolveu várias violações legais – entre elas, a revogação da autorização de venda da pintura por Jorge Barreto Xavier que, na altura, expressou a sua intenção de devolver a obra a Portugal. Porém, o prazo legal para exigir o retorno da pintura terminou em 2015 e, mesmo com demandas estatais, a obra não poderá regressar mais a território nacional.

Exposição provisória constituída por uma seleção das obras mais significativas da Galeria de Pintura Portuguesa dos Séculos XV e XVI do MNAA, devido às obras que decorriam nesse espaço, na altura.

**30. “Alabastros Medievais Ingleses” | 31 Jan 1981 – 12 Jul 1981**

Primeira atividade expositiva e temporária do Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha.

*A exposição reuniu a quase totalidade das peças conhecidas em colecções públicas e de entidades religiosas portuguesas, utilizando como processo informativo a linguagem da banda desenhada. [...] procurou-se chamar a atenção do público simultaneamente para uma época – a da edificação do Mosteiro – e para as relações Portugal – Inglaterra, também elas, invocadas a propósito de Santa Maria da Vitória. (MNAA, 1981b: 4)*

**31. “Dessins de Maitres Français” | 04 Mar 1982 – 25 Mar 1982**

Exposição “improvisada” de 16 desenhos franceses dos séculos XVII – XIX, pertencentes à coleção do MNAA, “a pedido da Alliance Française” (que cedeu o espaço para a sua realização), “aproveitando a visita a Lisboa da mulher de François Mitterrand” (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, outubro 20, 2023).

**32. “Jean Pillement” | 27 Mai 1982 – 15 Jun 1982**

Exposição de desenhos e gravuras do artista francês Jean-Baptiste Pillement (1728 – 1808), pertencentes à coleção do MNAA. Devido ao sucesso da exposição *Dessins de Maitres Français*, esta realizou-se no mesmo espaço, na Alliance Française, em Lisboa.

**33. “Manuel Casimiro” | Dez 1982**

Instalação da autoria do artista contemporâneo português Manuel Casimiro (n. 1941), acomodada junto da obra *As Tentações de Santo Antão* de Hieronymus Bosch, na Galeria

Permanente, e dos *Painéis de S. Vicente* de Nuno Gonçalves, que se encontravam provisoriamente expostos na Galeria de Exposições Temporárias, por motivo de obras.

*A exposição resulta de uma proposta do artista ao MNAA por meu intermédio, e tem um desdobrável de quatro páginas impresso, com um texto meu. Por minha proposta, fizemos um ovoide gigante que simulava penetrar na parede da Galeria de Exposições Temporárias, atravessando-se e surgindo na sala interior, onde se mostravam os “Painéis de S. Vicente”. (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, outubro 20, 2023)*

#### **34. “Pintura Luso-Flamenga” | 1982**

Exposição de obras da autoria dos pintores flamengos Frei Carlos de Lisboa († 1540) e Francisco Henriques († 1518), pertencentes à coleção do MNAA.

#### **35. “Pintura Portuguesa” | 1982**

Seleção de pinturas portuguesas oriundas dos séculos XV – XIX, pertencentes à coleção do MNAA, que permitem uma análise das tendências e escolas pictóricas portuguesas ao longo dos anos.

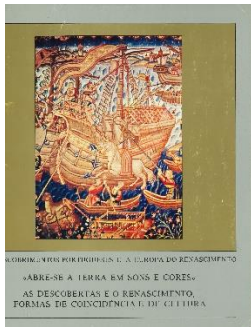
#### **36. “As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e Cultura” |**

07 Mai 1983 – Out 1983

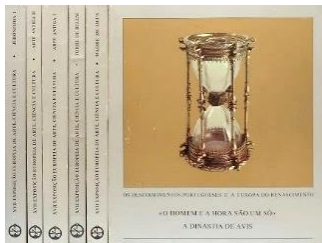
Esta mostra, integrada na *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*<sup>73</sup>, procurou explorar como os Descobrimientos Portugueses influenciaram o desenvolvimento da Europa ao longo dos séculos, tendo como subtema o surgimento do Renascimento. Em suma, pretendeu-se explorar “um dos períodos áureos” da história de Portugal, recorrendo a estratégias de “diálogo nacional e internacional” (Canavarro como citado em Neves, 1984: para. 3).

---

<sup>73</sup> Em 1983, Lisboa sediou a *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, organizada pela CE, sob o tema “Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento”. Os vários núcleos temáticos ocuparam, correspondentemente, a Casa dos Bicos, o Convento da Madre Deus, o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém e o Museu Nacional de Arte Antiga.



**Figura 44** – Catálogo “As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e Cultura”



**Figura 45** – Catálogos dos núcleos da “XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura” |

Fonte: [Leiloeira Serralves](#)



**Figura 46** – Fotografia da exposição “As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e Cultura” |

Fonte: (Henriques, 2009b)

### 37. “Presépios” | 04 Dez 1983 – 1984

Mostra composta por peças oriundas dos presépios do acervo do MNAA, que narram a história do nascimento do Menino Jesus. Numa estratégia de aproveitamento das circunstâncias, esta exposição ocorreu devido às obras que estavam a decorrer, na altura, no espaço de exibição original dos presépios.

### 38. “Coleccionar. O Legado Barros e Sá” | 17 Mai 1984

Exposição de peças pertencentes à importante coleção do legado de Francisco Barros e Sá, antigo membro do GAMNAA.



**Figura 47** – Frente da brochura da exposição “Coleccionar. O Legado Barros e Sá”

**39.** “Vestuário Litúrgico. Forma Função” | Abr 1985

Peças de vestuário com fins litúrgicos, pertencentes à coleção do MNAA.

**40.** “Do Sermão a Jan Sanders” | 28 Mai 1985 – 30 Jun 1985

Exposição constituída por 18 desenhos da autoria do artista português Gaëtan Martins de Oliveira (1944 – 2019), que são baseados e complementados pela pintura *S. Jerónimo no Deserto* (1531) de Jan Sanders van Hemessen.

**41.** “Nova Ourivesaria no Museu Nacional de Arte Antiga” |  
16 Jul 1985 – 29 Set 1985

Exposição de “cerca de 80 peças de alunos e professores da Oficina de Ourivesaria do Ar.Co” (MNAA, 1985: para. 1), que se fizeram acompanhar de uma seleção de peças da coleção de joalharia do MNAA.

**42.** “Reis Magos” | Dez 1985

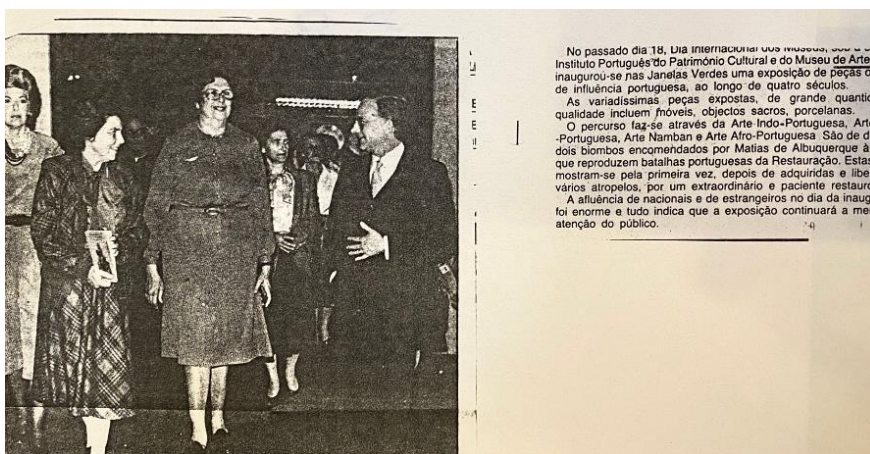
Exposição de peças em torno da iconografia dos Reis Magos.

**43.** “Visitando Escultura Portuguesa” | 1985 – 1987

Exposição de base de peças de escultura portuguesas, pertencentes à coleção do MNAA.

#### 44. *Indeterminado* | 18 Mai 1986

Exposição inaugurada em ocasião do Dia Internacional dos Museus. Foi constituída por peças orientais de influência portuguesa, pertencentes à coleção do MNAA, e que foram submetidas a processos de restauro e expostas, ineditamente, após esse processo.



**Figura 48** – Recorte de imprensa referente à exposição inaugurada a 18 de maio de 1986 | © MA

*Nota.* Recorte de imprensa não identificado, encontrado no Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga.

#### 45. “Esculturas dos Séculos XIII e XIV” | 05 Jul 1986 – 07 Set 1986

Esta exposição escultórica, cuja temática envolve a figura da Rainha Santa Isabel, envolveu a colaboração do MNAA e foi “promovida pela Câmara Municipal de Estremoz, através da Comissão Executiva das Comemorações do 650.º Aniversário da Morte da Rainha Santa Isabel” (Andrade, 1986).



**Figura 49** – Fotografia da exposição “Esculturas dos Séculos XIII e XIV” | Fonte: (Henriques, 2009b)



**46. “António Paiva. José Anahory” | 23 Abr 1987 – 08 Mai 1987**

Exposição de esculturas da autoria dos artistas portugueses António Paiva (1926 – 1987) e José Anahory (n. 1946).



**Figura 50** – Catálogo “António Paiva. José Anahory”

**47. “O Livro e a Arte” | 28 Abr 1987**

Exposição organizada “pelos Serviços Culturais da Embaixada de França” (MNAA, 1987a: 14).

**48. “Itinerários” | Jun 1987 – Jul 1987**

Exposição retrospectiva da Obra do artista português Ernesto de Sousa (1921 – 1988), que teve o objetivo de “inventariar [...] as actividades de alguém que se definiu [...] como um animador cultural e um investigador de diversos caminhos de estética e da história de arte” (Gouveia como citado em Gentil-Homem & Rocha, 1987: para. 2).

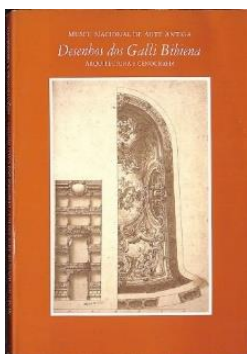
*Só uma muito pequena parte dos “Itinerários” esteve exposta no MNAA, com fotografias de escultura antiga de Ernesto de Sousa. O grosso da exposição esteve na galeria da Secretaria de Estado da Cultura (SEC)<sup>74</sup>, então na Avenida da República, mesmo ao lado do Galeto, que ainda lá está. A exposição foi comissariada por mim e pelo Fernando Pernes (apenas simbolicamente, pois não saiu do Porto e não conseguiu colaborar na exposição). A montagem na SEC beneficiou de uma colaboração excepcional do Fernando Calhau. (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, outubro 20, 2023)*

---

<sup>74</sup> Uma das primeiras galerias onde foram expostas obras contemporâneas no pós-25 de abril.

**49. “Desenhos dos Galli Bibiena” | Jun 1987 – Dez 1987**

Exposição de desenhos de “projectos de cenografia, teatros e outros de arquitectura e decoração [...], relacionados com a família de cenógrafos italianos do séc. XVIII, Galli Bibiena” (Beaumont, et al., 1987: 9), pertencentes à coleção do MNAA.



**Figura 51** – Catálogo “Desenhos dos Galli Bibiena” | Fonte: [Livraria Trindade](#)

**50. “Um Olhar Sobre a Escultura” | 04 Jul 1987**

Exposição de 12 fotografias de escultura e textos da autoria de Ernesto de Sousa. Organizada pela Secretaria de Estado da Cultura, tratou-se de uma mostra complementar da exposição “Itinerários”.

**51. “Deserto III / Pedro Morais” | Out 1987**

Exposição organizada pelo artista português contemporâneo Pedro Morais (1944 – 2018), onde foram expostas três peças de sua autoria (*Deserto IIIA*, *Deserto IIIB* e *Deserto IIIC*), concebidas para serem abordadas em três salas do MNAA, onde “coexistiram com pinturas do século XVI e XVII” (Marquilhas, 2018). Como é característico do trabalho do artista, esta exposição envolveu a criação de desenhos técnicos e a projeção de espaços imaginários e não convencionais.

**52. “Estudos Sobre um Tema de Pintura” | 18 Dez 1987 – 15 Jan 1988**

Exposição dedicada a estudos de pintura da autoria do designer português José Maria Cruz de Carvalho (1930 – 2015).

**53.** “Bordéus, Cidade de Pedra” | Dez 1987 – Jan 1988

Exposição organizada pela *Délégation Régionale à l’Architecture et à l’Environnement d’Aquitaine*.

**54.** “As Imagens da Escrita” | Jan 1988 – Fev 1988

Exposição em torno de obras da autoria do pintor português contemporâneo João Vieira (1934 – 2009), onde o artista faz a sua interpretação dos *Painéis de S. Vicente (1460)*, de *Nuno Gonçalves* (at. 1450 – 1492).

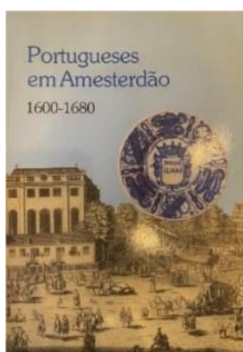


**Figura 52** – *Catálogo “As Imagens da Escrita”*

**55.** “Portugueses em Amesterdão. 1600 – 1680” | Abr 1988

Esta exposição, resultante do Acordo Cultural Luso-Neerlandês e exibida em ambos os países (no *Amsterdams Historisch Museum* e no MNAA), veio apresentar alguns achados arqueológicos de escavações realizadas nos anos de 1981 e 1982 em Amesterdão, na área de Waterlooplein. Foram descobertas algumas peças de faiança azul e branca, que se mostravam semelhantes à produção portuguesa do século XVII. Alguns desses fragmentos possuíam, também, nomes portugueses gravados; o que veio revelar a influência que os imigrantes ibéricos e as comunidades judaico-portuguesas

tiveram nos Países Baixos, no final do século XVI. Esta exposição visou, assim, explorar como essas pessoas se adaptaram culturalmente no país neerlandês.



**Figura 53** – *Catálogo “Portugueses em Amesterdão. 1600 – 1680”*

**56.** “10 Anos de Legados e Doações” | 18 Mai 1988

Exposição ocorrida em ocasião do Dia Internacional dos Museus, dedicada aos processos de aquisições, legados e doações sucedidos entre os anos de 1978 e 1988, que permitiram a entrada de diversos objetos no espólio do MNAA.

**57.** “Encontro com Domingos António de Sequeira” | Mai 1988 – Jun 1988

Exposição comemorativa do centenário da Escola Secundária Domingos Sequeira, ocorrida em Leiria. Foi exibida uma seleção de desenhos e pinturas da autoria do artista, “que dessem a perspectiva dos assuntos que especialmente [lhe] interessavam” (Beaumont et al., 1988: 5) e que se enquadravam nos seguintes temas: o círculo familiar; composições de história; acontecimentos contemporâneos; temas religiosos; retratos; desenhos variados; e apontamentos.

**58.** “Imagens no Tempo” | Set 1988 – Mar 1989

Esta exposição procurou apresentar uma secção significativa da coleção de Escultura do MNAA, destacando peças de origem portuguesa dos séculos XIII – XVIII, de natureza religiosa. Organizada em quatro núcleos cronológicos (época medieval, século XVI, período seiscentista e século XVIII), a exposição empregou cores marcantes para

delimitar cada núcleo, que se fizeram acompanhar de ampliações fotográficas de detalhes arquitetónicos.



**Figura 54** – Catálogo “*Imagens no Tempo*”

**59.** “O Ciclo do Natal Contado em Desenhos e Gravuras” | Dez 1988

Desenhos e gravuras dos séculos XVI – XIX, em torno da temática do Natal, pertencentes à coleção do MNAA.

**60.** “Café Noir” | Jun 1989

Projeto expositivo de chávenas de café, resultante de uma colaboração com o Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica (CENCAL), no âmbito do “Concurso Europeu de Chávenas de Café”.

**61.** “Gravuras Italianas do Século XVII” | Jun 1989

Exposição de gravuras italianas do século XVII, provenientes do Instituto *Suor Orsola Benincasa*, em Nápoles. A mostra foi realizada em colaboração com o Instituto Italiano da Cultura.

**62.** “O Vidro em Portugal” | Set 1989 – Dez 1989

Esta exposição, organizada pela Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, no âmbito da “Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia

Industrial do Vidro”, explorou o património vidreiro português, exibindo objetos funcionais como copos de champanhe, frascos de perfume e recipientes medicinais. Contou com artefactos desde tempos antigos até à década de 1940 e inclui vidro tanto local como estrangeiro.



**Figura 55** – *Catálogo “O Vidro em Portugal”*

**63.** “Desenhos e Aguarelas de Henri de Toulouse-Lautrec” |

12 Abr 1989 – 30 Mai 1989

Exposição de desenhos e aguarelas da autoria do pintor francês Henri de Toulouse-Lautrec (1864 – 1901), provenientes do *Musée Toulouse-Lautrec*, em Albi. Esta mostra foi proposta e patrocinada pelo Grupo Atlântica.

**64.** “Arte Namban” | Fev 1990 – Abr 1990

Reconstituição da exposição homónima realizada em Bruxelas, no âmbito do festival Europalia<sup>75</sup> 89 – Japão, com exceção das peças provenientes do Museu do Caramulo e da coleção do Dr. José Barbosa Domingues. Financiada pela Fundação Oriente, esta mostra apresentou um conjunto de peças de arte *Namban* e relacionadas, que expressavam a perspetiva do povo japonês sobre os portugueses que chegaram ao Japão a partir do ano de 1543.

**Apêndice C**

*Exposições Temporárias na Direção de Ana Maria Brandão (1990 – 1994)*

<sup>75</sup> Em 1989, o país eleito para o Festival Europalia foi o Japão.

1. “Em Cada Colecção Uma Novidade” | 18 Mai 1990

Exposição ocorrida a propósito do Dia Internacional dos Museus.

2. “Formas Comparadas nas Artes do Fogo” | Jun 1990 – Dez 1990

Exposição “financiada pela Fundação Oriente” (MNAA, 1990: 4)

3. “Igrejas de Portugal” | Out 1990 – Dez 1990

Exposição de fotografias de igrejas portuguesas, da autoria de Chester Brummel.

4. “Acerca de Vernet, da paisagem, do sublime e do belo, e qual a relevância que podem ainda ter na arte contemporânea” | 17 Mai 1991

Confronto entre uma obra da autoria do pintor contemporâneo Michael Biberstein (1948 – 2013) e uma paisagem pintada do artista francês do século XVIII Claude-Joseph Vernet (1714 – 1789). A relação entre elas, planeada pelo primeiro artista, sugeria uma reflexão sobre “a dimensão do Sublime na relação da pequenez do homem com a força terrível [...] da Natureza” (Porfírio como citado em Biberstein & Porfírio, 1991: 9).

5. “Le Chemin de Fer” | 18 Jul 1991 – 17 Ago 1991

Exposição da obra *Le Chemin de Fer* (1873) da autoria do pintor francês Édouard Manet (1832 – 1883), proveniente da *National Gallery of Art*, em Washington D.C.

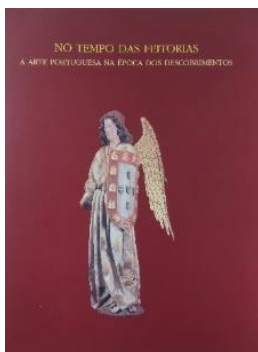
Esta mostra surgiu de um projeto de intercâmbio e teve como curador José de Monterroso Teixeira, que liderou a *Circa 1492*, onde foram expostas em Washington algumas obras de museus portugueses (incluindo uma das tábuas dos *Painéis de S. Vicente* de Nuno Gonçalves, do MNAA). Em troca, foram exibidas em Lisboa várias obras da coleção da *National Gallery*, na qual se integra esta pintura.

6. “Exposição de Base de Escultura Portuguesa” | 1991 – 1992

Exposição de base de obras escultóricas portuguesas pertencentes à coleção do MNAA.

**7. “No Tempo das Feitorias” | Jun 1992 – Dez 1992**

Exposição em torno de peças de arte portuguesa na “Época dos Descobrimentos”. A primeira versão desta exposição foi apresentada em 1991, no Museu de Belas-Artes de Antuérpia, no contexto do Festival *Europalia 91*.



**Figura 56** – *Catálogo “No Tempo das Feitorias”*

**8. “Expressões Medievais” | 17 Dez 1992 – 24 Jan 1993**

Exposição de obras escultóricas religiosas da época medieval, pertencentes à coleção do MNAA, ocorrida na Galeria Municipal das Caldas da Rainha.

**9. *Indeterminado* | 1993**

Pequena antologia da coleção de pintura do MNAA.

**10. *Indeterminado* | 1993**

Breve exposição “com as principais peças de porcelana e faiança portuguesa, europeia e oriental” da coleção do MNAA. (MNAA, 1993: 21)

**11. *Indeterminado* | 1993**



“Pequena mostra de peças da Baixela Germain, incluída no final do percurso da exposição de ourivesaria portuguesa” (MNAA, 1993: 21).

### 12. *Indeterminado* | 1993

“Do núcleo de artes decorativas francesas (mobiliário e ourivesaria) habitualmente em exposição no Palácio, seleccionaram-se algumas peças que estiveram expostas na área do Anexo reservada para os Vidros” (MNAA, 1993: 21)

### 13. “Do Sublime” | 15 Mai 1994 – 07 Jul 1994

Exposição organizada no âmbito do evento Lisboa’94 – Capital Europeia da Cultura<sup>76</sup>.

Esta mostra teve lugar em duas instituições: no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), onde foram apresentadas obras de Michael Biberstein, Miguel Branco, Rosa Carvalho e Ruth Rosengarten; e no MNAA, que contou com uma instalação escultórica conjunta de Markus Ambach e Rui Chafes. “As peças apresentadas pretenderam invocar o ‘sublime’ na reflexão e teorização da história da arte, expresso na linguagem plástica particular de cada um dos artistas” (Arquivo.pt, 2002).

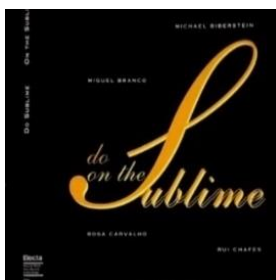


Figura 57 – Catálogo “Do Sublime”

### 14. “As Tentações de Bosch ou o Eterno Retorno” | 19 Mai 1994 – 15 Ago 1994

---

<sup>76</sup> A “Capital Europeia da Cultura” é uma iniciativa criada em 1985 pela UE, com o propósito de promover uma determinada cidade da Europa, com ênfase nas suas atividades e progressos culturais, durante o período de um ano. Em 1994, Lisboa foi a cidade eleita.

Exposição organizada no âmbito da Lisboa'94 – Capital Europeia da Cultura.

Mostra dedicada às tendências surrealistas na pintura, partindo do imaginário patente no tríptico *As Tentações de Santo Antão*, de Hieronymus Bosch.



**Figura 58** – Catálogo “*As Tentações de Bosch ou o Eterno Retorno*”

### 15. “Desenho” | 19 Mai 1994 – 31 Dez 1994

Exposição organizada no âmbito da Lisboa'94 – Capital Europeia da Cultura.

Foi exibida uma coletânea de 123 desenhos pertencentes à coleção do MNAA, repartida em quatro núcleos: desenho português e espanhol; italiano; francês; e escolas do Norte da Europa.

### 16. “Os Karakuri” | 22 Set 1994 – 07 Out 1994

Exposição organizada no âmbito da Lisboa'94 – Capital Europeia da Cultura e inserida no programa de intercâmbio EU – Japan Fest<sup>77</sup>.

Foi exibida uma coleção de 34 bonecos mecânicos tradicionais japoneses – nominados *karakuri* – que tiveram a sua produção na Europa do século XIX, onde se produziam bonecos mecânicos chamados *automata*.

### 17. “Ukiyo-e” | 22 Set 1994 – 07 Out 1994

---

<sup>77</sup> Programa de colaboração e intercâmbio entre a UE e o Japão, criado no contexto das Capitais Europeias da Cultura. Promove a interação cultural entre as duas regiões, apoiando projetos, eventos e iniciativas de expressão artística.

Exposição organizada no âmbito da Lisboa '94 – Capital Europeia da Cultura e inserida no programa de intercâmbio EU – Japan Fest.

Foram apresentadas 150 peças da coleção de *ukiyo-e* (estampas japonesas produzidas maioritariamente nos séculos XVI – XVII), com propriedade da estação televisiva japonesa *Nagoya TV*.

#### 18. “Traje Namban” | 22 Set 1994 – 30 Out 1994

Exposição organizada no âmbito de Lisboa-Capital Europeia da Cultura' 94 e inserida no programa de intercâmbio EU – Japan Fest.

Procurou explorar “a forma como o trajar dos portugueses, que chegaram ao Japão no século XVI, influenciou o vestuário e acessórios japoneses” (Arquivo.pt, 2002).



Figura 59 – Catálogo “Traje Namban”

#### 19. “Exposição Documental da Pintura do Século XV” | Dez 1994

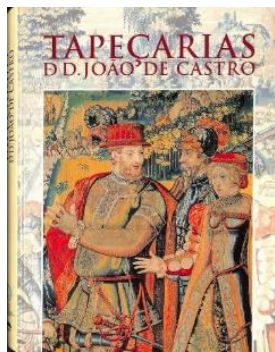
Exposição documental onde foram apresentados os resultados dos estudos radiológicos executados sobre pinturas do século XV pertencentes à coleção do MNAA, que foi acompanhada pela organização do colóquio *Pintura Portuguesa do Século XV: Nuno Gonçalves – Novos Documentos*, realizado no Museu.

#### 20. “Tapeçarias de D. João de Castro” | 10 Mar 1995 – 18 Mai 1995

Reedição da exposição de 1992, ocorrida em Áustria, Viena, onde foram exibidas as tapeçarias que constituem a série “D. João de Castro”, pertencentes ao acervo do

*Kunsthistorisches Museum*. Estas peças do século XVI celebram os principais momentos dos sucessos militares do administrador colonial português D. João de Castro (1500 – 1548), enquanto governador da Índia.

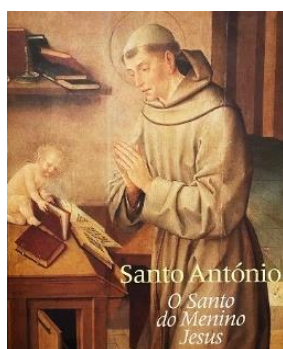
Em Portugal, expuseram-se dez dos doze panos originais, que se fizeram acompanhar por documentos, objetos militares, pinturas, e outro tipo de peças que vieram complementar a narrativa. Ambas as edições contaram com a participação da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP).



**Figura 60** – *Catálogo “Tapeçarias de D. João Castro”* | Fonte: [RELI](#)

## 21. “O Santo do Menino Jesus, Santo António” | 13 Jun 1995 – 15 Jan 1996

Exposição dedicada à figura de Santo António (1195 – 1231), organizada em ocasião das Comemorações do seu 800.º aniversário.



**Figura 61** – *Catálogo da exposição “Santo António. O Santo do Menino Jesus”*: São Paulo

## 22. “Imagens em Paramentos Bordados” | 07 Dez 1995 – 18 Mai 1996

“Conjunto de paramentos dos séculos XV e XVI. Através das imagens representadas nos bordados contam-se os passos mais importantes da vida de Cristo e dos Santos” (Arquivo.pt, 2002).

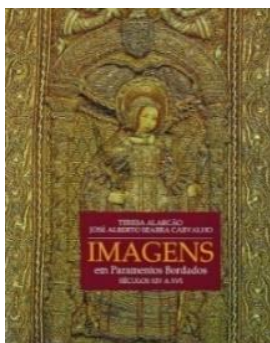


Figura 62 – Catálogo “Imagens em Paramentos Bordados”

## Apêndice D

*Exposições Temporárias na Direção de José Luís Porfírio (1996 – 2004)*

### 1. “Índia e Portugal nas Colchas Bordadas” | 18 Mai 1996 – 16 Jun 1996

Exposição de treze colchas bordadas dos séculos XVII e XVIII, oriundas da Índia e de Portugal, que refletem o percurso percorrido até à correlação das duas culturas nesta área têxtil. Esta mostra foi organizada pela Embaixada de Portugal em Nova Dehli, em colaboração com o IPM e o MNAA. Tem o patrocínio da Fundação do Oriente e da Fundação Calouste Gulbenkian.

### 2. “Um Ourives & 7 Artistas Trabalham a Prata” | 13 Jun 1996 – 07 Jan 1997

Projeto da autoria do ourives Manuel Alcino, que desafiou sete artistas a criarem peças de ourivesaria: Ana Fernandes, Armando Alves, Charters de Almeida, Fernando Conduto, José Aurélio, Pádua Ramos e Zulmiro de Carvalho. A exposição consistiu na exibição de 28 peças e foi apresentada no MNAA, a convite de Simonetta Luz Afonso.



**Figura 63** – Catálogo “Um Ourives & 7 Artistas Trabalham a Prata” | Fonte: © [ALCINO](#)

**3. “Francesco Bartolozzi” | 27 Jun 1996 – 29 Set 1996**

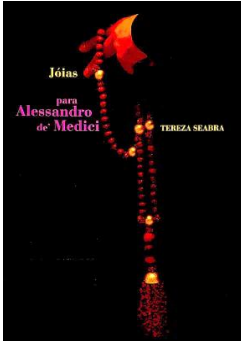
Desenhos do artista italiano Francesco Bartolozzi (1728 – 1815), pertencentes à coleção do MNAA. Esta mostra foi pensada como um complemento da exposição “Francesco Bartolozzi. Itinerário de um Gravador”, organizada pelo Instituto Nazionale per la Grafica de Roma.

**4. “Relíquias e Relicários” | 1996**

Pequena mostra de relicários indo-portugueses, pertencentes aos acervos do MNAA e do Museu de São Roque, que pretendia documentar “o culto das relíquias em Portugal continental e Oriente nos finais do séc. XVI e séc. XVII” (d’Orey et al., 1996, p. 7). As peças ocuparam uma vitrine da exposição permanente do Museu, substituindo temporariamente alguns objetos de ourivesaria que teriam sido emprestados.

**5. “Jóias para Alessandro de Medici” | 15 Mai 1997 – 16 Nov 1997**

Exposição de dezasseis joias da autoria da ourives portuguesa contemporânea Tereza Seabra (n. 1944), cuja concepção se inspirou na pintura *Retrato de Alessandro de’ Medici* (1534), de Jacopo Carrucci da Pontorno.



**Figura 64** – *Catálogo “Jóias para Alessandro Medici”*

**6.** “O Menino Jesus” | 09 Dez 1997 – 10 Jan 1998

Exposição de esculturas dos séculos XVI – XIX, representativas do Menino Jesus.

**7.** “Sequeira (1768 – 1837)” | 10 Dez 1997 – 30 Mar 1998

Retrospectiva monográfica constituída por cerca de 220 obras da autoria de Domingos António de Sequeira, incluindo pinturas, desenhos e gravuras.



**Figura 65** – *Catálogo “Sequeira (1768 – 1837)”*

**8.** “Pintura do Museu Nacional de Arte Antiga na Casa-Museu Guerra Junqueiro” |  
16 Dez 1997 – 31 Mar 1998

Com a exposição de um conjunto de pinturas originalmente colecionadas por Abílio Guerra Junqueiro (1850 – 1923), o MNAA participou na reabertura da Casa-Museu dedicada ao poeta português, com localização no Porto. Das 39 pinturas que Guerra Junqueiro vendeu por um preço simbólico ao Museu Nacional, foram eleitas para esta

exposição algumas tábuas espanholas e flamengas, dois retratos e uma vista do Porto de Roterdão.

**9. “Culturas do Índico” | 05 Jun 1998 – 05 Set 1998**

Exposição organizada pela CNCDP.

*Trata-se de uma reconstituição do itinerário civilizacional percorrido por Vasco da Gama na viagem que o levou até à Índia [...], ou seja, a rota de Moçambique, Madagáscar, Quênia, Tanzânia, Iémen, Oman, Irão, Paquistão, Índia, Sri Lanka. “Culturas do Índico” nasce da vontade teórica de quebrar o lusocentrismo das abordagens tradicionais dos Descobrimentos portugueses e também da intenção de pôr em diálogo as culturas em análise. [...] Ao todo, a mostra reúne cerca de 300 objetos [...]. (Ministério da Cultura, 1998)*

**10. “Teotihuacan” | 19 Out 1998 – 10 Jan 1999**

Esta exposição, concebida pela Secretaría de Relaciones Exteriores e Consejo Nacional para la Cultura y las Artes do México e pelo Instituto Português de Museus, apresentou o espólio cerâmico pré-colombiano da cidade de Teotihuacan, situada no centro do México.

**11. “Cartographies” | 1998**

Exposição dedicada à apresentação de um conjunto de obras originais da artista portuguesa contemporânea Isabel Pavão.

**12. “Museu Nacional de Arte Antiga, Lissabon” | 26 Mar 1999 – 11 Jul 1999**

Exposição ocorrida no Kunst-und Ausstellungshalle, em Bona, cujo tema principal foi o “próprio Museu [Nacional de Arte Antiga] através da sua colecção” (Porfírio como citado em Kruse, 1999: 15). A mostra foi constituída por um conjunto de 220 peças, que procurou refletir a essência da exposição permanente do MNAA ao público alemão.





**Figura 66** – Catálogo “Museu Nacional de Arte Antiga, Lissabon”

**13.** “Doação Carolina e Alfredo Simões Travassos” | 18 Mai 1999 – Fev 2000

Esta mostra, inaugurada por ocasião do Dia Internacional dos Museus (18 de maio), apresentou um conjunto de 160 peças de joalheria dos séculos XVII – XIX, doado ao MNAA por Dona Carolina e seu marido o Doutor Alfredo Simões Travassos.

**14.** “dimensões – da vida da terra” | 08 Jun 1999 – 19 Set 1999

Exposição de peças cerâmicas da autoria da artista portuguesa contemporânea Maria José Oliveira (n. 1943), que têm como base a iconografia de Hieronymus Bosch.



**Figura 67** – Catálogo “dimensões – da vida da terra”

**15.** “O Destino Etíope do Preste João” | 21 Out 1999 – 05 Dez 1999

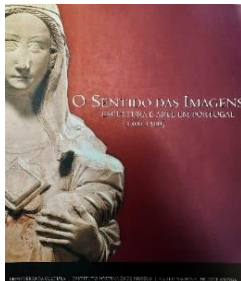
Realizada a propósito da 5ª Conferência Internacional de História da Arte Etíope, esta exposição apresenta alguns testemunhos das relações entre a Etiópia e Portugal nos séculos XVI e XVII.

**16. “Faiança do Juncal” | 17 Nov 1999 – 06 Fev 2000**

Exposição em torno de peças de faiança da Fábrica do Juncal, com base no trabalho de pesquisa do “Dr. Jorge Pereira de Sampaio, empenhado estudioso do assunto, que procedeu a um excelente trabalho de levantamento e registo de centenas de peças (muitas inéditas) existentes, sobretudo, em importantes colecções particulares” (Calado como citado em MNAA, 2009: 7).

**17. “Ai Confini della Terra” | 07 Abr 2000 – 03 Set 2000**

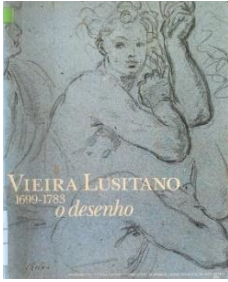
Exposição de 127 obras pictóricas e escultóricas portuguesas do fim da idade média (1300 – 1500), ocorrida no *Palazzi dell'Arengo e del Podestà*, em Rimini, que teve como objetivo “revelar a um público estrangeiro uma faceta completamente desconhecida da arte portuguesa” (MNAA, 2000: 6). Mais tarde, a exposição foi exibida no MNAA, de 26 de outubro de 2000 a 14 de janeiro de 2001, adotando o título “O Sentido das Imagens. Escultura e Arte Portuguesa, 1300 – 1500”.



**Figura 68** – *Catálogo “O Sentido das Imagens”*

**18. “Vieira Lusitano (1699 – 1783)” | 18 Mai 2000 – 03 Jul 2000**

Exposição ocorrida em ocasião do 99.º aniversário do artista português Francisco Vieira de Matos (1699 – 1783), mais conhecido por Vieira Lusitano. Tendo como base a tese de doutoramento da Dra. Luísa Arruda – a comissária –, esta exposição reuniu uma centena de obras (desenhos, pinturas e gravuras) deste artista.



**Figura 69** – *Catálogo “Vieira Lusitano. 1699 – 1783”*

**19.** “Manuel Botelho” | 20 Jul 2000 – 19 Set 2000

Exposição de obras do artista português contemporâneo Manuel Botelho (n. 1950), realizadas entre os anos de 1997 e 2000, onde o próprio se representa em episódios típicos da arte cristã, nomeadamente a Anunciação, a Visitação, a Pietá com o Menino, entre outros. Resultou de uma proposta do artista, depois de “alguns desafios” alvitados por José Luís Porfírio (J. L. Porfírio, comunicação pessoal, outubro 20, 2023).



**Figura 70** – *Catálogo “Manuel Botelho”*

**20.** “Im-perceptíveis” | 19 Set 2000 – 05 Out 2000

Projeto de intervenção nos espaços do MNAA realizado por cinco alunos do Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, com orientação do Professor Francisco Tropa.

**21.** “Estampa e Caricatura Política Estrangeira Sobre Portugal” |

06 Dez 2000 – 25 Mar 2001

Exposição de gravuras humorísticas e satíricas estrangeiras dos séculos XVIII e XIX, que retratam diversas realidades portuguesas. Estas pertencem à coleção do Dr. Fernando Rau, que foi doada ao MNAA em meados dos anos 90.



**Figura 71** – *Catálogo “Estampa e Caricatura Estrangeira Sobre Portugal”*

**22.** “Luis de Morales” | 22 Fev 2001 – 25 Mar 2001

Ocorrida a propósito das comemorações do V Centenário do nascimento do Imperador Carlos V, esta exposição trata-se de uma nova versão da mostra sobre o pintor espanhol Luis de Morales (1509 – 1586), realizada originalmente nos claustros da Catedral de Badajoz, entre 24 de novembro e 28 de janeiro de 2001.

**23.** “Cruz-Filipe 1996/2001” | 05 Abr 2001 – 20 Mai 2001

Exposição de 23 “imagens re/compostas” (Porfírio como citado em Porfírio & Tabucchi, 2001: 7) da autoria do pintor português contemporâneo Ricardo da Cruz-Filipe (n. 1934), que partem de temas da pintura clássica: naturezas mortas, paisagens e retratos.

**24.** “Mimetismos” | 18 Mai 2001 – 30 Mai 2001

Projetada especificamente para o Dia Internacional dos Museus (18 de maio), esta “brincadeira museológica” (Instituto Português de Museus, 2001, p. 80), reuniu um conjunto de peças cerâmicas que, na sua aparência, imitavam outros materiais como pedra, fibra, gravura, entre outras.

**25.** “un détail immense” | 08 Jun 2001 – 08 Jul 2001

*Instalação produzida pelo artista francês Bernard Guelton em torno da ideia do Museu como labirinto e como espaço habitado por vários tempos e formas; a partir de fragmentos de uma imagem e detalhes da Capela das Albertas, espalhados por cada uma das 70 salas de exposição do museu. (Arquivo.pt, 2002).*



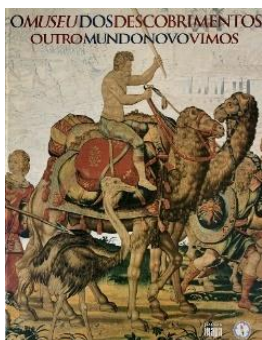
**Figura 72** – Catálogo “un détail immense”



**Figura 73** – Fotografia da exposição “un détail immense” | Fonte: (Monteiro, 2017)

## **26. “Outro Mundo Novo Vimos” | 20 Jul 2001 – 04 Nov 2001**

Esta exposição, constituída por 112 peças provenientes de instituições nacionais e estrangeiras, foi realizada em colaboração com a CNCDP e encerrou as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. A temática principal foram os “descobrimentos portugueses” e o alargamento do “conhecimento do Mundo” (Magalhães como citado em Rodrigues et al., 2001: 13) que envolvia fatores como o aumento do comércio, o transporte de mercadorias e a convivência com outros povos.



**Figura 74** – *Catálogo “Outro Mundo Novo Vimos”*

**27.** “Têxteis Bordados Portugueses” | 29 Nov 2001

Foi “uma actividade intermédia entre a exposição permanente e a temporária, aproveitando um espaço disponível e dedicado aos têxteis, [...] [sendo] uma pequena mostra de peças portuguesas (tapetes de Arraiolos de Castelo Branco, com forte influência no Oriental)” (IPM, 2001: 81).

**28.** “Carracci Callot” | 21 Mar 2002 – 30 Nov 2002

Breve exposição de caricaturas seiscentistas e setecentistas pertencentes ao Gabinete de Estampas do MNAA, da autoria dos italianos Annibale Carracci, Guercino, Pier Francesco Mola, Pier Leone Ghezzi e do francês Jacques Callot.

**29.** “A Espada e o Deserto” | 02 Mai 2002 – 29 Set 2002

Exposição de pinturas e esculturas pertencentes à coleção do MNAA, em torno do tema do martírio religioso e da representação de Santos Ermitas.

**30.** “Ante-Sala” | 26 Nov 2002

Instalação da artista contemporânea Leonor Antunes (n. 1972), patrocinada pela EDP. Equitativamente aos seus projetos anteriores noutras instituições museológicas, a artista concentrou-se num elemento da estrutura física do espaço; no caso do MNAA, foi o

chão. Assim, as suas representações sintetizam as salas e destacam esse elemento. Sobre esta escolha concreta, a artista referiu:

*Neste caso, passei vários dias a ver como as pessoas se deslocavam pelo museu. Como normalmente acontece, não olham para o chão. Estão habituadas a olhar para as paredes. Também não param. Interessava-me que se demorassem a ver as coisas. Estas peças vêm falar um pouco disso, da presença do tempo, de disponibilidade para olhar. (Antunes, como citado em Rato, 2002)*

### 31. “Fragmentos de Tecidos Coptas” | 20 Dez 2002

Exposição de vinte e cinco fragmentos têxteis coptas dos séculos IV – XII, pertencentes à coleção do MNAA e do Museu Nacional de Arqueologia.

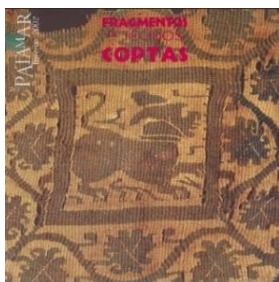


Figura 75 – Catálogo “Fragmentos de Tecidos Coptas”

### 32. “O Jogo do Retrato” | 18 Dez 2002 – 09 Mar 2003

Coletânea de diversos retratos pictóricos e escultóricos pertencentes à coleção do MNAA, figurando os que estavam em reserva no Museu e outros 47, que se encontravam em depósito no Museu do Traje, em Lisboa.

### 33. “Andreas” | 06 Fev 2003 – 09 Mar 2003

Instalação da autoria do artista português Manuel Valente Alves (n. 1953) com a colaboração do poeta português João Miguel Fernandes Jorge (n. 1943). Relacionando museograficamente as suas fotografias e vídeos com obras do MNAA (nomeadamente o estudo *Ascensão* [1928 – 1930] de Domingos Sequeira), o artista pretendeu que o

pretexto geral da exposição fosse um comentário ao romance *Andreas* (1932), de Hugo von Hofmannsthal.

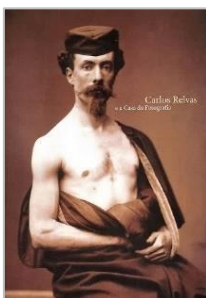
**34. “Miniaturas Portuguesas” | 18 Mai 2003 – 21 Dez 2003**

Exposição realizada com o pretexto de apresentar e estudar a coleção de miniaturas do MNAA.

**35. “Carlos Relvas e a Casa da Fotografia” | 26 Jun 2003 – 16 Nov 2003**

Esta exposição, preparada pela Divisão de Documentação Fotográfica do IPM e acolhida pelo MNAA, apresentou ao público o vasto acervo do fotógrafo português Carlos Relvas (1838 – 1894), pertencente à Câmara Municipal da Golegã. Antecipou a abertura da Casa-Estúdio Carlos Relvas, situada na mesma localidade.

Na mostra esteve presente, ainda, o catálogo da Exposição de Arte Ornamental Portugal e Espanha (editado pelo artista), que teve influência direta na criação do MNAA; sendo que, durante os meses de maio e junho de 1882, o fotógrafo trabalhou no Palácio de Alvor-Pombal, fotografando 512 espécies com o intuito de as abranger no catálogo.



**Figura 76** – Catálogo “Carlos Relvas e a Casa da Fotografia”



**Figura 77** – Fotografia da exposição “Carlos Relvas e a Casa da Fotografia” | Fonte: (Monteiro, 2017)



**36. “Pintura Portuguesa do Século XVII” / 04 Fev 2004 – 02 Mai 2004**

Exposição sobre pintura barroca, comissariada por Luís de Moura Sobral. A sua curadoria envolveu 81 pinturas seiscentistas nacionais, provenientes de museus, igrejas e coleções particulares. Devido à sua vertente de investigação, esta mostra serviu de pretexto para o restauro de cerca de metade das obras apresentadas – que se mantinham, até então, nas reservas do MNAA.

*Organizada temática e não cronologicamente, foi um contributo importante para o melhor conhecimento de um século [...] mal conhecido, tendo também servido de pretexto para uma campanha de conservação e restauro que beneficiou 61 pinturas [das reservas do MNAA]. (MNAA, 2004: para. 1-2)*



**Figura 78** – Catálogo “Pintura Portuguesa do Século XVII”

**37. “A Arte da Laca na Birmânia e na Tailândia” | 10 Jul 2004 – 31 Dez 2004**

Exposição de 170 objetos em laca originários da Birmânia e da Tailândia, pertencentes à coleção Francisco Capelo.

**Apêndice E**

*Exposições Temporárias na Direção de Dalila Rodrigues (2004 – 2007)*

**1. “Passagens” | 24 Fev 2005 – 30 Abr 2005**

Exposição realizada em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), assinalando o arranque do Museu de Medicina. O esquema

museográfico confrontou peças de ambas as instituições (FMUL e MNAA), correlacionando ciência e técnica com arte, de forma “discursiva e simbólica” (IPM, 2006, p. 91)



**Figura 79** – *Catálogo “Passagens”*

## 2. “De Humani Corporis Fabrica” | 17 Mar 2005 – 08 Mai 2005

No seguimento da mostra “Passagens”, “esta exposição procurou demonstrar, a partir de [...] desenhos da colecção do MNAA situados cronologicamente entre os séculos XVI e XIX, como o conhecimento da anatomia foi essencial às práticas artísticas e à compreensão plástica da figura humana” (IPM, 2006, p. 91).

## 3. “Ter” | 17 Mar 2005 – 08 Mai 2005

Instalação de desenhos do artista contemporâneo moçambicano Pedro Gomes (n. 1972), onde o próprio se auto representa interagindo com diversas peças da coleção, em formato de silhueta. Foi realizada com o apoio do Instituto das Artes.



**Figura 80** – *Capa e contracapa do catálogo “Ter”*

**4. “Aaron Siskind / José Luís Neto / Vítor Pomar” | 18 Mai 2005 – 31 Jul 2005**

Exposições integradas no âmbito da segunda edição do festival “LisboaPhoto - Bienal de Fotografia”, ocorrido entre maio e agosto de 2005, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. O tema desta edição foi “efeito de cesura” e contou com quinze exposições. No MNAA, estiveram expostos trabalhos dos fotógrafos Aaron Siskind, José Luís Neto e Vítor Pomar.

**5. “Desenhos de Domingos Sequeira (1768 – 1837)” | 14 Mai 2005 – 18 Set 2005**

Exposição integrada no âmbito do evento “A Noite dos Museus”, onde se apresentou “uma série de desenhos de Domingos Sequeira incorporados na coleção desde a edição, em 1975, do catálogo completo elaborado por Maria Alice Beaumont. Alguns destes desenhos foram aqui mostrados ao público pela primeira vez” (IPM, 2006, p. 91).

**6. “Mais Perto / Closer” | 07 Jul 2005 – 11 Set 2005**

Exposição de joalheria contemporânea internacional organizada pela PIN – Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea em colaboração com o Ar.Co e o MNAA onde, contando com peças de vinte e três artistas, se procurou criar um diálogo entre as joias e as coleções / edifício do MNAA.

**7. “Memórias Deixadas pelo Terramoto” | 21 Set 2005 – 31 Dez 2005**

Exposição dedicada a registos existentes sobre os projetos arquitetónicos e decorativos extinguidos no Terramoto de 1755, com destaque de “um conjunto de desenhos destinados à igreja Patriarcal e a outros templos de Lisboa” (IPM, 2006, p. 92).

**8. “Tremeu a Terra, Tremeu o Pensamento” | 21 Set 2005 – 31 Dez 2005**

Exposição realizada a propósito do 250.º aniversário do Terramoto de 1 de novembro de 1755, organizada no âmbito do XV Curso de Verão do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com o tema “História e Ciência da Catástrofe”.

Apresentando uma série de gravuras, a mostra permitiu evocar o aspeto de Lisboa antes e durante o sismo, bem como exibir representações de ruínas remanescentes e de processos para a preparação da reconstrução da cidade. Abrangeu, também, testemunhos de reações ao acontecimento – nomeadamente Voltaire, Kant e Goethe – e uma secção sobre a bibliografia referente ao assunto, pertencente à biblioteca do MNAA.

**9. “Vieira Portuense” | 21 Set 2005 – 31 Dez 2005**

Exposição dedicada aos desenhos dos cadernos de viagem pela Europa do artista português Francisco Vieira (1765 – 1805), mais conhecido como Vieira Portuense.

**10. “Grandes Mestres do Desenho na Coleção do MNAA” |  
24 Fev 2006 – 30 Abr 2006**

*Um século depois da publicação do primeiro catálogo respeitante à Coleção de Desenhos do Museu Nacional de Arte Antiga, em 1905, esta exposição apresentou uma vasta e significativa selecção dessa colecção. A mostra reflectia, assim, tanto o valor histórico-artístico, como a variedade do acervo do MNAA, que se caracteriza pela quantidade e pela qualidade de obras de artistas portugueses que foi incorporando e por um conjunto de desenhos italianos muito relevantes no contexto internacional. (IPM, 2007: 95).*

**11. “LVMEN” | 31 Mar 2006 – 11 Jun 2006**

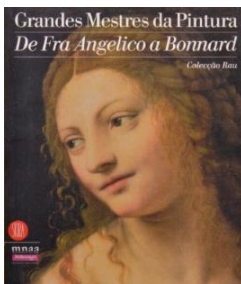
Exposição de fotografia contemporânea composta por trabalhos do fotógrafo português André Gomes (n. 1951), com base no desenho “A Deposição no Túmulo”, de Domingos Sequeira, e no tema da Paixão de Cristo.

A mostra, “formada por painéis organizados como retábulos, dividia-se em dois núcleos [...]: o primeiro [...] [apresentava] duas obras (datadas de 1992), realizadas a partir do referido desenho do pintor; o segundo [...] integrava trabalhos criados entre 2003 e 2005” (IPM, 2007: 95-96).

**12. “Grandes Mestres da Pintura: de Fra Angelico a Bonnard” |**

18 Mai 2006 – 15 Out 2006

Inauguração em Portugal da exposição de 95 pinturas pertencentes à coleção do médico e filantropo Dr. Gustav Rau, abrangendo nomes “que vão de Fra Angelico a Bonnard, passando por Canaletto, Cranach, Fragonard, Greco, Toulouse-Lautrec, Vuillard, Cézanne, Manet, Monet e Pissarro”, como refere Patrick Gautrat – Embaixador de França em Portugal na altura – no catálogo da exposição (Penalva et al., 2006).



**Figura 81** – Catálogo “Grandes Mestres da Pintura. De Fra Angelico a Bonnard”

**13. “Colchas Indo-Portuguesas do MNAA” | 16 Set 2006**

Exposição de colchas indo-portuguesas pertencentes à coleção do MNAA, no âmbito do congresso “EURINDIA – Conference in Lisbon”, ocorrido entre 15 e 16 de setembro de 2006.

**14. “The Waiters” | 21 Set 2006**

Instalação de apresentação da série “Waiters”, constituída por vinte e cinco fotografias, da autoria do artista português Jorge Molder (n. 1947). A mostra deu-se no âmbito da inauguração do “Festival Comidas do Mundo”, ocorrido entre os dias 21 e 30 de setembro de 2006.

**15. “Frei Carlos e o Belo Portátil” | 16 Nov 2006 – 04 Fev 2007**

*O ponto de partida [...] do percurso expositivo foi [...] [um Ecce Homo] de Frei Carlos [...] [recém-adquirido] para a coleção do MNAA. A exposição*

*assinhalava, através de quase 30 pinturas de pequeno formato [...], a extraordinária procura de imagens devocionais na Europa do final da Idade Média e início do Renascimento, [...] provenientes de colecções privadas, nunca ou muito raramente tendo sido expostas ao público. Finalmente, [...], apresentou-se também o painel Virgem com o Menino e Anjos (1536-39), da autoria de Gregório Lopes, restaurado por técnicos do MNAA. (IPM, 2007: 96)*

**16. “Ciclo da Natividade” | 16 Dez 2006 – 21 Jan 2007**

Exposição de 16 desenhos portugueses e italianos dos séculos XV – XVIII, pertencentes ao acervo do MNAA, em torno do tema do Natal.

**17. “O Brilho das Imagens” | 01 Mar 2007 – 17 Jun 2007**

“Exposição constituída por uma [...] antologia do núcleo medieval do Museu de Varsóvia e bem demonstrativa da evolução das principais expressões da Arte Gótica [...] [na zona que corresponderia] às [...] fronteiras da Polónia no final da Idade Média” (MNAA, 2007a: 31).

**18. “O Tapete Oriental em Portugal” | 31 Jul 2007 – 06 Jan 2008**

Exposição sobre o tapete oriental em Portugal, partindo das colecções do MNAA e do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra. Teve “quatro núcleos geográficos e cronológicos – Espanha, Turquia, Pérsia e Índia – com várias leituras desses objectos: o tapete como objecto artístico; [...] como elemento de trocas comerciais; e [...] como objecto de prestígio” (MNAA, 2008: 43).

**19. “O Espelho de Claude” | 18 Mai 2007 – 01 Jul 2007**

Confronto de obras dos artistas contemporâneos Fernando Calhau, José Pedro Croft, Luísa Cunha e Michael Biberstein com o espaço e peças da colecção do MNAA, a partir do tema da paisagem enquanto construção humana.

**20. “Deixai Falar as Árvores” | 18 Mai 2007 – 01 Jul 2007**

“No âmbito do tema da representação da paisagem, apresentação do vídeo de Graça Sarsfield [n. 1947], no qual a artista reflecte sobre a paisagem do próprio museu” (MNAA, 2007a: 32).

**21. “A Renovação do Retrato” | 18 Mai 2007 – 01 Jul 2007**

Exposição de 21 desenhos originários das primeiras décadas do século XIX, da autoria dos artistas Gregório Francisco de Queiroz, José da Cunha Taborda, Joaquim Rafael, Domingos Sequeira, João Baptista Ribeiro, Maurício Sendim, José Joaquim Primavera e João António Correia.

**22. “Lugares e Paisagem” | 18 Mai 2007 – 16 Set 2007**

Desenhos italianos, holandeses e franceses dos séculos XVI – XVIII, pertencentes à coleção do MNAA, em torno da temática da Natureza.

**Apêndice F**

*Exposições Temporárias na Direção de Paulo Henriques (2007 – 2010)*

**1. “O Império em Mudança” | 28 Nov 2007 – 24 Fev 2008**

Por ocasião do 200.º aniversário da fuga da família real para o Brasil, em 1807, selecionaram-se e expuseram-se 42 obras (desenhos, gravuras e pintura) da coleção do MNAA, que “documentam e testemunham” (MNAA, 2007a: 33) esse acontecimento.

**2. “Olhar de Perto” | 26 Fev 2008 – 20 Abr 2008**

*Primeira apresentação pública das 19 pinturas do antigo retábulo da capela-mor da Sé de Évora, do final do século XV, após a intervenção de conservação e restauro. Divulgou o trabalho da investigação histórica, artística e laboratorial efectuado [...], especialmente através da apresentação de ampla documentação gráfica e fotográfica centrada na exploração do processo criativo das pinturas. (MNAA, 2008: 43)*

3. “Objectos de Culto” | 26 Fev 2008 – 20 Abr 2008

A par da exposição *Olhar de Perto*, esta mostra dá a conhecer peças têxteis e de ourivesaria “ao serviço da liturgia e da devoção, de fabrico português, italiano, espanhol e flamengo” (MNAA, 2008: 44) pertencentes ao acervo do MNAA, que se enquadram cronologicamente “no período da produção daquelas pinturas, [...] alargado à primeira metade do século XVI” (Rede Portuguesa de Museus, 2008: 24).

4. “Cenas da Vida Mariana” | 27 Fev 2008 – 04 Mai 2008

“Em simultâneo com a exposição temporária *Olhar de Perto*, apresentaram-se gravuras de séries sobre a vida da virgem Maria e da Paixão de Cristo, temas representados nas pinturas do retábulo” (MNAA, 2008: 44).

5. “Aprender com a Imagem” | 26 Fev 2008 – 09 Nov 2008

Exposição didática do Serviço Educativo do MNAA sobre a mostra *Olhar de Perto*, onde eram explicados conceitos relativos ao retábulo. Teve lugar na última sala da Galeria de Exposições Temporárias, que coincidia com o final do percurso da primeira exposição.

6. “Valores de Cultura” | 16 Mai 2008 – 28 Set 2009

No contexto do dia do GAMNAA, de modo a honrar a sua importância para a prosperidade da instituição, o MNAA escolheu inaugurar a apresentação ao público das obras que lhe foram doadas e que adquiriu no ano de 2007.

7. “[Museum](#)” | 17 Mai 2008 – 31 Ago 2008

*A exposição resultou de um projecto apresentado pelo escultor Rui Sanches [1919 – 2009] ao museu, assumindo-o como uma pesquisa em torno «das linguagens artísticas da tradição ocidental em si mesmas e na sua relação com outras culturas e as linguagens da arte contemporânea». Para esse efeito o artista seleccionou 12 obras das colecções do MNAA e realizou 10 trabalhos –*



*esculturas, desenhos e pinturas sobre aço – com elas articuladas explicita e implicitamente.* (MNAA, 2008: 45).



**Figura 82** – Fotografia da exposição “*Museum*” | Fonte: (Monteiro, 2017)

**8.** “[Museografias](#)” | 17 Mai 2008 – 04 Jan 2009

Pequena exposição “evocativa dos conceitos museográficos aplicados durante as primeiras direcções do Museu Nacional de Arte Antiga” (MNAA, 2008: 45). “Com equipamentos de exposição ainda conservados na reserva, recriaram-se, a partir de gravuras e fotografias antigas, alguns dos [anteriores] cenários expositivos do Museu” (MNAA, 2008a: 1).

**9.** “[Miniaturas Estrangeiras](#)” | 17 Mai 2008 – 31 Dez 2008

Noventa miniaturas francesas, inglesas, espanholas e italianas dos séculos XVI – XIX, pertencentes ao acervo do MNAA. Estas peças, em junção com as que foram apresentadas na exposição *Miniaturas Portuguesas*, em 2003, constituem a totalidade da coleção de miniaturas do Museu.

**10.** “Coleccionadores. Colecções. Museus” | 27 Mai 2008 – 08 Jul 2008

Seleção de mostra bibliográfica no âmbito do curso de formação em História da Arte *Coleccionadores. Colecções. Museus*, organizado pelo MNAA.

**11.** “Ourivesaria e Joalheria” | 23 Out 2008 – 07 Mar 2009

Seleção de mostra bibliográfica no âmbito do IV Curso Monográfico – *Ourivesaria e Joalheria*, organizado pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**12. “Exposição Provisória de Pintura Europeia” | 04 Nov 2008 – 14 Dez 2008**

“A reformulação das salas de exposição permanente da Pintura Europeia obrigou à apresentação temporária de uma rigorosa selecção de 30 pinturas das escolas europeias da coleção do MNAA” (MNAA, 2008: 45).

**13. “[Rembrandt](#)” | 16 Dez 2008 – 08 Fev 2009**

Exposição inédita de um conjunto de obras de Rembrandt van Rijn, centrada no retrato *Titus Sentado à Secretária* (1655), pertencente à coleção do Museu Boijmans Van Beuningen de Roterdão.

Esta iniciativa resultou de um processo de intercâmbio de obras sendo que, para Roterdão, o MNAA emprestou *São Jerónimo* (1521) da autoria do artista alemão Albrecht Dürer (1471 – 1528).

**14. “[Súplica de Inês de Castro de Vieira Portuense](#)” | 26 Fev 2009 – 29 Mar 2009**

Exposição em torno da pintura *A Súplica de Inês de Castro* (ca. 1802), da autoria de Vieira Portuense, pertencente à coleção da Fundação Caixa Geral de Depósitos e em depósito no MNAA.

**15. “[Galli Bibiena](#)” | 17 Mar 2009 – 07 Jun 2009**

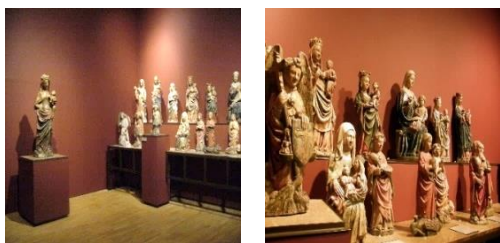
Exposição rotativa dos desenhos da família de arquitetos e cenógrafos italianos do século XVIII Galli Bibiena, pertencentes ao acervo do MNAA.

**16. “[Pintura Portuguesa](#)” | 14 Abr 2009 – 07 Nov 2010**

*Exposição antológica da Coleção de Pintura Portuguesa no MNAA representativa do arco cronológico e dos principais autores que caracterizam esse acervo. Um conjunto de 63 obras que estruturaram os fundamentais percursos da arte da pintura em Portugal, desde o núcleo “fundador” quatrocentista atribuído a Nuno Gonçalves, até às derradeiras obras de [...] Domingos Sequeira, já nos inícios do século XIX. (MNAA, 2009: 11)*

**17. “[In Memoriam](#)”** | 21 Abr 2009 – 10 Jan 2010

Exposição *in memoriam* de Sérgio Guimarães de Andrade (1946 – 1999), que exerceu no MNAA como conservador entre 1983 e 1999, onde foi apresentado um fragmento da última exposição de escultura organizada por ele.



**Figuras 83 e 84** – Fotografias da exposição “*In Memoriam*” | Fonte: [Arquivo.pt](#)

**18. “Escultura Portuguesa”** | 21 Abr 2009 – 28 Nov 2009

Coletânea “de obras de referência da escultura portuguesa do século XII ao século XVIII para colmatar a ausência do núcleo de escultura portuguesa [do MNAA] devido à exposição temporária *Encompassing the Globe*” (MNAA, 2009: 11).

**19. “Exposição Documenta”** | 18 Mai 2009

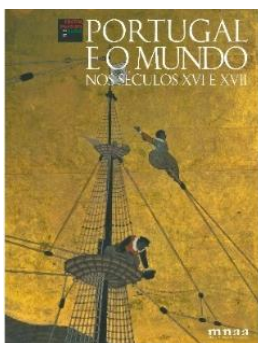
Exposição sobre o processo de intervenção de restauro realizado sobre a peça *Custódia de Belém* (1506), atribuída ao ourives e dramaturgo português Gil Vicente (1465 – 1536).

**20. “[Encompassing the Globe](#)”** | 15 Jul 2009 – 11 Out 2009

Esta exposição é a versão portuguesa das exposições homólogas organizadas pela *Smithsonian Institution*, apresentadas em Washington, entre junho e setembro de 2007, e em Bruxelas, entre outubro de 2007 e fevereiro de 2008.

Partindo de uma perspectiva norte-americana, esta exposição tratou-se de um “testemunho da presença cultural portuguesa em África, na Ásia e nas Américas” nos séculos XVI e XVII, onde se ilustrou Portugal como o principal país disseminador do conhecimento global da época, pela sua atividade de “intercâmbio cultural, artístico, científico e linguístico” (Arquivo.pt, 2009).

Contando com 173 peças no total, a versão do MNAA, nominada “Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII”, destacou-se por ter abrangido Tesouros Nacionais – nomeadamente os *Painéis de São Vicente*, a *Custódia de Belém* e os *Biombos Namban* – que não puderam sair do país devido à legislação que os protege e, conseqüentemente, ser cedidos às edições anteriores.



**Figura 85** – Catálogo “Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII”

**21.** [“Desenhos Maneiristas Portugueses na Coleção do MNAA”](#) |

11 Ago 2009 – Nov 2009

Coletânea de desenhos de autores portugueses maneiristas da coleção do MNAA.

**22.** [“O Vidro de La Granja nas Coleções do MNAA”](#) | 11 Nov 2009 – 29 Ago 2010

Exposição ocorrida no âmbito do encontro ICOM Glass Lisboa 2009, datado de dia 11 a 14 de novembro do ano concernente, onde o MNAA apresentou uma coleção de vidros oriunda de La Granja de Santo Ildefonso (Segóvia), pertencente ao seu espólio.

**23. “Figuras de Presépios dos Séculos XVIII e XIX” | 12 Dez 2009 – 17 Jan 2010**

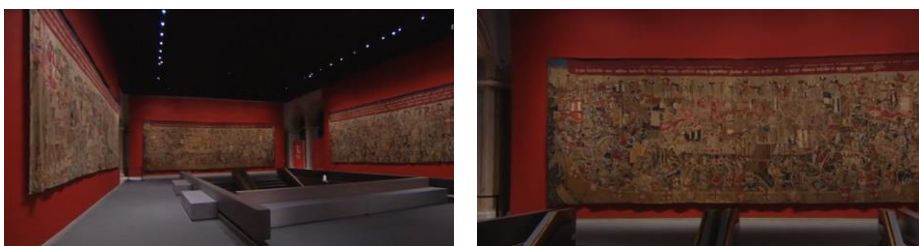
Figuras escultóricas de presépios dos séculos XVIII – XIX, da coleção do MNAA.

**Apêndice G**

*Exposições Temporárias na Direção de António Filipe Pimentel (2010 – 2019)*

**1. “[A Invenção da Glória](#)” | 12 Jun 2010 – 03 Out 2010**

Esta exposição englobou quatro tapeçarias monumentais, tecidas em Tournai e de encomenda política, que retratam a ocupação das cidades de Arzila e Tânger. Reunidas pela primeira vez nesta ocasião, pensa-se terem sido encomendadas pelo próprio D. Afonso V, aos melhores *ateliers* de Flandres – que seriam uma referência de excelência, na época (RTP 2, 2010). Estes panejamentos foram “conservados na Colegiada de Pastrana desde o século XVI e [...] restaurados sob o patrocínio da Fundação Carlos de Amberes” (MNAA, s.d.).



**Figuras 86 e 87 – Fotogramas da exposição “A Invenção da Glória” | Fonte: © [RTP](#)**

**2. “[Sobre o Trilho da Cor](#)” | 23 Set 2010 – 28 Nov 2010**

Primeira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado<sup>78</sup> do MNAA.

<sup>78</sup> Com propósito serial, este programa procura que as mostras sejam realizadas “em ritmo pendular [e trimestral], somente entrecortado pelas necessidades técnicas de desmontagem e montagem”. Utilizando as palavras de António

Esta mostra contou com a exposição de cinco objetos de paramentaria litúrgica (dois pluviais, uma casula, uma dalmática e um frontal), pertencentes à coleção do MNAA, selecionados em função da cor. Todos foram submetidos a exames de análise, para identificar os corantes e pigmentos utilizados. A mostra expandiu-se para a exposição permanente do Museu, convidando o visitante a explorar o espaço sob uma nova perspetiva.



Figura 88 – Catálogo “Sobre o Trilho da Cor” | Fonte: [MNAA](#)

3. “[Falerística nas Coleções do MNAA](#)” | 23 Out 2010 – 31 Dez 2010

Exposição dedicada à área da Falerística, reunindo desenhos, pinturas e insígnias das Ordens Militares, pertencentes ao acervo do MNAA.

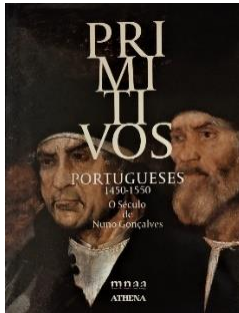
4. “[Primitivos Portugueses](#)” | 11 Nov 2010 – 23 Abr 2011

Exposição de grande dimensão, que recorda a mostra com o mesmo nome, ocorrida no MNAA no ano de 1940.

---

Filipe Pimentel, a Sala do Tecto Pintado é um espaço de pequenas dimensões, à qual o Museu conferiu a vocação autónoma de abranger “mostras de pequena escala, cujo ponto comum constitui o seu transversal alicerce em projectos de investigação”, quer sejam estes desenvolvidos pela equipa técnica do MNAA ou por um comissariado externo (Pimentel como citado em Henriques, 2011b: 5-6). Pretende-se, acima de tudo, que este seja um espaço dedicado às ações de inventário, estudo e preservação: “o lado oculto do trabalho museográfico”. Esta iniciativa possibilitou “o enriquecimento, a baixo custo (com mobilização de pequenos mecenas) e com taxa de esforço limitada (fundamental, numa equipa que se vê dramaticamente reduzida), do desenho programático do Museu” (Pimentel, 2019: 33).

*Reunindo e colocando em confronto mais de 160 pinturas dos séculos XV e XVI, reconstituindo alguns dos mais belos retábulos portugueses desse período, esta exposição ensaia um panorama crítico, atualizado e de grande dimensão, acerca dos chamados Primitivos Portugueses e visa demonstrar como o estudo técnico e material desse património contribui decisivamente para renovar e aprofundar o seu conhecimento. (MNAA, s.d.)*

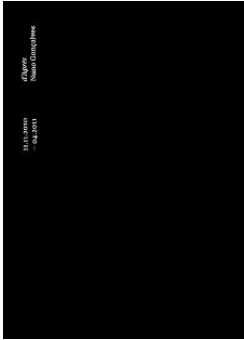


**Figura 89** – Catálogo “Primitivos Portugueses (1450 – 1550). O Século de Nuno Gonçalves”

##### 5. “[D’Aprés Nuno Gonçalves](#)” | 03 Dez 2010 – 23 Abr 2011

A propósito do Centenário do Restauro e Apresentação pública dos *Painéis de S. Vicente*, o Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA) da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) criou um projeto expositivo em parceria com a Academia Nacional de Belas-Artes (ANBA), o MNAA e o MNAC, de modo a celebrar a ocasião.

Com inspiração na já referida mostra “BOSCH” (1975), a índole da exposição “D’Aprés Nuno Gonçalves” baseou-se num desafio semelhante proposto a artistas contemporâneos, onde lhes foi solicitado que estes criassem obras baseadas na sua perspetiva sobre o políptico emblemático de Nuno Gonçalves. A exposição acomodou-se nas instalações da Galeria da FBAUL, do MNAA e do MNAC.



**Figura 90** – Catálogo “D’Aprés Nuno Gonçalves”

6. “[Esculturas de Género](#)” | 10 Dez 2010 – 27 Fev 2011

Segunda exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Pretendeu-se explorar uma “nova perspetiva sobre os presépios em barro cozido feitos em Portugal” e apresentou-se “ainda uma visão cronológica da produção dos presépios dos séculos XVII a XIX” (MNAA, s.d.).



**Figura 91** – Catálogo “Esculturas de Género” | Fonte: [MNAA](#)

7. “[Percursos](#)” | 11 Fev 2011 – 27 Abr 2011

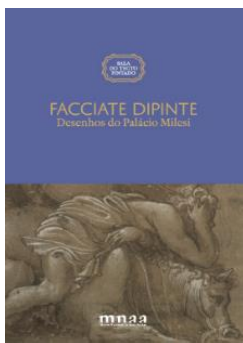
Exposição-síntese de algumas obras de escultura e pintura executadas ao longo de sete séculos (XIII – XIX), pertencentes ao acervo do MNAA.

8. “[Facciate Dipinte](#)” | 25 Mar 2011 – 19 Jun 2011



Terceira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

*Exposição em torno de um grupo de 13 desenhos da coleção do MNAA reproduzindo o conjunto de frescos executados na fachada do Palácio Milesi, em Roma, pela dupla de artistas Polidoro da Caravaggio e Maturino da Firenze, na década de 1520. (MNAA, s.d.)*



**Figura 92** – Catálogo “Facciate Dipinte” | Fonte: [MNAA](#)

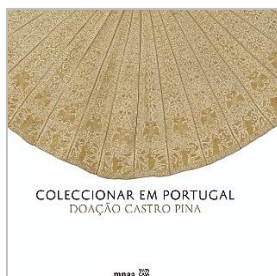
9. [“M&M. MNAA e MUDE / MUDE e MNAA”](#) | 14 Mai 2011 – 02 Out 2011

Primeira parceria entre o Museu do Design e da Moda (MUDE) – Coleção Francisco Capelo e o MNAA, envolvendo a criação de duas exposições que tiveram lugar em ambas as instituições, onde se procurou “suscitar novas leituras entre as artes e o *design*, colocando em diálogo os [dois] espólios” (MUDE, 2014). Estas mostras assinalaram “a celebração da Noite dos Museus” (Pimentel, 2019: 36).

*Olhando o “novo” e o “antigo”, [...] Quer seja através da invasão de peças do MUDE ao longo da exposição permanente do MNAA, quer seja na exposição temporária [...] do MUDE, o público nacional e internacional [...] [pôde] conhecer melhor o acervo destas duas instituições, bem como peças que se encontram habitualmente em reserva. (MUDE, 2014)*

10. [“Coleccionar à Portuguesa”](#) | 18 Mai 2011 – 02 Out 2011

Exposição de objetos integrantes da “Coleção Francisco Castro Pina”, em ocasião do Dia Internacional dos Museus. O referido espólio foi doado ao MNAA por Dinorah Castro Pina – esposa do antigo proprietário, Francisco Castro Pina.

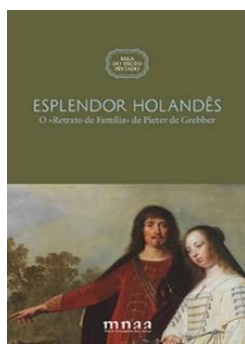


**Figura 93** – Catálogo “Coleccionar em Portugal. Doação Castro Pina” | Fonte: [MNAA](#)

### 11. “[Esplendor Holandês](#)” | 30 Jun 2011 – 11 Set 2011

Quarta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Procurou-se divulgar a pintura holandesa, com base no trabalho de restauro realizado sobre a pintura *Retrato de Família* (1630), do artista Pieter de Grebber (1600 – 1652).



**Figura 94** – Catálogo “Esplendor Holandês” | Fonte: [MNAA](#)

### 12. “[Confrontos](#)” | 16 Jul 2011 – 25 Set 2011

*Esta exposição, realizada em parceria com o Museu Groeninge (Bruges, Bélgica), coloca o Tríptico das Tentações de Santo Antão do MNAA criticamente em confronto com o Tríptico do Juízo Final e o Tríptico das Provações de Job, ambos da colecção do museu de Bruges. A exposição*

*debruça-se sobre as variantes ou os traços comuns de processo criativo destes trípticos, análise também apoiada em exames laboratoriais. Será a primeira vez que se juntam, em Portugal, três grandes pinturas de Bosch e do seu círculo.*  
(MNAA, s.d.)

**13. “[Viagens](#)” | 21 Set 2011 – 27 Nov 2011**

Quinta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Esta mostra, realizada no mesmo espaço, dividiu-se em duas: uma dedicada ao *Tesouro da Vidigueira* – “composto de algumas das mais importantes peças de ourivesaria cristã indo-portuguesa (um oratório-relicário, uma estante de missal e um porta-paz)” –, e outra à “laca oriental enquanto técnica, e despoletada a partir do restauro de um importante par de estribos Namban” (Pimentel, 2019: 39). A narrativa museográfica envolveu “uma necessária aproximação transdisciplinar, [...] [e procurou ilustrar] exemplarmente esse processo, ao mesmo tempo que [...] [fornecia] novas e importantes informações sobre” as peças expostas (MNAA, s.d.).



**Figuras 95 e 96** – *Catálogos da exposição “Viagens”* | Fonte: [MNAA](#)

**14. “[Cyrillo e o Programa de S. Sebastião da Pedreira](#)” | 29 Out 2011 – 19 Jan 2012**

Desenhos preparatórios da autoria do artista português Cyrillo Volkmar Machado (1748 – 1823), em torno da encomenda para o retábulo da *Capela do Santíssimo Sacramento* da Igreja de São Sebastião da Pedreira (1652), em Lisboa.

15. “[Cuerpos de Dolor](#)” | 15 Nov 2011 – 15 Abr 2012

Expôs-se pela primeira vez em Portugal um conjunto “de ascetas, mártires, virgens dolorosas [...] [e] Cristos crucificados – de grandes mestres como Berruguete, Juan de Juni, Pompeo Leoni, Gregorio Fernández, Alonso Cano, Pedro de Mena, Pedro de Sierra ou Salzillo” (MNAA, s.d.), provenientes do Museo Nacional de Escultura de Valhadolid.



Figura 97 – Catálogo “Cuerpos de Dolor” | Fonte: [MNAA](#)

16. “[Inshadow](#)” | 01 Dez 2011 – 11 Dez 2011

Esta mostra deu-se no contexto do InShadow (Festival Internacional de Vídeo, Performance e Tecnologias), e consistiu na apresentação da videoinstalação *Looping the Loop: From African Dance to American Hip Hop and Back Again*, da autoria da artista canadense / polonesa Ula Sickle (n. 1978).

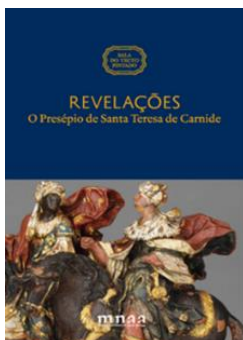
*Em diálogo com uma audiência imóvel e com um retrato equestre de Luís XIV, de Adam-Franz Van der Meulen, da coleção do MNAA, a instalação desenha as raízes desta dança intemporal e transnacional, tendo como único som o movimento e a respiração do bailarino. (MNAA, s.d.)*

17. “[Revelações](#)” | 10 Dez 2011 – 26 Fev 2012

Sexta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

*No convento de Santa Teresa de Carnide existiu um dos mais importantes presépios da capital. [...] Após as vicissitudes que envolveram a extinção do*

*mosteiro, as diversas peças do presépio foram desirmanadas e incorporadas nas coleções do Museu Nacional de Arte Antiga. A qualidade escultórica, bem como a quantidade de elementos chegados até aos nossos dias, transformam a tarefa do seu reagrupamento num importante desafio que ao mesmo tempo será gerador de conhecimento em torno da produção escultórica portuguesa do século XVIII. (Pimentel, 2019: 40)*



**Figura 98** – Catálogo “Revelações” | Fonte: [MNAA](#)

**18.** [“Tempo de Heróis”](#) | 10 Fev 2012 – 29 Abr 2012

Desenhos preparatórios de Domingos Sequeira, pertencentes à coleção do MNAA, em torno da temática da alegoria política.

Esta exposição adveio da doação da obra *Alegoria à nomeação da Junta de Regência e à derrota das tropas francesas* (1809), alusiva à Guerra Peninsular, que “veio completar a série que o MNAA conserva entre o avultado espólio do pintor” (MNAA, s.d.).

**19.** [“De Amicitia”](#) | 08 Mar 2012 – 17 Jun 2012

Sétima exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

“Comemorando o centenário do GAMNAA, a exposição reúne uma seleção de obras doadas pelo Grupo, ou por seu intermédio, e é completada com peças assinaladas ao longo da exposição permanente do Museu. Evoca também as ações que o GAMNAA, fundado em 1912, tem desenvolvido desde então” (MNAA, s.d.).

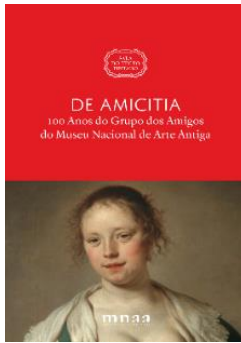


Figura 100 – Catálogo “De Amicitia” | Fonte: [MNAA](#)

## 20. “[Construir Portugal](#)” | 29 Mar 2012 – 30 Jun 2012

Primeira mostra da iniciativa “A Arte Chegou ao Colombo”, que consistiu num projeto expositivo elaborado pelo Museu Nacional de Arte Antiga, para ser aplicado no Centro Comercial do Colombo, em Lisboa, unindo as duas instituições e dinamizando o espólio do Museu para o exterior.

A exposição compreendeu 31 obras pertencentes ao acervo do MNAA, datadas desde o século XIII, e visou narrar a história da construção de Portugal como Estado e Nação, com foco na vertente cultural e religiosa que, até ao final da Idade Média, se diversificou na Península Ibérica.

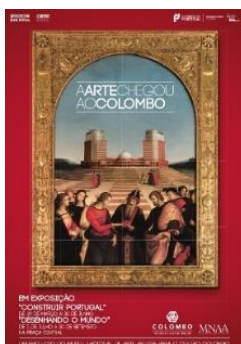


Figura 101 – Folheto alusivo ao projeto “A Arte Chegou ao Colombo” | Fonte: © [Centro Colombo](#)

## 21. “[Desenhar o Mundo](#)” | 18 Mai 2012 – 30 Set 2012

“Desenhos cartográficos e de fauna e flora, do século XVIII. Pertencentes à Casa da Ínsua (Penalva do Castelo), testemunham os feitos no Brasil dos irmãos D. Luís e D. João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, e o envolvimento de D. Luís nas campanhas exploratórias da época, conhecidas por *Viagens Filosóficas*. Antevisão do núcleo museológico da Casa da Ínsua, esta exposição desenvolve-se no âmbito da parceria entre o MNAA e o Grupo Visabeira” (MNAA, s.d.).

## 22. “[O Virtuoso Criador](#)” | 18 Mai 2012 – 30 Set 2012

Exposição ocorrida em ocasião do Dia Internacional dos Museus e do centenário do artista português Joaquim Machado de Castro (1731 – 1822). Esta mostra, composta por mais de cem peças provenientes de instituições públicas e privadas, centrou-se “no trabalho teórico do artista e nas grandes encomendas públicas, bem como na sua produção de estatuário” (Pimentel, 2019: 52).

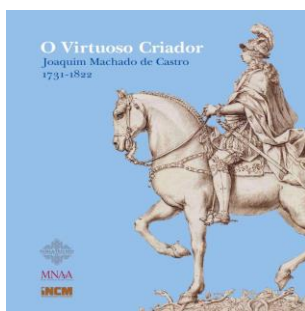


Figura 102 – Catálogo “*O Virtuoso Criador*” | Fonte: [MNAA](#)

## 23. “[Olhares Contemporâneos](#)” | 19 Mai 2012 – 30 Set 2012

Primeira edição do projeto “MNAA\_OLHARES CONTEMPORÂNEOS, Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga”. Esta iniciativa foi proposta pelo Museu à Fundação EDP, em 2012. Todas as edições tiveram produção da DuplaCena / Horta Seca – Associação Cultural.

Na estreia do projeto, estiveram expostas obras dos artistas Catarina Botelho, João Ferro Martins, João Paulo Serafim, João Serra, Patrícia Almeida + David-Alexandre Guéniot, Ramiro Guerreiro e Sandra Rocha.

24. “[Jan Provoost](#)” | 22 Jun 2012 – 16 Set 2012

Oitava exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Nesta mostra foi exposto “integralmente pela primeira vez, após um restauro total que demorou vários anos, o *Tríptico de Nossa Senhora da Misericórdia*”, e foram exploradas as informações adquiridas sobre a transação da sua venda, em 1876, à Academia Real de Belas-Artes, que vêm alterar “a historiografia «oficial» sobre esta importante obra, atribuída a Jan Provoost” (MNAA, s.d.).



Figura 103 – Catálogo “Jan Provoost” | Fonte: [MNAA](#)

25. “[Desenhando o Mundo](#)” | 05 Jul 2012 – 30 Set 2012

Segunda mostra da iniciativa “A Arte Chegou ao Colombo”.

A exposição “reuniu 31 obras de arte ilustrativas das viagens e contatos ultramarinos dos Portugueses ao longo dos séculos XVI e XVII” (Centro Colombo, 2012), revelando uma disposição museográfica que permitiu uma narrativa gradual, desde o Maneirismo até ao Renascimento.

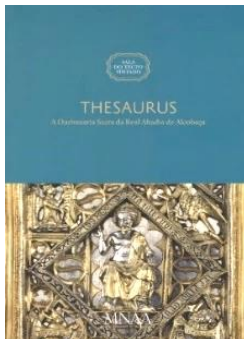
26. “[Thesaurus](#)” | 28 Set 2012 – 02 Dez 2012

Nona exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Esta mostra contou com a exibição de “um importantíssimo núcleo de peças proveniente do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça”, bem como de uma píxide



pertencente à coleção do MNAA e de um par de castiçais do Museu Nacional de Machado de Castro que, à “mercê de uma minuciosa investigação, puderam ser associadas a este Mosteiro” (MNAA, s.d.).



**Figura 104** – Catálogo “*Thesaurus*” | Fonte: [MNAA](#)

**27.** “[Da Ideia à Forma](#)” | 16 Out 2012 – 13 Jan 2013

Desenhos de escultura em Portugal, dos séculos XVII a XIX.

**28.** “[A Arquitetura Imaginária](#)” | 01 Dez 2012 – 30 Mar 2013

Exposição em torno da área da arquitetura, com a exibição de “projetos nunca realizados de Siza Vieira, Souto de Moura, Carrilho da Graça, Mendes Ribeiro e Manuel Aires Mateus, cenários fantásticos de Galli Bibiena, tesouros nacionais [...], entre muitos outros” (MNAA, s.d.).

**29.** “[Do Mar e da Terra](#)” | 08 Dez 2012 – 30 Mar 2013

Décima exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Mostra de presépios e outras representações do Menino Jesus realizados na transição do século XVIII para o XIX, que foram sujeitos a processos de restauro e investigação, e “que partilham o recurso a elementos do mundo natural, particularmente marinho” (MNAA, s.d.).



Figura 105 – Catálogo “Do Mar e da Terra” | Fonte: [MNAA](#)

30. “[Judite com a Cabeça de Holofernes de Lucas Cranach, o Velho](#)” |

24 Jan 2013 – 28 Abr 2013

Primeira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA<sup>79</sup>”.

Este ciclo inicia-se com o confronto entre as pinturas *Judite com a Cabeça de Holofernes* (ca. 1530), proveniente do The Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque e *Salomé com a Cabeça de S. João Baptista* (ca. 1509 – 1510), pertencente à coleção do MNAA. Ambas são da autoria do artista alemão Lucas Cranach, o Velho (1472 – 1553).

31. “[Deambulações](#)” | 28 Fev 2013 – 05 Mai 2013

Desenhos de artistas franceses que estiveram em Portugal entre os séculos XVIII e XIX, e que deixaram as suas representações da terra lusitana.

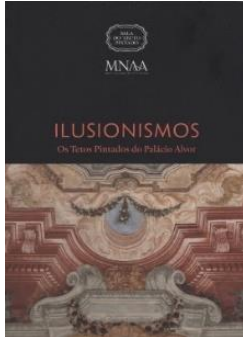
32. “[Ilusionismos](#)” | 08 Mar 2013 – 26 Mai 2013

Décima primeira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

---

<sup>79</sup> Programa criado com o objetivo de internacionalizar o MNAA, enriquecer o conteúdo programático das suas exposições temporárias e colmatar “lacunas do seu acervo” (Pimentel, 2019: 62), dando a conhecer obras de prestigiados autores da pintura antiga ocidental ao público português, através da formação de parcerias e da exibição de empréstimos e permutas por parte de grandes museus e coleções públicas de todo o mundo.

Esta mostra procurou “dar a conhecer a origem da quadratura seiscentista e a sua difusão na Europa e em Portugal” (MNAA, s.d.), como uma das principais técnicas pictóricas de *trompe l’oeil* na arquitetura da época.



**Figura 106** – Catálogo “*Ilusionismos*” | Fonte: [MNAA](#)

**33.** “[A Arca Invisível](#)” | 18 Mai 2013 – 29 Set 2013

Segunda edição do projeto “MNAA\_OLHARES CONTEMPORÂNEOS, Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga”.

Esta exposição pretendeu “abrir o museu ao exterior, simbólica e fisicamente” (Sardo et al., 2013, para. 2). Contou com obras dos artistas contemporâneos André Cepeda, José Pedro Cortes e Vasco Barata.

**34.** “[A Encomenda Prodigiosa](#)” | 18 Mai 2013 – 20 Out 2013

Procurou-se evocar o processo da encomenda feita por D. João V. (1689 – 1750) para a construção da Capela de São João Baptista (1750), que inicialmente era uma extensão da antiga Basílica Patriarcal de Lisboa. A mostra dividiu-se entre o MNAA e a Igreja e Museu de São Roque, em Lisboa.

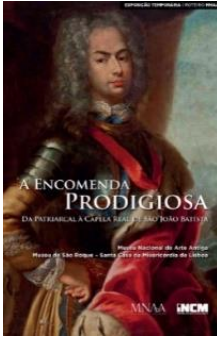


Figura 107 – Catálogo “A Encomenda Prodígiosa” | Fonte: [MNAA](#)

35. “[Nas Rotas do Mundo](#)” | 22 Mai 2013 – 29 Set 2013

Esta exposição, realizada no âmbito do Congresso Internacional de Faiança Portuguesa pelo Instituto de Arqueologia e Paleociências em parceria com o MNAA, tratou a temática concernente ao evento, apresentando alguns achados arqueológicos de origem portuguesa em diversas partes do globo.

36. “[Virgem e o Menino com Santa Bárbara, Santa Isabel da Hungria e um Doador de Jan Van Eyck e Oficina](#)” | 24 Mai 2013 – 01 Set 2013

Segunda edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Virgem e o Menino com Santa Bárbara, Santa Isabel da Hungria e um doador* (1441 – 1443), da autoria do artista flamengo Jan Van Eyck (1390 – 1441) e oficina, proveniente da The Frick Collection, em Nova Iorque.

37. “[O Frei Carlos da América](#)” | 28 Jun 2013 – 24 Nov 2013

Décima segunda exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

*Em 1958, uma cidadã norte-americana legou ao The Metropolitan Museum of Art duas pinturas sobre madeira. Uma, representando São Vicente, chamou a atenção de um conservador do MET, que resolveu enviar a fotografia da obra a um amigo português, esperando que este confirmasse a sua atribuição. Luís Reis Santos, o amigo, professor da Universidade de Coimbra, não hesitou: a autoria*

da obra deveria ser dada a Frei Carlos. Uma recente e excepcional colaboração entre o MNAA e o MET veio possibilitar a apresentação deste São Vicente ao público português. (MNAA, s.d.)



Figura 108 – Catálogo “O Frei Carlos da América” | Fonte: [MNAA](#)

38. “[Árvores](#)” | 28 Jun 2013 – 08 Dez 2013

Desenhos portugueses e europeus dos séculos XVI – XIX, em torno da representação da árvore como elemento protagonista.

39. “[Carlos IV, Rei de Espanha e Maria Luísa de Parma, Rainha de Espanha de Francisco de Goya y Lucientes](#)” | 10 Out 2013 – 19 Jan 2014

Terceira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição das pinturas *Carlos IV, Rei de Espanha* (1789) e *Maria Luísa de Parma, Rainha de Espanha* (1789), da autoria do artista espanhol Francisco de Goya y Lucientes (1746 – 1828), provenientes Archivo General de Indias, em Sevilha.

Esta exposição inaugurou a terceira edição do festival bienal “Mostra Espanha”, ocorrida entre setembro de 2013 e janeiro de 2014. A Mostra abrange um vasto programa de atividades culturais, concretizado em Portugal, que pretende “mostrar o dinamismo [...] das indústrias culturais espanholas [...] [e] proporcionar experiências para o diálogo cultural entre os dois países” (Ministerio da Cultura y Deporte, 2021). Estes eventos compreendem diversas áreas culturais, tais como pintura, fotografia, literatura, cinema e música.

40. “[Rubens, Brueghel, Lorrain](#)” | 03 Dez 2013 – 06 Abr 2014

*Através de quase 60 pinturas do Museu do Prado, esta exposição propõe um percurso pela pintura de paisagem, na Flandres e na Holanda, ao longo do século XVII. Montanhas, bosques, marinhas, terras exóticas, o quotidiano campesino ou os jardins palacianos, as paisagens geladas do norte ou a luz meridional são os temas desta exposição, que inclui algumas obras cimeiras de grandes mestres da pintura nórdica. (MNAA, s.d.)*

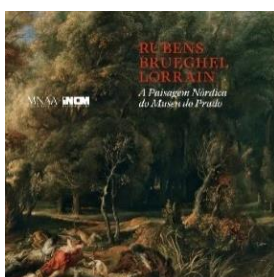


Figura 109 – Catálogo “Rubens, Brueghel, Lorrain” | Fonte: [MNAA](#)

41. “[Vita Christi](#)” | 07 Dez 2013 – 02 Mar 2014

Décima terceira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Esta exposição trata “imagens em marfim resultantes do longo périplo luso rumo ao Oriente” (MNAA, s.d.), que é um dos tópicos compreendidos no projeto de pesquisa científico “Portugal e as Artes da Expansão, séculos XV a XVIII”, resultante de uma parceria entre o MNAA e o Centro de Estudos de Além-Mar (CHAM).

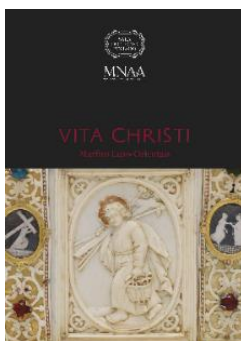


Figura 110 – Catálogo “Vita Christi” | Fonte: [MNAA](#)

42. “[Domingos Sequeira](#)” | 17 Dez 2013 – 30 Mar 2014

Desenhos preparatórios para a pintura *A Adoração dos Magos*, da autoria do artista Domingos Sequeira.

43. “[Virgem com o Menino de Andrea del Verrocchio](#)” | 30 Jan 2014 – 18 Mai 2014

Quarta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Virgem com o Menino* (1470 – 1480), da autoria da oficina do artista italiano Andrea del Verrocchio (1435 – 1488), proveniente do Städel Museum, em Frankfurt.

44. “[Luca Giordano](#)” | 20 Mar 2014 – 22 Jun 2014

Décima quarta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Exposição da obra *Êxtase de São Francisco* (ca. 1665) da autoria do artista italiano Luca Giordano (1634 – 1705), após laboriosas intervenções para o estudo e restauro da referida (cujo processo se encontra explanado no catálogo correspondente).

Fizeram-se de ela acompanhar a pintura *Enterro de Cristo* (c. 1690 – 1700), do mesmo autor, e três obras do acervo do Museu de Arte Antiga, a si atribuídas: os desenhos *Deposição no Túmulo* e *Composição Alegórica* e a pintura *Silenio Ébrio* (ca. 1680).

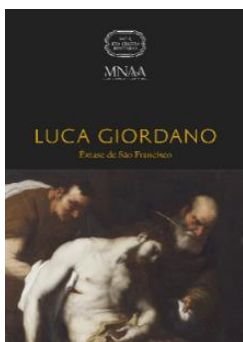
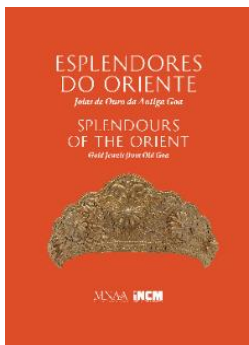


Figura 111 – Catálogo “Luca Giordano” | Fonte: [MNAA](#)

45. “[Esplendores do Oriente](#)” | 16 Abr 2014 – 02 Nov 2014

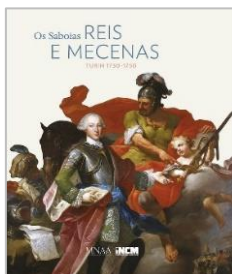
O espólio dos cofres do Banco Nacional Ultramarino (BNU) foi trazido de Goa para Lisboa em 1961. “Incorporadas na coleção do MNAA, as joias de Goa serão mostradas ao público pela primeira vez, numa exposição que as contextualiza no panorama da produção indiana e indo-portuguesa, através dos contributos de especialistas nacionais e internacionais” (MNAA, s.d.).



**Figura 112** – Catálogo “*Esplendores do Oriente*” | Fonte: [MNAA](#)

**46.** “[Os Saboias](#)” | 17 Mai 2014 – 28 Set 2014

*[Esta] exposição evoca o papel da cidade de Turim na primeira metade do século XVIII, enquanto capital do Reino do Piemonte e meta dos grandes artistas italianos e internacionais ao serviço das estratégias de poder da Casa de Saboia. A seleção das obras (mais de 100) procura evidenciar este processo extraordinário e os contributos das mais importantes personalidades artísticas.* (MNAA, s.d.)



**Figura 113** – Catálogo “*Os Saboias. REIS E MECENAS*” | Fonte: [MNAA](#)

**47.** “[\[kameraphoto\]](#)” | 17 Mai 2014 – 05 Out 2014



Terceira edição do projeto “MNAA\_OLHARES CONTEMPORÂNEOS, Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga”.

As obras expostas são da autoria de membros do coletivo fotográfico [kameraphoto], nomeadamente de Alexandre Almeida, Augusto Brázio, Céu Guarda, Guillaume Pazat, Jordi Burch, Nelson d’Aires, Pauliana Valente Pimentel e Valter Vinagre.

48. “[A Virgem da Sopa de Leite de Gérard David](#)” | 29 Mai 2014 – 07 Set 2014

Quinta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *A Virgem da Sopa de Leite* (ca. 1515), da autoria do artista flamengo Gérard David (ca. 1455 – 1523), proveniente do Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique. Ao seu lado, expôs-se também a pintura *Repouso na Fuga para o Egito* (ca. 1515 – 1525), do mesmo autor, pertencente ao acervo do MNAA.

49. “[Desenhos Maneiristas Lombardos](#)” | 24 Jun 2014 – 12 Out 2014

Desenhos lombardos do Maneirismo, pertencentes à coleção do MNAA.

50. “[Ampliação do MNAA](#)” | 26 Jun 2014 – 28 Set 2014

Tentando alcançar soluções para a falta de espaço do MNAA, alunos do 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do Instituto Superior Técnico apresentaram 22 propostas nesse contexto.

*[Estes] trabalhos resultam de uma parceria entre esta instituição de ensino superior e a autarquia [...]. A cada novo ano lectivo, os alunos são desafiados a abordarem problemas urbanos e arquitectónicos da cidade cuja resolução represente um impasse. No caso dos projectos para a ampliação do MNAA, o processo envolveu um progma de funções para o museu elaborado em conjunto entre autarquia, professores, alunos e instituição. (Milheiro, 2014)*

51. “[São Tiago Maior de José de Ribera](#)” | 16 Set 2014 – 11 Jan 2015

Sexta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *São Tiago Maior* (ca. 1634), da autoria do artista espanhol José (Jusepe) de Ribera (1591 – 1652), proveniente do Museo de Bellas Artes de Sevilla.

52. “[Splendor et Gloria](#)” | 24 Set 2014 – 11 Jan 2015

Décima quinta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

A mostra procurou ilustrar “o esplendor artístico da corte de Lisboa no século XVIII” (MNAA, s.d.) reunindo, pela primeira vez, a *Custódia da Bemposta*, a Custódia da Sé Patriarcal de Lisboa, o *Resplendor do Senhor Jesus dos Passos*, o *Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres* e o *Hábito Grande das Três Ordens Militares*. Esta apresentação veio “consolidar os avanços da [...] historiografia” abordada na exposição “A Encomenda Prodígiosa”, de 2013 (Pimentel, 2019: 77).

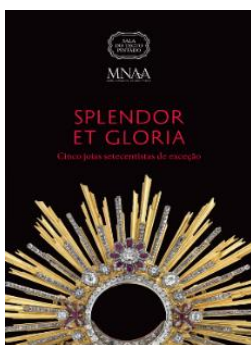


Figura 114 – Catálogo “*Splendor et Gloria*” | Fonte: [MNAA](#)

53. “[Il Celebre Pittore](#)” | 04 Nov 2014 – 08 Mar 2015

Desenhos do artista português Francisco Vieira, mais conhecido como Vieira Portuense (1765 – 1805), inseridos na sua viagem a Itália, quando prestou serviços à corte ducal de Parma, entre 1794 e 1796. Esta mostra integra-se no âmbito da exposição “FMR. A Coleção Franco Maria Ricci”.

54. “[FMR](#)” | 28 Nov 2014 – 12 Abr 2015

Primeira mostra internacional de uma seleção de pinturas e esculturas dos séculos XVI – XX, pertencentes à coleção do editor italiano Franco Maria Ricci (1937 – 2020). Este projeto resultou de uma parceria entre o MNAA e a empresa UAU.



Figura 115 – Catálogo “FMR” | Fonte: [MNAA](#)

55. “[Baco, Vénus e Cupido de Rosso Fiorentino](#)” | 22 Jan 2015 – 18 Mai 2015

Sétima edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Baco, Vénus e Cupido* (ca. 1535 – 1539), da autoria do artista italiano Rosso Fiorentino (1494 – 1541), proveniente do Musée National d’Histoire et d’Art de Luxemburgo.

56. “[Azul Sobre Ouro](#)” | 27 Fev 2015 – 31 Mai 2015

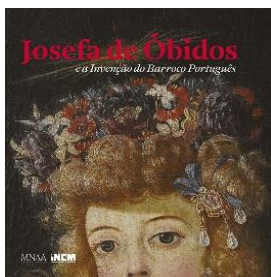
Em parceria com a Embaixada de França em Portugal, o MNAA apresentou cerca de 60 pratos de porcelana chinesa provenientes da *Sala das Porcelanas* do Palácio de Santos (sede da referida Embaixada), onde decorriam trabalhos de conservação e restauro na altura.

57. “[O Belo Vermelho](#)” | 17 Mar 2015 – 28 Jun 2015

Desenhos europeus dos séculos XVI – XVIII, pertencentes à coleção do MNAA, que têm em comum a utilização da sanguínea.

58. “[Josefa de Óbidos](#)” | 15 Mai 2015 – 06 Set 2015

Mostra sobre o Barroco português após a Restauração da Independência, com alicerce no género pitoresco da artista espanhola Josefa de Ayala Figueira, mais conhecida como Josefa d'Óbidos (1630 – 1684), composta por mais de 130 peças.



**Figura 116** – *Catálogo “Josefa de Óbidos”* | Fonte: [MNAA](#)

**59.** “[Catálogo](#)” | 16 Mai 2015 – 20 Set 2015

Quarta edição do projeto “MNAA\_OLHARES CONTEMPORÂNEOS, Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga”.

Esta exposição teve como temática sugerida o conceito de “catálogo”, de modo a apresentar o Museu, “as obras expostas, os seus espaços; e como se insere o edifício na cidade” (Fundação EDP, 2015). Estão incluídas obras dos artistas Fernando Guerra, João Carmo Simões, Nuno Cera, Paulo Catrica e Pedro Tropa + Teresa Santos.

**60.** “[Adão e Eva de Jan Gossaert](#)” | 02 Jun 2015 – 06 Set 2015

Oitava edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Adão e Eva* (ca. 1510), da autoria do artista francês Jan Gossaert (ca. 1478 – 1536), proveniente do Museo Thyssen-Bornemisza, em Madrid.

**61.** “[Aqua](#)” | 18 Jun 2015 – 04 Out 2015

Décima sexta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Exposição focada em peças de faiança relacionadas com o uso da água, datadas entre os séculos XVII e XIX, pertencentes à coleção do MNAA.

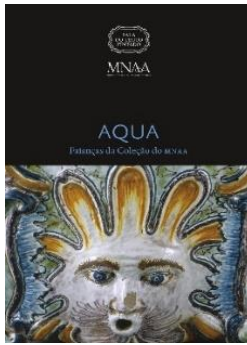


Figura 117 – Catálogo “Aqua” | Fonte: [MNAA](#)

62. “[Luca Cambiaso](#)” | 07 Jul 2015 – 18 Out 2015

Exposição dedicada ao desenhador italiano Luca Cambiaso (1527 – 1585).

63. “[A Sagrada Família com Santa Ana de El Greco](#)” | 14 Set 2015 – 10 Jan 2016

Nona edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *A Sagrada Família com Santa Ana* (ca. 1590 – 1595), da autoria do artista grego Doménikos Theotokópoulos, mais conhecido como El Greco (1541 – 1614), proveniente da Paróquia de Santa Leocádia e São Romão de Toledo. Esta exposição inaugurou a quarta edição do festival bienal “Mostra Espanha”, ocorrida entre setembro e dezembro do ano de 2015.

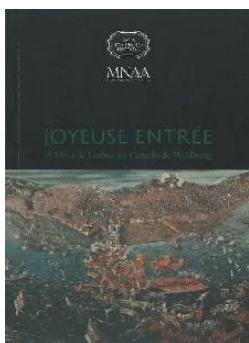
64. “[ComingOut](#)” | 29 Set 2015 – 01 Jan 2016

“Numa parceria com a Câmara Municipal de Lisboa e a HP Portugal, o Museu Nacional de Arte Antiga expõe 31 obras-primas da sua coleção, reproduzidas com altíssima qualidade, nas zonas do Chiado, Bairro Alto e Príncipe Real” (MNAA, s.d.).

65. “[Joyeuse Entrée](#)” | 15 Out 2015 – 14 Fev 2016

Décima sétima exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Exposição em torno da narrativa de uma pintura de vista panorâmica, de autor desconhecido, que se trataria de um “projeto para aquela que terá sido uma das maiores celebrações do género na Europa do início do século XVII: a entrada triunfal de Filipe II em Lisboa, em 1619. É a primeira vez que a obra é mostrada em Portugal” (MNAA, s.d.).



**Figura 118** – Catálogo “Joyeuse Entrée” | Fonte: [MNAA](#)

**66.** “[Vamos Pôr o Sequeira no Lugar Certo](#)” | 27 Out 2015 – 30 Abr 2015

Campanha mecénica para a angariação de fundos destinados à compra da pintura *A Adoração dos Magos* (1828), da autoria do artista Domingos Sequeira. Foram angariados 745.623,40€, e a obra já se encontra integrada no acervo do MNAA.

**67.** “[Do Japão](#)” | 03 Nov 2015 – 14 Fev 2016

Exposição integrante de objetos nipónicos pertencentes à coleção do MNAA, como estampas japonesas, desenhos de Hokusai, acessórios de traje (*obi*, *inro* e *netsuke*), entre outros.

**68.** “[Colección Masaveu](#)” | 20 Nov 2015 – 10 Abr 2016

Este projeto concebido especificamente para o MNAA, traz a Portugal 60 obras fundamentais da história da pintura espanhola dos séculos XV – XX, com propriedade da coleção da Fundación María Cristina Masaveu Peterson.



Figura 119 – Catálogo “Colección Masaveu” | Fonte: [MNAA](#)

69. “[A Via di Ripetta em Roma de Bernardo Bellotto](#)” | 16 Fev 2016 – 05 Jun 2016

Décima edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *A Via di Ripetta em Roma* (1742 – 1744), da autoria do artista italiano Bernardo Bellotto (1722 – 1780), proveniente do Museu Kunstpalast, em Düsseldorf.

70. “[O Retrato Europeu](#)” | 23 Fev 2016 – 12 Jun 2016

Desenhos europeus elaborados entre os anos 1750 e 1850, pertencentes à coleção do MNAA, em torno do género do Retrato.

71. “[O Tesouro da Rainha Santa](#)” | 03 Mar 2016 – 19 Jun 2016

Décima oitava exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Esta mostra procurou analisar e apresentar o conjunto de peças de ourivesaria *Tesouro da Rainha*, associadas à Rainha Santa, Isabel de Aragão (1271 – 1336). Estiveram também expostas duas pinturas – uma da oficina do artista flamengo Quentin Metsys (1466 – 1530) e outra do artista espanhol Francisco de Zurbarán (1598 – 1664), – que “ilustram o processo de beatificação (1516) e de canonização (1625) da mítica rainha do Milagre das Rosas”, respetivamente (MNAA, s.d.).



Figura 120 – Catálogo “O Tesouro da Rainha Santa” | Fonte: [MNAA](#)

72. “[Autorretrato de Albrecht Dürer](#)” | 18 Mai 2016 – 18 Set 2016

Décima primeira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Autorretrato* (1498), da autoria do artista alemão Albrecht Dürer (1471 – 1528), proveniente do Museu do Prado, em Madrid.

73. “[Obras em Reserva](#)” | 18 Mai 2016 – 23 Out 2016

Seleção e exposição de obras que se encontram alojadas na reserva do Museu e que, “apenas pelos constrangimentos físicos do edifício [...], não fazem parte da sua exposição permanente” (MNAA, s.d.).

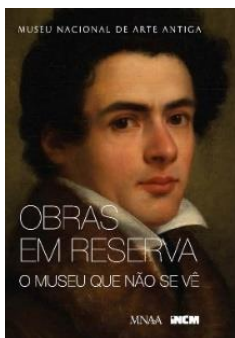


Figura 121 – Catálogo “Obras em Reserva” | Fonte: [MNAA](#)

74. “[Vertumno e Pomona de Jacob Jordaens](#)” | 22 Jun 2016 – 27 Nov 2016



Décima segunda edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Vertumno e Pomona* (1638), da autoria do artista brabantino Jacob Jordaens (1593 – 1678), proveniente do Museu do Caramulo.

75. “[Giuseppe Cades \(1750 – 1799\)](#)” | 30 Jun 2016 – 09 Out 2016

Exposição dedicada aos trabalhos do desenhador italiano Giuseppe Cades (1750 – 1799), que pertencem ao acervo do MNAA.

76. “[Estêvão Gonçalves Neto](#)” | 07 Jul 2016 – 23 Out 2016

Décima nona exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Expõem-se iluminuras do artista português Estêvão Gonçalves Neto (at. 1604 – † 1627), pouco conhecidas e inéditas, que demonstram a sua importância e repercussão na produção desta arte no panorama nacional.



Figura 122 – Catálogo “Estêvão Gonçalves Neto” | Fonte: [MNAA](#)

77. “[Desenhos de Jacopo Palma, o Jovem](#)” | 18 Out 2016 – 05 Mar 2017

Exposição dedicada aos desenhos do artista italiano Jacopo Negretti, mais conhecido como Jacopo Palma, o Jovem (ca. 1548/50 – 1628).

78. “[Somos Todos Mecenas](#)” | 29 Nov 2016 – 30 Mai 2017

“SOMOS TODOS MECENAS” foi a primeira das subsequentes experiências de campanhas de subscrição pública denominadas “TODOS SOMOS MECENAS”, que pretendem angariar fundos para o restauro ou integração de uma determinada obra que se considere meritória e importante para o espólio da instituição.

Esta ação mecenática concreta pretendeu obter 10.000€ para a compra da obra *Retrato de D. Frei José Maria da Fonseca Évora* (ca. 1730), da autoria da pintora italiana Maria Felice Tibaldi (1707 – 1770).

**79.** “[Retrato de D. Francisco de Moura Corte Real, 3.º Marquês de Castelo Rodrigo de François Duchatel](#)” / 02 Dez 2016 – 19 Mar 2017

Décima terceira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Retrato de D. Francisco de Moura Corte Real, 3.º Marquês de Castelo Rodrigo* (ca. 1664), de autoria atribuída ao artista francês François Duchatel (1616 / 1625 – 1679 / 1694), proveniente do Museu Quinta das Cruzes, no Funchal.

**80.** “[Domingos Sequeira](#)” | 03 Dez 2016 – 12 Mar 2017

Vigésima exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Mostra dedicada ao artista Domingos Sequeira, desencadeada em torno de duas pinturas e dos respetivos estudos e esboços. Encomendadas pela Casa Real, as obras em exibição tratavam episódios medievais ligados à gesta dos primeiros reis de Portugal, e destinavam-se aos Palácios de Mafra e da Ajuda. Esta temática é comum a outras pinturas de sua autoria, que se mantêm ainda por localizar, por terem sido levadas para o Brasil em 1807, no contexto da fuga da família real às invasões francesas.

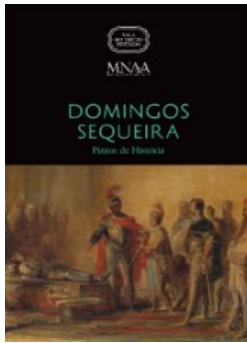


Figura 123 – Catálogo “Domingos Sequeira” | Fonte: [MNAA](#)

81. “[A Cidade Global](#)” | 24 Fev 2017 – 29 Abr 2017

Esta exposição procurou evocar a cidade de Lisboa do século XVI como a cidade mais global e comercial da Europa do Renascimento, baseando-se numa pintura que retrata a antiga Rua Nova dos Mercadores, que se viu destruída pelo Terramoto de 1755.

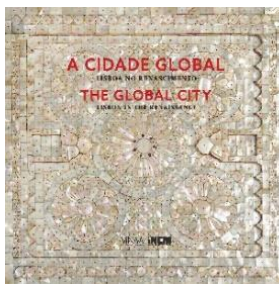


Figura 124 – Catálogo “A Cidade Global” | Fonte: [MNAA](#)

82. “[Um Gosto Pela Alegoria](#)” | 14 Mar 2017 – 18 Jun 2017

Desenhos europeus dos séculos XVI – XVIII, em torno do tema da alegoria.

83. “[PINBALL BOSCH. Venha Jogar com Deus e com o Demónio](#)” |

17 Mar 2017 – 30 Abr 2017

Esta instalação, concebida pelo artista argentino Rodrigo García (n. 1964), convidou o visitante a desfrutar da obra *As Tentações de Santo Antão* a partir de uma perspetiva contemporânea. Traduzindo a obra “nos códigos visuais e sonoros de [...] [uma]

máquina de *flippers* das épocas *disco* e *pop*, [...] [o artista oferece] aos visitantes uma experiência inédita do quadro e [...] [permite] entrar no mundo demoníaco e alucinado que rodeava o pintor naquele tempo” (MNAA, s.d.).

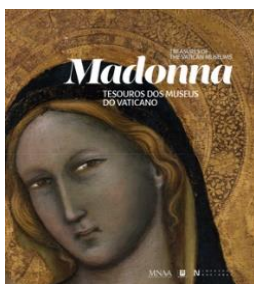
Esta exposição é uma das propostas da *Biennial of Contemporary Arts* (BoCA) de 2017 que, ao longo de dois meses, apresentou mais de 30 obras nas cidades de Lisboa e Porto.

**84.** “[O Canal Grande a partir do Campo San Vio de Giovanni Antonio Canal il Canaletto](#)” | 22 Mar 2017 – 02 Jul 2017

Décima quarta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *O Canal Grande a partir do Campo San Vio* (1723), da autoria do artista italiano Giovanni Antonio Canal, dito il Canaletto (1697 – 1768), proveniente do Villa Vauban – Museu de Arte da Vila, de Luxemburgo.

**85.** “[Madonna](#)” | 19 Mai 2017 – 10 Set 2017

Exposição inteiramente dedicada à iconografia da Virgem Maria, com a participação de obras pertencentes às coleções dos Museus do Vaticano – nomeadamente da sua Pinacoteca –, da Biblioteca Apostolica Vaticana, da Galleria Borghese, da Galleria Corsini e de outras instituições portuguesas, públicas e privadas.



**Figura 125** – Catálogo “*Madonna*” | Fonte: [MNAA](#)

**86.** “[O Jardim das Tentações](#)” | 26 Mai 2017 – 01 Out 2017

*A coleção de cerâmica do Museu Nacional de Arte Antiga foi a inspiração principal para as esculturas agora expostas no jardim: uma amálgama de forma, desenho, sentimento, cor, animais, sem esquecer a influência enorme e incontornável do quadro de Bosch com os seus seres imaginários. Nesta exposição – que obrigou a artista a passar grandes temporadas em Lisboa, cidade onde cresceu e da qual sente uma enorme saudade sempre que se separa dela –, Bela Silva [n. 1966] quis voltar à ideia de cor, tanto às cores características de Lisboa como às que atravessam as cerâmicas lúdicas portuguesas, repletas de figuras animais, que povoavam as mesas no século XIX (MNAA, s.d.)*

**87. “[La Lechuga](#)” | 20 Jun 2017 – 03 Set 2017**

*A Custódia da Igreja de Santo Inácio de Bogotá [ou La Lechuga] (Colômbia) é um tesouro da arte barroca mundial. Encomendada em 1700, pelos jesuítas do então Novo Reino de Granada, a um ourives local de origem espanhola, José de Galaz, demorou sete anos a ser concluída. [...] Em 1985, o Banco de La República de Colombia comprou a custódia à Companhia de Jesus. Encontrase, desde então, exposta no museu desta instituição bancária, em Bogotá. Saiu do país pela primeira e única vez para ser exposta no Museo del Prado, em 2015, coincidindo com a visita a Espanha do Chefe de Estado colombiano. É também a propósito da visita a Portugal do Presidente da República da Colômbia, Juan Manuel Santos, que o MNAA expõe esta peça única. (Direção-Geral do Património Cultural, 2023)*

**88. “[Desenhar Para Gravar](#)” | 27 Jun 2017 – 15 Out 2017**

Desenhos europeus e portugueses dos séculos XVI – XIX, concebidos para posteriores gravuras.

**89. “[Retrato de Monsieur e Madame Thomas Germain de Nicolas de Largilliere](#)” | 06 Jul 2017 – 24 Set 2017**

Décima quinta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Retrato de Monsieur e Madame Thomas Germain* (1736), da autoria do artista francês Nicolas de Largillierre (1656 – 1746), com propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian.

**90. “[Costa do Marfim](#)” | 13 Set 2017 – 22 Out 2017**

“Por ocasião da visita de Estado a Portugal de Alassane Dramane Ouattara, chefe do Estado da República da Costa do Marfim, o MNAA tem o privilégio de acolher um conjunto de obras relevantes do património do país. Nelas se expressa, numa plasticidade de grande força interpelativa, a riqueza cultural dos povos da Costa do Marfim” (MNAA, s.d.).

**91. “[Sibila de Diego Velázquez](#)” | 28 Set 2017 – 14 Jan 2018**

Décima sexta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Sibila* (ca. 1632), da autoria do artista espanhol Diego Velázquez (1599 – 1660), proveniente do Museu do Prado, em Madrid.

Esta exposição inaugurou a quinta edição do festival bienal “Mostra Espanha”, ocorrida entre setembro de 2017 e fevereiro de 2018.

**92. “[MNAAmoreiras](#)” | 04 Out 2017 – 05 Nov 2017**

Em semelhança ao projeto “A Arte Chegou ao Colombo” (2012), esta também foi uma iniciativa de divulgação do MNAA, onde o Museu se aleou ao Amoreiras Shopping Center, em Lisboa, utilizando-o como plataforma de exposição de 31 réplicas de obras-primas de pintura, pertencentes ao espólio da instituição cultural.

**93. “[Rembrandt. Elos Perdidos](#)” | 12 Out 2017 – 07 Jan 2018**

*Organizada por ocasião da visita de Estado a Portugal de Suas Majestades o Rei e a Rainha dos Países Baixos, esta exposição foi concebida como um díptico. De um lado, assinalando a colaboração do Rijksmuseum, é exposta uma*

*paisagem de um dos mais célebres artistas holandeses, Rembrandt van Rijn (1606 – 1669) [...]. Do outro, surge um conjunto de obras provenientes das prestigiosas Coleções Reais [holandesas], onde se entrecruza a relação com Portugal. [...] Das coleções do Museu Nacional de Arte Antiga a mostra conta com um invulgar desenho de Rembrandt, cujo tema é também a paisagem, e com um retrato de Dona Leonor, do mesmo Joos van Cleve, dialogando com as obras vindas da Holanda. (MNAA, s.d.)*

94. “[Anjos. Entre o Céu e a Terra](#)” | 24 Out 2017 – 11 Fev 2018

Desenhos europeus dos séculos XVI – XVIII, pertencentes ao acervo do MNAA, em torno da representação de anjos.

95. “[As Ilhas do Ouro Branco](#)” | 16 Nov 2017 – 31 Mar 2018

Esta exposição foi constituída por 86 obras e deu início às Comemorações dos 600 Anos do Descobrimento da Madeira e Porto Santo.

*Ao longo de uma narrativa que parte do espanto dos primeiros navegadores perante o novo território e prossegue com a evocação do esforço do povoamento e da implantação de estruturas económicas e administrativas no arquipélago [da Madeira], esta exposição dá a conhecer as elites comitentes locais através das suas encomendas – obras de pintura, escultura ou ourivesaria – provenientes da Flandres, do continente e até do Oriente. Numa última sala, expõem-se as mais destacadas obras-primas encomendadas, sintetizando [...] a riqueza do património madeirense dos séculos XV e XVI, resultante do esplendor cultural proporcionado pelo ciclo económico do “ouro branco”<sup>80</sup>. (MNAA, s.d.)*

---

<sup>80</sup> Açúcar.



Figura 126 – Catálogo “As Ilhas do Ouro Branco” | Fonte: [MNAA](#)

96. “[Venham Todos Ver o Meu Palácio](#)” | 23 Nov 2017 – 31 Mar 2018

Quinta edição do projeto “Olhares Contemporâneos. Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga”. Esta edição envolveu a publicação e lançamento do catálogo *Venham Todos Ver o Meu Palácio*, que abrangeu todas as edições desta colaboração expositiva.

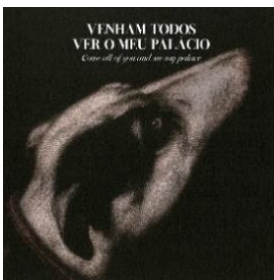


Figura 127 – Catálogo “Venham Todos Ver o Meu Palácio” | Fonte: [MNAA](#)

97. “[Anatomia de uma Pintura](#)” | 18 Jan 2018 – 13 Mai 2018

Vigésima primeira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Mostra dedicada à pintura *O Terramoto de 1755* (ca. 1756 – 1792), da autoria do artista português João Glama (ca. 1708 – 1792), acentuando questões levantadas pela intervenção de restauro a que foi submetida.



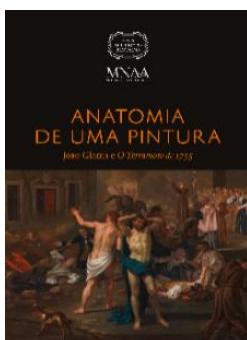


Figura 128 – Catálogo “Anatomia de uma Pintura” | Fonte: [MNAA](#)

98. “[Aparição de um Anjo às Santas Clara e Inês de Assis e Coleta de Corbie de Quentin Metsys](#)” | 25 Jan 2018 – 13 Mai 2018

Décima sétima edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Aparição de um Anjo às Santas Clara e Inês de Assis e Coleta de Corbie* (início do século XVI), atribuída a Quentin Metsys, proveniente do Convento de Jesus, em Setúbal.

99. “[No Reino dos Animais](#)” | 20 Fev 2018 – 17 Jun 2018

Desenhos europeus e portugueses dos séculos XVI – XIX, pertencentes ao acervo do MNAA, em torno da representação animal.

100. “[Todos Somos Mecenas](#)” | 05 Abr 2018 – 25 Out 2018

Como referido anteriormente, as exposições denominadas “TODOS SOMOS MECENAS” são campanhas de subscrição pública organizadas pelo Museu Nacional de Arte Antiga, que visam angariar fundos de modo a restaurar e/ou integrar uma determinada obra que se considere valiosa ou benéfica para o acervo do museu.

A segunda experiência desta iniciativa requisitou 40.000€ para o restauro da obra *Presépio dos Marqueses de Belas* (ca. 1796 – 1807), da autoria do escultor português Joaquim José de Barros, dito Barros Laborão (1762 – 1820). Com o contributo dos visitantes, foi possível armazenar 40.165,39€.

**101.** “[Retrato de Anne Catherine Le Preudhomme, Condessa de Verdun de Élisabeth Louise Vigée le Brun](#)” | 18 Mai 2018 – 16 Set 2018

Décima oitava edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Retrato de Anne Catherine Le Preudhomme, Condessa de Verdun* (1782), da autoria da artista francesa Élisabeth Louise Le Brun (1755 – 1842), com propriedade do NOVO BANCO.

**102.** “[Explícita](#)” | 19 Mai 2018 – 28 Out 2018

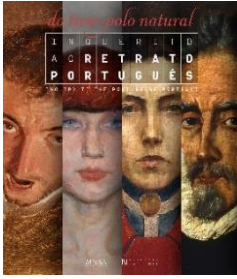
“Reunindo 70 peças das suas reservas – figurando nus, masculinos e femininos, ou mesmo cenas de sexo – [...], o MNAA pretende [...] fomentar o debate em torno de uma questão inesperadamente tão contemporânea: pode a arte ser proibida?” (MNAA, s.d.).



**Figura 129** – Catálogo “Explícita” | Fonte: [MNAA](#)

**103.** “[do tirar polo natural](#)” | 24 Jun 2018 – 14 Out 2018

Exposição dedicada ao retrato português, albergando cerca de 150 obras provenientes de instituições e colecionadores nacionais e internacionais, datadas entre a Idade Média e o século XXI. A mostra é homónima da obra escrita pelo artista português Francisco de Holanda (1517 – 1585), em jeito de homenagem.



**Figura 130** – Catálogo “do tirar polo natural” | Fonte: [MNAA](#)

**104.** “[Cenas do Quotidiano](#)” | 03 Jul 2018 – 14 Out 2018

Desenhos europeus dos séculos XVIII – XIX, em torno de cenas inspiradas na vida quotidiana.

**105.** “[A Rendição do Eleitor da Saxónia perante Carlos V de Luca Giordano](#)” | 20 Set 2018 – 20 Jan 2019

Décima nona edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *A Rendição do Eleitor da Saxónia perante Carlos V* (ca. 1700), da autoria do artista italiano Luca Giordano, com propriedade da Residência do Embaixador de Espanha.

**106.** “[Mitologia e História](#)” | 23 Out 2018 – 17 Fev 2019

Desenhos de Domingos Sequeira, em torno do tema da História, Literatura e Mitologia clássicas.

**107.** “[Vamos Dar Vida à Sala Patiño](#)” | 30 Out 2018 – 31 Dez 2020

Iniciativa mecenática para a angariação de fundos destinados ao restauro e conservação da Sala Patiño e dos objetos nela inseridos, provenientes da doação feita ao MNAA pelo diplomata boliviano Antenor Patiño (1896 – 1982).

**108.** “[«O Pai dos Cristos»](#)” | 08 Nov 2018 – 03 Mar 2019

Vigésima segunda exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Esta mostra dedica-se ao trabalho do artista português Manuel Dias (1688 – 1755) e aos “trabalhos de conservação e restauro levados a cabo na *Virgem com o Menino e São João Batista*” (MNAA, s.d.), de sua autoria.

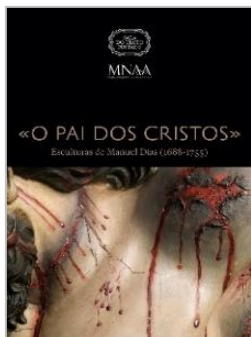


Figura 131 – Catálogo “«O Pai dos Cristos»” | Fonte: [MNAA](#)

109. “[Terra Adentro](#)” | 07 Dez 2018 – 31 Mar 2019

Esta exposição resultou de uma parceria com o *Museo Sorolla*, de Madrid, e teve o intuito de reunir 118 pinturas da autoria do artista espanhol Joaquín Sorolla y Bastida (1863 –1923), pertencentes ao acervo do Museu referido e de outras coleções particulares do país vizinho.

“Trata-se de uma versão aumentada e enriquecida da exposição de 2016, SOROLLA TIERRA ADENTRO, que, em Madrid, mostrou como Sorolla deu a conhecer novas versões das diversas paisagens espanholas, dotando-as de um novo sentido e significado” (MNAA, s.d.).

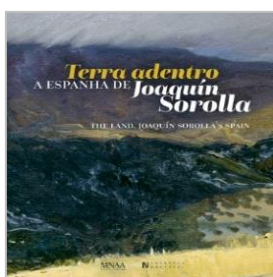


Figura 132 – Catálogo “Terra Adentro” | Fonte: [MNAA](#)

**110.** “[Todos Somos Mecenias](#)” | 01 Dez 2018 – 31 Dez 2020

Terceira ação mecenática dentro da iniciativa “TODOS SOMOS MECENAS”, que pretendeu angariar fundos para o restauro da “Capela das Albertas”, sendo este o “nome popular dado à antiga Igreja do Convento de Santo Alberto, primeira casa da Ordem das Carmelitas Descalças em Portugal, fundada em 1585” (MNAA, s.d.).

O programa de intervenção teve início “entre janeiro e março de 2018 quando, ainda inacessível, se apreendeu o restauro dos revestimentos azulejares da nave da igreja, [...] [prossequindo] com a escultura dos altares principal e colaterais, e a reabilitação global da pequena sacristia” (MNAA, 2018).

O espaço foi encerrado temporariamente em 2007, em consequência do seu estado de degradação – que via elementos como a talha dourada, os azulejos, a pintura e os grupos escultóricos e ornamentais afetados –, e foi reaberto ao público após ser alvo das intervenções que foram possíveis realizar. Hoje em dia encontra-se apta a receber exposições.

**111.** “[Maria Madalena Penitente de Ticiano](#)” | 05 Fev 2019 – 30 Abr 2019

Vigésima edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Maria Madalena Penitente* (ca. 1560), da autoria do artista italiano Ticiano Vecellio (ca. 1488 – 1576), proveniente do Museu Hermitage, em São Petersburgo.

**112.** “[Sobre as Águas](#)” | 26 Fev 2019 – 26 Mai 2019

Desenhos europeus e portugueses dos séculos XVII – XIX pertencentes à coleção do MNAA, em torno do tema das embarcações.

**113.** “[BoCA](#)” | 15 Mar 2019 – 28 Abr 2019

Esta exposição temporária teve lugar na Sala do Tecto Pintado e na Capela das Albertas, ambas localizadas no piso 1 do MNAA.

Na primeira sala, em ocasião da *Biennial of Contemporary Arts* (BoCA), foi exibida a vídeo-instalação “Alignigung 2” (2016), da autoria do coreógrafo americano William Forsythe (n. 1949). Esta obra pôde ser vista no MNAA (Lisboa), no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto) e no Museu D. Diogo de Sousa (Braga) – nas três cidades oficiais da edição BoCA 2019.

Na Capela das Albertas, exibiu-se a vídeo-instalação da coreógrafa americana Meg Stuart (n. 1965). Esta obra foi “inicialmente concebida para uma sala ampla e neutra da Manifesta7 em 2008” (MNAA, s.d.), mas foi adaptada ao espaço da Capela, que albergou esta exposição de forma temporária e exclusiva, por requerer as intervenções de restauro que foram anunciadas anteriormente na ação mecenática “TODOS SOMOS MECENAS”.

**114.** “[São Jerónimo de Albrecht Dürer](#)” | 09 Mai 2019 – 11 Ago 2019

Vigésima primeira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição de quatro desenhos preparatórios para a pintura *São Jerónimo* (1521), de Albrecht Dürer.

**115.** “[Quatro Painéis do Retábulo de Santa Luzia de Mestre de Riglos](#)” |

15 Mai 2019 – 08 Set 2019

Vigésima segunda edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição dos *Quatro Painéis do Retábulo de Santa Luzia* (ca. 1450), da autoria do pintor desconhecido de Aragão, Mestre de Riglos, com propriedade da Embaixada de Portugal em Espanha.

**116.** “[Cyrillo e as «Metamorfozes», de Ovídio](#)” | 31 Mai 2019 – 29 Set 2019

Conjunto de vinte desenhos pertencentes à coleção do MNAA, da autoria de Cyrillo Volkmar Machado, que ilustram as primeiras dezoito fábulas das *Metamorfozes* de Ovídio (n. 43 a.C.).

**117.** “[Museu das Descobertas](#)” | 31 Mai 2019 – 29 Set 2019

Esta exposição prometeu envolver ainda mais o público nos processos laborais museológicos, apresentando a perspectiva subentendida dos profissionais:

*O efeito transfigurador que o museu tem sobre o visitante é consequência de um mundo insuspeito de saberes, aplicados no contínuo trabalho de preservar, estudar e comunicar dissipando engano e dúvida. O museu existe para proporcionar uma experiência pessoal a quem o visita, fruto daquela que desenvolvem os que nele trabalham, dia após dia” (MNAA, s.d.).*



**Figuras 133 e 134** – Catálogo e Folheto da Exposição “Museu das Descobertas” | Fonte: [MNAA](#)

## Apêndice H

*Exposições Temporárias na Direção de Joaquim Oliveira Caetano (2019 – 2023)*

1. “[Uma Nova Obra-prima de Josefa d’Óbidos](#)” | 06 Set 2019 – 06 Out 2019

Exposição da pintura *A leitura da sina do Menino Jesus* (1667), da autoria da artista Josefa d’Óbidos, pertencente à Coleção Jaime Eguiguren Art & Antiques.

2. “[Frei Pedro Machado de Francisco de Zurbarán](#)” | 19 Set 2019 – 12 Jan 2020

Vigésima terceira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Frei Pedro Machado* (ca. 1628), da autoria de Francisco de Zurbarán, proveniente da Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, em Madrid. Esta exposição enquadra-se na sexta edição do festival bienal “Mostra Espanha”, ocorrida entre junho e dezembro do ano de 2019.

3. “[Arcádia](#)” | 08 Out 2019 – 26 Jan 2020

Desenhos de animais de pasto e temas bucólicos, dos séculos XVI – XIX.

4. “[José-María Cano | Francisco de Zurbarán](#)” | 21 Nov 2019 – 12 Jan 2020

Exposição de encáusticas contemporâneas do artista espanhol José-Maria Cano (n. 1959), que se baseiam na série de retratos dos doze apóstolos (1633), de Francisco Zurbarán.

5. “[Luxo Asiático](#)” | 27 Nov 2019 – 02 Fev 2020

Vigésima terceira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Exposição de porcelana Ming dos séculos XVI e XVII na cerâmica portuguesa (1559 – 1687) e de outros elementos de gosto orientalizante na Europa, que reflete “o papel de Lisboa como recetor de bens do Oriente, quando a cidade se tornou um importante centro produtor de faiança” (MNAA, s.d.).

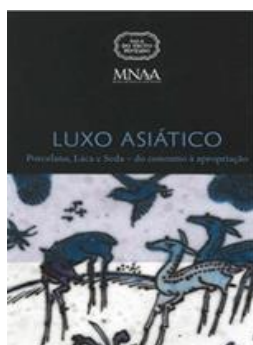


Figura 135 – Catálogo “Luxo Asiático”

6. “[Alvaro Pirez d’Évora](#)” | 29 Nov 2019 – 15 Mar 2020

Exposição sobre o artista Alvaro Pirez d’Évora (at. 1410 – 1434), o mais antigo pintor português documentado na região da Toscana, Itália.





Figura 136 – Desdobrável da exposição “Alvaro Pirez d’Évora” | Fonte: © [MNAA](#)

7. “[\(Im\)Permanência Manuel Botelho](#)” | 05 Dez 2019 – 22 Mar 2020

*A (Im)Permanência do Gesto tem como ponto de partida a conferência proferida por Manuel Botelho [n. 1950] no congresso internacional sobre escultura tumular que decorreu no Museu Nacional de Arte Antiga, em novembro de 2017. Através de um diálogo entre texto e imagens, o autor aborda um projeto fotográfico de sua autoria, tornando obras escultóricas de um passado distante em mote para uma reflexão sobre algumas perplexidades da vivência contemporânea. (MNAA, s.d.)*

8. “[Calendário de Peeter Balten](#)” | 30 Jan 2020 – 28 Jun 2020

Vigésima quarta da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da série de pinturas *Calendário* (ca. 1580), da autoria do artista flamengo Peeter Baltens (1540 – 1584), proveniente da Sé de Miranda do Douro.

9. “[Guerreiros e Batalhas](#)” | 04 Fev 2020 – 19 Jul 2020

Desenhos da coleção do MNAA, em torno do tema da guerra.

10. “[A linha que fecha também abre](#)” | 18 Mai 2020 – 26 Jul 2020

Vigésima terceira exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Exibição de desenhos renascentistas da autoria de Antonio Allegri (ca. 1489 – 1534), Baccio Bandinelli (1488 – 1560), Francisco Venegas (ca. 1525 – 1594), Luca Cambiaso

(1527 – 1528) e Pontormo (1494 – 1557), intercalados com desenhos do artista contemporâneo português Julião Sarmento (1948 – 2021).



**Figura 137** – Catálogo “A linha que fecha também abre” | Fonte: [MNAA](#)

**11.** “[Domingos António de Sequeira](#)” | 18 Mai 2020 – 16 Ago 2020

Exposição de um estudo para a pintura *A Morte de Camões* ou *Os Últimos Momentos de Camões* (1824), de Domingos Sequeira.

**12.** “[Estudo, Conservação e Restauro dos ‘Painéis de São Vicente’ 2020 / 2024](#)” |  
01 Jun 2020 – 18 Mai 2024

Este foi um projeto de estudo, conservação e restauro dos *Painéis de São Vicente*, que resultou de um protocolo mecenático, assinado entre o MNAA, o GAMNAA, a DGPC e a Fundação Millennium BCP. Durante quatro anos (2020 – 2024), o público pôde assistir ao processo de restauro dos Painéis *in loco*.

Acrescentada à participação dos conservadores-restauradores do Museu, integraram-se:

*dois elementos contratados especificamente para esta intervenção, contando-se ainda com o apoio técnico do Laboratório José de Figueiredo e do Laboratório Hércules da Universidade de Évora. Ainda a reforçar a equipa, há também um grupo de consultores internacionais que inclui conservadores-restauradores e historiadores de arte da Universidade de Ghent (Bélgica), do Instituto Central de Restauro da Bélgica, da National Gallery de Londres (Reino Unido), do Metropolitan Museum of Art (EUA) e do Museo Nacional del Prado (Espanha).*  
(MNAA, s.d.)

13. “[Desenhar Para Ornar](#)” | 28 Jul 2020 – 06 Dez 2020

Exposição de desenhos ornamentais europeus dos séculos XVI – XIX.

14. “[Uma Obra-prima de Vasco Pereira Lusitano](#)” | 29 Jul 2020 – 06 Dez 2020

Exposição da obra *Virgem del Buen Aire* (1603), da autoria do artista português Vasco Pereira Lusitano (ca. 1536 – 1609), proveniente de uma coleção particular, por depósito.

15. “[Uma Doação do GAMNAA](#)” | 21 Ago 2020 – 01 Nov 2020

Exposição de dois *Fragmentos de teto*, doados pelo GAMNAA.

16. “[Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana das Janelas Verdes](#)” |  
29 Set 2020 – 12 Out 2020

Pequena exposição que se dedicou à iniciativa de um “Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana das Janelas Verdes” por parte da Câmara Municipal de Lisboa. Estavam patentes os objetivos deste Plano, e o anúncio do período de discussão pública, que coincidiu com a duração da exposição. A área de intervenção abrangia a zona histórica na frente ribeirinha da freguesia da Estrela, e significaria uma oportunidade de ampliação do MNAA.

A 22 de junho de 2021, a Assembleia Municipal de Lisboa (AML) aprovou esta expansão institucional, tendo em conta todas as declarações prestadas pelo Diretor, Joaquim Caetano, que considerou esta uma “estratégia de conquista relevante de público, de aumento de acessibilidades, e de espaços novos para o acervo e serviços”. Na altura, o arquiteto, Paulo Pais, explicou que o Plano incluía “uma reserva de solo para a expansão do MNAA” que se torna relevante dada a necessidade da gestão da falta de espaço, de modo a “apresentar e reorganizar as coleções, e ter maior capacidade de trabalho, nomeadamente no serviço educativo, e nos ateliês de restauro” (Agência Lusa, 2021c). O Museu seria também expandido para a Avenida 24 de Julho, devido à dificuldade em estacionar veículos junto ao edifício, e para uma maior inclusão da localização no plano de trajetos dos transportes públicos.

17. “[Almada Negreiros e os Painéis de São Vicente](#)” | 15 Out 2020 – 05 Set 2021

Vigésima quarta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Esta mostra resultou de uma intervenção de restauro exercida sobre a obra *Estudo em fio dos painéis de São Vicente* (1950), do artista português Almada Negreiros (1893 – 1970), que foi exposta em conjunto com a obra *Os Quinze Painéis na Capela do Fundador* (1960) e outros dois desenhos, também de sua autoria.

A narrativa desta exposição englobou uma proposta do artista, onde este agregou diversas pinturas do MNAA, imaginando-as num único retábulo. “Baseando-se em pressupostos geométricos, [Almada] definiu o posicionamento das obras, sugerindo que o seu destino original seria a Capela do Fundador, no Mosteiro da Batalha. Esta sua investigação resultou numa produção ímpar, esbatendo fronteiras entre investigação e criação de arte” (MNAA, s.d.).

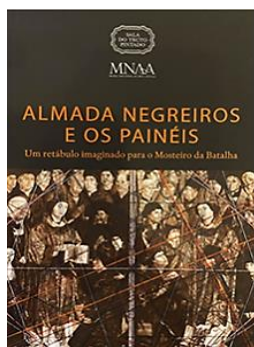


Figura 138 – Catálogo “Almada Negreiros e os Painéis” | Fonte: [MNAA](#)

18. “[Em Memória de Gaëtan Lampo Martins de Oliveira](#)” |

05 Nov 2020 – 25 Abr 2021

Exposição de obras pertencentes à coleção de Gaëtan Lampo Martins de Oliveira (1944 – 2019), que foram “doadas ao MNAA em 2020 por Eduardo Ferreira Massano, em cumprimento da vontade e memória” do artista (MNAA, s.d.).

19. “[Guerreiros & Mártires](#)<sup>81</sup>” | 20 Nov 2020 – 25 Abr 2021

Por ocasião do 800.º aniversário dos atos dos Mártires de Marrocos, esta exposição, explorando a “época crucial da afirmação e estabelecimento de Portugal como nação, [...] irá permitir aos visitantes desvendarem as vivências deste importante período” (MNAA, s.d.). O projeto enquadra-se, ainda, nas Comemorações do Ano Jubilar dos Mártires de Marrocos e de Santo António.



Figura 139 – Catálogo “Guerreiros & Mártires” | Fonte: [Wook](#)

20. “[Windows](#)” | 11 Dez 2020 – 28 Fev 2021

A instalação *Windows*, com curadoria de José Capela, é “constituída por um conjunto de contentores espelhados” (MNAA, s.d.) com dupla função: refletir a paisagem em seu redor e adquirir a forma que as diferentes perspetivas visuais lhes conferem.

Antes de ser exibido no MNAA, este projeto artístico foi a Representação Oficial Portuguesa na 14.ª Quadrienal de Praga *Performance Design and Space* (PQ19).

21. “[A Caça](#)” | 15 Dez 2020 – 27 Jun 2021

Série de gravuras dedicadas à caça, executada pelo artista holandês Philips Galle (1537 – 1612), a partir de desenhos de Jan van der Straet (1523 – 1605).

---

<sup>81</sup> Por iniciativa da Direção-Geral do Património Cultural, esta exposição encontra-se virtualmente acessível ao público em <https://mpembed.com/show/?m=fcsVPMYwbnL>.

22. [“Retrato do Procurador e General do Mar, Daniele IV Dolfín de Giambattista Tiepolo”](#) | 17 Dez 2020 – 29 Abr 2021

Vigésima quinta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Retrato do Procurador e General do Mar, Daniele IV Dolfín* (1755 – 1760), da autoria do artista italiano Giambattista Tiepolo (1696 – 1770), com propriedade da *Fondazione Querini Stampalia*.

23. [“A Infanta D. Maria em Oração à Imagem e às Relíquias de São Vicente”](#) | 04 Mai 2021 – 20 Jun 2021

Exposição da pintura *A Infanta D. Maria em Oração à Imagem e às Relíquias de S. Vicente*, oferecida pelo Embaixador cessante dos Estados Unidos da América em Portugal, George E. Glass, por ocasião do V centenário do nascimento da Infanta Dona Maria (1521 – 1577).

24. [“O Calvário Gótico de Proença-a-Velha e o seu Restauro”](#) | 18 Mai 2021 – 04 Jul 2021

Exposição do *Calvário de Proença-a-Velha*, feita em colaboração com a diocese de Portalegre e Castelo Branco e com o Laboratório José de Figueiredo.

25. [“A Coleção Utópica”](#) | 18 Mai 2021 – 26 Set 2021

No contexto do “encerramento do Museu do Caramulo para a requalificação dos espaços museográficos, foi feita uma seleção das obras de arte mais emblemáticas que se conservam naquele museu, trazendo-as à fruição do público lisboeta” (MNAA, s.d.).

26. [“Domingos António de Sequeira \(1768 – 1837\)”](#) | 22 Jun 2021 – 07 Nov 2021

Segunda exposição de um estudo para a pintura *A Morte de Camões* ou *Os Últimos Momentos de Camões* (1824), de Domingos Sequeira.

27. [“Vi o Reino Renovar”](#) | 25 Jun 2021 – 26 Set 2021

Exposição ocorrida em ocasião dos 500 anos da morte do rei D. Manuel I (1469 – 1521), resultante da colaboração do MNAA com a Biblioteca Nacional de Portugal e os Arquivos Nacionais da Torre do Tombo.

*[...] esta exposição pretende analisar a relação do monarca com a prática artística, uma das mais importantes de toda a história portuguesa, não apenas na intensidade com que promoveu, patrocinou e encomendou obras de arquitetura, iluminura, pintura, escultura ou artes decorativas, mas também pela forma como utilizou a produção artística na sua estratégia de representação e afirmação real (MNAA, s.d.).*



**Figura 140** – Catálogo “Vi o Reino Renovar” | Fonte: [MNAA](#)

**28.** “[Joaquim Carneiro da Silva \(1727 – 1818\)](#)” | 06 Jul 2021 – 31 Out 2021

Desenhos e gravuras do artista português Joaquim Carneiro da Silva (1727 – 1818).

**29.** “[Ecce Homo e Mater Dolorosa de Aelbrecht Bouts](#)” | 27 Jul 2021 – 26 Set 2021

Vigésima sexta edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição de um tríptico composto pelas pinturas *Ecce Homo* (ca. 1500), *Mater Dolorosa* (ca. 1515) e a representação de uma Anunciação (na parte posterior), da autoria do artista flamengo Aelbrecht Bouts (1450 – 1549), proveniente do Suermondt-Ludwig-Museum, em Aachen.

**30.** “[Untitled \(Wave\) Anne Imhof](#)” | 03 Set 2021 – 17 Out 2021

A exposição da vídeo-instalação *Untitled (Wave)* enquadra-se na terceira edição da *Biennial of Contemporary Arts*.

Aqui, durante cerca de 30 minutos, a artista alemã Anne Imhof (n. 1978) retrata uma figura feminina (Eliza Douglas) que, despida da cintura para cima, chicoteia as ondas do mar. Optando pela Capela das Albertas no MNAA, que outrora fora uma habitação para mulheres em reclusão, a artista assume um olhar idolátrico sobre a condição de ser mulher, realçando a indomabilidade da personagem.

**31. “[Infanta Isabel Clara Eugenia com Magdalena Ruiz de Alonso Sánchez Coello](#)”  
| 08 Out 2021 – 02 Jan 2022**

Vigésima sétima edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Infanta Isabel Clara Eugenia com Magdalena Ruiz* (1585 – 1588), da autoria do artista espanhol Alonso Sánchez Coello (1532 – 1588), proveniente do Museu do Prado, em Madrid. Esta exposição inaugurou a sétima edição do festival bienal “Mostra Espanha”, ocorrida entre setembro e dezembro do ano de 2021.

**32. “[Mulher Numa Despensa de Giacomo Legi e Antiveduto Gramatica](#)” |  
21 Out 2021 – 23 Jan 2022**

Este é um projeto conjunto entre o Museu Nacional de Arte Antiga e a Fundação Gaudium Magnum – Maria e João Cortez de Lobão (FGM); instituição particular com meios próprios que, na sua coleção de arte, reúne um valioso espólio de pinturas de Mestres Antigos. O objetivo é mostrar ao público parte desse espólio. O museu recebe um conjunto de pinturas da coleção, e expõe-nas na sala 49 da Galeria de Pintura Europeia.

A primeira edição desta iniciativa acolheu a pintura *Mulher numa despensa* (ca. 1620 – 1627), da autoria do pintor flamengo Giacomo Legi (1600 – 1640) e do pintor italiano Antiveduto Gramatica (1571 – 1626).

**33. “[Boba Kana Muthu Wzela, Aqui É Proibido Falar!](#)” | 22 Out 2021 – 30 Jan 2022**



Primeiro momento da exposição fotográfica “BOBA KANA MUTHU WZELA, AQUI É PROIBIDO FALAR!”, que nasce da seleção de onze imagens pertencentes ao projeto artístico *Revelar a Memória a partir do Esquecimento* iniciado em 2010 pelo artista angolano João Ricardo Rodrigues (n. 1964).

Este é um exercício de representação contemporânea de pinturas europeias dos séculos XVII e XVIII, onde figuras africanas ou de pele negra assumem o protagonismo de cenas em que normalmente eram reduzidas ao anonimato ou a um papel subalterno, numa representação secundarizada.



**Figura 141** – Catálogo “Boba Kana Muthu Wzela. Aqui É Proibido Falar!” | Fonte: [MNAA](#)

**34.** “[Quando os Discípulos Eram Mestres](#)” | 16 Nov 2021 – 27 Fev 2022

Desenhos de cópias antigas de grandes obras da arte italiana do Renascimento.

**35.** “[Cisnografia](#)” | 07 Dez 2021 – 27 Fev 2022

Este foi um projeto interdisciplinar, que se desencadeou da seguinte forma:

*Esta obra resulta do desafio feito a treze coreógrafos/intérpretes/performers e um compositor, para, individualmente reescreverem a sua morte do cisne, de acordo com as linguagens pessoais e códigos de trabalho. Cada solo foi filmado nas diversas salas no Museu Nacional de Arte Antiga, permitindo composições que se relacionam intimamente com as obras e espaços. [...] O resultado é uma instalação para tela e ecrã com acesso aos 13 solos e um filme que é o cruzamento de todas as reescritas (MNAA, s.d.).*

36. “[Todos Somos Mecenas](#)” | 19 Mai 2021 – 28 Fev 2022

Quarta ação mecénática dentro da iniciativa “TODOS SOMOS MECENAS”, que pretendeu obter 60.000€ para a compra da obra *Natureza Morta com aves, peixe e prato com flores e frutos* (ca. 1650), da autoria do pintor português Baltazar Gomes Figueira (1664 – 1674).

37. “[Louise Mauduit](#)” | 11 Jan 2022 – 27 Mar 2022

Exposição da pintura “Nífa” cuja autoria, por ter sido identificada uma assinatura escondida durante um tratamento conservação em 2021, foi atribuída à artista francesa Louise Mauduit (1748 – 1862). Até então, julgava-se ser uma obra do pintor Pierre Narcise Barron-Guerin.

38. “[Martírio de São João Damasceno de Luigi Miradori](#)”

| 27 Jan 2022 – 18 Abr 2022

Segunda edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição da pintura *Martírio de São João Damasceno* (ca.1645 – 1650), da autoria do artista italiano Luigi Miradori (1605 – 1656).

39. “[Tempo Suspenso](#)” | 17 Fev 2022 – 22 Mai 2022

Quarenta retratos fotográficos de funcionários do MNAA, da autoria de Joana Carvalho Dias (n. 1959).



Figura 142 – Catálogo “Tempo Suspenso” | Fonte: [MNAA](#)

40. “[Pedro Alexandrino de Carvalho \(1729 – 1810\)](#)” | 15 Mar 2022 – 03 Jul 2022

Desenhos do artista português Pedro Alexandrino de Carvalho (1729 – 1810).

41. “[Em Boa Memória](#)” | 17 Mar 2022 – 29 Jan 2023

Primeiro momento do tríptico expositivo “O Edifício dos Leões em Diálogo com o Museu Nacional de Arte Antiga”, onde o Banco Santander e o MNAA colaboram, de modo a utilizar a sede do primeiro (o Edifício dos Leões, em Lisboa) como local de exposição.

Este foi um projeto que partiu de “temáticas comuns às coleções de arte das duas instituições, [...] [criando-se] um diálogo artístico, onde questões tão atuais como a busca de identidade ou o perpetuar da memória do indivíduo, são [...] evidenciadas em obras clássicas e [...] contemporâneas” (MNAA, s.d.).

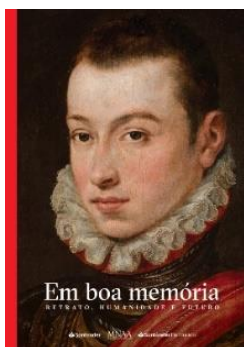


Figura 143 – Catálogo “*Em Boa Memória*” | Fonte: [MNAA](#)

42. “[Mensajeiro de Frei Juan Ricci](#)” | 01 Abr 2022 – 26 Jun 2022

Vigésima oitava edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Mensajeiro* (ca. 1640), da autoria do artista espanhol Frei Juan Ricci (1600 – 1681), com propriedade da Colección Banco Santander.

43. “[São João Baptista no Deserto de Giovanni Baglione](#)” |

21 Abr 2022 – 10 Jul 2022

Terceira edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição da pintura *São João Baptista no deserto* (1610), da autoria do artista italiano Giovanni Baglione (1566 – 1643).

44. “[Boba Kana Muthu Wzela, Aqui É Proibido Falar!](#)” | 29 Abr 2022 – 10 Mai 2022

Segundo momento da exposição fotográfica “BOBA KANA MUTHU WZELA, AQUI É PROIBIDO FALAR!”.

Ainda com organização por parte do MNAA / DGPC, esta edição teve lugar em Angola, no Palácio de Ferro da cidade de Luanda, por ocasião do festival “Luanda Capital da Cultura da CPLP – 2022”. Estiveram envolvidas diversas “atividades culturais performativas nas áreas da música, dança, teatro, cinema e exposições” (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 2022).

45. “[Restaurar o Passado](#)” | 18 Mai 2022 – 23 Out 2022

Em “RESTAURAR O PASSADO” surge a oportunidade de se concretizar uma mostra expositiva que celebra tanto as práticas de restauro, como as iniciativas mecenáticas em contexto museológico.

Com o apoio financeiro da Fundação Millennium BCP, foi possível restaurar e reintegrar uma *Custódia* do século XVIII no acervo do MNAA, que se mantivera em reserva desde 1920 até então, por falta de apoios para a intervenção necessária.

46. “[Restaurar o Passado](#)” | 18 Mai 2022 – 06 Nov 2022

Neste segundo momento da exposição “RESTAURAR O PASSADO”, foi exposto ao público um *Tapete de Arraiolos* restaurado com o apoio mecenático da Herdade de Coelheiros.

47. “[L’Âge D’or de la Renaissance Portugaise](#)” | 10 Jun 2022 – 10 Out 2022

Esta exposição enquadra-se no âmbito da “Temporada Portugal-França”, um projeto de colaboração acordado entre o Primeiro-Ministro de Portugal e o Presidente da República francesa, com o objetivo de fortalecer as relações entre os dois países. A iniciativa ocorreu concomitantemente em Portugal e França, entre os dias 12 de fevereiro e 31 de outubro de 2022, abrangendo mais de 200 eventos.

É nesse contexto que se dá a exposição “L’Âge D’or de la Renaissance Portugaise” no Museu do Louvre, onde foram exibidos 15 painéis renascentistas portugueses do acervo do MNAA, dando a conhecer nomes como Nuno Gonçalves, Jorge Afonso (at. 1504 – 1540), Cristóvão Figueiredo (at. 1515 – 1554) e Gregório Lopes (at. 1513 – 1550).~



Figura 144 – Catálogo “L’Âge D’or de la Renaissance Portugaise” | Fonte: [MNAA](#)

#### 48. “[Jogos Cruzados](#)” | 14 Jun 2022 – 05 Out 2022

Exposição com foco na “migração e troca de jogos entre Oriente e Ocidente, debruçando-se sobre [...] [a] produção asiática para o mercado europeu, levada a cabo a partir do século XVI até meados do século XIX, bem como [...] [a] presença de jogos ocidentais na Ásia” (MNAA, s.d.).

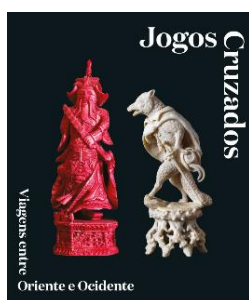


Figura 145 – Catálogo “Jogos Cruzados” | Fonte: [MNAA](#)

**49.** “[A Música no Desenho](#)” | 12 Jul 2022 – 30 Out 2022

Desenhos europeus dos séculos XVI – XIX, pertencentes à coleção do MNAA, em torno do tema da música.

**50.** “[Artemísia Aparece a Admeto e Alceste e Ifigénia em Áulide de Sebastiano Ricci](#)” | 14 Jul 2022 – 05 Out 2022

Quarta edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição das pinturas *Artemísia aparece a Admeto e Alceste* (ca. 1710 – 1725) e *Ifigénia em Áulide* (ca. 1710 – 1725), da autoria do artista italiano Sebastiano Ricci (1659 – 1734).

**51.** “[História de uma Moldura do Século XVI](#)” | 21 Jul 2022 – 09 Out 2022

Exposição de moldura do século XVI, cuja identificação numa fotografia da década de 1930 permitiu desencadear um trabalho de investigação acerca da pintura *Virgem com o Menino e Santos*, de Hans Holbein, O Velho, e traçar o seu percurso cronológico dentro do Museu.

**52.** “[Aquarelas Para a Rainha](#)” | 20 Out 2022 – 30 Dez 2022

Conjunto de aquarelas oferecidas a Estefânia de Hohenzollern-Sigmaringen (1837 – 1859), esposa de D. Pedro V (1837 – 1861), por ocasião da sua vinda para Lisboa e consequente casamento.

**53.** “[Autorretrato de Nicolas Poussin](#)” | 25 Out 2022 – 15 Jan 2023

Vigésima nona edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Autorretrato* (1497), da autoria do artista francês Nicolas Poussin (1594 – 1665), proveniente do Museu do Louvre, em Paris.

Tal como a exposição “L’Age D’ore de la Renaissance Portugaise” (ocorrida entre os dias 10 de junho e 10 de outubro de 2022), esta mostra também fez parte da iniciativa

cultural “Temporada Portugal-França 2022”. Desta vez, o local de exposição foi em Portugal, no MNAA.

54. “[Ceia em Emaús e Estudo de Charles de la Fosse](#)” | 27 Out 2022 – 22 Jan 2023

Quinta edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição das pinturas *Ceia em Emaús* (ca. 1700 – 1705) e *Estudo para Ceia em Emaús* (ca. 1700 – 1705), da autoria do artista francês Charles de la Fosse (1636 – 1716).

55. “[Virgem em Glória com Santos de Andrea Mantegna](#)” |  
10 Nov 2022 – 12 Mar 2023

Trigésima edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA”, com a exposição da pintura *Virgem em glória com Santos* (1497), da autoria do artista italiano Andrea Mantegna (1431 – 1506), proveniente do Castello Sforzesco, em Milão.

56. “[Bosch. Tentações Contemporâneas](#)” | 18 Nov 2022 – 19 Mar 2023

Por ocasião do empréstimo do tríptico *As Tentações de Santo Antão*, para a exposição *Bosch e un altro Rinascimento*, realizada no Palazzo Reale de Milão, o MNAA apresentou novas obras no local onde estaria a mencionada.

Com inspiração direta em personagens de Bosch, foram expostas obras da autoria dos artistas portugueses Pedro Portugal (n. 1963), de 18 de novembro de 2022 a 15 de janeiro de 2023, e Pedro Zamith (n. 1971), de 20 de janeiro a 19 de março de 2023.



Figura 146 – Fotografia da exposição “Bosch. Tentações Contemporâneas” | © MA

57. “[Por Terras de Portugal](#)” | 29 Nov 2022 – 26 Mar 2023

Desenhos de localidades portuguesas, dos séculos XVIII e XIX.

58. “[Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra](#)” | 05 Jan 2023 – 23 Abr 2023

Exposição de esculturas contemporâneas da artista portuguesa Teresa Segurado (n. 1957), executadas através de fragmentos de pedra doados por João Cutileiro (1937 – 2021).



Figuras 147 e 148 – Fotografias da exposição “Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra” | Fonte: [Instagram](#)

59. “[Novas Aquisições](#)” | 05 Jan 2023 – 07 Mai 2023

Apresentação das novas aquisições de pintura do MNAA: *Vasco da Gama perante o Samorim de Calicute* e *O Banquete na Ilha dos Amores*, de Vieira Portuense (1765 – 1805); *São Paulo, São Remígio de Reims e São Tiago Maior*, de Cornelis Engebrectz (1462 – 1527); e *O Mês de Abril* de Baltasar Gomes Figueira (1604 – 1674) e Josefa d’Óbidos.



Figura 149 – Fotografia da exposição “Novas Aquisições” | Fonte: [MNAA](#)



60. “[Apolo e Mársias de Luca Giordano](#)” | 26 Jan 2023 – 23 Abr 2023

Sexta edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição da pintura *Apolo e Mársias* (ca. 1660 – 1665), da autoria do artista italiano Luca Giordano.

61. “[No Olimpo com o Desenho](#)” | 04 Abr 2023 – 25 Jun 2023

Desenhos europeus dos séculos XVI – XVIII, pertencentes à coleção do MNAA, em torno do tema da mitologia grega e romana.



Figura 21 – Exposição “No Olimpo com o Desenho” na Sala do Mezanino | Fonte: [Instagram](#)

62. “[Cavaleiro Faria](#)” | 19 Abr 2023 – 25 Jun 2023

Exposição dedicada às obras de um desenhador português enigmático do século XVIII, conhecido como Cavaleiro Faria.



Figura 150 – Fotografia da exposição “Cavaleiro Faria” | Fonte: [Instagram](#)

63. “[Barcelona Gótica](#)” | 20 Abr 2023 – 06 Ago 2023

Esta exposição, resultante da parceria entre o MNAA e a Diocese de Barcelona, apresentou ao público um relevante conjunto de pintura catalã do período gótico, consolidado por outros objetos de contexto sacro.



Figuras 151 e 152 – Fotografias da exposição “Barcelona Gótica” | Fonte: [Instagram](#)

#### 64. “[Tão uteis como os originaes](#)” | 25 Mai 2023 – 29 Out 2023

Vigésima quinta exposição realizada na Sala do Tecto Pintado, do MNAA.

Foram reunidas as nove dezenas de galvanoplastias que pertencem à coleção do Museu, pretendendo-se destacar “os contextos de formação deste acervo e da sua importância histórica, bem como desencadear a sua necessária revalorização” (MNAA, s.d.).



Figura 153 – Catálogo “Tão uteis como os originaes”



Figura 154 e 155 – Fotografias da exposição “Tão Uteis Como os Originaes”

65. “[Natureza Viva](#)” | 07 Jun 2023 – 31 Jan 2024

Segundo momento do tríptico expositivo “O Edifício dos Leões em Diálogo com o Museu Nacional de Arte Antiga”. Trata o seguinte:

*Partindo do nascimento da Paisagem como invenção humana, entre o símbolo, a contemplação de uma natureza ideal ou do terrível sublime, propõe-se uma reflexão em torno da relação entre o Homem e o mundo que o rodeia, através de obras das coleções do MNAA, da Fundação Santander Portugal e Fundación Santander España, e contando também com importantes artistas portugueses contemporâneos. (MNAA, s.d.)*

66. “[A Assunção da Virgem de Agostino Masucci](#)” | 07 Jun 2023 – 16 Jul 2023

Sétima edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição da pintura *A Assunção da Virgem* (ca. 1732 – 1734), da autoria do artista italiano Agostino Masucci (1690 – 1758).

67. “[Retrato de Jakob Muffel e Retrato de Homem \(João Brandão\) de Albrecht Dürer](#)” | 22 Jun 2023 – 24 Set 2023

Trigésima primeira edição da iniciativa “OBRA CONVIDADA” dedicada, pela segunda vez, ao artista Albrecht Dürer. Foram expostas as pinturas *Retrato de Jakob Muffel* (1526), proveniente do *Gemäldegalerie* de Berlim, e *Retrato de Homem (João Brandão)* (c.1525), que se crê ser de sua autoria.



Figura 156 – Fotografias da exposição “Albrecht Dürer” | Fonte: [Instagram](#)

68. “[A Coleção Guerra Junqueiro no Museu Nacional de Arte Antiga](#)” |

07 Jul 2023 – 24 Set 2023

Exposição de peças do acervo do MNAA que pertenciam à coleção do poeta português Abílio Guerra Junqueiro (1850 – 1923), em ocasião do centenário da sua morte.

69. “[Guerra Junqueiro](#)” | 07 Jul 2023 – 22 Out 2023

Desenhos de autores portugueses, espanhóis e italianos colecionados por Guerra Junqueiro e, posteriormente, adquiridos pelo MNAA



Figura 157 – Fotografias da exposição “Guerra Junqueiro” | Fonte: [Instagram](#)

70. “[Jodice-Canova](#)” | 07 Set 2023 – 29 Out 2023

Exposição fotográfica da autoria do artista italiano Domenico “Mimmo” Jodice (n. 1934), onde foram apresentadas “51 imagens a preto e branco, realizadas no início dos anos 90, [...] [onde o artista] percorre as principais etapas da produção do escultor Antonio Canova (1757 – 1822), num diálogo entre linguagens artísticas de grande impacto visual” (MNAA, s.d.).



Figuras 158 e 159 – Fotografias da exposição “Jodice-Canova” | Fonte: [Instagram](#)

71. [\*A Virgem com o Menino e Santos de Ventura di Moro\*](#) |

19 Set 2023 – 07 Jan 2024

Oitava edição da iniciativa “O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA”, com a exposição da pintura *A Virgem com o Menino e Santos* (ca. 1430 – 1435), da autoria do artista italiano Ventura di Moro (ca. 1395/99 – 1486).

## Apêndice I

### Levantamento de Exposições Temporárias no MNAA (1975 – 2023)<sup>82</sup>



**Figura 160** – *Legenda Cromática* | © MA

*Nota.* Por razões de privacidade, algumas das coleções particulares que contribuíram com empréstimos para as exposições não puderam ser identificadas. No entanto, a sua colaboração está refletida no gráfico por meio da utilização da cor azul-claro. Os detentores de bens e as coleções que permitem a sua identificação foram devidamente reconhecidos com o seu nome, seguido da expressão “particular”.

<sup>82</sup> Devido ao seu tamanho considerável, e com o intuito de otimizar a sua legibilidade e de facilitar o acesso à informação em formato físico, o gráfico integral que abrange a totalidade das exposições temporárias ocorridas no MNAA de 1975 a 2023, é subdividido em conformidade com a dimensão das páginas deste documento, seguindo uma disposição horizontal e uma ordem cronológica. Em formato digital, o gráfico será apresentado num ficheiro à parte (anexo).